



O DIÁRIO DE LARA



A. GAVAZZONI

Autora de
ATRÁS DA PORTA





O Diário de Lara

A.Gavazzoni

O Diário de Lara

Traduzido do inglês *Lara's Journal* pela autora

Livro Dois da série “Motivos Ocultos”

Todos os direitos reservados para Adriana Gavazzoni

Capa: Kelly Martin— kelly@kam.design

Revisão: Raquel Milagres de Mattos - kelmatts7@gmail.com

Este livro não pode ser reproduzido no todo ou em parte, de nenhuma maneira, sem a permissão da autora. Para qualquer solicitação de uso, contatar Adriana Gavazzoni no e-mail autora@adrianagavazzoni.com. Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, negócios, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram utilizados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, ou eventos atuais, é pura coincidência.

ENDOSSO DO EX-AGENTE ESPECIAL DO FBI - UAL BRADLEY JR.

“O novo suspense de Adriana Gavazzoni, o Diário de Lara, é um trabalho de ficção emocionante, que leva você para a cena do crime, onde você se sente um agente especial investigando. Os métodos de investigação utilizados por Adriana e a forma como ela leva o leitor mentalmente aos passos do *serial killer*, permite entrar no mundo de Gavazzoni e ser seduzido por ele. O Diário de Lara é uma ótima leitura, que prende a imaginação. Ual Bradley, Jr., agente especial aposentado, autor de *The Pangaeon Effect*, e *The Darwin Strand*.

AGRADECIMENTOS

Novamente tenho tanto a agradecer que penso que terei que escrever uns mil livros para isso.

Para minha revisora Raquel, obrigada por um excelente trabalho.

Para Kelly Martin, novamente uma capa maravilhosa, como todas que faz para mim.

Para o meu marido Mauricio, meu companheiro, meu amigo, obrigada pelo apoio constante para quaisquer das minhas loucuras, amo você.

Aos meus pais Olmar e Nilse, gostaria que vocês vivessem para sempre, amo vocês mais do que meras palavras podem dizer.

Para minha irmã Daniele Gavazzoni, por aquele apoio que sei que sempre está lá, se precisar.

Para minha falecida avó Ida Gavazzoni, uma professora durante quarenta anos. Sinto falta dos seus abraços, das suas cartinhas e do sorvete de abacate antes do almoço.

Para Andreza Caramori, porque você sempre está ao meu lado, sem julgar, em uma amizade sincera de anos.

Para Rui e Mari Faccin, irmãos que a vida nos dá.

Ao embaixador Pedro Bretas, um grande amigo. Obrigada por perguntar: Quando você vai publicar? Ainda aguardo a oportunidade de escrevermos um livro a quatro mãos.

Para David A. Gurwin, músico maravilhoso e advogado brilhante, obrigada por lutar por meus direitos e ter se tornado um amigo especial.

Para Edgar Amarilla, o verdadeiro Doutor Edgar, obrigada pelo apoio e pelas abedoria

Para Ual Bradley Jr., ex agente do FBI por sua paciência em me ajudar com todas as questões e informações jurídicas.

Obrigada para Marileusa dos Santos, cujas palavras tem o dom de acalmar meu coração.

A Deus, força para existirmos, razão para continuarmos.

Prólogo



A casa noturna estava escura, algumas luzes vermelhas mal iluminavam o ambiente esfumaçado e a pista de dança estava lotada. A música que saía do sistema de som era alta, estridente. As pessoas se chacoalhavam selvagememente, sem se preocupar com ritmo ou com a batida frenética, apenas pareciam se divertir.

Às três horas da manhã havia poucas pessoas sóbrias. Normalmente ela seria uma delas, mas não hoje, hoje ela estava aproveitando a vida.

“A vida é imprevisível,” ela pensou. Por que não viver intensamente?

Ela não estava completamente bêbada. Tinha tomado alguns drinques, talvez cinco ou seis taças de vinho branco. Ou mais umas três, mas quem contava o quanto bebia? Em qualquer evento, ela teria bebido o suficiente para relaxar e se descontraír um pouco, mas não o suficiente para embaralhar a fala ou enxergar dobrado.

Um homem muito interessante estava sentado em uma mesa de canto, e ele a encarava fazia uns cinco minutos. Apesar dela não conseguir ver os traços dele muito bem na boate mal iluminada, ela sabia que ele com certeza tinha cabelos castanho escuro. Ele parecia jovem — muito mais jovem do que ela era — mas e daí? Ela se perguntou qual seria a cor dos olhos dele e decidiu que se tivesse a oportunidade descobriria.

Ele levantou a taça em um brinde silencioso e ela sorriu em resposta. Decidida aceitar o convite óbvio, ela assentiu com a cabeça e ele estava ao lado dela em um instante, trazia duas tacas de vinho nas mãos.

– Oi! – ele disse. – Quer dançar?

– Olá! – ela respondeu, aceitando a taça que ele lhe oferecia. Eles não falaram, a música estava muito alta para conversar. Ao invés disso, ela se aproximou dele e colocou os braços hoje volta do seu pescoço, ainda segurando a taça com uma das mãos. Eles começaram a se mover lentamente, seguindo a música, enquanto equilibravam as bebidas. Ele colocou a mão livre na cintura dela; movia-se de forma sensual e então escorregou a mão para acariciar as suas costas dela.

Ela sorriu, enquanto uma frase ecoava na mente: “a vida é curta, muito curta.”

Ele tirou a taça da mão dela, depositou junto com a dele em uma mesa próxima, conduziu-a para um canto, apoiou-a contra a parede e levantou os braços dela, aprisionando-a. Ela conseguiria se livrar facilmente se quisesse, mas naquele momento, ela não queria estar em nenhum outro lugar.

Ele abaixou a cabeça e capturou os lábios dela com os dele. O beijo dele era quente, duro e agressivo e demandava uma resposta igual. A língua se aprofundou na boca da mulher e ele a beijou como se quisesse sugar sua alma. A boca dele tinha gosto de vinho. Muito tempo que havia se passado desde que ela beijara alguém apaixonadamente.

Ele percorria o corpo dela com as mãos, tentava senti-la por sobre o vestido. Por um momento ela pensou em pará-lo – alguém poderia vê-los –, mas então ela se deu conta, “com os diabos, quem se preocupa com o que as pessoas pensam?” Ninguém lá a conhecia, havia diversos casais que faziam o mesmo em outras áreas sombrias da boate.

Ela devolveu o beijo, os braços dela enroscados em volta do pescoço dele, o corpo dela queimava ao toque dele, o sangue corria mais rápido e o coração batia forte. Ele colocou a mão dentro do vestido dela e tocou-lhe um seio e um arrepio percorreu todo o seu corpo.

Ele podia ser mais jovem do que ela, mas certamente não era inexperiente. Enquanto

percorria o pescoço com beijos e mordidas, ele abaixou uma das alças do vestido, um seio ficou exposto. Talvez em outro tempo ou lugar, ela se sentiria envergonhada, mas não agora. Ela sentia apenas o prazer de ser tocada, de estar viva.

Ele começou a sugar o bico de um seio e ela ficou imediatamente molhada. Fechou os olhos para se concentrar apenas no toque dele, ela sentia a cabeça girando, pelo álcool e pelo desejo. Ela gemia, mas ninguém conseguia ouvir, a música absorvia todo o som.

– Venha comigo – disse ele.

Ao menos isso foi o que ela achou que ele havia dito, porque ele pegou na mão dela e a levou até o banheiro masculino. Havia alguns homens na entrada e outros dentro, mas ninguém pareceu se importar com a presença dela. O seu novo amigo a conduziu para o maior dos cinco sanitários, aquele destinado a deficientes, e fechou a porta. Uma pia baixa e um vaso sanitário ficavam contra uma parede. Ele levantou o vestido dela, sentou-a na pia de mármore, e começou a acariciá-la novamente. Ela gemia e se agarrava aos ombros dele, desesperada para colocar as mãos no seu corpo; ela abriu os primeiros botões da camisa, correu as palmas das mãos no peito morno e suave dele e então o arranhou com suas unhas. Seu novo amante gemeu em sinal de aprovação. Ela moveu os quadris sobre a bancada, demonstrando o desejo de que ele a tocasse e a possuísse.

Ela sorriu de leve antes de enterrar a cabeça no pescoço e morde-lo. Percorria com beijos leves até o ombro, enquanto movia a calcinha dela para o lado e colocava um dedo dentro dela. Ela estava excitada, úmida e pronta para ele, e gemia. Ele tocou o sexo dela por um tempo, movia seu dedo para dentro e para fora dela, então espalhou a umidade no clitóris, lenta e ritmicamente. Respirando pesado ela abriu o zíper dele, tirou o membro dele e o acariciou em seu comprimento, primeiro com suas unhas e depois com as pontas dos dedos.

– *Loca* – ele sussurrou, com o pau duro com a ponta molhada.

– Me fode – ela comandou.

Ele procurou algo no bolso e retirou uma camisinha, depois de rasgar o pacotinho, cuja embalagem jogou de lado, usou-a para cobrir o membro duro. Ela escancarou as pernas, e ele se encaixou entre elas e a penetrou em uma longa e suave estocada; ela arqueou e afundou as unhas nos ombros dele, quando um orgasmo percorreu o seu corpo. Ela nunca havia gozado tão rápido e tão fácil.

Ela enroscou as pernas em volta da cintura dele para permiti-lo entrar mais fundo e eles começaram a se mover. Ele a estocava de forma violenta, seu rosto era uma máscara desesperada de concentração em busca do seu próprio prazer.

Os olhos negros carvão dele estavam bem abertos e ele sustentava o olhar da mulher; a mão entre eles acariciava o clitóris, a outra estava firmemente agarrada à cintura.

– Bom! – ele suspirou pesado, penetrando-a profundamente.

Eles gozaram juntos, ele deixou escapar um grito estrangulado e ela mordeu o próprio lábio para evitar gritar. Depois, ficaram em silêncio, respirando pesado, o cheiro de sexo permeando o ar.

Ela olhou para outro lado. Há um momento atrás eles estiveram tão próximos quanto duas pessoas podem estar, mas agora ela se sentia desconfortável, exposta. Ela descruzou as pernas, soltando-o, arrumou as roupas enquanto ele se livrava do preservativo. Ele a ajudou a ficar em pé. Ela queria desaparecer o mais rápido possível.

Ele perguntou algo, mas graças ao barulho ela somente entendeu a última palavra. Algo sobre um telefone – haveria ele pedido seu número? Ela recusou com um balançar da cabeça, abriu a porta e bateu em retirada. Sem olhar para trás, ela se perdeu na pista de dança.

CAPÍTULO I



Simone — Dias atuais

Simone corria por um corredor escuro, atrás dela um homem mascarado se aproximava. A qualquer momento ele a alcançaria, ela quase podia sentir a respiração pesada dele na sua nuca. Uma escadaria apareceu na sua frente e ela desceu correndo, pulando de dois em dois degraus. Na base ela encontrou uma porta vermelha, de ferro, fechada. Ela agarrou a maçaneta, girou e puxou, mas a porta estava trancada. Simone girou, encostando-se na porta, sua respiração era ofegante e ela se esforçava para ouvir os passos do homem na escuridão. Com o coração acelerado, ela tentava mentalmente encontrar uma saída, mas nada lhe ocorria. Acima, passos pesados soavam no topo da escada. Ela abriu a boca para gritar, mas a voz não saía.

Simone se sentou bruscamente na cama, olhos bem abertos, o lençol umedecido de suor em volta da cintura.

– Meu Deus! – Ela falou pressionando a mão que tremia sobre o peito. – Aquele pesadelo maldito ainda vai me enfartar!

Um mês havia se passado desde que ela fora sequestrada e torturada por Peter Hay, e ela sonhava com o *serial killer* maluco quase todas as noites.

– Por quanto tempo ele vai atormentar meus sonhos? – Ela disse em voz alta, para a escuridão.

O sócio de Simone, um psiquiatra que costumava ajudar a polícia com perfis de criminosos, a havia resgatado e os machucados agora estavam cicatrizados, mas as feridas emocionais ainda permaneciam. Os pesadelos haviam começado um pouco antes de ela deixar o hospital.

Ela olhou em volta para saber o que a fizera acordar. Na mesinha de cabeceira o celular vibrava, mostrando um telefonema. Simone suspirou e se inclinou, alcançando o aparelho. A luz do display mostrava o nome e o número de Edward. Por que o sócio a estaria chamando tão cedo? Ela retornaria mais tarde. Agora ela precisava ir ao banheiro.

Ela entrou no banheiro de mármore branco, abriu o armário e buscou sua nécessaire de onde tirou um frasco de remédios. Pegou uma das pílulas amarelas, jogou na boca e engoliu com um copo de água da torneira. Depois de pegar uma toalha na prateleira, ela abriu a porta do box, regulou a temperatura da água, e entrou embaixo da ducha para tomar um banho longo e morno, esperando que a água apagasse todas as lembranças do pesadelo.

Quando ela saiu do chuveiro, se sentia muito melhor. Contudo, uma olhada no espelho revelou círculos negros embaixo dos olhos, prova de que os pesadelos estavam lhe cobrando pedágios físicos.

Simone aplicou uma maquiagem leve e retornou ao quarto. Escavou um short e uma camiseta de dentro da mala e se vestiu. Somente então ela se sentiu bem o suficiente e acordada para retornar o telefonema de Edward.

– Oi Ed. – Ela o cumprimentou quando ele atendeu. – Me desculpe não ter respondido seu telefonema, estava no chuveiro. Como você está?

– Bem, para ser honesto, preocupado com você. A sua filha me disse que você partiu de Paris e voltou para os Estados Unidos, mas já faz uma semana e não tive mais notícias suas, então...

– Não se preocupe, meu amigo, estou bem, estou em Miami Beach. Como poderia estar melhor? – Simone riu

– Miami? Como assim?
– Você se lembra daquela nossa amiga da faculdade, Arami?
– Claro! Era uma brasileira maluca se me lembro bem...
– Sim, ela ainda é louca, mas é paraguaia, não é brasileira. Nos encontramos na França e ela me convidou para vir com ela para Miami e eu não pude dizer não.

Simone estava em um momento na vida em que ela não se negaria um pouco de aventura, e ela aceitara o convite de Arami para ir para Miami e ficar uns tempos por lá. Simone estava sofrendo de Transtorno de Estresse Pós Traumático, mas como psiquiatra ela acreditava que poderia dar um jeito nisso... ao menos controlar as próprias emoções.

– Assim? Você vai de Paris para Miami? Isso não parece você! Onde você está hospedada? Apenas para o caso de eu precisar. A polícia ainda está investigando o caso e eles podem querer falar com você novamente.

– Você está chateado, Ed. Me dê um tempo para melhorar minha cabeça. Vou voltar logo, prometo.

– Ok, mas quero que você seja honesta comigo. Como você realmente se sente?

– Do ponto de vista de um leigo, eu diria que estou melhorando, mas ainda estou um pouco confusa. Não consigo dormir bem se não tomar remédio. Tenho pesadelos, mas me sinto segura aqui. Do ponto de vista médico, preciso parar com o medicamento.

– Trate a si mesma como um paciente e não como uma médica. Você precisa dos medicamentos por hora, tome-os até se sentir pronta para parar e, Simone, estou com saudades – disse ele com um suspiro.

– Também estou com saudades, Ed!

Ela sentia saudades de Edward, seu amigo querido, seu melhor amigo e sócio, mas a declaração de amor que ele fizera um pouco antes dela ser sequestrada havia mudado as coisas entre eles. Ela não sabia o que fazer ou como lidar com os sentimentos dele por ela. Ela não podia imaginar a vida sem Edward, mas ela não conseguia imaginar uma vida com ele como amante, ao menos não agora.

Simone nunca fora uma mulher do tipo emocional; ela sempre tivera dificuldades em lidar com sentimentos como amor e paixão, mas ela entendia bem de amizade, e a amizade de Edward era muito importante para ela. Ela não podia se dar ao luxo de perde-la, mas ao mesmo tempo, não podia considerar um caso amoroso no momento. Ela precisava se concentrar em melhorar.

Eles encerraram o telefonema e Simone sentiu sua cabeça martelar, muito álcool na noite anterior. E então se lembrou de onde fora e o que havia feito. Ela e Arami haviam ido a uma boate latina e Simone havia bebido muito. E sim, pela primeira vez na vida, havia feito sexo com um desconhecido. Ela preferia esquecer essa parte, mas sabia que não conseguiria. E se sentia culpada.

Arami era uma dessas garotas da alta sociedade sul-americana. Pertencia a uma família rica. Antes do falecimento, seu pai havia sido um general da ditadura. Arami havia ido aos Estados Unidos para estudar e decidira ficar. Ela era uma cirurgiã plástica muito boa e falava inglês quase sem sotaque. Apesar da voz dela ter um tom único, ela não soava como estrangeira.

Simone e Arami haviam se encontrado por acaso em um café em Paris. Simone havia levado sua filha Tammy para finalizar um programa de intercâmbio e Arami estava em um Congresso de Cirurgia Plástica. Começaram a conversar durante o café e a amizade que haviam construído na faculdade voltou como se tivessem se visto no dia anterior – louco isso – considerando que desde a formatura não haviam mais se visto.

As duas costumavam trocar cartões de natal e aniversário, mas apenas isso. “Algumas amizades são assim”, pensou Simone, “vão durar para sempre ainda que as pessoas não se vejam e não se falem por um tempo.”

Quando Simone contou para Arami sobre o *serial killer*, esta a convidou para ficar em seu apartamento em Miami por um tempo e Simone decidiu aceitar.

Apesar de espontaneidade não ser parte da psique de Simone, as coisas estavam confusas e ela decidiu viver a vida sem analisar cada momento e cada ato, e ela estava se divertindo com sua velha amiga. Arami era fácil de conviver e parecia estar sempre feliz.

O apartamento de Arami era na Avenida Collins, em Miami Beach. A propriedade, de frente para o mar, era um exemplo do que um bom dinheiro pode comprar. Grande, luxuoso, bem decorado e moderno, os quartos tinham paredes de vidro por todos os lados e permitiam ver o mar em todo seu esplendor.

Arami se recusou a deixar Simone ir para um hotel, explicando-lhe que a hospitalidade latino-americana jamais permitiria que uma amiga ficasse em um lugar “frio” como um hotel.

– Pode ficar o quanto você quiser – disse Arami e acrescentou – para sempre, se for bom para você!

Claro que Simone não importaria sua presença por muito tempo. Ela queria partir na semana seguinte, não queria abusar das boas-vindas e também ela sentia falta da sua casa e de sua vida metódica. Alguém bateu na porta do quarto e quando Simone abriu, o furacão Arami adentrou, louca como sempre, falando rápido, fazendo gestos com as mãos.

Arami era morena, baixinha e bonita, curvilínea, com lindos olhos escuros ligeiramente puxados nos cantos, típicos da fisionomia de seus conterrâneos. Ela não se encaixava na piada que se fazia na faculdade de que Deus dissera que uma mulher não poderia ser médica e bonita, porque Arami tinha cérebro e *sex appeal*.

– Vamos lá, vamos lá, garota. – Ela movia as mãos como se fosse um leque – Temos um almoço hoje. Você dormiu bem? Que festa a noite passada, não? Arami abraçou e beijou Simone efusivamente e antes que Simone pudesse responder quaisquer das perguntas, Arami continuou:

– Que noite maravilhosa! Nunca vi você bêbada, mas pelo jeito as pessoas mudam. Isso é bom!

“Será que ela me viu com ele?” – Simone se perguntou. Enquanto ela dançava sozinha, Arami estava em um canto beijando um bonitão que ela havia escolhido na boate. Estaria ela ainda ocupada quando Simone encontrara seu próprio “amante latino”? Simone esperava que sim e não diria nada a menos que Arami indicasse que havia notado o desaparecimento de Simone no banheiro.

– Onde nós vamos? – perguntou Simone – Minha cabeça está me mantando.

– Vamos à casa dos meus tios em *Key Biscayne*. Eles estão de férias por aqui, mas você não pode ir usando esses shorts – pernas bonitas, hein? – Mas minha tia mataria você!

– Quem é esse seu tio?

– Cezar Benítez. Um general aposentado. Arami fez uma continência – Ele é um dinossauro dos tempos da ditadura no Paraguai, coisa antiga. Irmão mais novo do meu pai, você vai ver

– Sério? É um daqueles ditadorezinhos mandões? Não sei se consigo lidar com alguém assim agora. Tenho me sentido um pouco frágil ultimamente.

– Ah, ele é mandão, mas com você? Está brincando? Ele vai parecer um príncipe, e você vai vê-lo babando no seu pescoço antes que termine de dizer oi. Não se preocupe, ele é muito educado, mas também é um mulherengo. Não use nada decotado, ou ele vai mergulhar no seu

decote e daí minha tia vai envenenar a sua comida. – O riso musical de Arami encheu o ar.
“Ótimas perspectivas para o dia”, pensou com ironia Simone.

* * * * *

Um carro blindado as esperava em frente ao edifício. Arami explicou que eram as regras de segurança do General. Ele sempre tinha medo de ser assassinado. O motorista era também um segurança.

– Ele corre perigo real? – perguntou Simone

– Eu sinceramente não sei, eu penso que como um político no Paraguai, ele poderia ser um alvo como meu pai, mas no Paraguai, aqui não. Tenho certeza que ele está meio paranoico desde que mataram meu pai.

O pai de Arami havia participado da liberação do Paraguai. Ele havia ajudado um outro general, Ovedo, a depor um ditador. Ovedo havia morrido em um acidente e o pai de Arami havia decidido concorrer à presidência em seu lugar, mas fora assassinado em uma emboscada e ninguém havia encontrado o assassino. O tio de Arami havia tomado seu lugar, mas havia perdido as eleições.

Elas foram para *Key Biscayne* e chegaram a uma propriedade cercada de muros altos e um enorme portão de ferro. A placa no portão dizia “El Paraíso, não entre, propriedade privada”.

O portão foi aberto e Simone teve a impressão de entrar em outro país. Seguiram por uma estrada rodeada de arbustos podados em forma de quadrados. Além dos arbustos, cresciam palmeiras e um jardim luxuriante com flores coloridas, um verdadeiro paraíso, como o nome do local. No final do caminho uma mansão em estilo espanhol. Branca e com sacadas de ferro marrons, era gigantesca e maravilhosa.

Dois guardas armados estavam em frente a porta principal. Quando o carro parou, Simone e Arami desceram. A porta principal da casa foi aberta e elas entraram em um vestíbulo gigantesco cercado de arcos. Havia um jardim natural no meio do vestíbulo. Cruzaram o local por sobre a cerâmica marrom dourada e, através dos arcos, saíram em um uma área onde havia uma piscina.

Diversas mulheres estavam sentadas em espreguiçadeiras, drinques na mão, enquanto duas meninas brincavam com mais um segurança armado. Simone o viu arrumando o rifle no ombro para depois pegar uma das meninas pelas mãos e rodá-la. As crianças riam, adorando.

“Caí em um livro de Gabriel Garcia Marques”, pensou Simone. O que ela via se parecia muito com o livro ganhador do prêmio Nobel, *Cem anos de Solidão*. “Que tipo de traumas vão ter essas meninas quando crescerem, como resultado disso tudo?” – o cérebro de psiquiatra de Simone questionou, mas ele foi empurrado de lado por um outro pensamento “Não é problema meu! Já estou com minhas mãos cheias de meus próprios dramas e dos meus pacientes.”

O som de cães latindo ecoava à distância, um papagaio estava sentado em cima de uma imensa gaiola de ferro e cantava uma música latina; o cheiro de churrasqueira estava no ar, mas Simone não via uma churrasqueira por lá.

Quando Simone e Arami se aproximaram das mulheres, todos os olhos se voltaram para elas, especialmente para Simone. Ela agradeceu mentalmente a Arami por tê-la aconselhado a usar um vestido mais conservador, porque todas as mulheres pareciam tirar as suas medidas, olhando-a da cabeça aos pés.

– Bom dia, meninas. – Arami cumprimentou a todas e acenou.

– *Buenos dias*, Arami. – Disseram as mulheres em coro, falando com vozes musicais.

Todas pareciam iguais para Simone, cabelos escuros, pele morena e com vestidos

multicoloridos e caros, mas similares.

“Onde estariam os homens?” – Simone se perguntou, sentindo-se em uma espécie de clube de meninas.

– Em inglês pessoal, temos uma convidada aqui e ela não fala espanhol. – Arami apontou para Simone. – Por falar nisso, esta é a Dra. Simone Bennet.

Uma senhora muito elegante, com um corte de cabelo curto e chique se aproximou delas. O vestido dela parecia ser feito de seda pura amarela, e ela usava um colar de pérolas muito bonito e – ou ela tinha o melhor dos bronzeados Simone já havia visto – ou era naturalmente bronzeada, como Arami. A mulher beijou Arami e Simone no rosto.

– Prazer em conhecê-la, Dra. Bennet. Sou Magda, tia de Arami. Ela me disse que lhe traria para o almoço, seja bem-vinda ao nosso humilde lar.

Ela apontou para a casa, nenhum traço de sarcasmo nos modos ou no tom de voz, mas Simone se perguntou se ela estaria brincando. “Humilde? Dificilmente.”

– Um prazer em conhecê-la, senhora. Por favor me chame de Simone.

– E você, mocinha, me chame de titia.

“Impossível,” pensou Simone, mas não disse nada.

Titia Magda pegou Simone pelo braço e a apresentou a todas as mulheres, uma a uma. Tantos nomes e parentescos, que Simone nunca se lembraria de tudo. Ela comparou mentalmente ao desfile de nomes do livro de Gabriel Garcia Marques. Quanto mais tempo Simone passava com essas pessoas, mais ela se sentia nas páginas do livro.

Todas as mulheres falavam um bom inglês, algumas com sotaque, outras sem, mas todas perfeitamente compreensíveis. Após uns trinta minutos de conversa amena, um rapaz apareceu e falou algo em espanhol para Magda e a anfitriã se levantou.

– Vamos, senhoras. Os homens nos aguardam para um *asado*.

Simone olhou para Arami, uma sobranceira levantada.

– Churrasco – traduziu Arami baixinho.

As mulheres seguiram por um caminho de conchas moídas para o outro lado do edifício que parecia ser um tipo de academia, onde encontraram os homens. Dez ou mais se sentavam perto de uma churrasqueira de tijolos, enorme, onde estava sendo assada uma tonelada de carne, pelo que parecia.

Arami beijou no rosto um homem que parecia ser o mais velho por lá. Ele era bem baixo, não mais do que um metro e meio. Ela o apresentou a Simone:

– Tio, esta é a Simone Bennet, a médica americana que lhe falei. Simone, lhe apresento meu tio, General Cesar Benítez.

– Doutora Simone. – Ele pegou a mão de Simone e beijou. – Um prazer ter uma autoridade na mente humana em minha casa, especialmente quando ela é também uma linda mulher.

– Um prazer conhecê-lo, general. Você tem uma casa linda. Gostaria de agradecer-lo por ter me convidado.

– Ao contrário, o prazer é todo meu. O que você precisar é só pedir. – Ele a olhou com um olhar de lobo para a ovelhinha.

“Um lobo bem faminto”, refletiu Simone.

– Eu gostaria de ter um encontro profissional com você na próxima semana doutora – disse o general.

– Tio, Simone está aqui de férias – Arami virou os olhos para o teto.

– Não vai demorar, Arami. – Ele tocou o braço da sobrinha de uma forma que claramente

dizia: “fique fora disso”. E então se virou para Simone – Mais uma vez doutora, seja bem-vinda a minha humilde casa.

– “Senhor, que porcaria de “minha humilde casa” seria essa? – Simone ficou intrigada

– Arami, me conta, essa casa deve ter pelo menos uns mil metros quadrados, por que seus tios se referem a ela como “humilde casa”? – ela cochichou

– É um dizer paraguaio, não importa o tamanho da casa. Não tem ironia na escolha das palavras, juro para você. É apenas nossa forma de dizer que você é bem-vinda.

– Minhas queridas, o almoço está servido. Vamos para a mesa, por favor. – Magda as chamou para se juntarem aos outros.

A “mesa” tinha aproximadamente uns trinta lugares. Todos começaram a se servir com abundância, vários tipos de carnes e pratos, a maior parte deles Simone não reconhecia. Ela experimentou um pouco de tudo, das carnes à *Chipa Guazú*, uma espécie de torta de milho verde e queijo, mas não teve coragem de experimentar a linguiça negra feita de sangue de porco que eles chamavam de *morcilla*. Ela se considerava aventureira em termos gastronômicos, mas não a tal ponto.

– Não vai experimentar nossa *morcilla*, doutora? – Perguntou o general, os olhos cintilando.

– Sem espaço, infelizmente. Comi muito de todos esses pratos maravilhosos. – Ela se cumprimentou mentalmente pela saída graciosa.

– Você deveria experimentar, é afrodisíaca, sabia? – Ele sorriu ironicamente.

“Ótimo!”, Simone pensou. “Tudo o que eu preciso. Já transei com um estranho no meio de uma boate, um pedaço de *morcilla* e vou trabalhar em um bordel!”

– Obrigada, general, mas nós psiquiatras não acreditamos em comidas afrodisíacas, acreditamos em mentes afrodisíacas.

– Então você irá gostar dos homens do Paraguai, doutora. Os amantes latinos são os melhores. – Simone não soube o que responder sobre a observação.

Magda interveio e falou algo em espanhol ao general, em um tom que parecia com uma reprimenda.

– Ela perguntou se ele está louco ou apenas senil para dizer esse tipo de coisa a uma doutora de verdade. – Arami se aproximou e traduziu na orelha de Simone. – Quando eles brigam é sempre em espanhol, para ter mais vocabulário para escolher.

– Me desculpe, doutora. Minha querida esposa me lembra que não é polido vangloriar as proezas dos nossos homens em público.

– Não tomei como uma ofensa, general. Não se preocupe, poucas coisas são capazes de me chocar.

Magda pareceu aliviada, seus ombros relaxaram, mas Simone podia dizer que o general não estava nem um pouco embaraçado ou arrependido dos comentários, melhor, ele estava se divertindo. Um homem que gosta de chocar aos outros.

– E lá está ele! O último homem sempre! – O general falou alto da cabeceira da mesa, apontando para a porta. Todos se viraram para olhar a quem ele se referia.

O recém-chegado vestia jeans e uma camiseta verde e no caminho para a mesa retirou os óculos de sol e sorriu. Simone sobressaltou-se e ficou tonta quando viu a face bronzeada do estranho com quem ela havia feito sexo na noite anterior.

O general, Magda e o estranho começaram a falar entre si em espanhol, Arami traduzia para Simone.

– Pai, eu estava cuidando dos negócios. Alguém tem que fazer isso.
– Hoje é domingo. Já falei milhares de vezes, domingos são dias sagrados – cortou Magda.

O homem se aproximou de Magda e lhe deu um sonoro beijo na bochecha.

– Desculpe, *mamá!* Eu prometo que não acontecerá novamente.

– Sente-se e fale inglês, meu filho, temos uma convidada. – Magda apontou para Simone, que estava rezando, mesmo sendo agnóstica, para que o homem não a reconhecesse ou ao menos não revelasse que já a conhecia.

– Dra. Bennet, este é o meu filho Armando, também conhecido como “o sempre atrasado para o almoço”. Filho, esta é a Dra. Simone Bennet, amiga de Arami e agora uma amiga nossa também. Ela é uma autoridade na mente humana e também uma autora publicada!

“Meu currículo completo!”, pensou Simone, na esperança de que Armando não acrescentasse “e também uma pervertida que adora pegar estranhos em bares.”

Armando olhou para Simone. Os olhos dele eram realmente negros como ela havia acreditado na noite passada e no formato amendoado dos olhos de Arami. Ele também tinha pele morena e cabelos escuros, mas ao contrário do pai, ele era alto e sexy. Ela lembrou perfeitamente da noite anterior e seu estomago deu um nó. E se ele a reconhecesse? Ela ficaria completamente mortificada.

“Pense em má sorte e mundo pequeno”, ela pensou. Mas talvez ela não tivesse tanta má sorte, pois até agora Armando não dera indicações de a reconhecer. Talvez ele não tivesse reconhecido. A boate estava escura, e ela usara uma tonelada de maquiagem e graças aos conselhos de Arami, cílios postiços. Mil pensamentos voavam na mente de Simone.

– Um prazer em conhecê-la, doutora. Seja bem-vinda a nossa casa, espero que você esteja apreciando uma amostra dos nossos costumes.

Ele puxou a cadeira vazia ao lado da mãe, que Simone havia visto e se perguntado para quem seria mais cedo, obviamente era para ele.

Simone assentiu: – Sim, obrigada, tudo está maravilhoso e seu inglês é perfeito.

Simone tinha que dizer algo e um cumprimento parecia ser uma boa forma de começar uma conversa. Ela também esperava que ele não reconhecesse sua voz, mas eles não haviam exatamente conversado na noite anterior, ela refletiu.

– Ele tem que falar sua língua bem, doutora, investimos muito dinheiro na educação dele e ele adora seu país, passa mais tempo aqui do que no dele.

A rivalidade entre pai e filho ficou clara para os ouvidos treinados de Simone.

Armando pareceu não se importar com o comentário do pai.

– Sim, porque temos negócios aqui e eu sou o encarregado deles. Temos fazendas de gado no Paraguai, mas de nada adianta criar gado se não pudermos exportar carne, e é isso que eu faço por aqui.

“Ah, nada melhor do que ser criado por um ditador”. – Ele parecia um homem de opiniões fortes. Um general criaria seus filhos com regras e disciplina, dois fatores que, segundo a experiência de Simone, produziam pessoas fortes. A única chance que ele fosse um fraco ou mimado, seria se sua mãe o tivesse protegido da disciplina, mas não parecia ser o caso.

– Doutora, a vida de uma criança criada por um general seria um ótimo tema para o seu divã. Eu poderia ser seu paciente, talvez um pouco de terapia fosse bom para mim. Você não teria um horário em sua agenda, teria? – falou Armando

– Primo, a Simone está aqui de férias, não a trabalho. O que está acontecendo com esta família? De repente todos precisam de um psiquiatra? – perguntou Arami.

Simone não discordou, ela não estava com ânimo para lidar com pacientes. Alguns dos seus casos mais complicados ela atendia via Skype. Outros que não eram dependentes de medicação, ela havia dado um tempo. Por agora ela precisava se focar em cuidar de si. Só o mero pensamento de pegar novos casos lhe gerava estresse e as memórias do que havia lhe acontecido recentemente, sempre lhe martelavam a cabeça.

– Eu realmente preciso relaxar enquanto estiver por aqui, mas obrigada pela confiança, prometo que pensarei sobre os pedidos de vocês. “Talvez na próxima vida”, adicionou mentalmente.

Magda pareceu perceber que o assunto estava deixando Simone desconfortável e mudou de tema.

– De onde você é doutora? – ela perguntou

– Nasci em New Haven, Connecticut, onde ainda trabalho, mas agora moro em Woodbridge.

– Você já esteve no Paraguai? – perguntou o general

– Não, nunca estive na América do Sul, infelizmente.

– Você adoraria. Meu país e meu povo são muito hospitaleiros.

Simone notou que o general usava frequentemente a palavra “meu”. Meu filho, meu país, meu povo, o hábito típico de homens poderosos. No caminho para o almoço, Arami lhe explicara que o general costumava comandar a família e seus negócios com punho de ferro.

A conversa entrou em um ritmo mais diplomático, apropriada para um almoço. Depois, Simone perguntou a Arami onde ficava o banheiro.

– Tem um lá dentro – disse Arami, apontando para o edifício que haviam cruzado no caminho para a mesa.

Simone pediu licença, se levantou e caminhou até o edifício. Para sua surpresa, ela verificou que havia adivinhado corretamente. O edifício tinha uma academia completa, dois banheiros e uma sauna.

Ela usou o banheiro, lavou as mãos na pia e abriu a porta. Pulou para trás de susto.

– Ah, é você – e ficou com o rosto vermelho. Na frente dela estava Armando. Ela teve a imediata impressão que ele havia planejado confrontá-la sozinha, provavelmente a seguir. Ela não o havia enganado, ela a reconheceu desde o princípio.

– Qual é o seu jogo, doutora? – ele perguntou

– Jogo?

– Você se lembra de mim, não?

– Infelizmente sim – disse ela, concordando com a cabeça

Ela agarrou o braço dela. – Infelizmente? Por que você diz isso?

– Porque... – ela parou e suspirou – pela primeira vez na minha vida decidi fazer algo louco e o que acontece? No dia seguinte encontro o homem com o qual fiz loucuras! Qual a probabilidade? Na próxima vez vou jogar na loteria.

– Eu procurei por você, por que você saiu correndo? Eu queria conhecê-la melhor, você parecia tão livre e desinibida. Hoje você parece completamente diferente, composta e formal. Quem é você de verdade?

– É uma longa história. Mas eu penso que “eu de verdade” é mais próximo do que você está vendo agora. A noite passada... Eu tenho estado sob muito estresse, e temo ter bebido muito.

As ações dela na noite passada foram muito diferentes do seu comportamento normal, era até difícil explicar. Ele largou o braço dela.

– Podemos conversar novamente?

– Eu não sei. Sua prima é minha amiga, sou uma convidada nesta casa. Nesse momento da minha vida eu não preciso de mais drama. – Ela se sentia cansada e angustiada e não podia nem pensar em relacionamentos naquele momento.

– Você é casada?

– Não, não é isso.

– Então eu quero ver você novamente. – Ele era definitivamente filho do pai dele. Simone podia ouvir as similaridades no tom de comando, apesar de parecer um pedido, ele não estava perguntando.

– Vamos jantar amanhã – disse ele.

– Está bem, telefone para mim no apartamento da Arami. Mas vou lhe avisar, não espere encontrar a mulher da noite passada, ela não existe.

– Sim, ela existe, aí dentro de você, em algum lugar. – Ele apontou para o peito dela.

A energia sexual entre eles era impossível de negar. Ela se lembrou que ela estava lá de férias, e decidiu abandonar a razão por um tempo.

– Está bem, vamos jantar.

– Eu pego você às oito horas, esteja pronta. Use um vestido. – Novamente ele usou tom de comando do seu pai.

“Bem vinda ao mundo dos machos”, pensou ela.

Elas passaram o resto daquele domingo na casa do General e retornaram ao apartamento de Arami tarde da noite. Felizmente, o resto da visita de Simone a família de Arami ocorreu sem incidentes.

* * * * *

Na manhã de segunda-feira, Simone organizou escritório de Arami. A peça era moderna, mas uma completa bagunça. A decoração provavelmente era sóbria embaixo de toda desordem, pensou Simone. Estantes cinza se alinhavam contra parede. Cheias de livros empilhados a esmo, revistas velhas, porta-retratos e todos os tipos de lembranças que Arami deveria ter comprado em viagens.

Havia uma escrivaninha de vidro com um computador moderno sobre ela, que dividia o espaço com milhares de envelopes, canetas, post-its, e meia maçã seca que parecia mais velha do que Simone. Uma cadeira negra, de escritório e confortável, ficava atrás da escrivaninha, e duas poltronas na frente. Arami dissera à Simone que ela poderia usar o espaço por quanto tempo quisesse.

Ela levou mais do que uma hora tentando encontrar um espaço para ela sem perturbar a ordem de Arami. Ou a falta dela. Simone amava organização – o que alguns poderiam chamar de obsessão – e trabalhar em um ambiente como aquele era um desafio para seus nervos. Atualmente, era necessário muito pouco para fazê-la se sentir nervosa.

Ainda que de férias, Simone reservava uma porção de cada dia para escutar alguns dos seus pacientes pela internet. Era importante para eles saber que ela estava disponível, mas em uma semana ela retornaria ao seu consultório em Connecticut.

Ela havia agendado um encontro com Carl – a primeira vez que fariam desde que ela fora sequestrada. Graças ao trabalho que ela fizera para ele, a vida dela havia virado de ponta cabeça. Ele a havia contratado para analisar um Diário, para dar a ele uma opinião profissional para que ele pudesse defender um cliente – ao menos era o que ele havia contado para ela no início –, mas a verdade era algo completamente diferente, e no final, um amigo dele e ex-cunhado, Peter Hay, havia sequestrado e torturado Simone.

Na última sexta-feira Carl a havia contatado, solicitando uma reunião. Ela se sentira apreensiva com o pedido, seu coração acelerado pela ideia de se envolver nos problemas de Carl novamente, mas ela não conseguira dizer não para ele.

Ela consultou o relógio, além de ser organizada, era amante da pontualidade. Hora de falar com Carl. Ela iniciou o Skype no seu laptop, conectou-se ao programa e aguardou que ele aparecesse on-line e, para sua alegria, Carl foi pontual.

– Bom dia, Simone – ele a cumprimentou na sua maneira charmosa; o cabelo castanho parecia mais curto, o que o deixava mais jovem e muito bonito em seu terno azul marinho, camisa branca e gravata amarelo com azul. Apesar dos olhos dele terem ganhado pequenas rugas nos cantos desde que ela o conheceu, ele era todo charme e magnetismo.

– Olá, Carl, como você tem passado?

– Bem e você? Ainda me sinto bastante culpado por tudo que aconteceu com você. – Ele disparou

– Você sabe que não foi sua culpa, relaxa!

– Você quase foi morta...

– Mas eu não morri.

Ela não queria continuar a conversa e certamente não necessitava da piedade dele. Ela já tinha dificuldades suficientes para manter a lembrança do sequestro longe de sua mente; falar sobre o assunto era demais para ela.

– Me fale o que está havendo, você me disse que era urgente falarmos.

– Sim, me desculpe, sei que você está em férias, mas eu realmente não podia esperar. – Ele começou a falar, suas palavras saíram em uma torrente, o que denotava ansiedade. Normalmente ele era muito discreto e controlava suas emoções. – Eu não estou bem, eu não queria envolve-la novamente no drama que virou minha vida, mas você é a única pessoa capaz de realmente me ajudar. Egoísta, eu sei, e sinto muito fazer isso com você.

– Não se preocupe comigo, Carl. Sou uma profissional e estou acostumada a lidar com os problemas dos outros, por favor continue. Me fale o que está lhe perturbando tanto.

– O passado de Lara está de volta para me assombrar.

Lara havia sido o amor da vida de Carl até ter morrido durante um jogo sexual que eles fizeram uma noite. Carl nunca havia se recuperado totalmente da perda.

– O que aconteceu? É você sentindo a falta dela de sempre ou algo novo?

– O irmão de Lara, Sean, me telefonou outro dia querendo conversar. Durante o julgamento ele me disse algumas palavras bem pesadas, me chamou de assassino, matador, verme e por aí vai. Ele sempre me culpou pela morte dela e não nos falamos desde minha absolvição. Não preciso dizer que fiquei apreensivo sobre a conversa que teríamos, mas eu não poderia dizer não, ele disse que era importante.

– E como foi?

– Difícil. Em primeiro lugar porque ele se parece muito com Lara. Os mesmos olhos esverdeados, era como se ela estivesse me olhando através dele e eu mal conseguia encara-lo. A dor foi como um vidro quebrado perfurando meu coração. Eu nunca havia notado as semelhanças entre eles, porque ele costumava usar barba, mas ele a retirou e desta vez foi como se alguém tivesse pego uma lupa e segurado em frente a ele. A semelhança é inegável, eles têm até as mesmas mãos longas, se ele fosse uma garota eu teria me apaixonado por ele à primeira vista.

– Você nunca irá esquecer a Lara. – Simone falou para ele e pensou que era uma pena que Lara o assombraria para sempre e um homem como ele não pudesse amar novamente. Se ela

não fosse a profissional que era, ela admitiria uma queda e que ele a perturbava, que não era imune ao advogado charmoso.

– Você está certa, como eu poderia? Ela foi o amor da minha vida, penso que sou como o meu pai, só terei um amor na vida. – As palavras dele apenas confirmaram os pensamentos de Simone e redirecionou a conversa.

– E depois do choque inicial de rever Sean, vocês conseguiram conversar?

– Por pelo menos duas horas. Foi bom e foi ruim. Ele me pediu para explicar o que aconteceu. Disse que me odiou por muito tempo, porque tinha certeza que eu havia matado sua irmã e que não fora acidental, mas que agora ele acredita na minha inocência.

– O que o fez mudar de ideia, e o que o levou a procurá-lo para lhe dizer- isso?

– Ele me disse que sempre teve uma imagem romântica da irmã mais velha, pois nunca lhe contaram da história com o filho do senador e tudo o que ela passou, até poucos meses antes de sua morte. Ele não tinha ideia de que ela levava uma vida tão depravada, cheia de encontros sexuais e outras loucuras. Ver seu estilo de vida exposto diante de um júri, logo depois de perdê-la, foi demais para ele. Ele não podia acreditar no que as pessoas estavam dizendo, e ele achava que meus advogados de defesa tinham maquiado a verdade para me fazer parecer melhor e me tirar da acusação de assassinato.

Ele respirou e continuou:

– Sean e a irmã Deborah decidiram vender o apartamento de Lara em Nova York e tiveram que mexer nas coisas dela antes de colocá-lo no mercado. Eles encontraram uma caixa trancada, cheia de diários. Você se lembra que eu lhe disse que comecei a escrever porque me inspirei no hábito da Lara de sempre manter um diário à mão?

– Sim, eu me lembro.

– Eles decidiram que precisavam lê-los. Sean me disse que achava que poderia encontrar algum tipo de prova da minha culpa em um deles, mas o que descobriu foi algo totalmente diferente. Aparentemente, o que foi revelado sobre o estilo de vida depravado de Lara no tribunal foi apenas a ponta do iceberg. Ela escreveu sobre sua vida inteira, sua infância, sua vida em Paris, tudo.

– Pobre gente! Eu realmente sinto pena deles! Mas, ao mesmo tempo, agradeço que eles encontraram uma maneira de ver a verdade. Não era saudável para eles continuarem a odiá-lo. A verdade pode ser libertadora, mesmo que doa. O ódio é uma sensação horrível, pior para aquele que odeia do que para aquele que é odiado, na maior parte das vezes. O ódio devora por dentro.

– Ele quis me dar acesso a toda a história de toda a vida dela e me deu uma cópia de tudo. É por isso que preciso da sua ajuda.

– Você leu os diários?

– Eu comecei, mas foi demais para meu estômago. Quando cheguei à parte sobre o que aquele lixo fez com ela, eu fiquei tão furioso e atormentado por pensamentos homicidas, que não consegui dormir por duas noites seguidas. Eu vi que preciso da sua ajuda ou eu irei procurar e matar aquele merda. Aliás, a ideia de fazer isso martela na minha cabeça o tempo todo.

– Nem pense nisso, Carl! Isso não vai trazer Lara de volta, e você acabaria passando sua vida na prisão.

– Eu sei. Mas você não tem ideia de como é tentador. Eu gostaria de lhe contratar para me ajudar, Simone. Eu entendo se você disser não, mas eu confio em você, e eu preciso do seu apoio.

“Oh, Deus”, ela pensou. Ela poderia fazer tudo isso de novo? Ler os diários e analisá-los não era o problema; o problema era encarar seus sentimentos confusos por Carl, isso a

preocupava. Desde que ela o conheceu, se sentira atraída por ele, mas eles não estavam na mesma página. Ele era uma causa perdida. Ela apostava que ele nunca iria voltar a amar – pelo menos, não o tipo de amor apaixonado que ele sentia por Lara – mas como ela poderia negar seu pedido de ajuda? Antes do sequestro, ela prometeu ajudá-lo, tê-lo como paciente, mas não tivera tempo de começar o trabalho.

– Certo, Carl, o que você sugere?

– Eu gostaria que nós lêssemos ao mesmo tempo, meio que como um clube de livros, misturado com sessões de terapia. Vamos ler alguns capítulos e depois podemos discuti-los. Naturalmente, pagarei por seus serviços como fiz antes, e respeitarei seu tempo. Nós vamos trabalhar de acordo com a sua agenda, ok?

– Está bem, eu vou ajudar você. Essa história também me atormenta. Vai ser bom saber o que aconteceu com Lara desde o começo, e porque as coisas aconteceram do jeito que aconteceram.

– Quando você quer começar? – disparou ele, revelando ansiedade

– Vamos fazer assim: se for possível você escaneia o diário, e me envia como um anexo, por e-mail.

– Certo! Ótimo. Na verdade, eu já fiz isso. Você vai encontrar os arquivos em seu e-mail. Não sei como lhe agradecer! – Ele sorriu.

Então, ele contava com a ajuda dela e não se dera sequer ao trabalho de negar. “Muito seguro de si mesmo”, ela pensou. Eles conversaram por mais meia hora, sobre os detalhes de honorários e outros assuntos práticos.

Quando desligaram, Simone se recostou na cadeira e suspirou. Ela então abriu sua caixa de e-mail e localizou a mensagem de Carl. Anexados a ele estavam os arquivos digitalizados dos diários de Lara. “Estamos progredindo”, ela pensou. Eles não haviam assinado um contrato e nem discutido cláusulas de confidencialidade desta vez. “As pessoas mudam”, ela refletiu. A última vez que Simone trabalhara para Carl, ele a fizera assinar um contrato com cláusulas de confidencialidade.

“Aqui vou eu de novo”, ela pensou, “mais uma vez vou me perder na vida misteriosa e perturbada de Lara”. Simone sentiu uma pontada de apreensão, respirou profundamente em busca de coragem, abriu o primeiro arquivo e começou a ler.

O Diário de Lara

Dizem que todo mundo tem uma história para contar e creio que isso é verdade, mas as histórias de algumas pessoas são mais bizarras do que as de outras. Eu gostaria de contar a minha. Se eu tivesse que escolher um gênero para a minha história de vida, eu teria que escolher o erótico, com talvez uma pitada de romance e uma dose de horror, na medida certa. Definitivamente não é um conto de fadas, apesar de eu ter uma fada madrinha, mas escreverei mais sobre isso depois.

Parte da razão pela qual estou escrevendo é para tentar organizar minha mente e meus sentimentos. Lição de casa do meu psiquiatra, com amor. Ele me disse que pode ser uma boa forma de fazer as pazes com o meu passado. Eu não sei se isso é possível, mas espero que sim.

O que estou prestes a contar para vocês se baseia, em parte, em meus diários – tenho mantido diários desde criança. Mas também terei que confiar em minha memória, pois rasguei algumas das páginas de alguns deles – sem dúvida em um ataque de raiva ou vergonha e também porque perdi alguns volumes.

E aqui vou eu...

Sobre mim. Meu nome é Lara Parker. Eu sou loira, meus olhos têm uma cor indefinida entre o azul e o verde, dependendo do meu humor, sou muito alta, um metro e setenta e nove, para ser exata. Sim, uma gladiadora. Eu sou arquiteta e também designer de interiores. Eu amo construir casas e sou muito boa no meu trabalho.

Nasci em Washington D.C. em 6 de junho de 1978. Morávamos no número 4709, da Foxhall Crescent Northwest, em uma linda casa de tijolos a vista, de dois andares e com um quintal grande e encantador. Não sei se a casa ainda está lá; desde que saí de Washington, nunca mais voltei, nem mesmo para férias.

Da minha infância em D.C., tenho boas lembranças. Eu sou a mais velha de três irmãos. Meu irmão Sean é cinco anos mais novo do que eu e minha irmã Deborah, nove anos mais nova.

Meus pais se esforçavam, cada um a sua maneira, para realizar o sonho americano. Meu pai tinha uma empresa de construção próspera – ele costumava construir para o governo – e minha mãe era, bem, uma borboleta, sempre tentando chegar ao topo da sociedade por meio dos seus contatos sociais e métodos não ortodoxos. Nossa situação financeira era muito boa. Não éramos ricos, mas vivíamos confortavelmente e, a cada ano, o sucesso da empresa do meu pai aumentava.

Nos meus primeiros anos fui criada por uma babá e, assim que tive idade suficiente para a pré-escola, minha mãe garantiu que eu fosse matriculada. Minha mãe não queria que eu estivesse por perto muito tempo. Eu sempre recebia gritos por ficar em seu caminho. Ela nunca foi um modelo de devoção materna, muito pelo contrário, e eu não me lembro de me dar bem com ela, nem por um dia. Ela me achava uma criança estranha e eu a achava uma pessoa complicada. Não era fácil vivermos juntas sob o mesmo teto.

Meu pai, Laurence Parker, era um homem simpático e gentil, mas também era muito trabalhador e eu mal o via. Ele costumava sair de casa cedo e, às vezes, voltava quando eu já estava dormindo. Ele queria nos dar o melhor, e o melhor sempre vem com uma etiqueta absurda de preço. Mas eu sempre soube, no fundo do meu coração, que ele nos amava.

Minha mãe, Sabine, não sabia fazer nada além de ir a festas e fazer compras. Hum, vou ser justa, ela ia bastante ao cabeleireiro também. A propósito, vou me referir à minha mãe pelo nome dela, mais tarde explicarei o porquê.

Meus pais não se davam muito bem; costumavam brigar o tempo todo, o que, quando eu era criança, costumava me assustar muito.

Felizmente, eu tinha outra pessoa na minha vida, alguém que realmente se importava comigo. Alguém que não acreditava que as crianças deveriam ser vistas e não ouvidas e que sempre encontrava tempo para responder às minhas dúzias de perguntas curiosas. Emma Parker, minha avó paterna, meio francesa e meio americana. Ela foi a pessoa mais fantástica que conheci em toda a minha vida, a melhor influência que uma criança pode ter e uma mulher realmente maravilhosa. Ela e Sabine não se davam bem – provavelmente porque eram completamente opostas – e, às vezes, por birra, Sabine se recusava a permitir que eu visse minha avó.

Minha avó foi a única mãe verdadeira que eu tive. Eu não soube nada sobre meu avô – o pai do meu pai – por muitos anos.

Minha avó preferia que eu a chamasse Emms ou Emm. Ela não queria ser chamada de vovó, não porque pensasse que isso a fazia parecer velha – Emms não era assim –, mas porque queria que eu a chamasse da mesma forma que os amigos dela a chamavam. Eu penso que ela queria que nosso relacionamento fosse baseado mais em amizade do que qualquer outra coisa.

A mãe de Sabine – minha avó Shirley – era alcoólatra e não se dava bem com a filha ou com os netos. Nas poucas vezes que a vi, achei-a e estranha, má e amarga, e ninguém queria ficar

perto dela, nem mesmo Sabine, que também era bem estranha.

Meu avô – o pai de Sabine – a abandonara quando ela era criança. Para ser sincera, não posso dizer que o culpo...

Recebi meu primeiro diário como presente de aniversário da Emms em um ano. Lembro-me de pensar: “que presente estranho”, especialmente em comparação com todos os outros presentes fabulosos que ela costumava me dar. Ela deve ter notado minha expressão desapontada porque me chamou em um canto e explicou a razão de me dar um diário. Eu me lembro da conversa como se tivesse acontecido ontem.

– Minha menina querida, algumas das melhores coisas que temos na vida são nossas memórias. Tudo o mais pode desaparecer – as pessoas podem roubar de você, você pode perder tudo –, mas o que você tem aqui – Emms apontou para sua cabeça – sempre será seu. Quero que você tome notas das coisas mais importantes que acontecem em sua vida e, quando ficar mais velha, lerá seus diários e entenderá como foi importante criar uma biografia.

– O que é uma biografia, Emms? – Eu não tinha ideia do que ela queria dizer.

– É a história da vida de alguém, a importância que essa pessoa teve neste mundo. Mas abra seu diário e veja. Eu tenho outro presente para você – disse Emma, apontando para o diário.

Rapidamente, eu abri o diário de capa vermelha de couro sintético e com um pequeno cadeado dourado, tentei imaginar que tipo de presente seria pequeno o suficiente para caber dentro dele. Folhee as páginas até chegar ao meio e meus olhos se arregalaram. Com o coração acelerado, peguei duas passagens aéreas.

– Paris! – Eu gritei e então olhei para Emms. – É sério? Você vai mesmo me levar com você desta vez?

Emms nascera na França e costumava ir para lá todos os anos. Ela me contou dezenas de histórias sobre Paris, sobre o Louvre e todos os outros lugares de lá. Eu a importunei durante anos para me levar com ela. A França soava como um lugar mágico para os meus ouvidos.

– Sim! – disse Emms. – Você e eu iremos realmente a Paris neste verão.

Aquele aniversário foi daqueles dias que a gente nunca esquece. Eu passei meus braços em volta do pescoço da minha avó e a abracei e a beijei.

– Emms, eu te amo mais do que tudo! – eu disse a ela.

– Eu te amo mais, meu solzinho!

Outra das minhas melhores lembranças eram os apelidos lindos que Emms tinha para mim – luz do sol, meu coração, solzinho–, e assim por diante.

Eu amei o diário porque ele tinha um cadeado e uma chave e eu poderia proteger meus segredos de Sabine, que sempre adorou bisbilhotar nas minhas coisas.

Emms havia explicado a importância de eu escrever no diário de forma regular, mas eu demorei para conseguir fazer isso. Até dei um nome para o meu diário, Martin, porque seria como se escrevesse para um amigo. Rio quando me lembro. Quem batizaria um diário de Martin? Naquela época, meu filme favorito era De volta para o Futuro e Michael J. Fox interpretava o personagem principal, Martin. Eu tinha poucos amigos naquela época e estava desesperada para ter um. Marty, o apelido do meu pequeno diário vermelho, tornou-se meu melhor amigo e eu costumava escrever como se estivesse enviando cartas para ele.

“Eu não tenho muitos amigos, Marty. Às vezes, eu acredito que é porque eu sou meio estranha, diferente das outras garotas da minha idade e porque eu passo muito tempo lendo. Não gosto muito de brincar e acho que as crianças são burras. Eu também adoro ouvir música. Eu ganhei um aparelho de som no meu aniversário do Tio Ruggiero e da Tia Valentine. Agora eu preciso de alguns CDs. Eu só tenho um – desenhei uma carinha triste. Este aniversário foi muito

legal! Não havia muitas crianças, mas veio muita gente legal – na maioria amigos do meu pai e os presentes foram ótimos!”

Eu costumava esconder meu diário em um buraco que encontrei atrás de uma cômoda. Eu o ampliei, cavando a parede de gesso com uma faca, eu tinha muito medo que Sabine encontrasse meu diário e lesse. Eu havia explicado isso para o diário, pedindo desculpas como se o caderno tivesse sentimentos:

“Desculpa esconder você, Marty, mesmo que você tenha um cadeado, minha mãe vai achar um jeito de abrir... Ela é assim... louca... mas eu acho que a maioria dos adultos é louca, você não acha? Todos, menos a Emms! Ela é a melhor avó do mundo e, às vezes eu não acredito que ela é adulta, porque ela é muito legal. Eu posso falar com ela e ela me trata como uma amiga, e não como uma criança boba como os outros adultos me tratam. A maioria dos adultos acha que as crianças não sabem nada. Eu odeio eles. Mas eu acho que odeio mais as crianças porque elas são estúpidas. Eu gostaria de poder estalar meus dedos e me tornar adulta. Eu também queria ter um carro para poder ir onde eu quisesse.”

Naquela época, para mim, ter um carro representava a independência. Eu achava que os adultos iam para onde queriam e quando queriam porque podiam dirigir.

* * * * *

Nos dias que antecederam a viagem a Paris, eu mal conseguia dormir.

“Martyyy.” eu escrevi em meu diário – amanhã eu vou para Paris! Só eu e a Emms. Estou tão feliz! Não consigo dormir. Hoje, eu e a Emms conversamos sobre a viagem:

– Emms – eu disse – estou tão feliz por estarmos indo para Paris. Eu não vou incomodar você enquanto estivermos lá, eu prometo!

– Mas quem disse que você me incomoda, meu sol?

– A Mãe me disse que eu sou um incômodo, e ela acha que você vai reclamar de mim depois da viagem.

– Ela lhe disse isso?

– Sim... mas, por favor, não conte a ela que eu lhe contei. Ela vai me pôr de castigo. Ela adora fazer isso. – Juntei as mãos em sinal de implorar.

– Não se preocupe, Lara – disse Emms. – Eu nunca direi a ninguém nada do que você me disser, confie em mim.

Ela abriu os braços, me aninhei e ela me abraçou, e eu fiquei lá, em seus braços, ouvindo seu coração bater, enquanto conversávamos sobre Paris. Até hoje, ainda me lembro do cheiro dela, uma mistura de perfume de flores e baunilha e de como eu me sentia protegida em seu abraço, e essas lembranças trazem lágrimas aos meus olhos – eu, uma mulher que raramente chora.

– Podemos ir à Torre Eiffel e ao Arco do Triunfo? – perguntei a ela.

– Claro. Nós podemos ir a qualquer lugar que você quiser. Vamos ver muitas coisas em Paris – museus, estátuas, pinturas. Existe arte maravilhosa por lá. A arte é uma expressão de amor. O artista deixa um pouco do seu coração em cada tela, em cada pedaço de mármore, para que possamos ter um pouco de sua alma, de seus sentimentos e então, quando você memoriza uma obra de arte em seu cérebro, um pouquinho do amor do artista vai ficar com você para sempre também. Essas lembranças vão lhe deixar feliz, porque você saberá que existem coisas belas no mundo – ela disse, acariciando meus cabelos

Emma sempre tinha uma maneira poética de explicar as coisas.

Minha primeira viagem a Paris ...

Paris é uma festa! Não é apenas uma frase, é uma realidade. Eu me apaixonei pela cidade desde o primeiro momento em que pisei lá. Eu adorei tudo: os cheiros, a comida, as pessoas, as multidões.

Visitar Paris com Emms foi como abrir uma caixa de presente gigantesca. Ela me levou a todos os lugares que uma criança poderia ir. Museus, galerias, parques, lojas, bibliotecas.

Minha primeira visita ao *Champs Elysées*, com seus cafés e pessoas caminhando em todas as direções, me fez pensar que eu gostaria de morar lá quando eu fosse adulta. Eu não sabia o quanto estava certa ou que isso aconteceria muito antes de eu me tornar adulta – pelo menos em idade.

Emma me levou ao Arco do Triunfo como ela havia prometido. O elevador estava quebrado – nada incomum –naquela época e hoje em dia também.

– Madame, disse um policial a Emma – o elevador está quebrado. Vocês têm que usar as escadas se quiserem ir ao topo.

Obviamente ele falava francês, então Emms teve que traduzir para mim.

– Obrigada – Emms disse ao policial, e então ela se virou para mim e se arqueou para ficar da minha altura, mas não muito porque ela era muito pequena –Eu acredito que temos que subir trezentos degraus, mocinha, o que você acha?

– Eu realmente gostaria de ir lá em cima, Emms, podemos? – Fiz uma carinha triste.

– O que estamos esperando? Vamos lá.

Emms riu e começamos a subir. No momento em que chegamos ao topo, nós não ríamos mais...e ainda teríamos que descer...Mas antes eu iria olhar a vista. Eu corri para a borda, que tem uma cerca para evitar que as pessoas caíam, eu agarrei nas barras e coloquei meu rosto por entre elas para olhar para baixo. Era lindo! Todas aquelas avenidas se encontram no Arco e todas eram maravilhosas. O dia estava claro, o céu de um azul pálido com algumas nuvens e uma brisa suave acariciava meu rosto e levantava meu cabelo, fazendo-o voar. Meu coração estava cheio de alegria.

– Que tal, Lara? – Emms me perguntou. Valeu subir? – Tirei meu rosto das grades e voltei para ela.

– Ai, sim! Estou tão feliz que tenho vontade gritar! – Respondi com meu maior sorriso.

– Então grite! O que lhe impede?

Olhei ao nosso redor, havia outras pessoas que tinham enfrentado as escadas para admirar aquela vista incrível.

– E eles? – Eu perguntei, apontando com o dedo para as pessoas e voltando para Emms. – O que eles vão pensar?

– Você conhece essa gente? Eles são muito importantes para você? – Ela me deu um olhar sério.

– Eu não conheço ninguém! – Eu balancei minha cabeça.

– Então grite. Vá em frente e grite, garota! Nunca deixe que outras pessoas a impeçam de fazer algo que lhe faz feliz. A opinião delas não importa.

Eu analisei a expressão de Emms. Será que ela estava falando sério?

Ela sorriu para mim e assentiu, então eu respirei fundo.

– Obaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! Estou em Parisssssssssssssssssssssss! Gritei a plenos pulmões.

As pessoas olharam para mim, alguns começaram a rir, enquanto outros se afastaram, mas Emms riu alto e então comecei a rir também. Eu estava muito feliz. Eu nunca queria voltar

para casa. Eu queria ficar lá para sempre com Emms.

Ah... a vida era tão simples então...

* * * * *

À noite, fomos a um restaurante que Emms conhecia. *La Fontaine de Mars*, perto do apartamento que ela tinha em Paris. Quando estávamos sentadas à mesa, Emms perguntou-me o que eu gostaria de comer.

– Bife! – eu respondi rapidamente. – Eu adoro.

Emms franziu a testa.

– Você não quer tentar algo novo? Eu acho que você tem idade suficiente para experimentar algo um pouco diferente.

– Bem, tudo bem. Mas e se eu pedir algo que não conheço e não gostar? – Eu pensava em um bife grande e suculento, e minha barriga roncou. Eu estava faminta após as peripécias do dia.

– Então você saberá que não gosta do que pediu. Mas você nunca saberá até tentar. E então você pode pedir um bife e dizer: Isso é muito melhor do que qualquer outra coisa. – Eu balancei a cabeça. Eu nunca havia pensado assim.

– Ok. O que vamos experimentar?

– Hmm... deixa eu escolher? Confia em mim? – Emms perguntou, olhando o cardápio. Mais uma vez, assenti. Eu confiava em Emms mais do que qualquer outra pessoa no mundo.

Emms fez um pedido e pouco depois, nosso garçom veio carregando um pequeno prato redondo, cheio de buracos. Ele depositou o prato a nossa frente e uma cestinha de pães, uma taça de vinho para Emms e um suco para mim, nós duas agradecemos em francês e ele partiu.

– Merci! – Era uma das cinco palavras que eu havia aprendido até agora.

Dentro dos buracos do pratinho havia algo marrom e com o que parecia ser muito azeite. Eu olhei Emms usar um garfo pequeno para pegar um. Parecia estranho, como um pequeno pedaço de borracha marrom.

– Experimente isso Lara – disse ela.

– O que é isso?

– Experimente primeiro, e então eu vou lhe contar. – Ela estendeu o garfo em minha direção e eu me inclinei para frente, fechei os olhos ela colocou a comida em minha boca. Meus olhos se abriram com o delicioso sabor amanteigado, macio e salgado. Algumas pessoas têm paladar para doces, mas o meu é para salgados e eu adorei!

– E então? Você gostou? – perguntou Emms.

– Ai sim! Muito! Posso pegar mais? – Perguntei já com o garfinho pronto para espetar mais um.

– Pode, claro. Isso se chama *escargot*.

– *Escargot* é bom, muito melhor do que bife! – Eu disse a ela com a boca cheia de outro dos deliciosos pedaços e um pouco de pão.

– É uma lesma – ela me disse e esperou que a informação fosse absorvida. Eu parei de mastigar. – Uma o quê?

– Um caracol. Uma lesminha. – Emms sorriu.

– Como aqueles em nosso jardim? As pessoas realmente comem isso? – perguntei.

– Sim, você acabou de terminar o seu e o meu, então eu suponho que você gostou muito delas.

Eu olhei para o prato vazio e meu rosto ficou corado.

– Desculpa, Emms – eu disse. Eles eram muito bons. Mas eu não posso acreditar que eu comi lesma! – E contorci minha boca em sinal de nojo

– Não pense no que você está comendo, apenas saboreie.

Eu pensei sobre isso por um momento e decidi que Emms estava certa. Afinal, eu nunca pensei sobre de onde vem o bife, então por que eu deveria pensar sobre o caracol?

Foi assim que me apaixonei por *escargots* e, até hoje, sempre que posso, introduzo essa comida a pessoas de quem gosto. E como de costume, Emms transformou toda a experiência em uma lição que eu ainda me lembro.

– Lara, ao longo de sua vida, você enfrentará muitas coisas novas. Só porque você não está familiarizada com algo, não significa que você não vai gostar. Você não pode formar uma opinião, a menos que você experimente. Nunca julgue antes de saber – só podemos fazer um julgamento baseado em conhecimento, ok?

– Ok, Emms – eu disse a ela.

Esse conselho teve um impacto em toda a minha vida. Eu nunca julguei nada antes de tentar e, graças a Emms, sempre amei Paris e tentei coisas diferentes.

Sendo normal

Bem cedo eu descobri que não conseguia me concentrar muito bem em aulas de que não gostava. Eu era um gênio quando gostava do que estava aprendendo e um desastre total quando eu não gostava. Um dia, quando estava a caminho da aula de biologia – uma daquelas aulas que eu odiava –, resolvi sair da escola com um novo amigo. Ele estava sozinho e triste e eu o convidei para ir pescar comigo. Nós não fomos longe; havia um pequeno lago atrás da escola e nós fomos até lá.

Mais tarde naquele dia, Sabine soube e teve um ataque. A diretora tinha descoberto que eu havia matado a aula e tinha ligado para ela, e ela precisou ir até a escola me buscar. Sabine me chamou de idiota por matar aulas ao invés de estudar. Eu tentei dizer a ela que tinha dificuldade em me concentrar, que minha mente se recusava a focar nas aulas e eu ficava viajando, que eu sonhava acordada, imaginava que era adulta e que morava em Paris, às vezes eu lembrava dos shows que tinha ido com a Emms, minha imaginação era – é – infernal.

Quando chegamos em casa meus pais começaram a gritar um com o outro por causa da minha “pescaria”. Eu fui mandada para o meu quarto, mas é claro, me escondi e fiquei atrás da porta, ouvindo.

– Lara é uma irresponsável! Eu não sei o que fazer com ela! – Sabine disse ao meu pai.

– Pare com isso, Sabine, ela é apenas uma criança. As crianças fazem coisas assim. Se você passasse mais tempo com ela, poderia conversar com ela sobre responsabilidade, mas a responsabilidade não é uma das suas maiores convicções, certo? Então como você pode ensiná-la?

Eu não consegui abafar minha risada ao ouvi-lo falar e eles me pegaram escutando. Os dois gritaram comigo, e Sabine terminou com a sua frase favorita:

– Já para o castigo!

De castigo. Novamente. Sempre que isso acontecia – e acontecia muito – eu conseguia ler em paz e não me importava em ficar trancada no meu quarto.

CAPÍTULO II



Simone – Dias Atuais

Simone precisou fechar o arquivo, mas não antes de enviá-lo para a impressora. Ela era uma daquelas pessoas que preferiam ler no papel. “Talvez eu esteja muito velha para a tecnologia”, ela pensou.

Ela consultou o relógio e abriu o Skype novamente. Teria outra consulta em cinco minutos, desta vez com Philip, seu amado paciente masoquista. Ele era simplesmente adorável, muito gentil, mas completamente perturbado em relação à sua vida privada.

Sua esposa o abandonou pouco antes do sequestro de Simone, e ele estava tendo um caso de amor com uma dominadora. Philip era contador e parecia sério e digno de confiança e ninguém poderia imaginar que, por trás de sua fachada profissional, existia um homem cheio de paixões pervertidas.

– Olá, doutora, eu estou com saudades das nossas sessões. Muito obrigado por permitir que eu me intrometa em suas férias – disse ele acenando quando sua imagem apareceu na tela.

– Olá, Philip. Sem problemas. Também estava com saudades das nossas sessões, mas voltarei em breve. Eu também sinto falta dos doces que você sempre levava.

Philip adorava cozinhar e sempre levava amostras de seus doces para Simone, aparecia em seu consultório com uma receita diferente a cada semana. Como suas práticas sexuais eram estranhas, Simone quase nunca comia o que ele cozinhasse, nunca se sabe, mas ela gostava de receber os mimos.

Simone começava a sentir falta das coisas normais da vida cotidiana. “Talvez eu esteja realmente pronta para voltar”, ela pensou, “eu estou ficando mole, sinto falta de doces que não como, apenas porque eles me lembram da minha antiga vida.”

– Acabei de aprender um doce novo e delicioso chamado Paris-Brest. É maravilhoso. Quando você voltar, vou assar um especialmente para você.

– Obrigada, Philip, isso seria ótimo. Eu acredito que voltarei na próxima semana. Mas me fale de você. Como está a vida? O que há de novo?

– Eu sou um novo homem! Ter duas mulheres lutando por mim, eu, um nerd, é uma loucura, muito bom para o meu ego. Estou muito feliz. Eu nunca experimentei nada parecido e me sinto como Superman! – No monitor, ele fechou o punho e socou para o ar. Superman, de fato! Simone balançou a cabeça.

– O que você quer dizer com duas mulheres brigando por você? – ela perguntou. A última vez que eles conversaram, ele estava feliz com o seu caso de amor com a *dominatrix*, mas ainda sofria com o coração partido por sua esposa tê-lo deixado. O que havia mudado em poucas semanas?

– Minha esposa me quer de volta. Ela me disse que eu sou o amor da vida dela, que me ama e quer retomar nossa vida juntos. Ela até me prometeu ser mais compreensiva sobre minhas fantasias... e Leonora está obcecada por mim. Ela também disse que me ama e está ameaçando matar minha esposa, e então...

– O quê? Oh, Philip me parece que você está com uma bagunça na sua vida. Você sabe o que vai fazer?

– Eu tinha esperança que você me ajudasse a descobrir isso. É complicado. Eu gosto da Leonora, nos divertimos juntos, mas eu não sinto por ela o que sinto pela Jane...

– E o que você sente pela Jane?

– Meus sentimentos por ela são profundos. Ela me excita, eu fico sempre com tesão perto dela, ela é a mulher mais bonita do mundo para mim, ela é sexy, mas ao mesmo tempo, eu sempre senti como se eu não fosse bom o suficiente para ela. Mas só de ouvir a voz dela meu coração se derrete. Estou sempre em busca de sua aprovação.

– E a Leonora?

– Ah, ela me deixa com tesão também, mas é diferente. Eu me sinto seguro quando estou com ela.

“Quão seguro ele poderia se sentir, com uma mulher que o amarrava e o espancava impiedosamente?”, Simone se perguntou.

– Ela age como se me amasse. Ela quer saber se estou bem, se estou com fome, se já dormi o suficiente. Ela se preocupa comigo. Quando estamos em casa e ela não está trabalhando, ela é uma perfeita gueixa.

“Uma sádica profissional convertida em uma gueixa”, pensou Simone. “Não é fácil de acreditar...” mas se havia uma coisa que ela aprendera há muito tempo, era que as pessoas poderiam ver a mesma situação de forma completamente diferente umas das outras.

– Então podemos dizer que Leonora é a mãe que você gostaria de ter e Jane se comporta como a mãe que você teve?

– Ah, doutora! Às vezes você é muito dura. Eu nunca pensei sobre isso desta forma. Eu certamente nunca comparei nenhuma delas à minha mãe!

– Não, eu tenho certeza que você não comparou, mas isso é basicamente o que você acabou de descrever. Em uma de nossas sessões anteriores, você me disse que sua mãe nunca ficava satisfeita com você e quanto mais você fazia, mais ela exigia de você. – Ela olhou rapidamente umas notas que fizera e prosseguiu:

– Você estava sempre tentando fazer com que ela o notasse, mas ela sempre preferiu seu irmão mais velho. Soa para mim como se você tivesse um relacionamento parecido com Jane. Você está sempre tentando agradá-la e sempre se sente como se estivesse devendo algo a ela. Leonora, por outro lado, e isso é apenas baseado no que você acabou de me dizer, atende a todas as suas necessidades, assim como uma boa mãe deve fazer... E você está em movimento pendular.

– Movimento pendular? – Ele balançou o dedo imitando um pendulo

– Sim, indo da mãe ruim para a mãe ideal e depois de volta.

– Devo me livrar de ambas?

– É isso que você acha que deveria fazer? – Simone conseguia ler no olhar ansioso dele, que ele queria que ela tomasse uma decisão por ele, mas ela nunca faria isso.

– Não, estou lhe perguntando o que devo fazer.

– Não cabe a mim decidir sua vida por você, Philip. Eu só analisei o que você disse. Se eu fosse você, tentaria descobrir o que me dá mais prazer – passar a vida inteira com medo de perder Jane ou viver com alguém que cuida de todas as suas necessidades como se você fosse um bebê. E sim, às vezes, a resposta é que nenhuma das duas lhe convém. Relacionamentos são melhores quando se assemelham a uma via de mão dupla. Dar e receber em equilíbrio. Mas você tem que avaliar as circunstâncias e chegar a sua conclusão.

“Mas é possível encontrar um relacionamento perfeito e equilibrado? Eu não fui capaz de fazer isso”, Simone pensou, mas é claro, manteve seus pensamentos para si mesma. Afinal, um de seus papéis era dar esperança, não apenas transmitir a realidade crua da vida.

– Como sempre, você está correta, doutora. Acho que tenho muito que pensar! Acredito que ficaria melhor com alguém que me amasse e que eu amasse de volta sem medos ou

dependência. Esse seria o relacionamento ideal, mas esses são difíceis de encontrar.

* * * * *

Depois de falar com Philip, Simone pegou uma pera na cozinha e comeu, foi então para o quarto e trocou a roupa que vestia por um biquíni. Ela iria para a piscina, deitar-se ao sol por um tempo. Ela pegou uma cópia do diário para levar com ela, pois pretendia ler um pouco mais da história de Lara. Felizmente a piscina estava deserta, e ela escolheu uma espreguiçadeira, espalhou protetor solar pelo corpo e se deitou para sentir a sensação morna do sol na pele, que lhe deu energia e a relaxou. Com um suspiro de contentamento ela pegou o texto e começou a lê-lo.

O Diário de Lara

Durante toda a minha vida as pessoas disseram que sou bonita. Um dia, uma amiga da Sabine a visitou. O nome dela era Maggie e eu gostava muito dela. Ela era baixinha e gordinha, com cabelos castanhos e um rosto redondo e amigável. Ela sempre foi gentil comigo e eu gostava de ficar perto dela, mas Sabine me mandou desaparecer porque ela queria ficar só com sua amiga. Eu me escondi para ouvi-las, com cuidado para que não me vissem.

– A Lara está ficando cada dia mais bonita – disse Maggie.

– Você acha? – perguntou Sabine. Minha mãe não me achava bonita, já imaginou?

– Sim! Ela é adorável e lembra muito a Brooke Shields jovenzinha, saída diretamente da Lagoa Azul, só que a Lara é bem mais loira do que a Brooke era.

Eu não fiquei por perto para ouvir.

No mesmo dia, depois de descobrir com a empregada que a Lagoa Azul era um filme e Brooke Shields a atriz principal, eu fui procurar meu pai.

– Papai, posso assistir a Lagoa Azul? – Eu perguntei para ele, que estava sentado atrás da escrivaninha, no escritório de casa. Ele levantou a cabeça dos papéis que lia e me olhou sério

– Claro que não, querida, você é muito criança para isso. E voltou a ler seus papeis.

Mas que droga! Sempre “muito criança para isso!”

Eu odiava aquela frase, mas não ia desistir. Decidi ligar para a Emms e ela me perguntou por que eu queria assistir ao filme e, quando eu expliquei o que havia escutado, ela prometeu conseguir o filme para vermos juntas.

Alguns dias depois, Emms apareceu para me levar passear. Era um sábado e ela me levou para a casa dela. Eu amava o apartamento, sempre tinha cheiro de canela e era lindo, com vasos, flores e quadros.

Localizado no quinto andar de um edifício, o apartamento de Emms era claro e agradável, ela amava decora-lo com flores. A sala tinha dois sofás de veludo creme e duas lindas poltronas recobertas de um tecido rosa com dourado. Também havia uma mesa de madeira escura com seis cadeiras. A toalha da mesa tinha pequenas rosas, flores douradas e minúsculas folhas verdes. Muitos quadros com molduras douradas cobriam as paredes, quase todos com figuras de mulheres, algumas delas se pareciam exatamente com a Emms, mas os cabelos sempre eram diferentes entre um quadro e outro.

Naquele dia fomos diretamente para o quarto de Emms, ela adorava assistir filmes deitada na cama. O quarto dela era chique, ela tinha uma cama antiga de madeira e o papel de parede era de um tom pálido de rosa, cor que ela me disse se chamava *cendre de roses*, que em francês significa “cinza de rosas”. Havia também diversos tapetes lindos no piso e muitos

quadros nas paredes. Quando eu respirava sentia um perfume de baunilha e canela em minhas narinas. Me sentia tão bem lá. Aquele quarto ainda é vívido na minha memória, fecho meus olhos e consigo me sentir lá.

Quando me deitei na cama da Emms, cheia de travesseiros e almofadas, ela abriu a porta do armário, revelando a televisão que tinha dentro. Foi até o aparelho de videocassete, colocou uma fita e voltou para a cama para assistirmos o filme.

Meu Deus, a Brooke Shields era linda!

– Você acha que me pareço com ela, Emms? – perguntei, cheia de expectativa.

– Você é mais bonita, pequena. Mas a Brooke está uns dez anos mais velha agora, esse filme não é novo, tenho certeza que foi lançado há uma década atrás, pelo menos.

– Então agora ela é velha?

Fiquei meio decepcionada, eu queria que aquela garota linda tivesse a minha idade e crianças tendem a acreditar que todos os adultos são velhos, eu não era exceção.

Emma riu:

– Podemos dizer que agora ela está mais velha.

Continuamos a ver o filme e durante uma cena eu apontei para o casal na tela, que estava se beijando e se esfregando.

– O que eles estão fazendo, Emms? – perguntei

Emma pegou o controle, fez uma pausa no filme e olhou para mim.

– Sexo – ela me falou.

– Hum... e o que é sexo?

– Ninguém falou com você a respeito de sexo ainda? – Emms franziu a testa em surpresa.

– Não...eu li algo em um livro, mas não entendi muito bem.

– Bem, vamos conversar. Vou lhe explicar, porque eu não acho que alguém o fará de forma adequada e você está crescendo rápido. – Ela pegou minha mão e começou a explicar:

– Você já viu seu irmãozinho nu?

– Claro! – Eu ri – eu já vi o pintinho dele.

– Sim, ele tem um pênis, mas você pode chamar pintinho se quiser, e você tem uma vagina, mas pode chama-la de perereca.

– Melhor, vagina é muito feio, prefiro perereca.

– Eu também. Então, sexo é assim, quando um homem e uma mulher se gostam, eles se beijam, se acariciam e o pintinho do homem fica duro.

– Eu já vi o pintinho do Sean duro quando ele vai fazer xixi.

– Exatamente assim! É assim que fica e a mulher fica excitada também. Daí eles se juntam e o homem coloca o pintinho dentro da perereca da mulher e eles se movem juntos.

– Mas não era isso que eles faziam no filme! – Eu estava curiosa para ver a cena que ela havia descrito.

– Não, Lara, claro que não, as pessoas não fazem isso em público, fazem em lugares privados, como um quarto.

– Minha mãe e meu pai fazem isso? – Eu nem podia imaginar tal coisa, principalmente porque a maior parte do tempo eles não se gostavam.

– Eu acredito que sim.

– Ughhhhh, não quero nem pensar nisso!

– Sobre sexo? – perguntou Emms.

– Não, sobre meus pais fazendo isso, é nojento.

– Mas eles precisaram fazer isso para você nascer.

- Como assim?
- Sexo faz bebês. O homem deixa uma semente dentro da mulher e ela pode ter um bebê.
- Então eles fizeram isso três vezes?

Ema riu alto.

- Eu penso que bem mais do que isso porque sexo é uma coisa gostosa e uma mulher não precisa ter um bebê cada vez que faz sexo. As pessoas têm um certo controle sobre isso, existem formas de prevenir gravidez. Sua mãe nunca lhe explicou sobre isso?
- Não! Eu perguntei uma vez quando a Debbie estava na barriga dela, mas a Sabine me disse que eu era muito pequena para saber e que não deveria fazer esse tipo de pergunta.
- E você parou de perguntar?
- Fiquei com vergonha. Ela falou que era vergonhoso perguntar às pessoas sobre coisas assim. – Fiz uma careta com a boca para o lado.
- Ok, nunca tenha vergonha de me perguntar nada, certo? – Emms tocou meu nariz com a ponta do dedo
- Certo, Emms! Eu amo você mais do que pizza!
- Pizza?
- Sim, eu adoro pizza! Emms, é bom?
- Sexo? Sim, muito bom.
- Eu posso fazer?
- Ainda não, você é muito menina para isso, mas um dia sim, com o cara certo, alguém que você ame ou goste e quando você for adulta.
- Posso lhe perguntar outra coisa, Emms?
- Claro meu solzinho, qualquer coisa.
- Podemos jantar pizza?

Ela riu e assentiu e voltamos a assistir ao filme.

* * * * *

Sabine dava festas fantásticas em nossos aniversários. Não eram festas de crianças, eram festas adultas, com crianças, apenas uma desculpa para dar uma festa enorme e reunir pessoas da alta sociedade a volta dela.

Durante uma dessas festas, não me lembro qual, eu conheci Arthur. Ele era o filho de Ruggiero e Valentine Eberle, dois dos melhores amigos dos meus pais. Ruggiero era um banqueiro e político; Valentine uma socialite como a Sabine, só que eles eram podres de ricos e Valentine era parte da nata da sociedade, enquanto a Sabine se esforçava para tentar conseguir entrar naquele mundo. Arthur era filho único dos Eberle, e vinte anos mais velho do que eu. Ele estivera no exterior estudando e havia retornado para trabalhar no banco da família.

Ele se aproximou de mim durante a festa e começou a conversar, para minha surpresa. Eu não estava acostumada a atenção dos adultos. Ele era muito esperto e sabia dizer as palavras certas.

- Então você é a famosa Lara – ele falou me dando um beijinho no rosto
- Eu? Famosa? – Apontei para mim mesma
- Sim! Meus pais vivem falando como você é linda e inteligente e eu queria muito conhecê-la.
- Sério? – Para mim era difícil de acreditar que alguém mais velho estaria interessado em me conhecer.

– Sim. E eu posso ver com meus próprios olhos que eles não estão exagerando. De fato, você é linda.

– E inteligente. – Eu disse a ele. Por alguma razão, era muito importante para mim que ele soubesse que eu era inteligente.

– Você gosta de sorvete? – Ele me perguntou sussurrando perto do meu ouvido.

– Claro, quem não gosta? – pergunta estranha, pensei.

– Um dia desses, vou levá-la para tomar o melhor sorvete italiano da cidade, e podemos conversar, e eu vou descobrir se você é tão inteligente quanto bonita, ok?

– Feito! – Ele abriu a mão e bati na mão dele com a minha.

Eu não achei que ele manteria sua promessa, alguns adultos eram assim; eles prometiam coisas que nunca pretendiam cumprir. Mas eu estava feliz com a atenção dele. Eu senti como se finalmente estivesse crescendo e naquela época, esse pensamento me deixava feliz.

CAPÍTULO III



Simone – Dias atuais

Simone parou de ler para se mover na poltrona enquanto analisava as palavras de Lara. Até agora, Lara descrevia uma infância relativamente normal, uma avó fantástica que – pelo menos com base no que Lara havia escrito – parecia muito experiente e sábia, um pai ausente – considerando que ela mal o mencionava – e uma mãe que não conseguia lidar muito bem com a menina. Nada anormal.

“Minha mãe não sabia como lidar comigo também”, pensou Simone. Pensar em sua mãe a deixou triste, já que a mulher havia morrido anos antes. Elas não tiveram um relacionamento fácil. “Mas eu não vou rever essa história agora”, ela disse a si mesma.

O pensamento deixou Simone inquieta. Levantou-se. Ela continuaria a ler o diário mais tarde. Havia passado tempo suficiente descansando sob o sol. Hora de voltar para dentro e checar seu e-mail, encher sua mente de trabalho e empurrar os pensamentos tristes para o fundo da mente, onde eles pertenciam.

Enquanto entrava pela porta da frente do apartamento de Arami, Simone ouviu o telefone tocar.

– Alô – ela respondeu, sem fôlego por ter corrido para atender a ligação.

– Doutora Bennet, boa tarde. – A voz inconfundível do general Cezar Benítez chegou aos seus ouvidos.

– Boa tarde, general.

– Doutora, eu sinto muito em insistir, mas eu realmente preciso falar com você. – Ele disse em um tom muito gentil. – É muito importante, e eu não vou incomodá-la por muito tempo.

– Simone não conseguia pensar em uma maneira de recusar. A família toda tinha sido muito receptiva com ela, seria rude recusá-lo. Teria que dizer sim e se odiava por isso, detestava quando regras de comportamento e etiqueta ditavam seus atos, ao invés de poder fazer o que seus sentimentos mandavam.

– Ok, General, você pode vir à casa de Arami às dezessete horas?

– Claro, no horário que for mais conveniente para você.

Depois de desligar, Simone dirigiu-se à cozinha, um espaço amplo e moderno com armários cinzentos, uma mesa de vidro com cadeiras de ferro prateadas e modernos aparelhos domésticos de aço inoxidável. Ao contrário do escritório, a cozinha estava impecavelmente organizada, provavelmente porque Arami não conseguia fritar um ovo e ali era o reino da empregada.

Simone procurou na geladeira algo para almoçar. A empregada de Arami, Eliza, havia deixado a Simone um prato cheio de fatias finas de rosbife rosado perfeitamente preparado e uma salada mista de verduras. Simone pegou os pratos, e comeu a comida ainda fria sobre a ilha, depois decidiu descansar mais um pouco antes de verificar seu e-mail. Suas férias acabariam em breve e ela precisaria de todas as suas forças para enfrentar a vida real.

O general chegou pontualmente às dezessete horas. Uma das empregadas de Arami abriu a porta e levou-o até o escritório, onde Simone esperava por ele.

– Boa tarde, doutora – disse ele, estendendo a mão.

– Boa tarde, general. Por favor, sente-se. – Ela o cumprimentou rapidamente e indicou as poltronas.

Ele estudou as duas poltronas disponíveis e escolheu a mais próxima de Simone.

– Por favor, me chame de Cezar – disse ele. Ela faria isso, mas não lhe diria para chamá-la pelo primeiro nome. Fazê-lo daria uma impressão de intimidade que ela precisava evitar com seus pacientes.

– Muito bem, Cezar. Por que não discutimos o porquê de você estar aqui? Por favor, me diga como posso ajudá-lo.

– Você tem uma excelente carreira – disse ele. – Eu fiz uma pequena pesquisa sobre você, e Arami me contou como você é séria e que também é professora. Eu sei que você pode me ajudar.

Simone analisou as palavras dele: “eu sei que você pode me ajudar...” Muito positivo, mas ela também podia ouvir a mensagem subliminar por trás das palavras “Você deve me ajudar”.

– Eu estou com problemas, sérios problemas. E eu não posso ir a um psiquiatra qualquer. Eu tenho medo de ser traído. A última coisa que preciso é alguém vendendo meus segredos. Ser cuidadoso nunca é demais.

“Adicione paranoico à sua lista”, pensou Simone.

– Cezar, irei voltar a Connecticut na próxima semana. Como eu poderia lhe tratar?

– Bem, eu estive pensando sobre isso. Tenho setenta anos, mas não sou idiota. Eu uso a internet e os computadores regularmente. Se você concordar em me ver, poderíamos conversar on-line se necessário, e também, você poderia me ver com mais frequência enquanto ainda estiver aqui.

– Terapia é sobre refletir, Cezar. Reunir-se todos os dias não é necessariamente uma coisa boa, porque você precisa de tempo para pensar entre as nossas sessões. Vamos tentar assim: Eu verei você três vezes nesta semana e poderemos discutir se precisaremos continuar. Eu ainda não conheço o seu problema. Talvez seja fácil de resolver.

– Devemos começar agora? – Ele perguntou cruzando as pernas

– Sim, você me conta seu problema e eu escuto. Eu tomarei notas, mas apenas para meu uso pessoal.

– Eu estou impotente. – Ele foi direto ao assunto.

“Impotência em sua idade não é incomum”, ela pensou mas não falou, no entanto o general parecia em boa saúde.

– Você já fez um check-up?

– Claro, eu fui ver meu médico pessoal. Ele é muito confiável, mas ele me disse que não há nada errado comigo fisicamente. Ele até disse que se ele não me conhecesse e só visse meus exames de sangue, pensaria que eu sou um menino de dezessete anos. Então ele me disse para ver um psiquiatra...

– Eu gostaria de ver seus históricos médicos. Mas me diga, quando você começou a ficar impotente?

– Não tenho certeza. – Ele moveu os ombros para cima e para baixo. – Algum tempo atrás. Primeiro, eu estava cansado demais e não queria ser incomodado. Mas então, quando eu estava descansado, descobri que não podia.

– Você não podia o quê?

– Ter uma ereção, ficar de pau duro, ter tesão, nem mesmo para começar uma preliminar, nem com garotas de vinte, trinta ou quarenta anos, acredite, eu tentei de tudo, mas nada adiantou! – Falou ele em tom exaltado e bateu no braço da poltrona.

“O sujeito não se preocupa com a idade das mulheres e menos ainda com seu casamento.”

– E eu costumava ser um garanhão! – ele continuou – Bastava ver uma mulher bonita que ele ficava imediatamente duro, pronto para o combate. Eu podia fazer sexo três ou quatro vezes com apenas alguns minutos de intervalo entre as sessões. E agora esse meu velho amigo – ele apontou para o pênis – parece estar aposentado. Eu não suporto a ideia! Eu nunca pensei que isso iria acontecer comigo. –E socou mais uma vez o braço da poltrona, um sinal claro de seu desespero.

– É cedo demais para chegar a uma conclusão, mas se não for físico, precisamos entender o que aconteceu para mudar sua vida.

– Eu acredito que estou velho. Agora só tenho que esperar a morte!

“Oh, que dramático!”, Simone lutou para não revirar os olhos.

– Eu prefiro morrer a viver como um velho inútil e brocha!

“Sim”, pensou Simone, “se sua vida estiver diretamente ligada ao seu pau, é melhor morrer”.

– Por que você estava tão cansado? – ela perguntou.

– Concorri para a presidência do meu país na última eleição. Eu perdi, mas cheguei perto, e acreditei que poderia ganhar no futuro. Eu decidi começar a fazer campanha novamente, mais cedo desta vez e assim me preparar para as próximas eleições. Eu estava viajando, tentando ganhar eleitores por todo o país, e não estava levando uma vida saudável. Não até que eu decidi parar. Dar um tempo. Descansar. Vir para Miami. Ele falava pausadamente, procurando as palavras com cuidado.

– E seu apetite sexual desapareceu quando você estava fazendo campanha?

– Sim. Mas só gradualmente. Havia muitas viagens, jantares e almoços. Eu costumo dormir oito horas por noite e não conseguia dormir mais do que quatro.

– Então você decidiu parar de fazer campanha?

– Não. Não completamente. Eu apenas diminuí um pouco, seguindo as ordens do meu médico. No começo, ele pensou que eu não conseguia fazer sexo devido à minha falta de sono. Mas não foi isso.

– Antes de começar esta campanha, você estava fazendo sexo normalmente?

– Eu já estava cansado das eleições e parei de fazer sexo durante o último mês da última campanha.

– Quando foi isso?

– Agosto de 2013. É complicado porque a imprensa está sempre tentando cavar sujeira na vida de um candidato, então você tem que ter cuidado. Eu estava sendo cauteloso.

– Mas como eles poderiam criar um escândalo pelo fato de você ter relações sexuais com sua esposa? – Simone sabia que não gostaria da resposta

– Doutora, eu sou homem. Faço sexo com minha esposa, mas estamos juntos há muitos anos. Então dá para dizer que dou umas puladas de cerca.

– Então você não fez sexo há três anos – nem com sua esposa, ou qualquer outra mulher?

– Não! Eu fiz sexo nos últimos três anos, mas não como costumava fazer. E então nos últimos oito meses, nada.

– Como você se sente em perder as eleições?

– Eu me sinto como um fracassado! – Os ombros dele se curvaram e seu rosto ficou vermelho.

– Você pode me explicar como isso aconteceu? Ouvi dizer que você é um herói em seu país.

– Eu era apenas o piloto no avião. O homem que substituiu seu irmão morto, que também

foi um substituto para o verdadeiro herói, Ovedo. Meu nome não era muito conhecido.

– Mas você não acha que pode ganhar da próxima vez?

– Eu não tenho certeza. – Deu um suspiro cansado.

– Cezar, acredito que precisaremos conversar mais sobre as eleições. Preciso de mais informações para tratar você. Podemos nos encontrar em dois dias?

– Podemos. Sempre que você quiser que eu esteja aqui, estarei aqui.

Eles trataram então dos honorários dela, e o general explicou que ele nunca tocava em dinheiro – ele enviaria seu motorista para pagá-la – e embora ele não tenha explicado suas razões para isso, logo depois que saiu, o motorista apareceu com um envelope cheio de dinheiro, um punhado de notas de vinte dólares, Simone tentou se lembrar de quando tinha recebido de um paciente com outra coisa que não fosse cheque ou cartão de crédito.

Simone foi até o quarto em busca do seu celular, que encontrou em sua mesa de cabeceira. Ela checou a tela para ver se alguém havia ligado e encontrou pelo menos dez chamadas perdidas de Armando.

“Pessoa ansiosa e impaciente”, ela pensou. “Não é um bom sinal.” Ela discou o número dele logo depois de ouvir três mensagens – todas dele – pedindo que ela ligasse de volta.

– Alô, Armando? Vi que você me ligou.

– Bancando a difícil doutora?

– Eu estava conversando com um paciente e estou muito velha para jogos. Eu não brinco, não banco a difícil, Armando! – Ela falou em tom irado, deixando claro que não havia gostado da afirmação dele.

– Eu sinto muito, Simone. Era uma brincadeira. Eu gostaria de confirmar nosso jantar hoje à noite. – Ele rapidamente mudou de assunto.

– Jantar confirmado, às oito, certo?

– Certo! Você gosta de frutos do mar?

– Adoro!

– Ótimo. Até às oito.

– Até às oito Armando.

Ela sabia que fora dura com ele, mas tinha um mau pressentimento sobre a maneira como ele obsessivamente tentara telefonar.

Eles desligaram e Simone decidiu ir correr. Um pouco de exercício sempre melhorava seu humor. Correu por uma meia hora e quando retornou tomou banho, lavou o cabelo e secou até ficar macio e brilhante. Teria ainda uma meia hora antes de se maquiar.

Simone se sentou na confortável cadeira de leitura, de couro macio, perto de sua cama, colocou os pés em um banquinho, acendeu a luminária de chão e retomou a leitura do diário. Este projeto em particular não se parecia muito com trabalho. Os diários de Lara se pareciam mais com a leitura de um romance – ainda que perturbador – e Simone não pode deixar de mergulhar nos eventos dramáticos.

O Diário de Lara

Como atrair uma garotinha ...

Algumas semanas depois da festa e de conhecer Arthur, Sabine veio me ver no meu quarto – coisa rara, com certeza e ainda mais raro ela estar de bom humor. Eu olhei para ela de canto de olho.

– Ei, Lara, eu acho que você tem um novo amigo – disse ela, quase cantarolando.

– Eu? Quem? – Levantei os olhos do livro que lia sobre a cama. Eu não imaginava do que ela falava porque eu não havia conhecido nenhum garoto recentemente.

– Arthur ligou para me perguntar se ele pode levar você para um passeio. Ele quer levá-la ao clube de golfe dele para tomar sorvete italiano ou algo assim. Ele disse que prometeu a você.

– Você está falando sério? – Sentei na cama com a surpresa.

– Você sabe o quão exclusivo é esse clube? Eu sempre quis ser membro, e você tem um convite para ir! Garota de sorte! – Sabine me deu um tapinha no ombro, estava animada como uma criança esperando pelo Papai Noel.

– É estranho... ele é velho demais para ser meu amigo.

Por que um homem muito mais velho do que eu, gostaria de me levar para um passeio? Eu não conseguia imaginar.

– Ele não é tão velho! E ele é adorável e tão educado! – E Sabine colocou as mãos ridiculamente em posição de oração, parecia uma garotinha excitada.

– Eu não acho que quero ir. Eu não o conheço. – Deitei novamente e peguei meu livro.

– Mas você irá e já, e então você vai conhecê-lo. Eu vou lhe dizer uma coisa, senhorita, a sorte não vai bater na sua porta duas vezes. – Eu não conseguia imaginar porque ela achava que eu tinha sorte de ser convidada para tomar sorvete, mas antes que eu pudesse questioná-la, Sabine voltou ao seu verdadeiro eu, uma mulher chata e mandona e abriu a porta do meu *closet*. Ela entrou, pegou um vestido e jogou para mim.

Eu a encarei entre surpresa e chocada. Desde quando ela escolhia as minhas roupas?

– Use isso, é bonito!

Larguei o livro, peguei o vestido – um modelo azul-claro, sem mangas, com uma saia plissada, decidi não discutir. Afinal, Sabine poderia ser uma mãe horrível, mas ela tinha um gosto excelente em roupas, e esse era um dos meus vestidos favoritos.

Quando Arthur chegou, eu estava pronta - polida, perfumada e o esperava, seguindo as ordens de Sabine. Eu não estava feliz com a ideia, mas ele chegou no carro conversível vermelho mais legal do mundo! Naquela época eu era louca por conversíveis e carros em geral. Ele abriu a porta para mim e quando eu entrei, encontrei uma pequena caixa de presente sobre o banco.

Hoje, quando olho para trás, posso separar meu ressentimento e posso dar-lhe crédito por ser inteligente. Ele sabia exatamente como ganhar minha simpatia.

– Um presente para uma menina bonita.

Eu abri a caixa amarela rapidamente e descobri que ele havia comprado cinco CDs! Todas as bandas mais populares da época. De todos os presentes que ele poderia ter comprado, ele conseguiu escolher o que eu amava acima de quase todas as outras coisas – música! Não me lembro dos nomes de todas as bandas, mas lembro-me que dois dos meus favoritos estavam dentro da caixinha: Roxette e New Kids on the Block. “Que cara legal”, pensei. Talvez Sabine tivesse razão pela primeira vez, e ele realmente fosse um cara legal.

– Obrigada, obrigada, obrigada, Arthur! Eu realmente amo todos eles! – Eu sorri para ele.

– Fico feliz. Agora vamos tomar aquele sorvete. Ele colocou os óculos de sol, abriu a capota do carro e arrancou.

Fomos ao clube de golfe que ele era sócio e ele comprou sorvete e conversamos. Ele era legal e não era nada chato. Se mostrava muito interessado em minha vida, meus gostos, como as coisas estavam em casa.

Do ponto de vista do rato, o gato estava farejando a toca do rato, a fim de descobrir seus pontos fracos, seus gostos e seus aliados, na esperança de usar as informações para atrair o bichinho para a ratoeira. Ele estava se preparando para jantar e eu seria o jantar. Mas esse

pensamento nunca passou pela minha cabeça naquela época. Só achei que ele era gentil e atencioso.

– Você tem muitos amigos? – Ele me perguntou, lambendo seu sorvete.

– Eu? Não... crianças da minha idade não gostam de mim."

– Por que não? Você é bonita e inteligente! – Lisonjear alguém é o melhor caminho para o coração dele ou dela. Pelo menos, foi para o meu. Hoje em dia não funciona mais, sempre desconfio de elogios, mas quando eu era uma menina, oh, como era bom ouvir um elogio.

– Eu acredito que é porque eu sou muito alta e porque gosto de ler mais do que de brincar.

– Você não é alta; você é perfeita. E a leitura é uma ótima maneira de passar o tempo. Você quer minha opinião? – Eu balancei a cabeça afirmativamente.

– Se é por isso que eles não gostam de você, eles são idiotas.

– Sim, eles são. – Lambi meu sorvete, que estava maravilhoso, o doce sabor de amoras escorrendo pela minha garganta.

Eu pensei um pouco sobre meus amigos e me lembrei de Emms.

– Eu tenho minha avó; ela é minha amiga.

– Não, garota, as avós não são amigas, são apenas... avós. Eles estarão ao seu lado se acharem que está fazendo a coisa certa, mas um amigo estará sempre presente, mesmo que você faça algo que pareça ruim.

Ele mudou o assunto e me contou sobre viver no exterior, sobre como ele tinha sentido falta de casa e como ele se sentiu sozinho depois de voltar para os Estados Unidos. Eu senti pena dele, sabia bem como era se sentir só. Olhando para trás agora, percebo que grande ator ele era!

– Então... Você pode se surpreender ao saber que eu não tenho muitos amigos também. – Ele olhou para mim e fez uma careta triste, torcendo a boca.

– Eu vou ser sua amiga e você pode me ligar quando se sentir sozinho.

– Obrigado, Lara! – Ele passou os dedos pelo meu cabelo.

Quando ele me levou para casa, eu já havia decidido que ele era legal, e eu gostava dele. Que erro...

Muitos passeios, sorvetes e presentes

Dois dias depois do nosso primeiro sorvete, Arthur me ligou.

– Ei, linda, estou aqui, triste e sozinho, e lembrei que você me disse que eu poderia ligar para você.

– Sim! Você está se sentindo deprimido? – Eu acabara de descobrir o significado da palavra e me senti madura e adulta usando-a.

– Um pouco. Você se sente deprimida às vezes?

– Sim, sinto.

– E o que você faz quando está se sentindo assim?

– Eu leio. Um bom livro pode me fazer esquecer todos os meus problemas. Você deveria tentar. – Eu me senti tão bem dando conselhos a ele.

– E você pode recomendar um bom livro para eu ler?

– Estou lendo “Lidando com dragões”; eu posso emprestar para você quando eu terminar.

– Seria ótimo. É sobre o que?

– Uma garota entediada que foge para viver com um dragão. É muito legal.

– Então você ama fantasias, como dragões e fadas?

– Mais dragões que fadas! – Lembro de ter achado estranho um cara da idade dele estar

interessado em dragões, mas ele interpretava o papel de “cara legal” muito bem, eu não tinha como saber que ele não estava sendo sincero.

Nós conversamos mais meia hora, e ele me agradeceu, me disse que ele não estava mais deprimido. “Legal”, pensei. Achei que tinha ganhado um amigo.

Arthur começou a me mandar toneladas de presentes. Nada muito caro, mas todas as coisas que mexiam com o coração de uma garota. De prendedores de cabelo a livros e CDs, dia após dia, recebia algo dele.

Todo dia era como o Natal, com ele por perto. Em um certo dia, ele me enviou um novo livro, exatamente do tipo que eu adorava ler. Chamava-se Castelos no Ar, e era sobre uma princesa chamada Flor da Noite e um tapete mágico. Liguei para ele para agradecer, pois Sabine insistia que eu fizesse isso cada vez que ele me enviava um presente.

– Ei, Artie – eu disse, usando o apelido que ele me pediu para usar.

– Ei, linda, o que houve?

– Obrigada pelo livro! Como você sabia que eu queria ler este aqui?

– Um passarinho me disse que você tinha terminado o Castelo de Howl em Movimento...

– Quem te contou?

– Um dragão...

– Fala sério!

– Verdade... um dragão... sua mãe me disse... – Eu ri muito. Ele era engraçado e eu estava me apegando a ele cada vez mais. Ele parecia me entender tão bem. Ele até sabia que Sabine era um dragão e quão complicado era meu relacionamento com ela.

Como agarrar um pássaro

Arthur costumava me ligar quase todas as noites, e pelo menos uma vez por semana saíamos para comer pizza ou tomar sorvete no seu conversível vermelho. Eu estava feliz porque Emms estava no exterior, e eu tinha alguém com quem falar que realmente parecia me entender.

Um dia ele me levou para um passeio, e como fazia tempo bom – e ele sabia que eu era louca por conversíveis –, abriu a capota. Fomos a uma estrada deserta.

– O que estamos fazendo aqui? – Olhei para a estrada vazia.

– Linda, você é muito alta para uma garota da sua idade, sabia disso?

– Sim, uma girafa, como as crianças falam. – Eu fiz uma careta, pensando no quanto eu odiava quando as crianças me chamavam assim.

– Não fique triste com isso. Você é linda e todas as crianças são uns gnomos invejosos. – Eu ri.

– E uma vez que você tem altura... eu acho que você poderia aprender a dirigir.

– O que? Você está brincando comigo? Mas isso é ilegal. Eu sou nova demais.

– Bem, sim, é ilegal para as pessoas da sua idade dirigir, porque se não fosse, todos os seus colegas anões gostariam de aprender e não conseguiriam alcançar os pedais e ainda ver o caminho! Mas tenho certeza de que você é alta o bastante; agora vem aqui. Mude de lugar comigo. Ele abriu a porta e deu a volta até o banco do passageiro, enquanto eu pulava sobre o câmbio e me sentava atrás do volante.

Minhas mãos estavam úmidas de excitação, me senti tão adulta, tão poderosa por estar atrás do volante de um carro. Difícil parar de sorrir. Ter controle total de uma máquina linda, ser capaz de nos conduzir. Foi uma sensação de liberdade única aprender a dirigir.

– Lara, você dirigiu muito bem! Mas você tem que prometer não contar a ninguém, ok? É nosso segredo! Os adultos não entenderiam, então vamos manter isso entre mim e você.

– Claro, Artie. Podemos fazer isso de novo?

– Semana que vem. Eu tenho que levar você de volta hoje, ou o dragão vai nos queimar.

Eu poderia imaginar. Sabine nunca aprendeu a dirigir. Ela disse que simplesmente não conseguia, tentou e falhou várias vezes, e uma vez ela bateu o carro nas latas de lixo. Se ela descobrisse que eu estava dirigindo, ela me mataria. Arthur estava certo: eu tinha que ficar de boca fechada.

De fato, tenho que dar crédito a ele. Por tamanho maquiavelismo! Ele começou me fazendo acreditar que eu podia confiar nele, mas que eu não podia confiar nos outros, e ele me ensinou que os segredos eram uma coisa boa se você os usasse, porque você estava se divertindo, e que os outros não entenderiam. Como meus terapeutas costumavam dizer, Arthur começou a criar laços comigo. Ou a minha volta.

CAPÍTULO IV



Simone – Dias atuais

“Sim, Arthur era definitivamente um predador inteligente”, pensou Simone. Pelo relato de Lara, Simone apostaria que ele havia atraído outras garotas. Ele sabia como atraí-las, como se relacionar com elas. Provavelmente, Lara não fora sua primeira vítima.

Ele ia devagar, mas insistentemente criando um relacionamento com a garota, ensinando-a a mentir, a esconder as coisas de sua família – um doente pervertido, na opinião de Simone.

Sem mencionar que naquela época – o que Lara descrevera acontecera por volta de 1990 – as pessoas não tinham uma noção tão séria sobre a pedofilia, ou seus pais teriam impedido um homem adulto de passear com uma menina tão frequentemente. Mas se a história continuasse na direção relatada por Mark-Carl, a mãe de Lara sabia muito bem o que acontecia. “Espere e veja”, pensou Simone. Ela deixou de lado o diário para se maquiar e se preparar para o encontro com Armando.

Ela precisava de uma pausa na intensidade dos escritos de Lara. Não era uma leitura fácil, e Simone se sentia como se estivesse sempre prendendo a respiração, com medo de descobrir o que aconteceria a seguir, toda vez que virava a página. Naquela noite, ela sairia para jantar com um homem bonito, e era nisso que ela queria se concentrar.

Quanto tempo passou desde que ela tivera um encontro? Muito tempo, com certeza, a menos que ela contasse encontros profissionais com clientes e parceiros de negócios, como encontros. Ela não esperava estabelecer nenhum tipo de relação com Armando, pela primeira vez na vida planejava viver o momento e achou a ideia altamente libertadora – “especialmente para alguém tão certinha quanto eu”, pensou ela.

Simone escolheu um vestido de seda azul sem mangas que tinha um decote profundo na frente e mostrava uma grande quantidade de pele, sem ser vulgar, em um estilo Envelope, que abraçava suas curvas com perfeição. Um ponto positivo resultante dos dramas da vida dela: ela havia perdido pelo menos dez quilos.

Um toque de maquiagem – ela não gostava de usar maquiagem pesada, apesar de no último sábado à noite ter feito uma exceção – brincos de diamantes, um belo anel e uma pulseira, seu perfume *Coco Noir*, e estava pronta para sair.

Infelizmente, ela descobriu que teria que esperar e simplesmente odiava esperar. Ao contrário do pai pontual, Armando aparentemente não dava muita atenção a pontualidade, para desespero de Simone, que tinha um caso de amor com o relógio. Vinte e vinte e ele ainda não chegara. Teria ele se esquecido do jantar deles, ou ele simplesmente tinha péssima educação?

Ela andava de um lado para o outro, fumegando de raiva, seu aborrecimento aumentava com o passar do tempo, quando ela finalmente ouviu a campainha da porta frente. Arami não estava em casa e as empregadas tinham ido embora às cinco horas.

Simone abriu a porta e se deparou com um homem muito charmoso, vestindo um blazer cinza-escuro, sobre uma camisa cinza-claro. Armando estava muito bonito, mas ela não iria perdoá-lo pelo atraso.

– Boa noite. Você está atrasado! – ela disse, esquecendo seus modos e dando a ele um olhar gelado.

– Boa noite – ele respondeu, e depois acrescentou rapidamente: – você está linda!

Ele não tinha intenção de se desculpar, em vez disso, ele pensou que poderia melhorar seu humor com elogios. Irritada pelo comportamento dele, ela suspirou e decidiu deixar passar,

não iria fazer uma cena; afinal, o relacionamento deles não era sério. Ela pretendia apenas se divertir, para variar.

– Vamos? – Ele perguntou e ofereceu-lhe o braço.

* * * * *

Eles foram a um restaurante chamado *La Cote*, um lugar agradável e moderno à beira-mar, cercado por abundante vegetação. Eles serviam frutos do mar ao estilo francês. Simone e Armando pediram ostras, junto com uma garrafa de *Bourgogne* branco.

– Simone, pouco antes de sair de casa, recebi um telefonema da minha querida prima. Ela me disse que se eu tocar em você ou lhe molestar, ela vai me matar. Você acredita nisso? O que ela pensa que eu sou? Algum tipo de maníaco? Ela também me contou tudo sobre o que aconteceu com você. Que loucura! Eu ouvi sobre o *serial killer* na TV, é claro, mas eu não liguei a história a você.

E ele continuou falando sobre o sequestro dela – outro ponto contra o homem – falava demais para o gosto de Simone.

– Eu prefiro não falar sobre isso, se você não se importa. – Simone pôs a mão sobre a dele na esperança de que se calasse, de jeito nenhum ela iria estragar uma noite que poderia ser agradável, discutindo um tema que ainda tinha o poder fazê-la tremer.

Uma brisa leve soprava com um odor marinho de sal e areia, o tempo estava bom e no céu as primeiras estrelas apareciam – ela se concentraria no bom da vida e esqueceria o lado ruim.

– Tudo bem, mas eu queria lhe dizer que agora eu entendo porque você agiu do jeito que você fez na outra noite.

“Que maravilha!”, ela pensou. Tinha sido ingênua em pensar que ele não mencionaria a danceteria.

– Galões de vinho branco poderiam explicar isso melhor e também porque eu percebi que a vida era muito curta para não tentar algo novo. Má sorte foi eu decidir correr o risco e ter uma aventura casual, só para tropeçar nela dia seguinte.

– Foi ótimo, e estou feliz que eu fui sua aventura! – Ele sorriu.

Cara sutil, ela pensou, seu rosto ficando quente de vergonha.

Eles mal começaram a noite juntos e ela já se sentia um pouco desconfortável. Mas talvez ela tivesse perdido a prática de encontros.

– Armando, deixe-me explicar algumas coisas para você. Eu sou uma mulher de quarenta anos. A maior parte da minha vida vivi para o meu trabalho e para estudar o cérebro humano. Eu não sou uma mulher aventureira. Eu não faço sexo casual – ou melhor, eu não fazia–, e estou sofrendo de transtorno de estresse pós-traumático. Nada disso explica meu comportamento na outra noite, mas acho que é justo que eu lhe explique.

Ele riu.

– Acalme-se. Eu fiz minha pesquisa. Eu sei quem você é, e estou feliz que você decidiu ter essa aventura comigo. Eu entendo que você estava embriagada, mas eu também estava! Então não se preocupe, ok? Não vou brincar de homem das cavernas e arrastar você para o banheiro depois do jantar. – Simone teve que rir ao imaginá-lo agarrando seus cabelos e arrastando-a para o banheiro.

No final, ela estava feliz por ele ter mencionado o que havia acontecido entre eles. A conversa deles limpou o ar e, depois disso, o jantar transcorreu muito bem. Ele tinha um ótimo senso de humor e contava histórias interessantes e divertidas sobre seu país e sua família. Ele contou a ela que tinha dois filhos e havia passado por um divórcio muito complicado.

No momento em que saíram do restaurante, eles estavam conversando e rindo, ela se sentia leve pelo álcool que consumira. Ele tinha sido o companheiro perfeito para a noite. Ele dirigiu seu BMW X6 preto diretamente para o apartamento de Arami, sem perguntar a Simone se ela preferia que eles fossem para outro lugar. Quando eles chegaram, ele desligou o motor e se virou no assento para olhar para ela.

– Você é uma mulher bonita. Estou feliz que tenha aceitado jantar comigo esta noite. Você foi uma excelente companhia. E passou a mão levemente por sua face em um carinho.

– Graças a você, Armando, tive uma ótima noite e não pensei nos meus problemas. Você também foi uma ótima companhia.

Armando se inclinou e deu-lhe um leve beijo nos lábios, depois saiu do carro e deu a volta para abrir a porta para ela, lhe estendeu a mão e ajudou-a a sair, e então, como um perfeito cavalheiro, a acompanhou até a porta da frente, abriu-a para ela e esperou que ela entrasse e não tentou segui-la.

– Obrigada pelo jantar, Armando.

Engraçado, considerando como a noite tinha começado, ela estava se sentindo um pouco triste agora para ver o encontro deles chegar ao fim.

– Obrigado pela companhia. Eu gostaria de ver você novamente.

– Claro, me telefone. E tenha uma boa noite.

– Boa noite, minha querida! – Deu-lhe mais um beijo rápido nos lábios e saiu antes que ela pudesse reagir.

Ela não sabia se estava decepcionada por ele não tentar dormir com ela ou se sentia ótima porque ele a tratara como uma dama. Se ela fosse honesta consigo mesma, teria que admitir que se sentia decepcionada!

Quando chegou no apartamento, abriu a porta, entrou e fechou-a; virou-se e seu coração acelerou ao ver um vulto, até perceber que era apenas Arami sentada na sala de estar, na penumbra. Ela usava uma longa camisola dourada. Obviamente, ela estava esperando Simone chegar do encontro.

– Deus, você me assustou! Eu não esperava encontrar você sentada aí! – As pernas de Simone ainda pareciam gelatinosas.

– Desculpe, garota, não quis assustar. Venha aqui – disse ela, batendo no sofá ao seu lado. – Como foi? Você precisa me contar tudo!

Simone atravessou a sala e sentou-se no sofá de veludo creme ao lado de Arami.

– Bem, nós fomos a um restaurante chamado *La Cote* e comemos ostras.

– *Dios mío!* Eu não quero ouvir todos os detalhes chatos. Apenas as partes quentes. – Arami disse, agitando as mãos no ar.

– Sem partes quentes, Ara... Nós só tivemos uma boa conversa, tomamos um bom vinho e comemos uma boa comida.

– Com o meu primo? Eu não acredito! Ele é o assunto de Assunção. Ele era um *Don Juan*, mas depois ele casou e se acalmou. Mas agora que está divorciado, voltou aos hábitos antigos. Eu tinha certeza que você teria uma noite *caliente*, apimentada.

– Lamento desapontá-la. – Simone disse com uma risada. – Tivemos uma boa noite, mas nem uma pimenta à vista. Infelizmente.

– Você tem certeza que saiu com meu primo? – Arami sorriu de lado e perguntou.

– Hum, me deixa pensar...moreno, alto, bonito...sim, era ele.

– Bem... – Arami suspirou e se mexeu no sofá. – Se foi assim, então eu posso lhe dizer, minha amiga, ele deve realmente gostar de você. Eu sei disso porque quando ele gosta de

alguém, ele espera... ele é muito bom no jogo da sedução.

Simone balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Eu estou indo embora no domingo. Tenho que continuar minha vida e não vou começar um relacionamento a longa distância. Eu não acredito neles.

– Eu acredito. E, além disso, por que você está partindo tão cedo?

– Hora de encarar a realidade. Meus pacientes realmente precisam de mim. Eu não posso ficar de férias para sempre. Sinto-me muito melhor agora. Você me ajudou muito, minha amiga

– Não, não e não! Fique, Simone! Você precisa de um descanso!

– Eu já tive um descanso. Agora, é hora de eu voltar, encarar a vida real, ou nunca vou me livrar desses sentimentos que ainda me assombram.

– Eu acho que entendo. Mas aqui vai um conselho: não pense tanto no futuro e dê uma chance ao meu primo. No meu país dizemos que não conhecemos os planos de Deus. Quem sabe o que o amanhã trará?

– Isso é verdade... – Para as pessoas que acreditavam no destino e no acaso, e Simone não acreditava nem em um, nem em outro.

– Eu vou dormir agora – disse Arami. Deu um tapinha no joelho de Simone, um beijo em seu rosto e se levantou – Eu tenho uma cirurgia cedo amanhã.

“Os planos de Deus...”, Simone suspirou. Ela era agnóstica – nenhum plano de um ser superior para ela, apenas a vida real. Ela gostaria de ser capaz de encontrar consolo na ideia de algum ser onisciente que estava sentado em algum lugar, olhando para ela, mas tinha uma mente científica e contava consigo apenas e em seu julgamento. Seus instintos lhe diziam que Armando era um problema. Um grande problema, e ela não precisava de mais turbulência em sua vida naquele momento.

* * * * *

Simone dormiu até às 9:00 da manhã e, milagrosamente naquela noite não teve nenhum pesadelo. Levantou-se, tomou um banho, escolheu um short e uma camiseta e foi para a cozinha. Ela tomou um café da manhã consistente, com ovos, bacon, cereais e uma xícara grande de café, descobriu que estava com fome o suficiente para comer cada bocado, o que era uma novidade para ela ultimamente.

Depois do café da manhã, ela foi para o quarto, que encontrou arrumado – a cama feita e as almofadas afofadas. Ela agradeceu mentalmente à super eficiente e praticamente invisível empregada de Arami, Eliza, que não se encontrava mais por lá.

Simone pegou o diário de Lara na mesinha de cabeceira, colocou a garrafa de água mineral que trouxera da cozinha em uma mesa baixa próxima, e sentou-se confortavelmente na grande poltrona de couro. Suspirou profundamente e abriu o diário. “De volta ao drama...”.

O Diário de Lara

Mais segredos ...

Lembro-me de um dia, logo depois que aprendi a dirigir, quando estava na aula de biologia, sonhava acordada, como de costume e senti uma presença por cima do meu ombro. Olhei para trás e, em seguida, tentei cobrir o desenho que estava rabiscando em meu caderno, desenhava um conversível vermelho-vivo. Mas já era tarde demais... A professora me pegou, e como essa não foi a primeira vez, ela me mandou para o diretor, um homem cujos óculos grossos

faziam com que ele parecesse um sapo velho de olhos arregalados. Depois de me dar um sermão por vinte minutos, ele ligou para Sabine e eu tive que enfrentar outra tempestade em casa.

– Vá para o seu quarto e um passo para fora e você vai ficar de castigo lá a semana inteira. – Sabine me disse.

“Ok”, pensei, “não tem problema”. Eu leria um livro ou escreveria meu diário, mas dez minutos depois, Sabine apareceu de novo na minha porta.

– Lara, Arthur está no telefone. Vá dizer oi para ele.

– Eu não posso!

– Por que não? – disse ela, com o braço na cintura

– Porque eu não posso sair do meu quarto, lembra? – Eu amava irritar Sabine.

– Saia do quarto e atenda o telefone neste instante! – Ela às vezes perdia seu verniz elegante e gritava como uma estivadora. Ela apontou para a porta com o dedo em riste e eu saí.

– Oi, Artie. – Eu falei, girando o fio longo e enrolado do telefone que ficava no corredor do andar de cima.

– Olá, linda. O que foi toda a discussão com sua mãe que eu ouvi agora?

– Você ouviu? Ela me trancou no meu quarto e depois me disse para sair e atender ao telefone.

– De castigo de novo, Lara? O que você fez desta vez? – ele riu.

– Zero! Nada! Eu estava desenhando durante as aulas de biologia, e aquela professora feia me pegou.

– Ei, presta atenção. Você tem que ter mais cuidado. Lembre-se sempre do que lhe falei sobre adultos. Eles não podem saber o que fazemos ou estragam toda a nossa diversão.

– Mas você é um adulto e você é legal.

– Naaaa, eu vou lhe contar um segredo. Apenas meu corpo cresceu. Dentro de mim há uma criança mais nova do que você, sendo mantida em cativeiro. – Eu comecei a rir, imaginando um menino trancado dentro do corpo de Arthur.

– Não conte aos adultos – ele repetiu – eles não entendem!

– Não, eles não! Emms, no entanto, é como você, legal e divertida.

– Quando ela volta? Você sente falta dela?

– Eu não sei. Ela está na França há algum tempo. Às vezes, ela vai lá para e, sim, sinto muito a falta dela. Ela me escuta... ela é minha amiga.

– Ei, eu estou magoado. Eu sou seu amigo! Eu ouço você. – Ele soava indignado, mas eu sabia que estava brincando

– Sim, você é! E você também é divertido!

– Ok, garota, se comporta, tudo bem? Eu vou falar com sua mãe para que você não tenha que voltar para o seu quarto.

– Eu não me importo. Eu vou ler em paz. Ela não gosta de me ver lendo; ela diz que não é normal que uma garota da minha idade leia muito. Quando ela me põe de castigo, eu posso ler sem ter que ouvir ela falando isso.

– Menina esperta! Minha pequena intelectual, eu tenho orgulho de você.

Arthur havia criado o hábito de me tirar de problemas. Ele falaria com Sabine e resolveria as coisas. Até hoje, eu ainda não sei ao certo se ele a convenceu a me deixar sair do meu quarto ou se eles estavam em conluio, jogando algum tipo de jogo obsceno de policial bom e policial mau. Olhando para trás agora, e conhecendo os dois como eu os conheço, a segunda opção parece mais razoável.

Uma pessoa em quem confiar

Meu irmão é gay, e ele começou a mostrar suas inclinações muito cedo na vida. Ele adorava brincar com bonecas, era delicado e não era agressivo ou bagunceiro como a maioria dos garotos.

Meus pais o proibiram de brincar com bonecas e eu sentia pena dele. Por que ele não podia brincar com elas se quisesse? Eu não conseguia ver nada de errado com aquilo ou entender por que era importante, então sempre que eu podia – e quando Sabine não estava por perto – eu permitia que ele brincasse com minhas bonecas.

Ele era muito inteligente e doce e eu adorava brincar com ele.

– Você é legal, Lara. Eu adoro sua boneca, ela é loira e bonita como você.

– Ei, Sean, só não deixe papai e mamãe saberem, ok? Ou nós dois vamos terminar de castigo. – A essa altura, eu aprendera com Arthur que os segredos eram muito bons e que as coisas boas deveriam ser mantidas longe dos adultos.

– O que seus pais não podem saber e por que vocês dois ficariam de castigo? – Meu coração quase parou pensando que Sabine estava atrás de nós, mas era apenas Dorothy, a babá das crianças, e sempre podíamos contar com ela para nos ajudar.

– Puxa, Doty! Você quase me matou do coração! Por um minuto, achei que você fosse a mãe!

– O que vocês dois estão fazendo?

– Só brincando com minha Barbie. Sean aqui está costurando umas roupas legais.

– Pelo amor de Deus, Lara! Sua mãe vai me matar se ela descobrir isso!

– Se você não contar, ela não vai descobrir. – Eu aprendi muito bem com Arthur que um bom segredo era um grande triunfo, e você pode convencer as pessoas a mentirem por você. Eu ainda não sabia disso, fazia inconscientemente naquela época.

– Eu não vou contar, é claro, mas tomem cuidado, vocês dois. E você, homenzinho, é hora de tomar um banho e fazer um lanche.

– Eu quero chocolates!

– Não, nada de chocolates. Mas vou te dar um bom sanduíche de manteiga de amendoim.

– Com geleia?

– Claro, garoto – disse ela pegando Sean no colo.

– Ei, Lara, quase me esqueci, há outro presente daquele tal Arthur para você.

– Mesmo?

– Sim, está na cozinha, mas, Lara... você precisa ter cuidado com esse cara, ok? Ele é muito velho para brincar com uma criança como você.

– Não, Doty, ele é ótimo! Tão legal, como você e Emms. Ele não é chato como a maioria dos adultos é.

– Sim, mas se ele fizer alguma coisa estranha, você me conta, ok? Você sabe que pode confiar em mim!

– Claro, Doty, ele não é estranho, e não conte à mamãe sobre Sean brincar com a Barbie, ok? Você sabe como os adultos são.

– Sim, pessoas complicadas... não se preocupe, é o nosso segredo. – Ela piscou para mim, sorriu e saiu levando Sean.

Como eu me lembro dessa conversa agora, tenho que me perguntar por que a babá sabia que coisas ruins poderiam vir da minha “amizade” com Arthur, mas meus pais pareciam ignorar?

Mas naquela época, imaginei que a Doty estivesse errada. Ainda assim, ela também era uma ótima pessoa, e eu realmente gostava dela, então eu arqueei seu conselho em um canto da minha mente, apenas para o caso de precisar

CAPÍTULO V



Simone – Dias atuais

Simone bebeu um pouco de água, tirou os óculos de leitura e pôs o diário de lado. Lara provavelmente estava certa – o volume de castigos que ela vinha recebendo poderia estar ligado a algum tipo de acordo entre Arthur e Sabine. Dois doentes. O comportamento de Sabine era muito gelado para ser normal; ela tinha traços de psicopatia – fria e determinada a ter o que queria, não importa o que precisasse fazer –, e Arthur, um pedófilo, com certeza.

A babá tinha visto o que estava acontecendo – ou pelo menos via a possibilidade de problemas e tentara avisar Lara – mas as crianças geralmente não têm o julgamento necessário para desconfiar das pessoas, e Lara gostava de Arthur, então nenhum conselho teria feito tido muito efeito.

No dia seguinte, Simone conversaria com Carl e lhe daria as primeiras impressões. Ela mandou uma mensagem para agendar uma hora e ele a respondeu alguns segundos depois.

“Quão ansioso ele está para resolver o quebra-cabeça do passado de Lara, pensou Simone. E por que eu sinto tanta inveja disso?”

Ela decidiu tomar um pouco de sol, se trocou e foi para a praia, mas sua pele era muito clara, e ela não podia ficar exposta ao sol por muito tempo. Depois de meia hora, voltou ao apartamento, tomou um banho, vestiu um belo vestido vermelho, pegou um táxi e foi ao shopping comprar um vestido novo e um par de sapatos. Ela precisava de um pouco de shopping-terapia. Em quarenta e cinco minutos ela comprou tudo o que queria e voltou para o apartamento.

Às dezesseis horas ela telefonou para sua filha Tammy, que estava na França para um programa de intercâmbio. Era noite na França; o horário europeu estava pelo menos cinco horas na frente do americano, e Simone encontrou sua filha em casa.

– Olá, amor, estou com saudades. – A saudade que Simone sentia de sua única filha cortava fundo, mas fez o melhor que pôde para esconder suas verdadeiras emoções.

– Oi, mamãe, saudades de você também. Como você está? Estou tão preocupada com você!

– Não fique, Tammy. Eu estou bem, e para provar vou lhe contar um segredo: ontem eu jantei com um homem lindo. – Tammy e Simone tinham um relacionamento muito próximo. Agora que sua filha era quase adulta, Simone a tratava mais como uma amiga, e elas tinham fortes laços de confiança.

A mãe de Simone sempre fora distante e fria, e mesmo que Simone pensasse que herdara mais da natureza desinteressada de sua mãe do que gostaria, tentava ser a mais calorosa possível com a filha.

– Um encontro? Mesmo? Que legal! Como ele é? – Simone conversou com Tammy por mais alguns minutos, contando-lhe do encontro com Armando. Quando desligaram, Simone verificou a hora. Ela tinha menos de uma hora antes de estar pronta para sair jantar com Arami, foi tomar um banho rápido apenas para se refrescar. Na iminência de terminar as férias, Simone planejava aproveitar ao máximo cada minuto.

* * * * *

Na manhã seguinte, o general voltou para outra consulta com Simone. Ele chegou

exatamente na hora, pontual, ao contrário do filho. Claro, Cezar havia sido militar, e eles eram conhecidos por serem pontuais. Simone realmente gostava desse aspecto da personalidade do homem.

Ele apareceu vestido impecavelmente, como sempre, vestia um terno de verão, de cor creme, o cabelo cuidadosamente penteado e alisado com algum tipo de gel. Ele estava extremamente elegante e, quando entrou no apartamento, ela sentiu uma onda de perfume. Ele tinha setenta anos, mas poderia passar por cinquenta. Até a pele dele era impecável. Simone imaginou que ali haveria algumas injeções de Botox ou até mesmo uma cirurgia plástica.

– Bom dia, Cezar! Como você está? Como você se sentiu depois da nossa primeira consulta? – Ela o cumprimentou estendendo a mão.

– Bom dia, doutora! Eu tenho pensado muito... rememoro a minha derrota política. Eu devo admitir, deixa um gosto amargo na minha boca.

– Bem, vamos para a biblioteca onde ficaremos mais confortáveis, para que possamos conversar?

Ele a seguiu pelo corredor e entrou em seu consultório improvisado.

– Sente-se. – Ela apontou em direção às poltronas em frente a escrivaninha, em seguida, deu a volta para se sentar na cadeira atrás dela.

Ela esperou até que ambos estivessem sentados e perguntou:

– Por que você quer ser presidente? Eu entendo o poder, mas você é um homem de sucesso. Por que se sujeitar a todo aquele estresse adicional?

– Eu nunca quis o poder. Na verdade, gostaria de ajudar meu povo. Nós tínhamos grandes ideais. O general Ovedo seria o presidente, meu irmão o ajudaria, e eu ajudaria meu irmão, mas Ovedo morreu, então meu irmão iria concorrer a presidente e eu seria seu braço direito, mas depois ele foi morto. Quando isso aconteceu, decidi continuar com nossos planos. Minha terra natal é linda, doutora, mas também é muito pobre. Cerca de cento e cinquenta anos atrás, tivemos uma guerra terrível que destruiu o país. Então veio uma ditadura que durou tempo demais. Eu estava no exército e fazia parte de tudo isso e até hoje me arrependo de estar envolvido. Então, eu queria corrigir meus erros, para ajudar meu povo a voltar ao caminho certo.

– Isso é muito nobre da sua parte. Mas você já não ajudou seu país? Quero dizer, você ajudou a reverter o sistema ditatorial, não é?

– Militares seguem ordens, doutora. Somos muito bons em obedecer, mas o general Ovedo, meu irmão e eu, vimos que o país não estava progredindo. O velho ditador ia morrer ocupando a presidência e começamos a pensar em uma solução. No final, decidimos que o que precisávamos era uma democracia, então começamos a reunir um exército para tomar o poder.

– Como foi isso? – Simone nunca tinha conhecido alguém como ele, e ela estava curiosa.

– Para encurtar a história, um dia – e lembro-me disso como se fosse ontem – o general Ovedo, alguns colegas meus, junto com meu irmão, entraram na sala do velho general, com as armas na mão. Ovedo levava uma granada. Eles pegaram o general e o colocaram em um avião. Eu era o piloto, e o levamos para fora do país em busca de asilo. E esse foi o começo da nossa democracia.

– Muito arriscado.

– Sim, poderíamos ter sido enviados para a prisão por alta traição, mas o país estava cansado da tirania e Deus estava ao nosso lado.

Ele apontou para o teto, mostrando que acreditava em uma entidade superior.

– E então você entrou na política?

– Não. Não imediatamente. Eu passei a ser exatamente como Armando – um executivo à

frente dos negócios da minha família, mas com a democracia vieram problemas sérios, como a corrupção. Oh, sempre estive lá, mas mais controlada. Havia falta de segurança, falta de direção... Então meu irmão decidiu concorrer à presidência, substituindo Ovedo depois de sua morte, e ele me queria ao seu lado, então entrei na arena política, mas ainda no meu papel de empresário. Eu viajei para o exterior; fiz alianças com empresários e agricultores. Eu estava convencendo investidores estrangeiros a investir no país. Eu era o homem nos bastidores.

– Você deveria tentar de novo, Cezar. Esse é o seu sonho.

– Foi o que eu pensei também, e é por isso que comecei a fazer campanha novamente, logo após as eleições. Mas então eu fiquei tão cansado e tenho que encarar a realidade, doutora. Eu estou velho. As eleições serão este ano. Eu não sei se vou encontrar energia para enfrentar tudo isso de novo. – Ela balançou a cabeça.

– Não desista. Tente novamente. – Claramente, o general tinha tudo para ganhar a eleição se quisesse fazê-lo. Ele estava em excelente saúde e sem dúvida tinha grandes planos para o seu país. Ele lideraria com um punho de ferro, mas isso era outro assunto, ela pensou.

– Eu estou velho. As pessoas não querem um homem velho. O atual presidente é jovem, tem cerca de cinquenta anos, é um bom presidente, sabe como fazer o país crescer. Tenho que me resignar à ideia de que estou terminado, acabado, destruído...

– Envelhecer lhe assusta?

– Envelhecer me apavora! Não há nada pior do que a flacidez da pele, as rugas poluindo o rosto! E a cada novo dia vejo mais evidências de que estou chegando perto da porta da morte. Meu rosto está rachando como a terra sob o sol quente. Eu pareço um vaso quebrado que alguém tentou consertar. – Ele olhou para Simone e franziu a testa. – Eu me sinto como uma fruta podre que perdeu sua exuberância e gosto. Eu sinto como se estivesse murchando um pouco mais a cada dia, mas o que me faz sentir pior é saber que não consegui tudo que queria fazer da minha vida.

Simone resolveu não comentar o discurso excessivamente dramático do homem. Em vez disso, ela disse:

– Então concorra, Cezar.

– Não – ele balançou a cabeça. – Eu sou um homem velho e ninguém quer um homem velho. Basta olhar para a nossa sociedade. As pessoas tratam os idosos como se fossem uma maldita praga, como se fosse nossa culpa ficarmos mais velhos, como se fosse ofensivo desfilar com nossos rostos velhos e feios. Dói, doutora; você não pode imaginar como é amargo ser atropelado pelos anos.

O general colocou a mão sobre o coração e seu rosto era uma máscara de dor e sofrimento. Para surpresa de Simone, lágrimas encheram seus olhos. Sem dúvida, a questão sexual dele estava ligada à sua incapacidade de aceitar o fato de que ele estava envelhecendo. Isso, e ele obviamente estava passando por uma depressão. Algumas pessoas tinham dificuldade em lidar com o processo de envelhecimento.

Simone teve que lidar com o envelhecimento – o que era ainda mais difícil para uma mulher nos dias de hoje. Havia uma enorme diferença entre como o mundo tratava uma mulher de vinte anos e como lidava com uma mulher de quarenta anos. A vida poderia ser dura se a pessoa não puder aceitar o fato de que todo mundo fica velho, mais cedo ou mais tarde, queira ou não.

– Cezar, você está deprimido; isso é óbvio

– Você pode estar certa, doutora. Mas às vezes, sinto que isso é carma, algum tipo de vingança pela forma como tratei as pessoas mais velhas. Eu tinha pouco respeito por eles quando

eu era jovem. Claro, nunca pensei que envelheceria. Quando somos jovens, a juventude parece eterna; nós nunca morreremos. A velhice é o deboche da vida.

– Se é de algum consolo para você, muitos jovens sofrem da mesma patologia; não era só você.

– Obrigado por dizer isso...

– Eu vou prescrever alguns antidepressivos para você.

– Isso é necessário?

– Eu acredito que é. – Eles discutiram vários medicamentos e escolheram um para ele começar a tomar para combater sua depressão. Eles concluíram a sessão e, depois de concordar em ver o general novamente em alguns dias, Simone se despediu. Ela tinha a sensação de que havia algo além das eleições perturbando o homem, mas só o tempo provaria se ela estava correta ou não.

Depois que o general saiu, seu motorista foi até a porta para pagar a sessão. Simone tomou algumas notas e salvou no arquivo que criara para Cezar. O resto do dia dela estava livre, e então ela decidiu ler um pouco mais sobre Lara.

Mal havia se acomodado na poltrona de leitura de seu quarto quando o telefone tocou. Ela atendeu com um sorriso satisfeito.

– Alô, Armando.

– Alô, Simone. Como você está hoje?

– Ótima! E você?

– Muito bem, obrigado. Que tal jantar?

– Claro, vamos aproveitar o resto das minhas férias.

– Posso buscá-la às vinte horas?

– Minhas vinte horas ou as suas?

– Desculpe? Não entendi o que você disse.

– Vinte horas para mim são vinte horas. Para você, isso significa vinte e trinta, talvez vinte e quarenta e cinco. – Ele riu.

– Eu não vou me atrasar, eu prometo.

– Hum... Estou para ver. Até mais tarde então.

– Até mais, Simone. E prometo, sem atrasos. – Simone sofreu uma pontada de culpa por admoestá-lo sobre chegar na hora, mas depois pensou, e daí? Ela estava cansada de ser a boazinha e educada e ter que aguentar a má educação dos outros.

Simone voltou sua atenção para a pilha de folhas impressas que tinha no colo, sentindo-se feliz com a perspectiva do jantar naquela noite.

O Diário de Lara

De vez em quando, Arthur me levava ao cinema. Em um dia em particular, ele me levou para ver um filme adulto. Com a minha altura, ninguém poderia dizer que eu era menor de idade. O nome do filme era *Ghost* e havia algumas cenas que me deixaram meio envergonhada de estar com ele, mas Arthur teve o bom senso de não dizer uma palavra.

– Lembre-se, Lara – ele falou depois do filme, com o dedo apontado para mim

– Se alguém perguntar, fomos ver *Gremlins II*! – Terminei a frase para ele rindo. Mas eu não estava preocupada. Sabine nunca perguntava nada sobre meus passeios com Arthur e meu pai sempre estava ocupado trabalhando e não tinha ideia do que eu estava fazendo. Na visão do meu pai, ele fazia a parte dele, trabalhando para pagar as contas, e minha mãe fazia a dela, cuidando de seus três filhos. Mas como meu pai estava enganado...

– Garota esperta! – Arthur me disse. Quando ele me deixou em casa, ele se inclinou para perto, beijou-me na bochecha, acariciou meu cabelo e cheirou meu pescoço. Eu senti um calafrio.

– Perfume maravilhoso! – disse ele.

– Se chama “*Beautiful*”.

– Como a mulher usando isso. – Eu não pensei muito sobre o comportamento dele naquela noite e nem para o fato de ele me chamar de “mulher.” Para mim, estava tudo bem um amigo apreciar meu perfume. Eu não tinha como prever que este havia sido o primeiro passo, o primeiro vislumbre de nuvens escuras no horizonte, que se transformaria em uma bela tormenta.

Eu não sei o que está acontecendo

Depois de um tempo comecei a ver Arthur como meu melhor amigo. Eu podia falar com ele, eu ria com ele, e ele era uma pessoa legal. Eu não o via como um adulto, mas como um amigo mais velho.

Uma tarde, ele ligou e me convidou para dar uma volta. Foi um dos últimos dias quentes de setembro e me lembro que ele havia comprado um carro novo, outro Mercedes conversível, preto dessa vez, e queria que eu o dirigisse. Eu fiquei tão feliz! Eu adorava dirigir, e podia fazê-lo com perfeição depois de apenas algumas aulas práticas. Eu perguntei a minha mãe se eu poderia ir. Ela estava na sala folheando uma revista.

– Sim, claro, use um vestido bonito. Ela disse sem levantar o olhar da revista e sem sequer olhar em minha direção.

Escolhi um vestido sem alças – pequenas flores vermelhas em um fundo branco –, apliquei um pouco de gloss nos lábios, acrescentei algumas borrifadas do meu perfume e fui esperá-lo.

Ele chegou pouco depois, vestindo bermudas e uma camisa polo azul, e embora ele tenha me dado seu sorriso habitual, seu rosto estava crispado, pequenas rugas ao redor dos olhos, algo estava errado.

Ele me deixou dirigir por algum tempo e depois fomos para o Rock Creek Park. Ele estacionou o carro e saímos para passear perto do lago. O tempo todo ele ficou em silêncio, e quando paramos na beira do lago, ele pegou algumas pedras e começou a jogá-las na água, fazendo círculos cada vez maiores na superfície.

– Você está triste? – Eu finalmente perguntei, já estava ficando inquieta.

– Não, querida, apenas pensando.

Andamos um pouco mais e ele nos comprou sorvete e depois voltamos para o carro. O parque estava vazio, então nos sentamos lá ouvindo música e lambendo nossos sorvetes.

O sol não estava muito forte, mas ele me disse que iria fechar a capota e ligar o ar-condicionado para que o nosso sorvete não derretesse. Depois que ele fez isso, ele se virou e olhou para mim.

– Você tem sorvete no canto da boca. Ele estendeu a mão e limpou com o dedo, em seguida, ele lambeu a ponta do dedo. – Por alguma razão, achei engraçado e ri.

– Ah, Lara, você é linda! Como posso resistir a você? – Eu não entendi o que ele quis dizer, mas antes que eu pudesse responder, ele se inclinou e me beijou nos lábios. Eu não sabia o que fazer. Eu nunca tinha sido beijada antes! Eu não queria que Arthur me desse meu primeiro beijo – éramos amigos!

Eu tentei afastá-lo, mas ele segurou minha cabeça e puxou meu cabelo, e eu não conseguia me mexer. Meu coração estava batendo rápido e minhas pernas ficaram moles como

geleia.

– O que você está fazendo, Arthur?

– Eu parei de resistir a você, sua pequena feiticeira. – Então ele começou a me beijar de novo, enquanto mantinha minha cabeça presa, segurando firmemente meu rabo de cavalo. Ele inclinou minha cabeça para trás usando o cabelo e beijou meu pescoço e meu peito, e eu não sabia o que fazer. Eu estava com medo e ele não me soltava. Ele respirava com dificuldade, e me beijava em todos os lugares, e eu queria fugir. Eu estava ficando desesperada.

Meu vestido era sem alças e tinha um elástico segurando-o no peito. Ele puxou para baixo e pegou um dos meus seios pequenos e depois começou a lambe-los. Meu cérebro adolescente não conseguia compreender por que ele estava chupando meus seios como um bebê.

Eu fiquei tonta, minha respiração curta, meu estômago dava voltas, e eu estava tremendo. Ele gentilmente mordeu meus mamilos e então os lambeu novamente, fazia isso alternando de um lado para o outro. Tentei empurrá-lo, mas ele era forte demais.

– Nem pense nisso. Fique quieta.

Não sabia mais o que fazer, só rezava para que ele se apressasse e terminasse o que quer que estivesse fazendo se eu obedecesse, fiquei quieta e imóvel. Ele subiu meu vestido e colocou a mão dentro da minha calcinha e tocou minha perereca! Fazia círculos com as pontas dos dedos, e eu fechei os olhos completamente envergonhada e surpresa.

Então ele colocou um dedo dentro de mim. Doeu e gemi de medo e dor. Arthur deve ter acreditado que já tinha ido longe demais, porque ele parou e se recostou no banco, arfando. Eu estava tão envergonhada que não conseguia olhar para ele.

– Você é linda, Lara!

Ele ajudou a arrumar meu vestido, meu cabelo e eu ainda não conseguia falar, estava petrificada, congelada de medo e vergonha.

Ele abriu o porta-luvas e me deu uma caixinha embrulhada em papel prateado com um laço cor-de-rosa. Minhas mãos tremiam tanto que não consegui abri-la, então ele abriu para mim. Era uma bela pulseira de ouro com um pingente de coração.

– Isso é para celebrar nosso amor, querida. Para você saber que sou louco por você.

– O que aconteceu, Arthur? – Falei com a voz trêmula

– Algo lindo entre nós. Estamos nos unindo e nos uniremos ainda mais. Você vai ser minha para sempre.

– Mas por quê?

– Porque nos amamos.

Amar? Eu não sabia o que o amor significava! Até hoje, eu não sei, mas certamente, eu não o amava; ele era meu amigo. Eu não conseguia entender porque um amigo faria as coisas que ele fez comigo. Emms tinha sido clara – apenas adultos faziam essas coisas e só quando se amavam!

– Você não pode contar isso para ninguém, querida. Você sabe como os adultos são; eles nunca entenderiam. Bem, eles até poderiam entender, porque eles adoram fazer isso que acabamos de fazer, mas eles dizem que não, apenas para sacanear. Eu amo você!

– Eu não posso nem falar com Emms? – Eu não conseguia encará-lo. Em vez disso, eu estava olhando para as minhas mãos no meu colo, que eu torcia.

– Não, claro que não. Ela não vê a mulher que vejo em você. Ela dirá que você é muito jovem. É um dos nossos segredos, certo? – Ele colocou a mão sobre a minha, que estava gelada. Eu não falei nada. Eu estava com medo de que ele comesse a me tocar de novo, então fiquei em silêncio. Ele me levou para casa e eu não disse uma palavra no caminho de volta. Então saí

do carro rapidamente e me despedi, mas não tive coragem de olhar para ele.

Assim que entrei em casa, encontrei Dorothy.

– Você está bem, Lara? Você parece estranha...

– Estou com sono. Vou para o meu quarto.

– Ok, menina.

Eu fui direto para o chuveiro. Eu queria me livrar do cheiro do perfume de Arthur, que parecia estar grudado no meu corpo. O aroma estava me deixando nauseada. Eu me sentia suja e envergonhada.

Escrever sobre aquele dia faz com que todas as sensações voltem para mim – o medo, a raiva, a vergonha e a confusão. Mesmo agora, essas lembranças me fazem sentir violentada e sempre que penso naquele dia, meu coração dói.

CAPÍTULO VI



Simone – Dias atuais

A imagem de uma linda menina sendo abusada assombrou a mente de Simone, que sentiu vontade de vomitar. Arthur era um bastardo doente, certamente um molestador de crianças. Ele não estava apaixonado por alguém tão mais jovem. Ele sabia muito bem o que estava fazendo, Simone tinha certeza disso. Ela não conseguiria passar mais tempo com os segredos de Lara naquele dia e decidiu se deitar um pouco.

Duas horas depois, Simone acordou para se preparar para seu encontro com Armando. Optou por um vestido rosa, simples, mas escolheu sua lingerie com cuidado, adicionou algumas gotas de perfume e estava pronta. Ela olhou para o relógio. Quase oito horas.

Para sua surpresa, Armando chegou exatamente no horário.

– Olá, linda, você está deslumbrante, como sempre. – Ele a cumprimentou.

– Olá, cavalheiro, você também não está nada mal. – Armando vestia uma camisa amarela clara e jeans e um delicioso perfume cítrico que agradava a Simone.

– Como foi seu dia? ele perguntou, deu o braço a ela e saíram do apartamento, fechando a porta atrás de si.

– Eu tenho trabalhado um pouco, mas também estou descansando, e você?

– Eu tenho trabalhado também, mas minha mente tem se distraído por pensamentos sobre você.

Simone reprimiu um sorriso. Embora fosse bom acreditar que alguém passara o dia pensando nela, ela não iria cair na história dele. Na idade dela, era esperta demais para isso. Ainda assim, ela acariciou o braço dele em resposta ao esforço para agradá-la.

Eles foram para o edifício onde Armando morava, que ficava a poucos quarteirões do apartamento de Arami, falaram sobre coisas sem importância no caminho. Quando chegaram ao edifício, na *Ocean Drive Avenue*, ele estacionou, desceram e os dois atravessaram um amplo saguão até os elevadores. As portas se abriram e eles entraram. Armando apertou o botão “C” no painel e o elevador começou sua jornada suave até o topo.

– É um edifício muito bonito. – Ela comentou

– Sim, é, e o melhor de tudo, é novo. Eu odeio construções antigas.

– Mesmo as históricas?

– A única antiguidade que eu suporto é meu pai. – Ele riu de sua própria piada, mas Simone não se juntou a ele. No que dizia respeito a ela, pessoas mais velhas mereciam respeito e ela além disso, ela adorava antiguidades.

O elevador parou e Simone seguiu Armando para um grande vestíbulo. Ele abriu as portas francesas de carvalho para ela e eles entraram em uma ampla entrada. Tapetes brancos cobriam quase todo o chão de mármore cinza. Até agora, a cobertura lembrava à Simone a casa de Arami, toda envidraçada. Simone acreditava que Armando deveria ter uma vista incrível da praia durante o dia, e agora, como era de noite, ela podia ver o céu escuro acima de Miami, cheio de estrelas cintilantes.

A entrada da cobertura permitia o acesso a três níveis diferentes. Dois degraus abaixo havia quatro sofás – dois de um azul profundo e dois beges – junto com namoradeiras combinando em azul escuro com flores vermelhas e brancas. Havia duas mesas de café de vidro, uma contendo um arranjo de velas brancas e várias fotos e livros decorativos ocupavam a segunda.

No andar principal – no nível da entrada – havia uma mesa de jantar de vidro quadrada e oito cadeiras azul-marinho. Um lustre brilhante feito de diferentes tamanhos de bolas de cristal penduradas em vários níveis pendia do teto alto acima do centro da mesa.

Dois degraus acima havia uma cozinha com armários azuis, azulejos cinza e azul e eletrodomésticos de aço inoxidável. As bancadas eram feitas de granito prateado e havia uma ilha, cercada por quatro banquetas altas estofadas de azul.

O lugar era imenso – o primeiro andar devia ter de pelo menos quinhentos metros quadrados. A decoração era muito masculina, mas de extremo bom gosto, algo saído das páginas de uma revista de design de interiores.

– Eu gosto da sua casa, é muito elegante.

– Obrigado, mas tenho que dar crédito a Arami pela decoração. Ela me ajudou a comprar tudo e decorar, depois do meu divórcio. O que você gostaria de beber? Eu tenho vinho, uísque, champanhe, tequila e vodca.

– Uma taça de vinho, por favor.

– Venha comigo. – Ele pegou-a pela mão e a levou para a cozinha. – Sente-se enquanto eu escolho um vinho para nós. – Ele abriu uma adega climatizada de duas portas e tirou uma garrafa de vinho branco, abriu-a e serviu uma taça e estendeu para Simone. Ela tomou um gole e sorriu.

– Hum, é perfeito! – A temperatura estava perfeita e o sabor era leve.

– Eu adoro essa adega – disse ele, apontando para a adega. Tem três temperaturas – uma para vinhos tintos, uma para branco e outra para champanhe. As garrafas estão sempre na temperatura perfeita, prontas para serem consumidas. – Ele parecia orgulhoso de sua adega. Naquele momento, uma empregada uniformizada entrou.

– Boa noite, senhor. Boa noite, Madame.

– Boa noite, Amélia. Esta é a Dra. Simone Bennet, uma amiga.

– Boa noite, Amélia, prazer em conhecê-la. – Saudou-a Simone.

– O prazer é meu, senhora. – Disse ela timidamente e abaixou a cabeça, olhando para as mãos.

– Amélia é minha preciosa ajudante por aqui. Ela é uma cozinheira incrível, como você logo descobrirá. – Ele se virou para falar com a empregada.

– O que você está preparando para nós?

– Vou cozinhar medalhões de filet mignon e o molho é uma redução de vinho Malbec Argentino e algumas batatas coradas.

– Parece delicioso – disse Simone. Sua boca salivando pela descrição.

– Sim, é, e você vai provar a carne que eu produzo no Paraguai!

– Que ótimo!

– Venha comigo e traga seu copo. Eu quero mostrar a você a vista que tenho – ele disse, depois de reabastecer as taças.

Eles deixaram a cozinha para Amélia, e Armando a guiou até uma escada de vidro que levava ao segundo andar. O andar de cima era outra sala espaçosa, com um *home theater* bem equipado. Atravessaram o chão revestido do mesmo mármore cinzento do primeiro andar e ele abriu as portas de vidro. Eles saíram para um terraço aberto e retangular onde havia uma piscina de borda infinita e várias espreguiçadeiras. Do lado de fora, a vista era ainda mais bonita do que através das paredes de vidro.

– Venha aqui, veja como é bonito o céu de Miami. Ele se aproximou do guarda-corpo.

– É maravilhosa essa vista!

O tempo estava bom, com uma leve brisa quente vinda do mar. O vinho perfeitamente gelado já começava a surtir efeito, deixando-a leve e, na iluminação escassa do local, ela já estava vendo semelhanças entre Armando e Antônio Banderas, da época dos filmes de Almodóvar.

O que mais uma mulher poderia querer da vida? Um homem rico, bonito e divorciado. Sua natureza desconfiada veio à tona. Ele parecia quase bom demais para ser verdade e ela sabia que era melhor não ser enganada pelas aparências externas, mas apenas por aquela noite ela queria relaxar, parar de ser tão desconfiada e cautelosa e apenas se divertir.

– O que eu vou fazer com você, doutora?

– O que você quer fazer comigo, Armando? – Vinho falando, ela pensou.

Ele pegou a taça da mão dela e colocou-o em uma mesa próxima, ele colocou as mãos em seus ombros e lhe acariciou os braços, correndo as mãos de cima e para baixo. Ele colocou um dedo embaixo do queixo dela e levantou-lhe a cabeça.

– Estou morrendo de vontade de te beijar, Simone. – Ela respondeu, levantando a cabeça um pouco mais e pressionando os lábios contra os dele. Ele tinha sabor de vinho.

Ele a beijou lentamente em princípio, como se estivesse saboreando o gosto dela e então, com um gemido suave, aprofundou o beijo, mergulhando sua língua dentro da boca de Simone. Ele acariciou a língua dela habilmente com a sua e só parou para correr a língua pelos lábios dela e distribuir pequenas mordidas neles.

Eles ficaram ali, se beijando e se abraçando, ocasionalmente paravam para saborear o vinho e olhar para as estrelas. Perfeitamente relaxada, Simone apreciava a companhia de Armando. A atenção dele e os avanços não a faziam se sentir pressionada ou como se ele a estivesse apressando para qualquer coisa. Ela se sentia mais como uma adolescente, apreciando os beijos do namorado.

O interfone na parede das portas francesas tocou, interrompendo-os.

– Amélia – explicou Armando, apontando para o interfone. Ela nos informa que é hora de descer e comer.

– Ótimo, eu estou com muita fome.

“E eu ainda não sei o que vou fazer com você”, cruzou pela mente dela.

A mesa estava posta para dois. O jantar estava delicioso, a carne preparada com perfeição – rosada por dentro e dourada por fora. O molho era divino e as batatas, temperadas com alecrim, azeite e sal, derretiam na boca de Simone. Para a sobremesa, Amélia serviu pequenas peras quentes cozidas em molho de vinho com chantilly por cima.

– Obrigada, Amélia, o jantar estava perfeito! – Simone cumprimentou a empregada quando a mulher serviu o café.

– Vamos tomar um *Armagnac* no terraço? – Sugeriu Armando. – É um tipo maravilhoso de *brandy* envelhecido, produzido na França. – “Deixe-o ser o homem e não diga a ele que você sabe o que é o *Armagnac*”, ordenou-se Simone. Ela sorriu.

– Parece bom!

Armando encheu dois cálices com *Armagnac* e voltaram para o terraço.

– Que jantar maravilhoso, Armando; eu gostei muito. Obrigada por me trazer aqui.

– Eu teria trazido você aqui na outra noite, mas eu não queria que você pensasse que eu estou lhe pressionando.

– Mas agora você acha que eu passei a confiar em você o suficiente para saber que você não vai tentar me levar para a cama? – Ela brincou com ele.

– Se você acreditar nisso, você estará cometendo um erro. Hoje, eu definitivamente

gostaria de levá-la para a minha cama. Há algo em você que me deixa louco. Uma sensualidade discreta que eu nunca notei em qualquer outra mulher.

Ele não lhe deu tempo para analisar o que quis dizer com *sensualidade discreta*, abraçou-a e capturou seus lábios em outro beijo apaixonado. Sem desgrudar do beijo, ele a pegou em seus braços e atravessou o terraço e entrou por outra porta de vidro no lado oposto da piscina. Ele a depositou em uma cama *king size* situada em frente a uma parede de espelhos.

Ele a colocou na cama e começou a desnudá-la, lentamente. Quando ela estava completamente nua, ele tirou suas roupas e atirou tudo no chão, onde minutos antes havia jogado seu vestido.

“Que bagunceiro!” Simone lutou contra o súbito desejo de recolher suas roupas e pendurá-las cuidadosamente nas costas da cadeira próxima. Agora não era hora de saciar sua compulsão pela ordem.

– Do que você gosta? – ele perguntou.

– Por que você não me acaricia e tenta descobrir sozinho?

“Vamos lá! Que tipo de pergunta é essa? O homem era o que? Um garotinho inexperiente?”, Simone gemeu internamente. Talvez ela devesse escrever um manual de instruções para ele?

Armando juntou-se a ela na cama, inclinando-se para depositar beijos no pescoço, ao longo do ombro e depois mais abaixo, nos seios. Ele deslizou a língua em torno de um mamilo duro, sugou-o e soprou, e então ele fez o mesmo com o outro seio. Simone gemeu em aprovação. Ele não era nenhum menino, sabia o que estava fazendo.

Ele parecia não ter pressa de avançar. Simone estava ficando inquieta sob o toque dele. Ela se mexeu, levantou os quadris, silenciosamente encorajando-o a continuar sua jornada para o sul, estava quente e úmida pelas deliciosas preliminares. “Definitivamente um homem”, ela refletiu.

Ele finalmente pareceu entender a ideia e deslizou até se deitar entre as pernas dela, beijando e lambendo sua barriga ao longo do caminho. Ele começou a lambar seu clitóris, no mesmo ritmo lento dos carinhos, como se tivessem a eternidade para se tocar ao invés de apenas a noite.

– Sim, você está no caminho certo. Simone o encorajou. Ela se sentia como uma funcionária do aeroporto – uma daquelas pessoas com uma lanterna mostrando ao piloto de avião onde ele deveria estacionar.

Lentamente, com cuidado, ele acariciou-a com a ponta da língua, e a penetrou com a extensão de sua língua, profundamente, lambia e mordiscava o clitóris endurecido. Simone se contorcia embaixo dele e agarrou os cabelos dele e levantou os quadris. Ela começou a sentir o prazer crescendo, correndo como lava em suas veias, seu clitóris latejava quando o orgasmo se aproximou, e de repente, aquela sensação maravilhosa de uma explosão cósmica a atingiu, e ela gozou na boca de Armando, inundando-a.

Ela descansou um pouco, arfando, enquanto ele continuava a cobrir o corpo dela de beijos.

– Deixe-me provar você. – Simone tentou inverter suas posições, queria chupá-lo.

– Não, fique bem aí.

Ele posicionou o pau duro no meio dos seios dela, apertou-os de forma a abraçar o membro e começou a fazer movimentos de vai e vem entre eles. Simone assistia, surpresa. Ela nunca fizera uma coisa dessas, e teve que morder o lábio para conter uma risadinha toda vez que a cabeça do pau dele aparecia por entre seus seios e quase lhe atingia o queixo. “Muito

estranho!”

Felizmente, o interesse dele em se masturbar nos seios dela não durou muito, porque ela começava a se sentir desconfortável.

Um momento depois, ele pulou da cama, abriu uma gaveta e tirou de lá um preservativo. Ele rasgou a embalagem com a boca e enfiou o preservativo no pênis e voltou para a cama. Sem nenhum aviso, ele se posicionou entre as pernas dela e a penetrou, movendo-se furiosamente, a paixão lenta e gentil foi substituída pelo que parecia ser uma necessidade urgente de gozar.

Ela gostou da mudança e se juntou a ele nos movimentos, retribuindo cada uma das investidas dele.

– *Cadela! Es una puta, una rica puta* – ele disse em espanhol, seu ritmo aumentando. Ela não sabia o que isso significava, mas ela conhecia a palavra *puta* dos filmes. “Por que ele a chamava de prostituta?”

Ela se forçou a desconsiderar as palavras dele – ela não queria ser insultada, nem mesmo durante o sexo – ela tentou se concentrar nas sensações. O ritmo dele acelerou e ela balançou a cabeça.

– Não, você não vai gozar! – ela disse, empurrando-o, até que ele se deitou de costas. De jeito nenhum ela permitiria que ele gozasse antes do que ela. Ela subiu em cima dele, abraçou-lhe o quadril com os joelhos e o guiou de volta para dentro de si.

– Agora é a minha vez. – Ela o cavalgou, alternando o ritmo e apreciando a visão do corpo moreno de Armando. Quando o orgasmo se aproximou, ela acelerou. Calafrios cobriram seu corpo e seu coração disparou, o sangue circulando rapidamente para suas extremidades. Uma sensação de flutuação tomou conta e ela gozou com um gemido alto, até ficar tonta... Os dedos dos pés formigavam, pelo orgasmo ou pela falta de circulação causada por se sentar sobre ele de joelhos. Ela ainda estava imersa em seu orgasmo quando ele a empurrou e a posicionou de costas contra a cama. Ele ficou de joelhos ao lado dela, arrancou o preservativo e terminou de se masturbar sobre os seios de Simone.

– *Es exquisita!*

“Espanhol novamente. Que droga!”, ela pensou. O cara era estranho, mas ser estranho em uma língua estrangeira era ainda pior.

Ela permaneceu em silêncio e imóvel, mas algumas das atitudes que ele tivera a perturbaram. Ele tinha alguns comportamentos sexuais desviados, aparentemente, mas era cedo demais para saber a extensão deles. Além disso, ele não passava de uma aventura de férias. Ela teve dois orgasmos intensos e recusou-se a arruinar o momento por pensar em excesso.

– Porra, mulher! Você é perfeita. Adorei a cavalgada. – Simone olhou para ele. Como ela deveria responder isso?

Uma batida soou na porta de vidro, salvando-a.

– Senhor, por favor atenda seu telefone. Sua prima Arami está ligando e ela diz que é muito importante que ela fale com sua amiga.

– *Hija de puta*, eu vou matar Arami, o que pode ser tão importante agora?

Ele pegou o telefone da mesa de cabeceira e atendeu. Falou algo em espanhol e depois passou o telefone para Simone.

– Oi, Simone, desculpe incomodar você, mas você não está atendendo o telefone e Edward está ligando. Ele parece desesperado e disse que aconteceu alguma coisa de errado com um de seus pacientes.

– Obrigada, Arami. Vou ligar para ele agora mesmo. – Simone pegou o roupão de banho que Armando estava segurando para ela e desceu as escadas para pegar sua bolsa. Ela pegou o

telefone e olhou para a tela. Edward havia ligado para ela umas dez vezes, pelo menos, e outra pessoa ligou uma vez de um número desconhecido. Ela ligou para Edward imediatamente.

– Oi, Ed, eu estava jantando. Desculpe eu não ouvi o telefone. O que está acontecendo?

– Simmie, olá. Estamos com um grande problema por aqui! Seu paciente Philip Raymond destruiu uma boate, bateu na esposa e agora ele está na cadeia. O advogado dele está tentando liberá-lo, mas como ele está em tratamento psiquiátrico, o juiz quer falar com você primeiro. Ele precisará de monitoramento.

– Philip? Você está brincando comigo? Esse homem é tão passivo quanto um cordeiro. O que aconteceu para perturbá-lo, você sabe?

– Eu realmente não sei. Eu sinto Muito. Você pode voltar?

– Claro, vou conseguir o primeiro voo disponível. Avisarei você assim que eu fizer minha reserva.

– Tenho uma ideia melhor. Eu vou comprar uma passagem para você. Quanto tempo você precisa para arrumar suas malas?

– Acho que posso estar pronta em duas horas e estou a meia hora do aeroporto de Miami. Se você conseguir fazer minhas reservas e comprar a passagem, definitivamente me poupará algum tempo. Obrigada, meu amigo.

– De nada. Até logo.

Quando Simone voltou para o quarto, encontrou Armando deitado na cama acariciando seu pênis. Ela explicou a situação e disse que precisava tomar banho e se vestir rapidamente e teria que voltar para a casa de Arami.

– Vamos, venha aqui, vamos transar de novo! Seu paciente já está na cadeia; ele não vai escapar. Não deixe que ele estrague a nossa diversão. – Ele fez um gesto chamando-a com a mão.

– Isso seria muito irresponsável da minha parte! – Ela não podia acreditar que alguém pudesse ser tão frio e egocêntrico.

Ela se virou e foi para o banheiro, com a intenção de ignorar a infantilidade de Armando, mas ele a seguiu. Ela odiava tomar banho acompanhada. Simone andou descalça pelo piso de mármore cinza e abriu a porta do box. Quando ela entrou, Armando se posicionou atrás dela. Tentando ignorá-lo, ela ligou a água e ajustou a temperatura.

– Aqui, deixe-me ajudá-la. – Ele pegou o sabonete e começou a ensaboá-la, passando a barra pelo braço dela. Nesse ritmo, levaria três horas para ficar limpa e sair dali. A irritação de Simone cresceu.

– Eu tenho essa fantasia – disse ele – Eu adoraria que você mijasse em mim enquanto você fica sob a ducha. Eu gozo rápido, prometo.

Simone fechou o punho. Tinha vontade de soca-lo. “Que retardado! Que filho da puta egoísta e quão degenerado ele poderia ser?”. Mas ela não queria fazer uma cena, e não tinha vontade de brigar com ele. Com esforço, ela se controlou, respirou fundo e falou:

– Armando, deixe-me explicar uma coisa para você – ela falava com ele como se ele fosse um de seus pacientes.

– Eu não gosto de sexo bizarro. Eu sou uma pessoa normal, com hábitos normais. Eu gosto de sexo normal e eu não gosto de fazer coisas muito diferentes. E se eu fosse você, eu consideraria fazer terapia, porque essa "fantasia" é uma parafilia chamada urofilia. Você deve ter problemas de mãe não resolvidos! – A voz soava ríspida.

– Ei, acalme-se, disse ele. – Eu estava apenas tentando me divertir um pouco, só isso.

Um pouco de diversão quando ela estava aborrecida e preocupada? “Que atencioso”, ela

pensou, e pior, ela tinha certeza que ele não estava brincando. Ela fez uma oração silenciosa de agradecimento porque depois desta noite, ela nunca mais teria que vê-lo, se ela não quisesse, e ela certamente nunca teria que ficar sozinha com ele. “Ok”, ela pensou, “ele era ótimo na cama, apesar de seus hábitos perversos, mas fora da cama...” Ela tinha muitas dúvidas sobre ele e um mau pressentimento de que ele não era o tipo de cara que ela gostaria de ter por perto por muito tempo.

Simone terminou o banho o mais rápido que pôde, vestiu-se na velocidade da luz, e estava pronta para sair do apartamento quando o telefone tocou novamente. Era Edward, ligando para explicar os voos para ela.

– Ei, Simmie, eu acabei de pegar um voo maluco que parte à 1:30 da manhã. Passa pelo La Guardia e chega às 4:33. Estou enviando seu cartão de embarque porque já fiz o check-in. Eu estarei lá esperando por você.

– Obrigada, Ed. Perfeito... eu... Obrigada, mais uma vez! Ela ia começar a dizer o mesmo: “Eu te amo, meu amigo” de sempre, mas parou a tempo. Depois que Ed se declarou para ela, ela não tinha sido capaz de dizer a ele que se sentia da mesma maneira. Dizer “eu te amo” agora poderia dar uma ideia errada.

Ela olhou para o seu relógio. 23h20 Ela teria tempo suficiente para fazer as malas e chegar ao aeroporto.

* * * * *

Quando Simone e Armando chegaram ao apartamento de Arami, ela estava esperando.

– Simmie, Ed explicou tudo para mim. Tomei a liberdade de arrumar suas malas e separei algumas roupas para o voo – um par de jeans, uma camisa e um suéter – para que você possa se trocar.

– Arami, você é um anjo! Muito obrigada. “Que amiga!”, Simone fez uma anotação mental para enviar algumas flores assim que chegasse em casa.

– Querida, você faria o mesmo por mim! Ei, vamos nos apressar; eu vou te levar para o aeroporto. Seu voo sai daqui a duas horas e meia, e não temos tempo para perder, ou você vai perder o avião – disse Arami.

– Não, prima, vou levar Simone. Pode ir para a cama. Você provavelmente vai operar alguma velhinha pela manhã – disse Armando, ainda parado na porta. A última coisa que Simone precisava era de mais tempo sozinha com Armando, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Arami resolveu a questão por eles.

– Obrigada, Armando, eu realmente tenho uma cirurgia cedo, mas é um velhinho.

Simone não teve coragem pedir para Arami levá-la tão tarde, quando precisaria estar no hospital cedo, então Simone decidiu ficar quieta, ela poderia aguentar mais uns trinta minutos da companhia de Armando, talvez...

– Arami, como posso lhe agradecer por tudo? Sua ajuda e seu convite foram tudo que eu precisava para me recuperar. Você é uma grande amiga e eu vou sentir sua falta! – Ela falou com absoluta sinceridade. Arami era engraçada e calorosa, e esse tempo passado com ela fora exatamente o que Simone precisava.

Arami abraçou Simone. No início, Simone ficou rígida, mas depois se forçou a relaxar e devolver o abraço. De alguma forma, ela teria que se preparar para ser mais calorosa com aqueles com quem se importava – oferecer abraços e beijos em vez de apertos de mão impessoais.

– Não, pelo contrário, – disse Arami – foi um grande prazer tê-la aqui. Prometa que não

vamos nos separar por muito tempo novamente!

– Eu prometo! – Eles se despediram, Simone agradeceu por tudo a uma Arami chorosa e depois correu para o quarto de hóspedes para trocar de roupa.

* * * * *

A caminho do aeroporto, Armando decidiu conversar, mas Simone tinha outras coisas mais importantes cruzando sua mente. Ela continuou repassando o que Edward havia dito sobre Philip.

“O que poderia ter acontecido para fazê-lo surtar? Ele estivera bebendo? Os medicamentos que ela receitou eram fortes, e o álcool tendia a amplificar seus efeitos. Mas Philip sabia disso. Ela sempre fora muito clara sobre os efeitos colaterais causados pela mistura de alguns medicamentos com álcool.”

Ela não tinha como saber o que o levava a se comportar de maneira tão irracional, a se tornar violento. Frustrada, ela desejou poder usar uma varinha mágica e se transportar para casa imediatamente.

– Quando eu vou ver você de novo, Simone? – a pergunta de Armando tirou Simone de seus pensamentos.

– Eu não sei. Quando nossos caminhos se cruzarem novamente, suponho. – Ela continuou olhando pela janela enquanto ele dirigia.

– Eu quero ver você de novo. Posso ir para a sua cidade no próximo fim de semana? – Isso fez com que ela virasse e lhe desse toda a atenção.

– Ouça-me, Armando. Eu não quero ser rude, mas não estou preparada para ter um relacionamento. Ainda estou lidando com muitos problemas emocionais. Estou no processo de cura e ter um caso é a última coisa em mente agora. Eu simplesmente não estou interessada.

– Eu não quero um caso; eu quero namorar com você... normal.

– Não é você, Armando, sou eu. Eu não posso agora, desculpe. – Ela tentou manter sua voz calma e profissional e seu rosto neutro para disfarçar o constrangimento que as palavras dele provocaram nela. “Encontro? Em uma base regular? Eles mal se conheciam!”

– Ah... mas foder comigo você conseguiu, certo? Você está dizendo que acabou de me usar? – Ela podia dizer pelo tom irritado de voz que ele não gostou da resposta dela. Este era um homem instável; ele poderia ir da doçura à raiva tão rápido quanto um carro de corrida poderia ir de zero a cem.

“Oh, Deus”, pensou Simone, “acusada de usar alguém... Tem uma primeira vez na vida para tudo. Parecia que a vida estava cheia delas ultimamente.”

– Não, não foi assim, e estou sendo sincera. E além disso, não acho que tenhamos muito em comum.

– Isso é o que veremos – disse ele, falando com os dentes cerrados. Simone não sabia como responder. O que ele queria dizer? Ela não tinha ideia.

Chegaram à área de embarque do aeroporto, e Armando não conseguiu encontrar um lugar para estacionar – “graças as minhas preces silenciosas para que ele desapareça”, ela pensou.

– Você pode simplesmente me deixar na calçada – ela disse a ele. Ela deu um suspiro de alívio quando ele não recusou. Quando pararam em frente ao terminal do aeroporto, ela se virou para ele.

– Adeus, Armando, foi bom conhecer você. – Ele agarrou-a pelo pescoço e beijou-a profundamente.

– Não foi bom conhecer você, minha querida, foi um prazer. Espero que você tenha um voo seguro. Eu vou lhe ver em breve.

Seu "até breve" teria perturbado mais se ela não tivesse que pensar em Philip.

Os dois saíram do carro e Simone esperou na calçada enquanto Armando retirava a bagagem do porta-malas e colocava no carrinho.

– Obrigada novamente, Armando, e adeus – disse Simone.

Bolsa de viagem pendurada no ombro, ela empurrou o carrinho e entrou no aeroporto com pressa, sem olhar para trás, não porque estava atrasada, mas porque queria deixar Armando o mais rápido possível.

Uma vez que Edward já havia feito seu *check in*, ela despachou as malas e foi direto para a área de segurança, onde ficou na fila pelo que parecia ser uma eternidade. Finalmente liberada para entrar na área principal do aeroporto, correu para encontrar seu portão. O processo de embarque já havia sido iniciado e, alguns minutos depois, ela se sentou no avião. Já era uma da manhã, mas ela estava inquieta demais para dormir. Decidiu ler para acalmar seus nervos, então pegou o diário de Lara.

O Diário de Lara

Segredos que preciso contar

Depois do banho, comecei a pensar em tudo o que acontecera naquele dia. O beijo de Arthur e as outras coisas que ele fez comigo. Eu me lembrei de quando eu era mais nova e Emms explicou o que era sexo para mim, ela me disse que eu era muito jovem para pensar sobre isso. Eu ainda era muito nova para pensar sobre isso, eu decidi, e eu era definitivamente muito jovem para fazer sexo.

Eu não sei porque, mas em meu coração eu sabia que esse tipo de segredo não poderia ser mantido; o que Arthur fizera comigo estava errado! Eu tentei ligar para a casa de Emms, mas ninguém respondeu, e eu não tinha ideia de quando ela voltaria.

Então decidi falar com Sabine. Ela podia ser louca, mas ela era minha mãe, ela saberia o que fazer.

Eu a encontrei se embonecando para um jantar, mas eu disse a ela que era urgente, que eu precisava falar com ela. Ela me deu um olhar irritado, mas me disse para esperar no meu quarto que ela já iria lá.

– O que é tão urgente, Lara? – Pouco tempo depois ela perguntou, em pé, perto da porta.

– Mãe, você pode se sentar, por favor, é um pouco complicado de explicar. – Eu bati na cama.

– Eu não posso sentar! Vou amassar minhas roupas, sua tonta. Qual é o problema agora? O que você fez desta vez?

– Eu não fiz nada, mãe... eu não sei como dizer isso. Estou tão envergonhada...

– Se você não sabe como dizer, diga pela manhã. Vou me atrasar! – E fez menção de sair

– Não, mãe, por favor! – Agarrei-a pelo braço.

– Então se apresse e me diga! – Ela estava totalmente impaciente, batendo no pé, de braços cruzados, e quando ficava assim, isso significava que estava perto de perder a paciência, mas eu tinha que contar a ela.

– Eu aposto que você quebrou alguma coisa, não é? Oh, Deus, você é tão estúpida!

– Eu não quebrei nada, mãe! Não é isso! – Eu costumava ser um pouco desajeitada e com a minha altura não era a pessoa mais coordenada que existia.

Eu olhei para baixo, incapaz de encará-la, e quase perdi a coragem. Finalmente, cuspi as palavras

– O Arthur me levou para um passeio hoje. Nós fomos para um parque, e então ele... ele me beijou, ele colocou toda a língua dentro da minha boca, e então ele tocou minha perereca! Eu não quero mais vê-lo!

– O que você está falando, Lara? – Ela se levantou e fechou a porta, em seguida, ela se aproximou de mim.

– Exatamente o que acabei de dizer! Ele me beijou, ele me lambeu e colocou um dedo dentro de mim! – Eu gritei as últimas palavras.

No momento seguinte, o som retumbante de um tapa encheu meus ouvidos, e meu rosto pareceu explodir em chamas. Eu pisquei, incapaz de acreditar que ela tinha me batido. Ela estava furiosa comigo! Como se fosse minha culpa.

– Você nunca mais vai repetir isso, sua mentirosa! De onde você tirou uma história tão horrível? Imagine uma coisinha estranha como você chamando a atenção de um homem como Arthur! Ele estava sendo gentil com você, levando você para passeios porque ele via sua incapacidade de fazer amigos. Ele é um bom homem e aqui está você, mentindo sobre ele.

– Eu juro, mãe, essa é a verdade! Ele até me deu uma pulseira. – Eu estava implorando a ela, implorando que ela acreditasse em mim. Juntei as mãos como se estivesse orando e, de certo modo, acho que estava orando para que minha mãe visse a verdade. Em vez disso, ela me empurrou e caí de costas na minha cama.

– Mentirosa, estúpida! Menina irritante. Eu amaldiçoo o dia que fiz você. Droga! Eu não vou ouvir uma única palavra sobre isso, e se você repetir esta história para qualquer outra pessoa, você estará em sérios apuros. E você está de castigo! Fique aqui até amanhã e nada de jantar para você!

Ela saiu do quarto, batendo a porta atrás dela e me deixando sozinha e miserável e sem ter alguém para conversar sobre o que tinha acontecido. Meu coração estava partido, meus olhos úmidos de lágrimas. O que eu fiz de errado? Por que ela não podia acreditar em mim?

Meia hora depois, Dorothy chegou ao meu quarto com uma bandeja.

– Coma isso rápido, garotinha. Ninguém pode me ver alimentando você!

– Obrigada, Dottie, eu não estou com fome!

– Você está chorando? O que aconteceu? – Meus olhos deviam estar inchados com todas as lágrimas que chorei naquele dia. Dorothy sempre nos ajudava quando se tratava de Sabine. Eu sabia que podia confiar nela e, além disso, ela havia me avisado sobre Arthur, não é mesmo? Ela me disse que se ele fizesse coisas estranhas, eu deveria falar com ela. Bem, ele definitivamente fizera algo estranho. Eu precisava falar com alguém e decidi confiar nela.

– Dottie, você se lembra do outro dia, quando você disse que se Arthur fizesse algo estranho, eu poderia falar com você?

– Claro! O que ele fez para te fazer chorar um rio?

– Ele me beijou! E então ele lambeu meus seios e me tocou... lá...

– Na sua perereca?

– Sim. – Baixei a cabeça envergonhada.

– Aquele homem é um perverso! Ele é muito mais velho que você!

– O que ele fez está errado, não é? – Eu olhei nos olhos dela em busca de confirmação.

– Sim. O que ele fez está muito errado, querida. Ele não pode tocar em você; você é apenas uma criança! Somente os adultos podem se tocar e você pode ser alta para a sua idade, mas ainda é apenas uma criança. Você tem que contar para a sua mãe! Ela vai proibi-lo de chegar

perto de você!

– Eu acabei de contar e ela me deu um tapa e me colocou de castigo!

– O que? Mas por quê? – Dottie falou arregalando os olhos.

– Ela não acreditou em mim! Ela acha que estou mentindo. Eu não estou mentindo, Dottie.

– Eu sei, querida! Venha cá, deixe-me lhe dar um abraço. – Eu fui para os braços dela e comecei a chorar de novo, enquanto ela acariciava meu cabelo, até eu parar.

– Eu vou falar com sua mãe, fazê-la acreditar que você está dizendo a verdade! – Ela me abraçou novamente, me esperou comer e daí saiu levando a bandeja. Eu me sentia melhor.

CAPÍTULO VII



Simone – Dias atuais

Simone fez uma pausa em sua leitura quando a aeromoça perguntou se ela queria tomar uma bebida. Ela tinha estado tão profundamente envolvida na história, que tentou ignorar a garota a primeira vez que ela perguntou. Mas a comissária era insistente e, embora Simone detestasse ser interrompida quando se concentrava, sentia-se obrigada a responder.

– Um copo de água, sem gelo, por favor.

Ela agradeceu a comissária e voltou a ler, mais acordada do que nunca pelo impacto da história de Lara.

O Diário de Lara

No dia seguinte, no momento em que cheguei da escola, fui procurar por Dorothy, ansiosa por descobrir se havia falado com Sabine. Eu não a encontrei e a empregada me disse que ela não trabalhava mais lá. Algo sobre um membro da família doente e ter que voltar para casa às pressas. Eu me senti tão sozinha de novo! Todas as minhas expectativas de convencer Sabine desapareceram. Dorothy estava conosco há anos e ela nem tinha dito adeus!

Muitos anos depois, descobri que Dorothy falara com Sabine e minha mãe havia demitido a garota na hora, mandando-a embora com mil ameaças. Sabine não permitiria que outra pessoa conhecesse nosso "pequeno segredo".

Durante a semana seguinte, tentei evitar falar com Arthur. Ele me ligou algumas vezes, mas sempre encontrava uma desculpa para não atender o telefone. Para minha surpresa, Sabine nunca me forçou a falar com ele, e pensei que talvez ela entendesse, afinal de contas.

No primeiro domingo após o episódio do parque, meus pais foram a um churrasco na casa dos pais de Arthur. Eu disse a eles que não queria ir e ninguém insistiu. Eles me deixaram em casa sozinha. Era o dia de folga da empregada, e Sabine ainda não tinha encontrado alguém para substituir Dorothy, então ela teve que levar as crianças com eles.

Eu podia imaginar como ela estava "feliz" com isso. Eu me lembro de me sentir segura e protegida e pensava que se Sabine não era a mais gentil das mães, mas pelo menos ela não me obrigara a fazer coisas que eu não queria fazer.

Eu estava sentada em nossa sala de estar – meu local favorito na casa, com suas grandes janelas e cortinas de seda bege – assistindo TV na nossa TV imensa que tinha um sistema de som incrível e eu adorava assistir filmes lá. Eu estava reclinada no sofá de couro macio, as pernas no espaldar, abraçava uma almofada vermelha contra o meu peito e olhava para a tela da televisão. O volume estava alto e não ouvi barulhos, então quando vi, Arthur estava parado ao meu lado, todo vestido de preto como uma espécie de bandido, quase tive um ataque cardíaco.

– Pelo amor de Deus, Arthur, você me assustou!

– Você está fugindo de mim, pequenina? – perguntou ele, se aproximando.

Eu apenas olhei para ele, imaginando como ele entrara na casa. A porta estava trancada, eu tinha certeza. Eu mesma tinha trancado depois que meus pais saíram de casa.

– Como você entrou? – Eu consegui perguntar quando meu coração se acalmou.

– Pela porta... com a chave. – Ele me mostrou uma chave. Como ele conseguira? Naquela época, eu não conseguia imaginar, mas depois descobri que Sabine dera a chave para ele. Ninguém mais teria feito isso.

– O que está acontecendo, Lara? Você me evitou a semana toda, depois de tudo o que compartilhamos – Ele fez uma cara triste estudada.

Eu não sabia explicar, meus sentimentos eram confusos. Sentia falta dele, da amizade, da atenção, mas também temia que ele me tocasse de novo. Achei que o que ele fizera estava errado e, além disso, Dorothy havia me dito que estava errado. E eu me senti mal quando ele fez o que ele fez.

– Não... eu tive que estudar hoje.

– Eu posso ver. – Ele apontou para a TV.

– Ah, eu já fiz meu dever de casa, agora estou livre. – Fiquei com o rosto vermelho pela mentira.

Arthur sentou ao meu lado no sofá. Ele pegou minha mão e começou a acariciar meu antebraço. Meu coração batia rápido e fiquei com medo de que ele voltasse a me beijar.

– Garotinha, o que eu vou fazer com você?

– Por quê? Você não precisa fazer nada comigo, nós somos amigos. Eu não gostei do que você fez no outro dia! – Falei bravamente.

– É claro que você gostou e eu gostaria de fazer mil coisas com você. E é tudo sua culpa! Você está me assombrando. Eu não consigo tirar você da minha cabeça. Eu não posso esquecer o nosso beijo... então eu lembro que você é tão jovem... eu estou ficando louco. Desde que nos beijamos, não consigo dormir porque quero você, quero tocar em você, não posso mais lutar comigo mesmo, e estou obcecado por você! – Ele torcia as mãos e seu rosto estava vermelho.

– Eu quero você! Quero você na minha cama, quero conhecer seu gosto, quero você na minha vida!

– Eu não entendo metade do que você está dizendo, Arthur; não faz sentido para mim. – Eu me senti como um animal encurralado e olhei para a sala, calculava uma maneira de escapar dele. Eu trouxe os joelhos ao peito em uma posição defensiva.

– Eu sei que você entende. Você não é uma garotinha estúpida, você é inteligente e madura. Você tem ideias e sabe muito bem do que eu estou falando. Você sabe o que acontece entre um homem e uma mulher, não sabe? – Eu tinha certeza que ele estava falando sobre sexo.

– Eu sei, mas Dottie disse que ainda não sou uma mulher e o que fizemos foi errado!

– Quem diabos é Dottie? Eu não te disse que esse era o nosso segredo? Não posso confiar em você? O que essa mulher sabe sobre nós, afinal? Como você pode? Eu nunca revelei nossos segredos para ninguém! – Ele esbravejou.

De repente, apesar do meu medo, me senti mal. Ele estava certo, ele nunca havia traído nossos segredos. Ah, esse elo do inferno que ele desenvolvera comigo, todos aqueles pequenos segredos que compartilhamos...

– Dottie é... ela era a babá de Debbie e Sean. Eu contei tudo o que aconteceu no parque.

– Onde ela está? – Ele olhou por cima do ombro.

– Eu não sei. Ela não trabalha mais aqui.

Ele pareceu aliviado porque suspirou, mas então ele agarrou meus pulsos e me sacudiu.

– Eu te disse, nunca diga a ninguém o que fazemos! – Ele gritou perto do meu rosto, e ele tinha espuma no canto da boca. Eu estava com medo dele. Ele nunca havia gritado comigo antes. Ele estava agindo de forma estranha. De repente, pensei que tinha a resposta – sempre que minha mãe bebia demais, ficava mais louca do que costumava ser.

– Você está bêbado, Arthur?

– Bêbado? Apenas embriagado com o seu cheiro.

– Arthur, pare, por favor, você está me assustando.

– Desculpe querida, eu não quero lhe assustar. Entenda, estou desesperado e a culpa é sua!

– Por quê? Por que isso é minha culpa? – O que eu fiz para ele? Ele estava bravo e me culpava por algo que eu não entendia.

– Porque você é uma feiticeira e você me enfeitiçou!

– Eu não sou!

Eu tentei me afastar dele, mas ele me abraçou e começou a me beijar. Como da última vez, ele colocou a língua dentro da minha boca e, quando não consegui afastá-lo, mordi o lábio dele.

– Pequena selvagem! – Ele me agarrou pelos ombros.

– Pare, Arthur! – Ele agarrou minhas mãos e levantou-as, segurava meus braços contra a parede e me beijou novamente. Eu tentei empurrá-lo com meus joelhos dobrados, mas ele não se moveu um centímetro.

– Você está me deixando louco, e eu tenho que ter você, ou eu vou enlouquecer. – Ele era forte e me segurou com força quando começou a beijar meu pescoço. Eu não sabia o que fazer, e achei que ele pararia se eu ficasse quieta, assim como ele fizera da primeira vez. Então tentei me acalmar e fiquei em silêncio. Meu coração batia contra minhas costelas.

– Beije-me, Lara. – Eu não reagi.

Ele mordeu o lóbulo da minha orelha e colocou a língua dentro do meu ouvido e eu tremi de repulsa ao sentir a saliva dele. Ele começou a me acariciar. Eu me senti como uma gelatina por dentro. Eu não conseguia pensar e o terror me dominou. Ele parecia ter se transformado em um polvo porque suas mãos pareciam estar em todos os lugares, de uma só vez, subindo e descendo por todo o meu corpo.

Ele se afastou um pouco e eu pulei do sofá e comecei a correr. Eu não tinha ideia para onde ir, então fui em direção ao meu quarto, pensando que poderia me trancar ali. Má escolha. Ele me seguiu e antes que eu pudesse trancar a porta, ele colocou o pé entre a porta e o marco empurrou e facilmente entrou no quarto. Então ele trancou a porta atrás dele, nós dois dentro. Naquele momento, parei de pensar claramente. O pânico tomou conta de mim.

Ele me puxou para seus braços, e eu comecei a chutar e dei um tapa nele. Aparentemente, ele não se importava. Ele era muito forte. Sem esforço, ele me levantou e me levou para a cama, onde ele me colocou no centro do colchão. Ele tirou a camisa e eu fechei os olhos, não queria ver. Eu sabia onde isso estava indo, e o pensamento me enchia de pavor.

– Pare de lutar, Lara. Eu só quero você. – Ele rasgou minha camiseta, expondo meus seios, e eu fiquei muito envergonhada. Eu tentei me cobrir com um travesseiro, mas ele o tirou de mim.

– Nunca se esconda de mim, bebê, nunca. Você é minha!

Ele tirou meu short enquanto eu lutava para impedi-lo. Eu estava usando uma calcinha de Mickey Mouse e ele riu quando a viu. Percebendo que meus esforços para lutar contra ele eram inúteis, comecei a chorar. Eu estava nua, envergonhada e assustada, e ele não parava de me tocar. Eu não queria fazer sexo com ele! Eu não era adulta e não o amava; esses eram meus únicos pensamentos claros.

– Shhhh, não chore, você vai gostar disso. – Ele me pressionou contra a cama e começou a me beijar novamente. Eu não conseguia me mexer e ele começou a acariciar meu clitóris. Meu medo bateu no teto e eu comecei a chorar ainda mais. Ele abriu minhas pernas e posicionou no meio delas, e então ele entrou em mim sem aviso e eu gritei de dor. Ele começou a se mover dentro de mim e eu senti como se ele estivesse me rasgando.

– Putinha, você é quente e apertada.

Ele me chamava de coisas estranhas, nomes que eu não conhecia – puta, cadelinha, tesão – então finalmente soltou um rugido e caiu sobre mim. Eu continuei chorando.

– Acalme-se, querida, não chore. Só dói na primeira vez. A próxima vez será boa. – Ele me abraçou e me deixou chorar. Eu não conseguia entender aquele homem – em um momento ele era um monstro e no outro ele estava agindo como meu amigo novamente. Meus sentimentos estavam uma bagunça. Eu gostava da pessoa que estava me acalmando, eu odiava o homem que me molestara minutos antes. Eu me sentia física e emocionalmente destroçada.

Quando fiquei mais calma, ele se levantou, foi ao meu banheiro, encheu a banheira, me pegou nos braços e me colocou na água. Ele começou a me lavar com uma pequena esponja que encontrou.

A água teve o efeito de me acalmar um pouco mais. Eu podia raciocinar novamente.

– Por que você fez isso comigo? – Eu finalmente perguntei.

– Porque você me enfeitiçou, e eu preciso de você, e porque eu amo você.

– Mas é tão errado. Eu ainda sou criança, Arthur.

– Você não é mais uma criança, meu amor. Agora que eu fiz amor com você, você é uma mulher. Eu sei que você sentiu dor, mas da próxima vez, eu vou me controlar, e você vai gostar disso.

Gostar disso? Eu pensei. Eu odiei isso, como eu poderia vir a gostar? Eu me sentia suja, então peguei a esponja da mão dele e comecei a esfregar minha pele até ficar vermelha. Tudo que eu queria era que ele saísse do meu quarto. Eu sentia vergonha do meu corpo nu, me sentia envergonhada com o que tinha acabado de acontecer, e pensei que nunca seria capaz de enfrentar meus amigos e familiares novamente!

Arthur pegou uma toalha branca macia no armário da pia, tirou-me da água, envolveu-me na toalha e levou-me de volta para a cama em seus braços. Minha cama estava uma bagunça, havia sangue e roupas rasgadas, e parecia um campo de batalha.

Ele arrancou a colcha e jogou-a no chão, foi até o banheiro e ouvi sons de água correndo. Aparentemente, ele decidira tomar um banho. Talvez ele fosse embora depois. Quando ele saiu do banheiro enrolado em uma toalha ele se sentou ao meu lado, eu virei meu rosto. Eu não queria olhar para ele. Ele tinha sido meu amigo e agora eu me sentia traída.

– Lara, olhe para mim.

– Não. – Ele me fez virar a cabeça para ele e começou a me beijar novamente.

– Pare, eu não quero que você me toque! – Tentei me afastar, mas ele ignorou meus protestos e facilmente me dominou, e ao longo da noite, ele me estuprou várias vezes. Parei de lutar e apenas fechei os olhos, permitindo que minha mente se afastasse e pensasse em outras coisas. Eu não queria vê-lo, eu não queria senti-lo.

Finalmente, ele se cansou, ou talvez ele tenha decidido que estava ficando tarde. Ele pegou todas as roupas – as dele e as minhas – tirou a roupa da minha cama e, depois de perguntar onde minha mãe guardava as roupas de cama limpas, arrumou a cama. O quarto ficou em ordem novamente. Como se nada tivesse acontecido. Eu estava sentada em uma cadeira, sem saber o que fazer. Em estado de choque.

– Lara, sente-se aqui. – Ele sentou na cama e bateu no colchão ao lado dele. Levantei-me e fui me sentar na cama. Eu já não tinha vontade própria.

– Você entende o que fizemos hoje? – Eu não respondi. Eu não queria conversar. As sensações de culpa retornaram. Eu me sentia muito suja. Eu queria que ele saísse, e eu queria me livrar da gosma entre as minhas pernas, queria lavar o cheiro dele.

– Nós não apenas fizemos sexo. Você se tornou minha mulher hoje. Você vai ser minha para sempre. Quando você for mais velha, vamos nos casar. Mas agora, as pessoas não entenderão. Você não pode contar a elas. Você sabe que, quando você e eu nos divertimos, você sabe que eles não entendem. Como quando eu ensinei você a dirigir. É a mesma coisa. Se você disser, eles vão culpar você. Você entende?

– Eu não sei, você me machucou, e eu não queria que você me tocasse.

– Você me queria, baby. Seu corpo me queria. Desde o dia em que nos tornamos amigos, você tentou de todas as formas me seduzir com seu perfume, seus vestidinhos, seus movimentos. Você é uma sedutora, Lara. Eu tenho que ir agora. Aqui. Tome isso. Ele me deu dois comprimidos que tirou do bolso. – Você vai se sentir melhor. – Ele encheu um copo de água da pia do meu banheiro e deu as pílulas para mim, então ele esperou pacientemente eu toma-las.

Hoje, eu sei que elas eram pílulas do dia seguinte, mas naquela época, eu achava que ele estava sendo atencioso e me dando algumas pílulas para dor.

– Agora eu tenho que ir, mas lembre-se, é o nosso segredo! – Ele saiu, levando nossas roupas e os lençóis com ele. Fui ao banheiro, enchi a banheira e passei muito tempo tomando banho, sem sair, até a água esfriar. Não apenas me sentia suja, mas também me sentia diferente. E o pior de tudo, ele me convencera de que eu era responsável por tudo o que ele tinha feito comigo.

Eu sabia que minha vida nunca mais seria a mesma. Eu era uma adulta agora. Comecei a chorar de novo, cheia de arrependimentos por ter me tornado amiga de Arthur, por gostar de suas atenções e passear com ele.

Quando eu olho para trás, naquele dia, vejo uma menina inocente que recebera uma sentença de prisão perpétua por algo que não tinha feito. Cada palavra que Arthur me dissera era como uma bomba explodindo dentro da minha cabeça, que ficava sendo repetida, estilhaçando meus pensamentos em todas as direções.

CAPÍTULO VIII



Simone – Dias atuais

Simone estava tão profundamente imersa nos horrores de Lara, que ela não sentiu o voo começar descer e só voltou à realidade quando o avião tocou o chão. Ela estava se sentindo muito perturbada pelo que acabara de ler.

Ao longo de sua carreira, Simone havia estudado muitos casos de abuso infantil, mas nenhum relatório médico abordava a intensidade das palavras de Lara. Elas eram tão vívidas, Simone sentiu-se sofrendo junto com a garota através de sua dor! Infelizmente, por enquanto, ela tinha que guardar o diário e se preparar para desembarcar.

Ela pegou a bolsa, deixou o avião e caminhou até a área de bagagens em estado de torpor, precisou esperar quase quinze minutos para as malas chegarem e os pensamentos conectados na história de Lara.

Simone avistou Edward depois de ter pego sua bagagem na esteira, e no momento em que ela viu o rosto dele, viu que tinha sentido muito mais saudades dele do que imaginara. Ele a viu, acenou e esperou que ela chegasse até ele. No momento em que ela chegou perto, deixou cair a bolsa sobre as malas e o puxou para perto para um abraço.

Ela aprendeu com Arami como poderia se sentir bem em estar nos braços de alguém que você ama e que se importa com você.

Ela respirou profundamente, uma sensação de calma tomando conta dela. Estar nos braços de Edward tinha gosto de voltar para casa, e a sensação a surpreendeu. Talvez ela tivesse que analisar seriamente seus sentimentos por esse homem em breve. Ela não podia evitar comparar a boa sensação que ele provocou dentro dela com o gosto ruim e amargo que seu caso rápido com Armando deixara em sua boca.

– Ei, garota, eu senti tanto a sua falta! E você está linda, olha esse bronzado! Tudo que você precisa é de um pouco das minhas massas para colocar um pouco mais de carne nos seus ossos.

– Eu também senti sua falta, Ed. – Ela o soltou e deu um passo para trás para olhar para o rosto dele. – É tão bom ver você.

– Meu carro está estacionado um pouco longe daqui. Quer vir comigo, ou espera aqui e eu posso voltar e pegar você?

– Vamos juntos. Estou ansiosa para chegar em casa.

Eles saíram para buscar o carro de Edward e conversaram sobre as férias dela em Miami. Ela não mencionou Armando, não sentiu necessidade de contar sobre isso e, para ela, Armando já estava no passado. Eles também conversaram sobre Philip e outras coisas que aconteceram no consultório deles enquanto Edward dirigia para a cidade de New Haven.

– Eu não tive a chance de conversar muito com o policial que prendeu Philip, mas parece que o cara estava sob a influência de algum tipo de droga.

– Não é possível, Ed! Philip não é esse tipo de homem. Para falar a verdade, ele nunca mencionou drogas para mim. Eu preciso vê-lo. Vamos direto para a delegacia quando chegarmos.

– Vamos, Simmie, mas você parece que precisa descansar um pouco.

– Eu não conseguirei dormir até ver Philip. – Simone queria ir diretamente para a polícia para conversar com Philip, embora estivesse exausta depois de passar quase vinte e quatro horas sem dormir.

– Ok, você manda. Deixe-me ligar para um dos meus amigos para ver se você pode entrar para vê-lo assim que chegarmos lá. – Edward fez o telefonema e combinou com seu amigo policial para que ela pudesse ver Philip.

Quando chegaram ao Departamento de Polícia de New Haven e estacionaram do lado de fora do prédio de tijolos marrons, Edward mostrou-lhe o caminho e apresentou-a a um dos policiais de plantão.

– Aaron, esta é a Dra. Simone Bennet, médica do Philip. Simone, este é o oficial Aaron Stewart.

– Um prazer, Dra. Bennet. – Aaron estendeu-lhe a mão.

– Prazer em conhecê-lo, oficial. Estou muito ansiosa para ver meu paciente. Como ele está? – Ela apertou a mão do oficial Stewart.

– Ele está calmo agora. Vou levar você até ele e podemos conversar mais tarde.

– Isso seria ótimo. – Simone tentou esconder sua impaciência por trás de um sorriso educado.

– Edward, você poderia levar a Dra. Bennet para a sala de interrogatórios quatro, enquanto eu vou buscar o prisioneiro?

Simone se encolheu por dentro ao ouvir se referirem a Philip como “prisioneiro”.

– Claro, Aaron – disse Ed. – Edward ajudava a polícia local realizando perfis criminais, e ele estava familiarizado com o departamento de polícia e as pessoas de lá. Ele conduziu Simone para uma sala fria e cinzenta, com apenas uma mesa de aço e duas cadeiras de alumínio. Alguns momentos depois, o policial Stewart voltou com Philip, as mãos dele estavam algemadas atrás das costas e, quando ele a viu, começou a chorar.

– Você pode tirar as algemas dele, por favor? – Simone perguntou ao oficial Stewart. – Eu dou a minha palavra que eu posso controlá-lo.

– Se você tem certeza, Dra. Bennet. – Ele removeu as algemas dos pulsos de Philip, mas não fez nenhum movimento para sair da sala.

– Você poderia nos deixar a sós, por favor?

– Eu não sei... Eu não sei – O policial Stewart hesitou. – Esse sujeito fez uma bagunça na noite passada.

– Está tudo bem Aaron, podemos deixá-los sozinhos – disse Edward. – Eu não acho que haverá qualquer problema.

– OK. Eu vou acreditar na sua palavra, doutor.

Depois que Edward e o policial deixaram a sala, Simone se sentou em uma das cadeiras de metal.

– Sente-se Philip. – Ela acenou com a mão na outra cadeira do lado oposto da mesa.

Philip sentou-se e, depois de esperar alguns instantes para se acalmar, Simone esticou o braço por cima da mesa e pegou a mão dele.

– Oi, Philip, o que está acontecendo? O que aconteceu? Você pode me falar?

– Doutora, muito obrigado por ter vindo! Eu estava desesperado! Eu realmente não sei o que aconteceu. De alguma forma, enlouqueci e destruí uma boate.

– Você misturou álcool com o seu remédio?

– De jeito nenhum! Você foi muito clara sobre não beber, e eu juro que não tomei uma gota de álcool sequer! Tudo o que eu bebi naquela noite foi chá gelado!

– Você está tomando outros medicamentos, além daqueles que eu prescrevi?

– Não, doutora, nada! – Ele moveu a cabeça em negação.

– Você pode me dizer o que você lembra?

– Eu não sei... eu estava na Bali – é uma boate onde a Leonora trabalha algumas vezes – e eu fui lá porque ia terminar com ela. Ela estava trabalhando quando eu cheguei. Estava amarrando uma garota e eu decidi esperar por ela. Eu estava sentado em um canto, sozinho em uma mesa, tomando meu maldito chá gelado. Depois disso, tudo que me lembro foi de estar um pouco tonto e então vi algo parecido com um dragão.

– Um dragão? Dragões não existem, obviamente. Você estava alucinando. O que aconteceu depois?

– Eu realmente não sei. Quando voltei a mim, estava na prisão e me disseram que eu destruí o lugar. Eles disseram que eu estava jogando cadeiras e copos e que eu tinha batido na minha ex-mulher!

– Por que sua ex esposa estava lá?

– Esse é o ponto! Não me lembro dela estar lá e com certeza não me lembro de ter batido nela!

– Como você se sente hoje?

– Horrível... como um rato! Pensar que bati na mulher que amo, que destruí um lugar. Este não sou eu! – Ele colocou as mãos tapando o rosto. Ele parecia desesperado. Simone podia facilmente ler sua expressão angustiada. Seus olhos estavam enormes e ele parecia em pânico e horrorizado por ter feito algo que ia contra tudo que acreditava.

– A polícia fez um teste de drogas em você?

– Eu sinceramente não me lembro.

– Vou checar com eles. – Simone fez uma anotação mental para perguntar ao policial Stewart sobre isso mais tarde.

– Mas eu juro, doutora, eu não tomei nada!

– Eu só preciso dos exames para eliminar qualquer reação física, Philip, e vou ficar de olho em você. Seu advogado já está a caminho e eu vou assumir a responsabilidade psiquiátrica por você, mas você tem que prometer me informar qualquer coisa incomum. Você tem meu número de telefone pessoal.

– Obrigado, novamente, doutora. Peço desculpas por fazer você interromper suas férias.

– Não se preocupe com isso, Philip. Já era hora de eu voltar para casa.

Simone se despediu de Philip e saiu da sala. Ela perguntou ao policial Stewart sobre os testes de drogas.

– Nós já o testamos, doutora. Usamos um bafômetro primeiro, mas esses resultados foram negativos, então fizemos testes de sangue e urina, mas ainda não temos esses resultados. Ele parecia completamente intoxicado quando chegou, e ele gritava: “Mate o dragão, mate o dragão.” Mas algumas horas depois, ele estava como agora, totalmente calmo.

– Eu não entendo. Eu o conheço há anos e ele é uma pessoa boa e confiável. Por favor, me informe quando você receber os resultados desses testes, ok?

– Claro, vou ligar para o Dr. Reynolds quando os tivermos.

Edward estivera conversando com outro oficial e, quando Simone se dirigiu para a recepção, ele foi encontrá-la. O advogado de Philip chegou, e eles preencheram toda a papelada necessária para socorrer Philip. Simone acompanhou Philip na frente de um juiz e concordou em assumir responsabilidade pessoal e profissional por ele após sua libertação.

Quando terminaram, ela e Edward deixaram o departamento de polícia, e Simone pediu a Edward para levá-la para casa. Ed a levou até a casa dela em Woodbridge, e em poucos minutos, no caminho, ela adormeceu no carro, mais relaxada agora que tudo se resolvera para Philip.

– Simmie, acorde, você está em casa. – Ela abriu os olhos ainda sonolenta. Estavam

estacionados em frente à casa dela. Ela olhou para Edward.

– Eu vou levar você até a porta, e então eu vou para casa tomar banho, descansar um pouco e depois voltar para o consultório. Você precisa descansar, ok? Você parece cansada. Esta tarde, vou entrevistar uma nova secretária – a última foi um desastre. Se você estiver pronta para participar, seria ótimo.

– Claro, Ed. Muito obrigada por tudo. Como sempre estou novamente em dívida com você.

– Não, você não está. Apenas descanse. – Ele a beijou levemente no rosto. –Vamos entrar.

Ele a acompanhou pela calçada, carregando suas malas, e então esperou enquanto ela encontrava as chaves dentro de sua bolsa muito organizada, abriu a porta da frente de casa e entrou.

– Eu venho ver você mais tarde, ok? – Ed colocou as malas no chão da entrada. Ela assentiu.

– Sim. Obrigada novamente, meu amigo. – Ela deu um abraço de despedida em Edward, mas ele pareceu não esperar que o tocasse e se soltou do abraço de forma sútil, mas rápida. Ele se virou sem dizer mais nada e andou rápido até o carro.

Simone observou Edward partir, um pouco curiosa com a reação dele, e então fechou a porta e foi para a sala de estar. A mobília clássica e familiar dava-lhe uma sensação de segurança. Ela estava feliz por estar em casa, mas estava cansada demais para fazer mais do que tomar banho, preparar alguma coisa rápida para comer e depois rastejar para a cama, e foi exatamente isso que ela fez.

* * * * *

À tarde, após descansar por algumas horas e se sentir revigorada, Simone foi para o consultório em New Haven. Quando ela parou em frente à casa Tudor que ela e Edward compraram e restauraram, ela não pôde deixar de admirar sua beleza. “Como é bom estar em casa”, ela pensou novamente quando abriu a porta da frente e entrou na sala de espera vazia. Ela cruzou pelo tapete persa e parou em frente à mesa da secretária.

Simone sentiu uma pontada no coração ao ver a mesa vazia. Sentia falta de Mona, sua ex-secretária, uma das vítimas do *serial killer*. Ela olhou para a porta fechada de Edward. Ele devia estar com um paciente. Ela percorreu o corredor até o seu consultório. Inspirado por um dos castelos da imperatriz Josephine, que Simone visitara quando estudava na França, era decorado em madeira escura e um espesso tapete persa em diferentes tons de vermelho, cobria o chão. Pinturas em largas molduras de madeira pendiam das paredes de cor creme.

Simone sentou-se em sua poltrona de couro, acariciando-a e olhando para as prateleiras de carvalho cheias de livros, tão diferentes – tão clássicas e confortáveis, comparadas à decoração moderna que a rodeara em Miami.

Seu coração estava pesado, ela se sentia um pouco estranha, mas imaginou que tinha mais a ver com ela ter que se acostumar com sua antiga vida novamente, do que qualquer outra coisa. Ela não sabia o que fazer sem uma agenda para preencher cada momento do dia, e Edward provavelmente estava atendendo um paciente, então ela estava sozinha.

Ela pegou a cópia do diário de Lara de sua bolsa, determinada a fazer algum progresso em sua leitura. Melhor ser produtiva do que ficar sentada, se torturando com sentimentos e pensamentos estranhos.

O Diário de Lara

Quando meus pais chegaram em casa naquela noite, eu estava no meu quarto, e meu pai veio dizer oi e perguntar como fora meu dia. Meus olhos estavam inchados de tanto chorar e meu rosto estava todo vermelho, eu estava um caos e me senti ainda pior sob o olhar dele. Eu não sabia o que fazer. Eu não consegui contar ao meu pai – eu não podia encará-lo de tanta vergonha e voltei a chorar.

– Ei, meu bebê, o que houve? Você parece triste. Você está bem? – Meu pai parecia sinceramente preocupado, sua testa enrugando-se. – Você está chateada por que ficou sozinha em casa?

Eu mal conseguia encontrar minha voz para dizer não, e continuei soluçando.

A gentileza e preocupação dele me fizeram sentir ainda pior, mas eu não podia contar a ele. Tudo que eu conseguia fazer era chorar.

– Sabine, venha aqui, por favor. – Ele falou da porta com minha mãe. Meu pai era um bom homem, mas, como quase todos os homens, tinha dificuldade em lidar com as lágrimas de uma mulher – ou, neste caso, de uma garota.

– O que houve agora? – Sabine perguntou, obviamente, sem a mínima vontade de lidar comigo.

– Há algo errado com Lara – ele disse a ela.

– E qual é a novidade? – ela respondeu e entrou no meu quarto bufando, mas no momento em que eu encontrei seu olhar, ela se virou para o meu pai.

– Deixe-nos, Larry. Vou falar com Lara e ter certeza de que ela está bem. – Meu pai hesitou, colocando a mão no meu ombro.

– Lara?

– Eu disse que resolvo isso, Larry – insistiu Sabine, ainda parecendo impaciente. – Estou certa de que posso ajudar Lara com o que a está incomodando. Ela adocicou o tom de voz para convencer meu pai.

Eu ainda estava soluçando e lágrimas escorriam pelo meu rosto, e eu acredito que ela deve ter ficado preocupada que eu falasse algo comprometedor para o meu pai. Algo que ela poderia ter dificuldade em explicar.

Mas meu pai não se mexeu.

– Larry, por favor, eu acredito que Lara e eu precisamos conversar um pouco. Eu assumo agora – disse ela com a voz ainda mais suave e gentil.

Meu coração se encheu de esperança. Eu poderia confiar nela? Apesar do que aconteceu da última vez que tentei falar com ela, atrevi-me a acreditar que ela me levaria a sério agora. Afinal, o que eu tinha para dizer a ela não podia ser refutado. Ela teria que aceitar a verdade.

Mas meu pai não se levantara para sair.

– Lara? Tudo bem?

– Sim, pai.

Eu ofereci-lhe um sorriso aguçado em um esforço para assegurar-lhe que estava tudo bem, e ele poderia ir. Além disso, eu não conseguia imaginar meu pai ouvindo o que eu tinha a dizer. Eu ficaria mortificada, e se ele me culpasse por algum motivo, eu não sei o que eu faria.

Ele finalmente se levantou e saiu do quarto, fechando a porta atrás dele. No momento em que ele se foi, Sabine veio e se sentou ao meu lado na minha cama. Ela pegou minha mão com um aperto suave, e eu não conseguia me lembrar de uma vez em que ela havia agido de forma tão carinhosa comigo. Eu fiquei tocada. Ela poderia ser difícil, mas eu tive certeza naquele momento que ela me amava. Ela era minha mãe e eu poderia confiar nela.

Hoje em dia, sinto-me uma idiota por ter sido tão ingênua.

– O que está acontecendo, Lara? – Ela me perguntou. Seu tom era suave e baixo, e eu realmente precisava ser consolada, e então decidi que poderia contar a ela o que acontecera, que tinha que contar tudo a ela, e assim o fiz. Eu contei a ela sobre Arthur, o jeito que ele entrou na casa com uma chave, o jeito que ele me atacou, tudo o que ele me fez, os palavrões que ele me chamou. Ela ficou sentada em silêncio, ouvia enquanto eu soluçava e chorava e derramava toda a sórdida história sobre ela. Embora ela não falasse nada, ela continuou segurando minha mão e eu me senti segura e protegida.

Quando finalmente terminei, ela soltou minha mão e se virou para mim, olhando-me nos olhos.

– Isso é tudo? – Ela perguntou.

– Ele me disse que foi minha culpa, mamãe!

Ela não hesitou.

– Ele tem razão, Lara! – Eu fiquei tão chocada que ela poderia ter me esbofeteado, e eu não teria ficado mais surpresa do que pelas palavras dela.

– É totalmente sua culpa. Sempre tentando chamar a atenção. Desde o primeiro dia em que você o conheceu, você se comportou como uma putinha no cio, sempre seguindo ele. Os homens são assim, Lara, se você lhes der atenção, eles vão querer algo mais, e agora que você deu a ele o que ele queria, ele só irá querer mais.

– Não é minha culpa. Eu pensei que ele gostasse de mim. Você tem que pará-lo, mãe. Eu nunca quis que ele fizesse isso comigo! Emms me disse que uma mulher só faz sexo com um homem que ama e eu não o amo!

– Oh, Emms lhe disse isso? Aquele morcega velha e suas ideias malucas. As pessoas fazem sexo quando querem, o amor não tem nada a ver com isso.

– Mas eu não quero fazer isso com Arthur! E você tem que pará-lo, por favor! – Eu implorei a ela.

Estendi a mão para tocar seu braço, esperando restabelecer a conexão calorosa que eu tive com ela quando ela entrou no meu quarto. Mas ela se levantou e ficou ali de braços cruzados, olhando para mim com frieza.

– Não, eu não farei isso. Você começou isso e agora vai fazer o que ele quer. Eu não quero ter problemas com os membros da família dele. Eles são bons para nós. Seu pai tem muitos contatos comerciais no governo graças a eles, nós temos essa vida, graças à família de Arthur. Eu já lhe disse isso! Se você foi idiota a ponto de seduzir um homem que não queria, esse é o seu problema agora, mas você não vai rejeitá-lo. De jeito nenhum, senhorita!

– Sim, vou rejeitá-lo, eu não quero ele! Eu nunca quis. Eu pensei que ele era meu amigo.

– Amizade entre um homem e uma mulher? Isso não existe, Lara, você é tão ingênua.

– Se você não o parar, eu vou contar a Emms, e ela vai fazer algo sobre isso! – Minha ameaça gritada deve tê-la deixado nervosa porque ela me agarrou pelos ombros e me sacudiu. O comportamento dela me lembrou da maneira como Arthur agira antes.

– Não se atreva a levantar a sua voz para mim, sua pirralha. E se eu fosse você, não falaria com Emms.

Tentei me acalmar e não gritei porque tinha certeza de que ela ia me bater como sempre fazia quando perdia a paciência. Mas minhas lágrimas diminuíram e recuperei minha coragem para lutar com ela.

– Sim, eu vou falar com minha avó. Ela sempre me escuta, e eu sei que ela não vai aprovar um homem velho fazendo sexo com uma criança.

– Ok, Lara, vamos nos acalmar aqui. Estou nervosa, você está chateada e temos que conversar um pouco sobre alguns fatos da vida. Eu sou sua mãe e tenho que lhe contar a verdade sobre algumas coisas. – De repente, ela estava tão calma e composta, como sempre quando interpretava a boa mãe na frente de outras pessoas.

– Lara, você sabe que eu estava grávida de você quando me casei com seu pai, não é?

– Não, eu não sabia.

– Bem, eu estava e nos casamos rápido. Mas a verdade é que eu estava tendo um caso com meu ginecologista e também namorava seu pai. O ginecologista me engravidou, mas ele não se casaria comigo porque era casado, então, eu decidi me casar com Laurence. Você não é a filha de Laurence, Lara.

Ela fez uma pausa e olhou para mim incisivamente e depois continuou:

– O que obviamente significa que você não é neta de Emma. Eu estava esperando para te dizer isso quando você tivesse idade suficiente para entender. Então, se você disser a Laurence alguma coisa sobre Arthur e o que você o levou a fazer hoje, vou dizer a Laurence que você não é filha dele.

Eu olhei para ela, sem palavras por um momento, antes de finalmente encontrar minha voz.

– Você está mentindo!

– Não, eu não estou! Mas você pode tentar a sorte. Vá em frente. Diga a ele. Conte a Laurence sobre Arthur e cinco minutos depois, vou contar a ele tudo sobre você. O que você acha que vai acontecer então? Ele vai chutar você para a rua.

– Ele vai chutar você também! – Eu disse desafiadoramente.

– Sim, mas você teria que ir comigo. Nós duas perderíamos, mas você, você perderia muito mais do que eu, porque eu vou viver a minha vida. Laurence manteria Sean e Debbie, já que eles são seus descendentes legítimos e eu vou mandar você morar com minha mãe. Se você acha que sua vida é miserável agora, você vai aprender rápido como você é abençoada! O dedo dela estava em riste para mim.

– Sua querida "Emms" vai virar as costas para você, você não será mais a filha do filho querido dela – você será apenas a filha bastarda da odiada Sabine. Você sabe muito bem o quanto ela me despreza. Como você acha que a vida será?

Minha cabeça estava uma bagunça, minha imaginação sempre muito fértil e vívida, e suas perguntas me fizeram imaginar vivendo com minha avó amarga e alcoólatra Shirley, mas, pior, eu podia me ver perdendo Emms, papai e meus irmãos também. Eu me sentia quebrada por dentro. Eu não tinha nada. Toda a minha realidade se desintegrou. Todas as pessoas que eu amava não eram minhas para amar! A única coisa que realmente tinha era a pessoa repugnante na minha frente.

Mas, aparentemente, ela ainda não estava feliz. Não tinha provocado danos suficientes, porque continuou com seu discurso nojento.

– Então agora você entende. Se você quer manter esta vida, você vai fazer o que eu digo e o que Arthur quer que você faça. Se você fizer o que eu digo, sua vida não mudará, se você não fizer isso – se eu ouvir alguma queixa de Arthur – sua vida será miserável. Eu pessoalmente vou garantir isso.

– Deus – eu sussurrei. – Como você pode ser tão cruel com sua própria filha? – Tola, eu pensei que minhas palavras pudessem tocá-la, fazer com que ela mudasse de ideia.

– Sim, infelizmente, você é minha filha, e eu não vou permitir que você fique no meu caminho mais do que você já está! – Ela apontou um dedo para mim novamente.

– Você nunca foi nada além de um fardo, um grande erro, como uma pedra afiada dentro do meu sapato. Mas você não vai ficar no meu caminho para o topo. Se eu tiver que lhe matar, farei isso com prazer! E se eu tiver que permitir que Arthur, o pai dele e o avô te fodam para que eu alcance o status social que eu mereço, então pode apostar que eu farei. – Ela girou nos calcanhares e saiu do quarto como uma *prima dona* saindo do palco.

Por um longo tempo, olhei para a porta do quarto fechada, completamente perdida. Eu tinha acabado de passar pelo pior dia da minha vida. Eu me sentia vazia. Eu não tinha mais lágrimas para chorar.

Eu era uma miserável refém, prisioneira de minha mãe, prisioneira de Sabine. Nunca mais a consideraria minha mãe. Eu não tinha mais pai. Eu estava sozinha.

Aquela conversa com Sabine definiu o resto da minha vida. Daquele dia em diante, eu era como um robô. Eu tentei muito não sentir, mas eu estava sempre triste e deprimida. Eu mudei de uma garota que adorava ler para uma garota que dependia de livros para escapar da realidade. Parei de socializar com os poucos amigos que tinha – afinal, sobre o que falaríamos? Sexo? Estupro? Traição? Eles ainda eram jovens e ingênuos; eu sentia como se tivesse envelhecido cem anos em menos de uma semana.

Para me separar da minha avó, Sabine armou uma briga com Emms quando ela voltou da Europa. Eu não sei pelo que brigaram – eu nunca perguntei. Mas, como resultado, Sabine se recusava a permitir que Emms visitasse nossa casa, meus irmãos e eu. Meu pai e Sabine tiveram outra briga enorme por causa da briga com Emms, mas de alguma forma, Sabine saiu vitoriosa, e Emms se afastou.

Eu ainda mantinha contato com a minha avó, por meio de encontros clandestinos e telefonemas secretos. Apenas ouvir a voz dela me fazia sentir melhor, mas eu não podia imaginar contar a ela a verdade. Arthur e Sabine me ensinaram a desconfiar de adultos, eu aprendi que não podia prever suas reações. Então eu não contei nada para Emms. Eu não apenas temia a reação dela, eu estava com medo que ela descobrisse que eu não era sua neta, e eu acabaria perdendo tudo o que era importante para mim.

Eu sei que Emms sempre suspeitou que as coisas não estavam bem comigo, mas eu sempre tentei disfarçar meus verdadeiros sentimentos e quando eu estava com ela, eu podia fingir que eu era a mesma garota que costumava ser – eu podia esquecer minha vida e ser feliz por umas horas – e então eu voltaria para casa... de volta para o meu calabouço...

Quanto a Arthur, ele continuou me molestando. Ele comprou um apartamento que ele batizou de o nosso "ninho de amor". Nós nos encontrávamos lá pelo menos uma vez por semana, às vezes mais, dependendo do humor dele.

Sabine encontrava as desculpas para dar ao meu pai... e meu Deus, ela era boa nisso.

Nos primeiros anos depois daquele primeiro dia, Arthur nunca mais me machucou. Fizemos sexo e ele sempre era gentil, e eu até aprendi a apreciar o ato. Toda vez que estávamos juntos, eu fechava meus olhos porque eu não queria ver o rosto dele. Em vez disso, eu simplesmente sentia, e então um dia, para minha surpresa, percebi que estava tendo prazer físico enquanto imaginava um ator bonito e famoso em cima de mim, no lugar do meu agressor.

Nunca foi Arthur e eu. Com meus olhos fechados, eu estava sempre com outra pessoa, alguém que eu havia escolhido – um ator, um cantor, mas nunca Arthur.

Mas emocionalmente? Emocionalmente, eu estava um desastre. Fiquei paranoica e desconfiada, era incapaz de confiar, sempre procurava os motivos ocultos das pessoas. Se um homem me desse um elogio, eu sentia calafrios, e não de um jeito bom. E, quanto a Arthur, eu me sentia como um animal de estimação, presa e sem meios de escapar. Ele me usava como e

quando queria. Ele me tratava como se eu fosse sua boneca, me dizia como eu deveria me vestir, como me comportar, como foder. Eu era dele, minha mãe tinha garantido isso.

Nosso “arranjo” durou alguns anos. Arthur concorreu para um cargo político, e quando ele perdeu, decidiu deixar a cena por um tempo. Ele iria para Paris. Eu estava tão feliz quando ele me disse, porque eu pensei que finalmente ficaria livre, mas então ele me informou que ele e Sabine tinham encontrado um jeito de eu ir com ele.

Sabine organizou uma espécie de intercâmbio. Segundo ela, era importante para uma menina em minha posição aprender francês e experimentar a vida no exterior por um tempo, antes de frequentar uma universidade. Meu pai me perguntou se estava tudo bem comigo e, claro, eu disse sim. O que eu poderia dizer? "Não, eu não quero ir. Arthur está indo comigo, ele me estuprou, ele é meu amante, Sabine aprova e, a propósito, eu não sou sua filha legítima?"

Dias antes de minha partida, Arthur me deu um enorme anel e me avisou que iríamos fazer o papel de um casal de noivos enquanto estivéssemos em Paris. Eu não poderia ter me importado menos, até onde eu sabia, era apenas mais uma mentira para acrescentar à minha lista telefônica delas.

CAPÍTULO IX



Simone – Dias atuais

Quarenta e cinco minutos depois, Edward bateu a porta e Simone deixou o diário de lado.

– Entre.

– Bem-vinda ao lar, Simmie.

– Engraçado você dizer isso, eu estava pensando exatamente a mesma coisa. Estou muito feliz por estar em casa e pronta para trabalhar.

– A nova candidata chegou. Você gostaria de me ajudar a entrevistá-la?

– Claro. Vamos fazer isso. Na verdade, você pode trazê-la aqui. – Simone estava animada em começar a trabalhar e a participar da vida no consultório novamente. Edward enfiou a cabeça para fora da porta do escritório.

– Patricia, você pode vir até aqui, por favor? – ele falou.

Patricia Bravesch apareceu na porta. Ela era alta e magra, com cerca de trinta e cinco anos de idade, cabelos castanhos e olhos verdes, e vestia um terno cinza clássico. No geral, muito bonita e elegante.

– Boa tarde, Dr. Reynolds e Dra. Bennet.

“Bom começo”, pensou Simone, “alguém fez o dever de casa, ela já sabe meu nome.”

– Boa tarde, Patricia. – Simone se levantou e deu a volta na mesa, estendendo a mão em saudação.

– Por favor, sente-se e conte-nos um pouco sobre você. – Simone apontou para uma cadeira.

– Eu trouxe algumas referências comigo, doutora. – Ela entregou à Simone um *curriculum* e depois sentou-se e esperou, muito quieta e comportada.

Patricia tinha ótimas referências. De acordo com seu currículo, ela havia trabalhado para vários advogados conhecidos na cidade.

– E por que você decidiu abandonar a área jurídica? – Edward perguntou.

– Meu último chefe se aposentou e eu não quero ir para um escritório enorme. Eu prefiro algo assim.

Ela acenou com a mão, indicando seu entorno, e sorriu.

– Apenas duas pessoas para cuidar. Eu gosto de fazer um trabalho mais pessoal.

– Bem, até mesmo um consultório psiquiátrico pode ficar um pouco... desculpe o trocadilho... maluco. Tem certeza de que você está preparada para lidar com algum caos de vez em quando? – Edward sem dúvida tinha memórias muito recentes sobre pacientes que agiram loucamente e sabia que eles precisavam de uma mão firme para controlá-los.

– O que Edward quer dizer é que, às vezes, você precisará usar uma mão forte para colocar nossos pacientes na linha. Você é capaz disso? – Simone perguntou.

– Havia muitos clientes lunáticos nos escritórios de advocacia também. – Patricia balançou a cabeça. – É difícil me assustar.

A mulher era muito firme em todas as suas respostas e parecia segura e controlada, duas qualidades necessárias para o trabalho. Depois de mais algumas perguntas, Simone havia visto o suficiente.

– Você pode nos dar um momento, Patricia?

– Claro, Dra. Bennet. – Ela saiu da sala, fechando a porta atrás dela.

– O que você acha, Simmie?

– Eu não conheci nenhum dos outros candidatos, mas ela parece perfeita para mim – quase boa demais para ser verdade – mas, como você entrevistou as outras pessoas que se candidataram, eu não tenho nada para compará-la.

– Nenhum dos outros era tão bom quanto Patricia, e eu tive a mesma impressão sobre ela; ela parece ser calma, controlada e experiente.

– Vamos contratá-la, Ed. Precisamos de ajuda aqui. As coisas vão voltar aos trilhos daqui a alguns dias, e nós dois sabemos que não podemos dar conta sozinhos. Se ela não for como na foto, e se não der certo, nós podemos sempre contratar outra pessoa.

– Você está certa. Eu estava fazendo o meu melhor sem ajuda, mas é difícil.

Eles foram até a recepção onde Patricia estava sentada, pacientemente aguardando, para dar uma boa notícia a ela, que concordou em começar no dia seguinte.

Quando Simone e Ed terminaram de conversar com a secretária recém-contratada, e Simone voltava para o consultório, o celular de Edward tocou. Ele puxou do bolso do blazer e atendeu. Ele levantou a mão, sinalizando para Simone esperar que ele terminasse. Ele terminou a ligação pouco depois.

– Os exames toxicológicos de Philip chegaram. disse ele. – Receio que as notícias não sejam boas. O teste deu negativo para álcool, mas ele tinha uma quantidade enorme de Dietilamida, Ácido Lisérgico, presente em sua urina.

– O quê? LSD? Philip? De jeito nenhum! – Ela não podia acreditar.

Ela conhecia Philip e o conhecia muito bem. Ele nunca tomaria LSD! Mas os resultados do teste explicavam o comportamento violento e as alucinações. O LSD em altas doses às vezes fazia com que alguns indivíduos apresentassem comportamento violento. Mas Philip? Ela simplesmente não podia acreditar que ele se entregara a drogas ilícitas.

– Tem certeza, Simone? Esses testes são geralmente muito precisos.

– Eu tenho que falar com Philip, mas isso não é dele.

Edward se desculpou e foi para seu consultório enquanto Simone se dirigiu para o dela para ligar para Philip. Ela se sentou atrás de sua mesa, pegou o telefone e ligou para Philip. Ele atendeu imediatamente.

– Doc, como você está? – Como ele era seu paciente há vários anos, ela pôde reconhecer o tom de preocupação na voz dele. Simone estava agitada e batia uma caneta na mesa.

– Philip, tenho más notícias. Acabei de obter os resultados de seus exames de drogas, e eles encontraram uma substância chamada ácido lisérgico, também conhecida como LSD. Você pode me dizer a verdade, Philip...

– Eu nunca tomei LSD na vida, doutora! Eu nunca tomei drogas ilegais! Eu tenho medo delas, e as únicas drogas que eu tomo são aquelas que você prescreve. Isso deve ser um erro. Eu nunca me drogaria. Eu posso fazer outro teste? Talvez contratar um laboratório diferente para fazer o exame ou algo assim?

– Eu aconselho você a fazer isso, mas há uma boa possibilidade de que eles não encontrem nada. O LSD deixa a corrente sanguínea rapidamente, mas não faz mal tentar.

– Como isso pôde acontecer? É impossível!

– Eu realmente não sei, Philip, há apenas uma maneira pela qual esse tipo de drogas pode entrar no sistema de uma pessoa; você tem que ingeri-las, voluntariamente ou não. Você tem algum inimigo?

– Eu? N-não, n-ninguém, eu posso pensar em... – Philip começou a gaguejar.

– Faça um novo exame, e vamos tentar descobrir o que aconteceu – ela disse a ele. – E, Philip, eu sei que você está passando por um momento difícil, mas, por favor, tente ficar calmo,

ok?

– Eu vou ficar, doutora. Obrigado. Avisarei quando tiver o resultado dos novos exames. – Eles se despediram e Simone colocou o celular na mesa. Pobre Philip. Ela acreditava nele, o que só podia significar que alguém lhe havia ministrado LSD de alguma forma. Mas o que ela não conseguia entender era porquê.

Para afastar a mente dos problemas do paciente, Simone decidiu passar o resto da tarde lendo o diário de Lara. Ela ainda não tinha clientes agendados para aquele dia e ainda não queria voltar para casa.

O Diário de Lara

Paris

Sabine me acompanhou a Paris. Seu raciocínio? Algo ruim poderia acontecer comigo se ela não fosse. Que piada! Ter nascido filha dela era a pior coisa que poderia ter acontecido comigo! Eu não troquei uma palavra com ela durante o voo. Na verdade, nos últimos anos, eu só falava com ela quando era absolutamente necessário e descobri que não precisava dela para nada.

Chegamos à França em uma tarde cinzenta. O aeroporto de Roissy estava lotado, turistas por todo o lado. Lembrei-me de como as coisas foram diferentes na última vez em que eu fui a Paris quando Emms me levou. Eu estava cheia de esperança e expectativas; tudo tinha sido divertido. Agora eu não tinha ideia de para onde minha vida estava indo e eu estava inteiramente sob o controle de Arthur.

Enquanto caminhava pelo aeroporto, senti como se meu coração pesasse mil quilos. Eu mal conseguia respirar. Arthur estava nos esperando com um motorista.

– Bom dia, Sabine. – Ele a cumprimentou com um beijo no rosto e depois se virou para mim. Ele tentou me beijar na boca – sua primeira demonstração pública de afeto – e percebi que, longe de casa, ele aparentemente não sentia necessidade de se conter. Mas eu virei meu rosto e ele beijou o ar.

– Eu senti sua falta, bebê! Você não sentiu a minha? – Eu realmente acho que Arthur era um masoquista; ele tinha que saber que eu ia ser desagradável. Eu podia estar sob o seu poder, mas eu ainda tinha um lado rebelde.

– Como se eu tivesse saudades de ser mordida por uma cobra. Você sabe porque estou aqui! – Escolhi aquele momento preciso para fazer minha primeira tentativa de rebelião.

Eu usei um tom baixo, apenas para os ouvidos dele. Eu sabia que se Sabine me ouvisse, ela faria uma observação desagradável. Arthur estava perfeitamente ciente da chantagem de Sabine. Ela deixou claro para mim que ela tinha contado para ele sobre meu pai, então ele poderia usar a mesma informação para me fazer cumprir seus desejos.

– Eu sei, mas você vai ser feliz aqui, eu prometo. – Então ele agarrou minhas mãos, levou-as aos lábios e beijou meus dedos. “Ridículo e antiquado”. Eu teria rido se houvesse ainda algum humor dentro de mim.

A caminho de Paris, fiquei quieta, olhava para os edifícios e o céu cinzento, lembrando o quanto era diferente quando Emms me mostrava todos os prédios e explicara cada lugar por onde passávamos. Eu ainda podia lembrar sua voz e minhas risadinhas infantis.

O trânsito estava lento e demorou um pouco para chegar a Paris. Nós chegamos por uma rua arborizada. *Platanos*, eu me lembrei. Como eu amei aquelas árvores todas quando as vi pela primeira vez.

Eu ainda tenho uma folha de plátano seca dentro do meu primeiro diário. Meu coração se

animou um pouco ao estar de volta àquela cidade familiar. Eu tinha boas lembranças de Paris e não podia culpar a cidade pela minha vida atual.

Eu me lembrei de uma das muitas coisas maravilhosas que Emms me ensinou:

– Lara, quando tudo parece estar contra você e você não puder fazer nada, nade com a corrente por um tempo até que você recupere suas forças e possa encontrar uma maneira de nadar contra ela novamente. – Eu faria isso; eu tentaria ser feliz em Paris, apesar de Arthur. De um jeito ou de outro, eu aproveitaria a cidade até que pudesse encontrar uma saída para esta vida.

Chegamos na *Ile de Saint Louis*, um dos lugares mais caros para se viver em Paris. O apartamento de Arthur ficava no *Quai d'Orléans*. Entramos pela rua *Budé*, onde ficava a entrada da garagem do prédio.

Construído de pedras bege e coberto de varandas de ferro preto, o antigo edifício era muito charmoso e chique. Um porteiro vestido como um advogado, em seu terno preto de bom corte e gravata de seda, abriu as enormes portas de ferro preto para nós. O lobby era bonito, chão de mármore marrom e um maravilhoso lustre de cristal pendia do teto alto, iluminando uma mesa redonda com flores frescas. A decoração dizia: *Bem-vindo à alta sociedade*.

Dentro do prédio, havia um elevador com portas douradas. Entramos – era um pouco apertado, mesmo para nós três, mas isso era Paris – a preservação dos edifícios sempre superou a tecnologia e o elevador era adaptado a um edifício que originariamente só tinha escadas.

O apartamento ficava no segundo andar. Mais tarde, descobri que na verdade ocupava dois andares. Uma empregada vestida em um uniforme cinza engomado esperava por nós, com a porta aberta.

Bonjour, monsieur, bonjour, madame, mademoiselle.

Bonjour, mademoiselle, respondi em francês, usando uma das poucas frases que ainda me lembrava.

Arthur nos apresentou a sua empregada.

– Claudette, esta é minha linda noiva, Lara e minha futura sogra, Sabine.

O olhar de Claudette foi direto para minha mão em busca de um anel, e ela acenou de leve cabeça. Sem dúvida, ela viu o diamante enorme. Mentiras precisam ser baseadas em algum tipo de verdade e o anel era muito real. Se ela achava que eu era muito jovem para estar noiva, ela manteve esses pensamentos para si mesma.

No interior do apartamento, no vestibulo, havia um imenso espelho de moldura dourada e duas cadeiras Luís XV. Bem, eu sei que elas eram Luís XV agora, mas eu não fazia ideia na época.

Os encostos das poltronas eram emoldurados em madeira curva dourada, com medalhão arredondado, pernas em *cabriolé*. O estofado era um verde profundo com bordados dourados. Um tapete persa redondo em tons de verde, azul e cinza de rosas estava no centro, no lado esquerdo havia uma pequena mesa de mogno e, à direita, uma bela pintura da avó de Arthur. Eu olhei para a pintura. “Você está orgulhosa do seu neto?” Eu perguntei mentalmente ao quadro.

Mármore marrom revestia todo piso do apartamento e havia tapetes caros por toda parte.

Na sala de visita principal, havia sofás de veludo azul e poltronas de madeira dourada. Uma *chaise longue* dividia a sala em duas e, do outro lado, havia um grande piano de mogno rodeado por mais cadeiras Luís XV e pequenas mesinhas baixas.

As janelas altas estavam cobertas de cortinas de veludo dourado e seda creme, abertas para permitir a iluminação. A sala era muito iluminada, mesmo naquele final de tarde cinza parisiense.

– Vem cá, Lara. Acho que você vai gostar da vista. – Arthur pegou minha mão e me

guiou para uma janela. Ele moveu as cortinas um pouco mais e abriu a janela, que na realidade era uma porta-janela, e saímos para uma das varandas de ferro que eu tinha visto do lado de fora. A vista era esplêndida, tirou meu fôlego. O rio Sena estava bem à nossa frente; só tínhamos que atravessar a avenida! Havia uma ponte nas proximidades também.

– Vista maravilhosa! – Suspirei.

Eu podia ver que Arthur estava satisfeito com a minha reação. Ele me pegou pelo cotovelo e me guiou em uma excursão pelo apartamento, com Sabine em nossos calcanhares.

O apartamento tinha uma bela sala de jantar com uma mesa grande o suficiente para acomodar doze adultos, e as paredes estavam cobertas com muitas pinturas e as mesmas portas-janelas altas. Havia uma biblioteca e para minha alegria, prateleiras cheias de livros. Eu decidi que iria explorá-los depois. Perto do escritório havia uma escadaria com corrimãos dourados, levando ao segundo andar.

Quando chegamos ao andar superior, outra empregada – Aline, uma garota inglesa com quem eu podia me comunicar – esperava por nós.

Arthur disse à Aline para mostrar à Sabine o quarto de hóspedes amarelo, e ela seguiu a garota. Eu podia ver a luz brilhando em seus olhos gananciosos. Ela estava agindo de forma tão doce e gentil, fingindo ser uma dama, mas eu podia ver sua mente calculista colocando um preço em cada peça da mobília. E o cartão de crédito para ter acesso a todo esse luxo? Sua própria filha. Eu decidi naquele momento que eu ia terminar a festa dela rapidamente e mandá-la de volta para os EUA.

O quarto de Arthur, era lindamente decorado em um azul que me lembrava lápis-lazúli e dourado, também tinha vista para o Sena.

– Lara, este é o meu quarto. Pode ser nosso se você quiser, ou você pode ter o seu próprio. – Ele fez aquele olhar de cachorrinho, mas de jeito nenhum compartilharia um quarto com ele. Além disso, comecei a ter um grande prazer em dizer não a ele.

– Obrigada, mas eu gostaria de ter meu próprio quarto. Você ronca!

– Eu não ronco, mas tudo bem. Se você quer ter um lugar só para você, eu respeitarei isso.

– Nossa, que ótimo, me respeita. Você me mandaria de volta para casa? Você desapareceria? Essas seriam ótimas indicações de seu respeito por mim. – Eu murmurei.

Ele ignorou minhas observações e me mostrou meu quarto. Eu o segui, a cor primária era rosa antigo, o papel de parede tinha pequenas flores em um tom mais profundo de rosa, e a decoração me lembrava o quarto de Emma nos Estados Unidos. Eu me senti em casa imediatamente. A cama era enorme, também de mogno e os lençóis eram de cor rosada. Travesseiros e almofadas estavam dispostos em uma pilha perfeitamente ordenada na cabeceira da cama.

O banheiro era perfeito. Imenso, todo em mármore rosa, com uma banheira do tamanho de uma pequena piscina.

Quando olhei pelas janelas que iam do chão ao teto, descobri que tinha minha própria vista do Sena. Infelizmente, também percebi que meu quarto ficava ao lado do Arthur e uma porta ligava os dois. Era fácil ver que ele estava esperando que eu expressasse minha gratidão.

– Sua casa é linda – eu disse a ele. – Eu realmente gosto do meu quarto, mas estou muito cansada. Eu gostaria de tomar um banho e dormir.

Era uma grande mentira; as pessoas da minha idade nunca estavam cansadas. Eu estava cheia de energia exploratória, mas queria me livrar dele.

– Claro, mas espere pelo jantar, pelo menos. Será servido em breve.

– Obrigada, mas não estou com fome. Eu só estou cansada. E Arthur...

– Sim, amor?

– Envie Sabine de volta; eu não quero ela por perto. – Eu tinha certeza de que poderia lidar melhor com Arthur sem aquela mulher por perto.

– Claro, ela vai passar uma semana, e depois ela vai para casa. Não se preocupe, querida.

– Quando ele me chamou de "querida", eu me encolhi e pensei: “Ok... agora somos oficialmente um casal de velhos.”

A semana seguinte passou voando. Eu tive que me matricular em minhas aulas de francês e queria explorar Paris. Rapidamente desenvolvi o hábito de sair e andar pela cidade todos os dias. Primeiro, porque eu não queria estar perto de Sabine enquanto ela estivesse por lá e depois, porque me apaixonei por Paris novamente.

Sexta-feira da minha primeira semana em Paris foi um grande dia para mim. Acordei feliz porque sabia que Sabine partiria, e nada poderia me fazer mais feliz do saber que em breve haveria um oceano entre nós.

Quando chegou a hora de ela ir embora, ela tentou fazer sua representação de mãe – provavelmente com medo de que uma das criadas estivesse nos observando – e tentou me abraçar. Eu a empurrei para longe.

– Lara, como ousa me desrespeitar? Eu sou sua mãe! Venha aqui e me dê um abraço.

– Sabine, ouça-me e por favor ouça atentamente. Você não é minha mãe, você é minha cafetina. Nunca confunda seu papel.

– Não diga isso. Olhe ao seu redor. – Ela gesticulou ao redor da sala. – Você nunca teria algo assim sem minha intervenção.

– Isso não me incomodaria nem um pouco. Coisas materiais são importantes para você. Você sabe o que me faria feliz? Voltar no tempo, anos atrás e ser uma criança normal. Para crescer normalmente, ter um primeiro namorado da mesma idade que eu, ter um primeiro beijo roubado na noite do baile de formatura do colégio... ter uma família. Você tirou tudo de mim, roubou todas as chances que eu tinha de ser normal e feliz e você me vendeu pelo melhor preço que você poderia conseguir. Respirei fundo e continuei:

– Agora essa é a vida que tenho nesta gaiola de ouro. Então, nunca tente bancar a mamãe querida novamente, ok? Você não é minha mãe, não está no meu coração e você não é querida por mim. Se você estivesse se afogando, eu lhe jogaria uma pedra para ajudá-la a afundar mais rápido! – Falei com os dentes cerrados

– Você vai se arrepender de suas palavras, mocinha.

– Você vai se arrepender de sua vida um dia! É uma promessa. – Vi os olhos de Sabine se arregalarem e ela saiu do apartamento sem olhar para trás.

“Ótimo!”, pensei “finalmente me livrei da primeira víbora.”

CAPÍTULO X



Simone – Dias atuais

Simone parou de ler e deixou de lado as páginas do diário. “Algumas pessoas”, ela pensou, “deveriam ser proibidas de ter filhos”. Infelizmente, qualquer um poderia se tornar pai ou mãe – era uma das coisas mais fáceis de fazer e não exigia habilidades especiais. E, no entanto, o trabalho após o parto era um dos papéis mais importantes do planeta.

“Deveria haver uma lei que obrigasse as pessoas a passar por uma bateria de testes psicológicos antes que eles pudessem se reproduzir!” – Lara estava certa; a mãe dela era uma verdadeira víbora. Simone concordava de todo coração!

Simone levantou do sofá e foi até a janela. O dia estava quase no fim. Ela se sentia estranha, um pouco triste, talvez o resultado da história de Lara ou talvez devido ao retorno à vida real. Simone ficara tão feliz quando chegara, mas agora se sentia estranha.

Ela ainda não tinha fome e queria ler um pouco mais para conversar com Carl o mais rápido possível. Ela e Lara tinham uma coisa em comum – Simone também podia escapar da vida real se perdendo em um livro. Talvez era por isso que lesse tanto – para evitar ter que enfrentar a realidade de uma vida solitária.

Alguém bateu na porta dela e ela se virou.

– Sim?

– Ei, Simmie, você vai ficar até mais tarde? – Edward perguntou da porta. A visão do rosto familiar deu a ela algum conforto a Simone. Talvez ele a convidasse para o jantar, já que era o primeiro dia dela na cidade.

– Eu tenho que sair agora – disse ele. – Você ainda vai ficar por um tempo?

Ela tentou não deixar transparecer sua decepção na expressão ou na voz, e assentiu. – Sim, vou. Eu preciso terminar algo aqui. Não se preocupe, tranco tudo quando sair.

– Tenha uma boa noite.

– Você também, meu amigo.

O relacionamento deles definitivamente havia mudado. Ela estava acostumada a prever as ações de Edward, mas agora? Ele era o mesmo cara, mas estava diferente, e ela não gostou disso.

Edward saiu e fechou a porta atrás dele. Simone voltou para o sofá, tirou os sapatos, fez uma automassagem na nuca, depois colocou os óculos e pegou o diário. Ela tinha que parar com os sentimentos negativos. Amanhã a vida seria melhor. Ela estaria mais descansada e as coisas pareceriam diferentes.

O Diário de Lara

Estávamos em Paris há cerca de um mês e o tempo estava muito quente. A cidade não era muito bem equipada para o calor. Naquela época e ainda nos dias de hoje, como os edifícios são em sua maioria antigos demais para instalar sistemas modernos de ar-condicionado – porque isso arruinaria a arquitetura – o sistema de ar da cidade é ruim.

Nosso apartamento tinha um sistema de ar antigo e inútil, que parecia totalmente fora de lugar em um lugar tão chique. Para piorar as coisas, Arthur havia desenvolvido uma alergia a ele. Um sábado, decidimos abrir todas as janelas para tentar pegar uma brisa e eu vesti de short e uma camiseta para tentar suportar o calor.

Era um dia preguiçoso, nada para fazer, e aquele calor insuportável se acumulava dentro

do apartamento. Estranho, algumas imagens nunca se dissolvem em nossas mentes. Eu me lembro daquele dia tão bem que posso até sentir a sensação desagradável do calor na minha pele.

Eu decidi dar um passeio às margens do Sena e depois escolheria um livro de um dos *bouquinistes*. Os *bouquinistes* eram pequenas bancas de jornal que vendiam livros antigos e lembranças, e eu desenvolvi naquela época um gosto por livros antigos. Eu vaguei um pouco, mas quando o sol se tornou insuportável, voltei para casa.

Eu encontrei Arthur sentado em um sofá e um jovem lhe fazia companhia. Um jovem muito bonito. Com seu cabelo preto liso e brilhante que caía sobre os ombros e os olhos negros, ele parecia um cigano. Ele me deu um sorriso lindo quando entrei.

– Então, esta é sua linda noiva, meu amigo? – Ele tinha um forte sotaque, mas falava inglês perfeito.

– Venha aqui, Lara, conheça meu amigo Adrien. – Arthur chamou por mim e eu me aproximei deles, curiosa sobre o desconhecido. Arthur nunca tivera um visitante antes. Adrien se levantou e me beijou no rosto, como era costume na França. E oh, meu Deus, que perfume delicioso.

– Prazer em conhecê-la, Lara.

– *Plaisir de faire votre connaissance*. Prazer em conhecê-lo – eu respondi em francês.

– E você também fala francês. Que legal! – Falou ele entusiasmado

– Eu estou aprendendo.

Ele me olhou para a cabeça para os pés e sua expressão assumiu o mesmo olhar faminto que Arthur costumava ter quando olhava para mim.

– Sente-se conosco, Lara. – Arthur deu um tapinha no sofá ao lado dele. Eu vi que eles estavam bebendo uísque e decidi aproveitar a oportunidade.

– Eu gostaria de um uísque, Arthur. – Ele olhou para mim com surpresa nos olhos, mas ele não podia dizer que eu era muito jovem ou algo assim. Não sem expor pelo menos algumas de suas mentiras. Particularmente aquelas que ele contou a todos sobre minha idade.

Arthur não argumentou – obviamente, ele não podia – então ele foi para o bar. Eu assisti enquanto ele enchia um copo com soda e depois adicionava apenas algumas gotas de uísque. Ele me entregou o copo. Tomei um gole e enruguei meu nariz com o gosto aguado.

Esse whisky me lembrou de quando eu era uma garotinha e meu pai me dava um golinho de seu copo, mas só depois que o gelo derretia e diluía o uísque até que eu mal conseguia sentir o sabor. A lembrança me fez sentir falta do meu pai e, desde então, o uísque sempre teve esse efeito em mim – conforto e a sensação de estar perto do meu pai.

O momento nostálgico não durou, dei um sorriso a Arthur, levantei-me, fui ao bar, e acrescentei uma generosa dose de uísque sob seu olhar atento e reprovador.

Quando voltei para o sofá, não pude deixar de notar que Adrien estava olhando para mim de uma forma muito apreciativa. Eu ofereci um sorriso. Deus, ele era lindo! Arthur olhou de Adrien para mim e eu vi que ele compreendeu que estávamos nos apreciando. Eu temi a reação dele, mas ele não disse uma palavra. Talvez eu tivesse imaginado que ele tenha percebido eu e Adrien nos olhando. O que faz a culpa. Nós trocamos algumas palavras e então Adrien disse que precisava ir embora.

Assim que ele saiu da sala de estar e atravessou a porta, escoltado por Claudette e deixando para trás seu cheiro inebriante, Arthur me abraçou e depois me beijou violentamente. Ele arrancou suas roupas em um piscar de olhos e no meio da sala, ele começou a passar as mãos pelo meu corpo. Fechei os olhos e comecei a imaginar que o belo cigano estava me tocando, não Arthur.

Eu podia imaginar as mãos de Adrien em mim e fiquei excitada imediatamente. Arthur tirou minhas roupas e mordeu um dos meus mamilos – não uma mordida brincalhona, mas uma mordida de verdade. Doeu, mas também foi prazeroso. Ele estava impaciente e rude, não estava com disposição para carícias delicadas. Em vez disso, ele mordeu todo o meu corpo, me arranhou e puxou meu cabelo.

Eu não sei se eu estava excitada porque ele parecia tão animado ou porque eu fantasiava sobre Adrien, mas eu queria um pau dentro de mim, rápido, e eu disse isso a ele. Primeira vez que eu pedia para ser penetrada.

– Por favor, entre em mim...

– Você quer que eu ou Adrien foda você? – Eu não respondi e Arthur entrou em mim rapidamente e começou a se mover. – Eu quero ver você com o Adrien. Eu fiquei com muito tesão quando percebi que ele queria você. Eu quero ver outro homem transando com você.

Enquanto ele dizia isso, e outras frases menos coerentes – todas elas somavam-se ao fato de que ele queria que eu transasse com outra pessoa – ele se movia mais rápido, e eu pude sentir seu desejo aumentar, assim como o meu. Ele voltou a morder meus mamilos enquanto me fodia. Apesar da dor, eu gozei forte e ainda não estava saciada.

Eu empurrei Arthur de costas no sofá e o montei, cavalgando ele cada vez mais rápido.

– Eu quero que você fique louca no pau de outro homem. Eu quero ver você usá-lo para gozar. – Eu não confiava em Arthur o suficiente para entrar em sua fantasia, então permaneci em silêncio, mas suas palavras me excitaram e fizeram minha imaginação correr solta. Eu podia imaginar Adrien e eu, e eu estava prestes a gozar quando Arthur fez algo novo. Ele inverteu as nossas posições, agarrou-me pelo pescoço e começou a me estrangular enquanto ainda se movia dentro de mim.

Eu senti como se estivesse derretendo por dentro, uma sensação prazerosa tomando todo o meu corpo, eu pulsava em volta do pau dele, meu coração estava acelerado, meu sangue corria pelo meu corpo, meus olhos fechados, minha mente imaginava o homem bonito de cabelos escuros. Eu ainda podia sentir o perfume dele. Então Arthur gozou com um rugido, e quando senti o jato dentro de mim, gozei mais uma vez.

Quando abri os olhos, de volta da minha fantasia, fiquei tão desapontada ao ver Arthur e não Adrien sobre mim que empurrei Arthur, mas ele pareceu não se importar.

Enquanto ele recolhia as roupas dele, ele olhou para mim, ainda nua e espalhada no sofá.

– É verdade... Eu realmente quero ver você com outro cara... você pode escolher quem você quiser.

– O quê? – Perguntei surpresa, ficando imediatamente tensa.

– Eu quero ver você com Adrien, ou outra pessoa. Eu não me importo. Você escolhe. Você pode seduzi-lo.

Eu não entendi. Às vezes, enquanto fazíamos sexo, Arthur dizia coisas, e ele me dizia que tinha fantasias e que elas eram normais entre casais, mas agora ele queria que suas fantasias se tornassem realidade?

– Você fala sério? – Fiz uma expressão com a boca de quem não acreditava.

– Muito! Eu fiquei tão excitado quando percebi ele sentado, cobiçando você, que quase gozei em minhas calças. É como ter uma Ferrari e todo mundo ver você dirigindo. É uma pena ter você só para mim, você é linda demais para isso.

– Você ficaria com ciúmes. Você sempre diz que eu pertencço a você! Você não me quer mais?

Eu me senti tão estranha dizendo isso. Uma parte de mim odiava Arthur e, no entanto,

outra parte de mim estava ligada a ele. Sentia emoções misturadas... o medo de ser rejeitada e desprezada. De certa forma, ele era a única pessoa que eu tinha, e ele cuidava de mim.

Anos depois, um dos meus psiquiatras me disse que eu sofria de uma espécie de Síndrome de Estocolmo – as vítimas desenvolvem sentimentos por seus captores – e naquele momento, quando Arthur me disse que queria que eu dormisse com outra pessoa, fiquei apavorada com a ideia de perder ele e esse arranjo hostil, mas familiar que tínhamos.

– Boba! – Ele me abraçou. – Eu amo você! Claro que ficarei com ciúmes. Você é minha! Mas quero que você se divirta. Eu quero que nós dois nos divirtamos. E um dos prazeres de ter uma Ferrari como você, é ver a ganância nos olhos das outras pessoas.

Naquela época, sua explicação não me satisfez porque eu pensei que ele tentava me enganar ou me testar. Mas agora, quando me lembro de suas palavras... ele me comparou a um carro. Ele realmente achava que me possuía como um objeto, ainda que fosse um objeto caro, era repulsivo ser comparada a um. Naquela idade, não consegui ver isso claramente. Eu sabia muito sobre a vida do que eu não deveria saber... mas como analisar palavras e suas verdadeiras intenções, não era um dos meus conhecimentos.

– Mas está errado...

– Quem lhe disse que está errado? As mesmas pessoas que lhe disseram para não fazer sexo? E agora você não adora fazer sexo? Vamos perguntar por aí. Todo mundo faz isso. Trazer uma terceira pessoa pode ajudar a manter um relacionamento renovado, mas será nosso segredo.

Eu não acreditei nele. Eu não achei que ele permitiria de verdade que eu transasse com mais alguém.

CAPÍTULO XI



Simone – Dias atuais

Dois dias depois, na tarde de sexta-feira, Simone se encontrou com Philip em seu consultório. Ele levou sua segunda bateria de exames, desta vez de um laboratório particular. Infelizmente, eles apenas confirmaram o que os primeiros testes mostraram. Embora os níveis tivessem diminuído, e como vestígios de LSD só podem ser detectados por até cinco dias após o consumo, o exame de sangue de Philip mostrou mais uma vez a presença da droga, em doses menores. Simone começou a ter dúvidas sobre confiar em Philip. Ela olhou diretamente nos olhos dele.

– Philip, estamos sozinhos aqui. Eu preciso que você me diga a verdade.

– Estou dizendo a verdade, doutora! Eu juro, eu não tomei nenhuma droga. – Sentado na beira da cadeira, Philip falava rapidamente. – Inferno, eu nunca sequer experimentei maconha, muito menos algo tão forte quanto o LSD. Só o pensamento de perder o controle me assusta até a morte!

Simone observou-o atentamente, procurando sinais de mentira, mas ele parecia dizer a verdade. Ele usava a mesma expressão preocupada que tinha meses atrás quando falou de seu comportamento sexual. Ela não podia estar enganada sobre ele.

– Ok. – Ela assentiu. – Eu acredito em você, mas temos que encontrar uma explicação.

– Alguém poderia colocar isso na minha bebida? Quer dizer, eu não notei nenhum gosto engraçado ou diferente, mas...

– O LSD é insípido e inodoro – ela disse.

– Mas quem faria tal coisa? Eu não tenho inimigos, doutora.

– Talvez Leonora tenha decidido lhe machucar depois que você disse que iria terminar com ela?

– Eu não tive tempo. Eu pretendia contar a ela depois que ela terminasse com sua cliente, mas não deu. Então tudo o que eu lembro foi acordar em uma cela de prisão.

– Ok, então alguém deve ter dado a você sem você saber. Temos que descobrir quem. Quando você tem que se apresentar ao juiz?

– Em duas semanas.

– Ótimo. Você pode fazer outro exame para mostrar que está limpo. Até lá, a droga estará completamente fora do seu sistema.

– Eu vou estar no meu escritório ou em casa nas próximas duas semanas e prometo que só vou beber água de garrafas lacradas.

– Isso seria bom, Philip.

– A propósito, doutora, eu preciso de uma nova receita. Meu remédio vai acabar logo e estou feliz em dizer que me sinto muito bem com este último. Estou menos compulsivo quanto ao sexo e sou capaz de analisar com calma meus relacionamentos românticos, de uma forma mais distanciada.

Eles conversaram por mais meia hora, e ela deu a ele a receita. Depois conversou com Patricia e pediu-lhe que ligasse para todos os seus pacientes, informando-os que voltara de férias e que os estaria agendando para a semana seguinte. Em menos de uma hora, ela tinha a agenda lotada. Ela ficou feliz em saber que todos os pacientes esperaram por ela. Nenhum deles decidira se mudar para outros terapeutas enquanto ela estava longe, lidando com seus problemas pessoais.

Ela não ficou animada com a perspectiva de passar a primeira noite de sexta-feira

sozinha, então ela esperou que Edward terminasse com seu último paciente e depois o encontrou. Talvez ele não a tivesse convidado para sair porque ainda estava envergonhado por ter dito que a amava. Se fosse esse o caso, ela tomaria as medidas necessárias para deixá-lo à vontade. Simone bateu a porta do consultório de Edward.

– Ed, você tem planos para o jantar? – ela perguntou a ele. Colocou apenas a cabeça dentro da sala, ela viu que ele já arrumava suas coisas dentro da pasta, aparentemente se preparava para sair.

– Tenho. Eu tenho um encontro. – Ele levantou a cabeça para olhar para ela.

Por um momento, Simone ficou sem palavras. Logo antes de ela ter sido sequestrada, ele dissera que estava apaixonado por ela. Agora ele tinha um encontro? Apenas um mês e meio depois? Ela não pararia para analisar a onda de decepção causada pela ideia de Ed ver outra mulher. Pelo menos não agora.

– Quem é a garota de sorte? – Ela perguntou com um sorriso forçado.

– Uma agente do FBI. O nome dela é Carla, ela está no caso de Peter Hay.

– Ah, legal. Ok, bem, fica para uma próxima. – Simone não gostou do sentimento de rejeição que experimentou. Ela não estava acostumada com isso, especialmente com Ed.

– Claro! Tenha um ótimo final de semana, Simone.

Ela observou-o caminhar pelo corredor e sair pela porta da frente. Não só ele tinha um encontro de sexta com outra mulher, aparentemente, ele não tinha interesse em falar com ela até que ambos se encontrassem no trabalho na segunda-feira seguinte. “Legal... E por que diabos estou me sentindo tão machucada?”, pensou.

– Doutora? Se não houver mais nada que a senhora deseje, eu vou embora agora. – Patricia disse do canto da recepção.

– Oh, hum, não. Nada mais. Obrigada, Patricia. Tenha um ótimo fim de semana – Simone disse a ela. – Não se preocupe em trancar. Eu vou cuidar disso quando eu sair, em seguida.

Simone entrou em seu consultório para pegar a bolsa e as chaves do carro em sua mesa, seus pensamentos ainda no que Edward acabara de dizer e se sentia de certa forma magoada pelo comportamento dele. Como ele ousara dizer que a amava para depois evitá-la? Ele estragara a amizade deles, e ela precisava de seu amigo de volta! “Mas que merda!”

Ela foi para casa, com o coração pesado, embora não tivesse o direito de ficar chateada. Se ela fosse honesta consigo mesma, teria que admitir que sentia falta do relacionamento caloroso e íntimo que ela e Edward tiveram ao longo dos anos. Embora ela não tivesse sido capaz de dizer que o amava, gostava de saber que ele se importava com ela.

“Ele ainda se importa com você”, ela disse a si mesma, tentando se acalmar. “Apenas não tanto quanto antes de você sair da cidade”. Mas o que ela esperava? Que ele esperasse por ela para sempre? “Ele sair com outra pessoa é uma coisa boa – é saudável.”

Então, por que ela estava se sentindo tão triste por ele ter recusado seu convite para jantar?

Ela parou no caminho e comprou comida chinesa. Quando chegou em casa, colocou a comida na cozinha e foi direto para o quarto. Ela tirou os sapatos e depois tirou as roupas de trabalho e as colocou no cesto de roupa suja do banheiro. Ela tomou um banho rápido, vestiu um roupão de seda e foi para a cozinha atrás de comida.

Na cozinha, esquentou a comida chinesa, sentou-se na banquetta ao lado da ilha e comeu sozinha, com um copo de suco de laranja. Obviamente que arrumou seu lugar com um belo jogo americano de flores azuis. “Sozinha sim, deselegante, nunca!”

“Que maneira maravilhosa de passar uma noite de sexta-feira”, ela pensou. Sentia falta de

suas férias, mas não mentiria para si mesma. O que ela realmente sentia falta era da companhia de Ed. Ele sempre fora presente para ela.

“Eu estou agindo como uma criança mimada que não quer brincar com o brinquedo, mas não quer que outra brinque”. O reconhecimento do sentimento não ajudou para fazê-la se sentir melhor.

Ela levou seu prato e copo e jogo americano para o sofá, apoiou tudo no braço do sofá e ligou a TV. Ela surfou pelo menos cem canais antes de desligar o aparelho, sentia-se inquieta, chateada e cansada.

“Nada melhor do que passar algum tempo me perdendo na vida de outra pessoa para esquecer minha existência miserável”, ela pensou. Ela levou o prato vazio e o copo para a lava-louças e depois entrou em seu quarto, onde se sentou em sua cadeira de leitura, com o diário de Lara nas mãos. Ela agendara uma reunião com Carl na semana seguinte, e decidiu usar sua sexta-feira à noite para fazer algo produtivo e avançar um pouco mais em sua análise da vida de Lara. Ela ajustou a lâmpada de leitura e começou a ler.

O Diário de Lara

Durante nossa estada em Paris, Arthur e eu fomos convidados a participar de muitas festas e jantares. Arthur recusava quase todos os convites. Eu penso que ele não queria ter que me explicar.

No entanto, recebemos um convite para uma festa em particular e, de repente, Arthur mudou sua atitude. Eu estava deitada no sofá, lendo, quando ele chegou, obviamente animado, com um envelope dourado na mão.

– Bebê, nós vamos para uma festa neste fim de semana.

– Uma festa? Onde? – Eu abaixei o livro, atenta ao entusiasmo dele. Além disso, eu gostava de festas.

– Você não os conhece, eles são um casal de meia-idade, amigos dos meus pais.

Peguei o livro e voltei a minha posição de leitura.

– Legal, eu disse, incapaz de esconder meu sarcasmo. – Uma festa no asilo.

– Não seja assim, Lara, vai ser divertido. Adrien vai estar lá. – Meu coração acelerou com a menção do nome de Adrien, mas eu conhecia Arthur. Melhor ficar quieta. Se Arthur me ensinou uma coisa, foi pensar nas consequências antes de falar. Esta foi uma lição que eu não esqueci jamais.

Na sexta-feira à tarde – o dia da festa – Arthur chegou em casa com uma caixa grande branca e preta.

– O que é isso? – perguntei a ele.

– Seu vestido para esta noite.

Abri a caixa e removi o papel de seda branco, revelando um dos vestidos mais lindos que já vi. Um longo dourado com um decote nas costas que revelaria a minha pele do pescoço até a linha dos meus quadris.

– Experimente. Eu quero ver como fica em você.

Tirei minhas roupas na frente de Arthur, bem no meio da sala e vesti o vestido. A essa altura, eu não sentia mais vergonha de minha nudez e estava acostumada que Arthur me comprasse roupas, pedia para me vestir e depois me despia para fazer sexo comigo. Eu estava antecipando toda a cena, só que desta vez eu estava enganada...

– Linda – ele murmurou. – Vire-se e deixe-me ver suas costas. – Eu me virei para ele e ele passou a mão pela minha espinha.

– Não use calcinha, o decote é muito baixo e apareceria. A cabeleireira vai chegar às sete. Nós sairemos às oito e, Lara, eu espero que você seduza Adrien hoje à noite. Ele olhou para mim, como se estivesse esperando por uma reação.

– Você fala sério? – Olhei para ele com olhar enviesado.

– Sim, muito sério. – Disse ele com um aceno de cabeça.

Eu ainda não conseguia entender o jogo dele e, até que decifrasse, não reagiria.

– Como eu o seduzo?

– Você não precisa fazer muito. Seu corpo neste vestido fará sua parte, mas troque olhares com ele, sorria para ele, toque-o acidentalmente...

– E você?

– Eu vou assistir, e você pode ter certeza que meu pau vai estar tão duro quanto mármore.

– Ele pegou minha mão e colocou sobre sua ereção. – Sinta, já está e nós estamos apenas falando sobre isso.

– Eu não acho que é certo.

– Lara, está tudo certo entre adultos que consentem. É divertido, você vai se divertir. – Ele beijou meu ombro nu e saiu da sala.

Difícilmente seria consentido, pensei comigo mesma, e menos ainda eu era uma adulta.

Pelo resto do dia, meu estômago dava nós. Arthur estava falando sério sobre eu seduzir outro homem e me mandou cumprir seus desejos. Eu finalmente comecei a acreditar que ele não estava apenas me testando. Ele honestamente queria me ver transar com o Adrien.

Eu não tinha fome e decidi ir a *Pont de La Tournelle*, uma ponte antiga e bonita perto do nosso apartamento, ela tem uma espécie de mirante, e eu adorava sentar ali, olhar para a água, observar os barcos que passavam quando precisava clarear minha mente.

E minha mente definitivamente precisava clarear naquele dia. Arthur estava certo? Não era realmente grave eu seduzir outro homem? Ele dissera a verdade quando afirmou que muitas outras pessoas faziam isso? Deveria fazer o que ele queria que eu fizesse? Quais seriam as possíveis consequências? Eu não tinha ninguém para perguntar. Sabine me diria para fazer o que Arthur pedisse para eu fazer. Eu não poderia ligar para Emms... eu não tinha amigos. O que eu poderia fazer? Obedecer ou pular da ponte. Não... era preciso coragem para se matar.

Eu não era corajosa naquela época, e ainda não sou. E embora a ideia de suicídio tenha passado pela minha cabeça muitas vezes ao longo dos anos, eu não seria tão egoísta a ponto de causar à minha família esse tipo de dor.

Voltei para o apartamento depois de quase uma hora, minhas dúvidas ainda revirando em minha mente. Tomei um banho, lavei o cabelo e esperei por Louise, a cabeleireira, que chegou exatamente às dezenove horas. Ela era muito legal e eu usava seus serviços sempre que saíamos. Nós normalmente nos comunicávamos em francês – ela me permitia praticar com ela – e naquela noite, eu fui muito clara sobre o meu cabelo – nada de sofisticado!

Louise escovou meus longos cabelos, deixando-os soltos e lisos - eu sempre odiei coques e não suportava ver mulheres bonitas naqueles penteados horríveis que as tornavam irreconhecíveis quando iam a festas.

Depois que ela fez meu cabelo, Louise fez minha maquiagem. Quando ela terminou, olhei no espelho. Uma mulher mais velha e bonita olhou de volta. A sombra dourada e preta fazia minha cor dos olhos indefinida parecesse mais verde e brilhante. Meus lábios pareciam mais cheios com o batom vermelho.

– *Très belle, Lara* – disse Louise, dizendo que eu estava muito bonita.

– *Merci, Louise. Tu as um fait un bon travail.* – Eu a elogiei pelo trabalho bem feito.

Ela se despediu e me disse que esperava que eu me divertisse muito na festa. Eu sorri e disse a ela que faria isso, mas eu não tinha tanta certeza...

Arthur decidiu sair mais tarde do que deveríamos se quiséssemos chegar no horário. Ele queria fazer uma entrada que fosse notada, comigo em seu braço.

Ele me deu uma caixa de joias contendo um conjunto de maravilhosos brincos de diamantes em ouro amarelo. Eles eram longos e tinham uma pérola pendurada na ponta. A caixa continha um anel combinando, também com pérolas e uma pulseira. Muito elegante. Uma demonstração de seu poder para os outros...

Eu sempre amei joias, não pelo seu valor, mas pela beleza das peças.

Chegamos à festa por volta das vinte e uma horas. Havia outras pessoas chegando ao mesmo tempo. A casa era linda, uma maravilhosa escadaria de mármore dava acesso à entrada iluminada. A casa era um edifício histórico – como eu amo arquitetura histórica! Eu aprendi a amar todas as antiguidades durante a minha estadia na França. Esta casa era quadrada e pintada de bege, e tinha janelas quadradas, lembrava um pequeno palácio. O anfitrião e a anfitriã aguardavam seus convidados na entrada da porta de carvalho esculpida.

Arthur cumprimentou a anfitriã.

– Bernadette, esta é minha noiva, Lara. Lara, esta é Bernadette, uma grande amiga da minha família.

A mulher de meia idade pegou minha mão.

– Um prazer conhecer uma mulher tão linda! – Eu sorri, gostei da mulher instantaneamente.

–Prazer em conhecê-la, Bernadette. – Eu sorri.

– Mas como você pode ficar noivo e não contar a ninguém, Arthur?

“Ótimo!”, pensei, “deixe-me ver você sair dessa, Arthur.” Eu observei o rosto dele, esperei por sua explicação, junto com a anfitriã. Ele não moveu um músculo, sempre um bom jogador de pôquer.

– Bernie, querida, ainda não é oficial! Vamos fazer nosso anúncio quando voltarmos para os EUA e você será convidada de honra para a nossa festa de noivado, você pode ter certeza disso. Eu só não podia esperar para colocar um anel neste dedinho. – Ele levantou minha mão para mostrar o anel ridiculamente enorme. – Ou alguém a roubaria de mim. Mas, por favor, não diga nada aos meus pais, ou eles vão ligar para os pais de Lara e eu preciso pedir a mão dela primeiro – família muito tradicional, você sabe.

– Claro que sim, meu querido! Conte comigo para guardar seu pequeno segredo e parabéns para vocês dois. – Ela apertou nossas mãos juntos.

Uma fila de convidados se formou atrás de nós e Arthur usou isso como uma desculpa para entrarmos.

– Hum... você quase foi pego lá – Eu disse divertida com a situação.

Arthur não se incomodou em responder, mas eu podia sentir que tinha ficado aborrecido. Sem dúvida, ele já estava pensando em como melhorar suas mentiras.

A festa estava acontecendo em um enorme salão. Lustres de cristal brilhavam no teto, tecidos de seda cor de damasco cobriam as paredes e lindos quadros pendurados por toda parte. Dezenas de garçons desfilavam em meio à multidão, carregando bandejas de prata, ofereciam champanhe e outras bebidas e canapés coloridos que pareciam realmente saborosos, mas eu estava muito tensa para pensar em comer.

Aceitei uma taça de champanhe de um garçom que passava e tomei um gole, tentando relaxar.

– Você não acha que é jovem demais para beber? Uísque no outro dia, champanhe agora... – Arthur perguntou.

Eu olhei para ele, momentaneamente atordoada demais para falar. Finalmente, balancei a cabeça.

– Não, tenho idade suficiente para estar noiva, fazer sexo e viver com um homem vinte anos mais velho do que eu. Eu acho que sou bem capaz de lidar com álcool, obrigada – Eu dei a ele o sorriso mais idiota que podia.

Arthur não discutiu. Claro, ele provavelmente não queria uma cena ali no meio na festa. Eu também não queria, mas nada me faria desistir do meu champanhe.

Cerca de quinze minutos depois vi Adrien vindo em nossa direção, com uma linda morena pendurada em seu braço. Uma pontada de desapontamento me atingiu, mas meu coração acelerou ao mesmo tempo.

– *Bonsoir, mes amis!* Boa noite, meus amigos! – Adrien beijou meu rosto e disse:

– *Tu est ravissante*, Lara! Você está linda. – Ele inclinou a cabeça para a mulher ao seu lado. – Esta é minha irmã Annie.

Eu não pude explicar por que me senti tão aliviada ao saber que ela era sua irmã.

Arthur cumprimentou os dois e começou a conversar com Annie. Eu tive a oportunidade de falar livremente com Adrien, mas eu me sentia tímida. Ele deve ter percebido meu constrangimento porque sorriu gentilmente e começou a falar.

– Você está gostando da França, Lara?

– Eu amo o seu país.

– É a sua primeira visita?

– Não, eu já estive aqui uma vez antes, há muito tempo, com a minha avó. Foi amor à primeira vista.

– Então você sempre voltará. O amor à primeira vista é um assunto sério e que nunca esquecemos; é para sempre. – Ele prendeu meu olhar nos seus olhos muito escuros e corei.

– E o que lhe traz de volta agora?

– Eu queria aprender francês, e Arthur tem que passar algum tempo na França, então concordamos em viajar para cá juntos.

A essa altura, eu havia repetido a mentira tantas vezes que respondi sem pensar. Exceto pela parte em que eu concordara em acompanhar Arthur – como se eu tivesse uma escolha – o resto era verdade.

– E quanto à faculdade? – Eu hesitei, sem saber como responder. Minha educação não foi algo que Arthur e eu havíamos discutido, então eu não tinha uma resposta preparada para a pergunta de Adrien. Aparentemente, Arthur e eu precisávamos revisar nossas mentiras, pensei. Duas vezes na mesma noite fomos questionados.

Naquele exato momento, Arthur – sempre um mentiroso muito melhor do que eu – veio em meu socorro.

– Lara teve que adiar sua educação porque seus pais estavam frequentemente no exterior, mas ela vai retomar quando voltarmos em setembro.

– E o que você vai estudar? – Adrien perguntou. Eu não tinha ideia até aquele momento, mas pensei rapidamente e respondi:

– Arquitetura.

– Mesmo? Posso perguntar por quê?

– Eu quero construir coisas bonitas. – E naquele instante, com toda força do meu jovem coração, decidi sobre minha futura profissão.

– Uma mulher bonita vai construir coisas bonitas, é claro. – Eu podia ver meu corpo o encantando, enquanto seu olhar me percorria dos pés à cabeça.

A irmã de Adrien pediu licença para falar com um amigo e Arthur aproveitou a oportunidade para falar com alguém do outro lado da sala, deixando Adrien e eu sozinhos.

– Vocês noivaram faz tempo?

– Não, pouco antes da viagem e ainda não é oficial. – Ele olhou do meu anel para o meu rosto.

– Eu entendo... a maneira perfeita de tornar aceitável arrastar uma jovem para fora do país.

Eu olhei para longe, incapaz de encontrar o olhar dele.

– Estamos namorando há quase três anos...

– Mesmo? Meu amigo é um ladrão de berço e eu não sabia. Ele é velho demais para você.

– Algumas pessoas pensam assim, mas eu não sou tão jovem.

– Sei... – Eu podia ver nos olhos que ele não acreditava em uma palavra.

– E você? – Eu perguntei. – Você não é jovem demais para ser amigo de Arthur?

– Tenho vinte e cinco anos e ele é amigo dos meus pais; temos um relacionamento comercial, não uma amizade real, disse ele. – Então me diga, o que você faz com seu tempo livre além de estudar francês? – Aliviada por ele ter mudado de assunto, eu sorri.

– Eu ando por aí, exploro a cidade.

– Sozinha?

– Na maioria das vezes, sim.

– Você gostaria de ter companhia? Um guia? Eu poderia lhe mostrar vários lugares bonitos que eu tenho certeza que você nunca viu.

– Sim, gostaria. – Eu falei em um impulso, dizendo a mim mesma que só aceitara porque Arthur insistira para que eu seduzisse Adrien e não porque eu tivesse algum interesse real no homem.

– Arthur não se importaria? – Ele fez um sinal na direção do local onde Arthur tinha ido.

– Não, por que deveria? Você é um amigo.

– Eu sou, de fato, mas eu também sou um homem, e eu não deixaria uma garota como você sozinha para andar por aí com outro homem. – Ele disse perto do meu ouvido.

– Arthur não é assim; ele não se importa.

– Eu me importaria – Adrien balançou a cabeça. – Mas a tolice dele é minha boa sorte. Então, posso ligar para a sua casa?

– Sim. Eu tenho um número privado. – Eu tinha uma linha telefônica só para mim. Arthur não queria que alguém me telefonasse e que um funcionário pegasse o telefone e desse informações desnecessárias. Eu até tinha uma secretária eletrônica para coletar mensagens, para o caso de eu não estar lá. Emms me telefonava pelo menos uma vez por semana. Sabine nunca telefonou, mas, de vez em quando, meu pai cumpria seu dever de pai e checava como eu estava. Se ele soubesse...

– Posso anotar seu número, por favor? – Dei-lhe o meu número de telefone e ele pegou uma caneta de um garçom e escreveu em seu braço. Eu ri.

– Você quer dançar? – Adrien perguntou.

– Eu não sei dançar muito bem. – Eu balancei negativamente a cabeça. Eu nunca tinha dançado com um homem. Eu tinha feito algumas aulas de balé, como todas as garotas da minha classe social costumavam fazer, mas isso não me habilitava. Arthur não gostava de dançar; ele costumava dizer que ele não entendia o "hábito primitivo" das pessoas se balançarem.

– Tudo bem – disse Adrien. – Eu conduzo você. Confie em mim. – Ele não esperou por uma resposta, pegou minha mão e me puxou para a pista de dança. Para meu alívio, já havia pelo menos algumas dúzias de pessoas dançando, então eu poderia me perder na multidão. Observei os movimentos feitos por algumas das mulheres mais próximas a mim e minha confiança aumentou. Eu conseguiria fazer aquilo! Eu comecei a dançar, imitando outras pessoas ao nosso redor, e quando eu comecei a relaxar o suficiente para me divertir, a música mudou para uma música lenta. Adrien colocou uma mão no meu ombro e o outro braço em volta da minha cintura, me puxou para o seu peito e começou a me guiar.

– Isso mesmo – disse ele. – É muito fácil. Você apenas me abraça forte e move seus pés. – Ele falou perto do meu ouvido e um calafrio subiu pela minha pele. Ele aproximou o rosto do meu e nós começamos a dançar de rosto colado. Senti uma onda de calor e percebi que era muito bom estar em seus braços.

– Você mentiu para mim, *ma belle*. – Eu fiquei tensa. Qual das minhas mentiras ele descobrira?

– Eu? perguntei. – Como? Sobre o que você acha que menti para você?

– Você é uma excelente dançarina. – Eu soltei um suspiro aliviada por ser aquela bobagem uma suposta mentira descoberta.

– Você é um bom professor. – Nós dançamos até que anunciaram o jantar. Apesar de estar com fome – eu ainda não tinha comido naquele dia – senti-me desapontada quando segui Adrien e os outros dançarinos para fora do salão. Eu não apenas gostara do que Arthur chamava de “hábito primitivo” muito mais do que eu pensava, mas também adorei estar nos braços de Adrien. Na verdade, se eu passasse o resto da minha vida aconchegada ao peito largo e musculoso do homem, eu não me importaria nem um pouco.

Eu me encontrei com Arthur para que pudéssemos buscar a mesa que nos fora designada, mas não fiquei feliz em deixar Adrien.

– Parabéns, Lara, muito bem jogado – disse Arthur.

– Por quê? O que você quer dizer? – Eu tinha apenas dançado com o homem, eu disse a mim mesma. Dificilmente o que os outros chamariam de seduzir.

Eu fiquei lá sonhando com o belo cigano e como eu me senti quando ele me envolveu em seus braços. Eu não tinha vontade de deixar o paraíso que eu havia criado em minha imaginação, nenhuma inclinação para retornar à realidade.

– O Adrien está fascinado por você. Ele está olhando para você agora. Olhe para a esquerda, três mesas à frente da nossa. – Eu procurei por Adrien, e ele levantou o copo em um brinde silencioso e sorriu para mim.

– Levante seu copo para ele, Lara. Quando alguém faz um brinde assim, se você está aberta a avanços, você responde levantando o seu. – Eu obedeci, mas olhei para baixo. Eu era estreante nesse tipo de jogo.

Depois do jantar não vi Adrien novamente e saímos cedo. Enquanto eu olhava pela janela na direção do nosso apartamento, me perguntei se ele ligaria.

CAPÍTULO XII



Simone – Dias atuais

Para evitar a inevitável autopiedade, Simone se ocupou durante todo o final de semana. Organizou a casa já super organizada, foi ao cinema, ao shopping e à manicure. Ela relaxou e meditou. “É bom estar de volta a casa e fazer coisas triviais”, ela pensou.

Ela decidiu fazer uma pausa na leitura do manuscrito durante o fim de semana. Ela precisava clarear um pouco a mente. Toda vez que ela abria a história de Lara, sentia uma mistura de tristeza e raiva, e ela não precisava acrescentar isso ao seu próprio humor sombrio pelos próximos dois dias.

O fim de semana passou devagar.

Na manhã de segunda-feira, Simone acordou, tirou a camisola de seda creme, foi ao banheiro e tomou um longo banho para apagar o desejo que tinha de voltar para a cama. Ela se olhou no espelho e decidiu que não começaria sua semana de forma negativa. Ela ia mergulhar em sua agenda ocupada e deixar as coisas seguirem seu próprio curso. Parar de empurrar a vida e vivê-la apenas como ela se apresentasse no momento. Vestiu-se rapidamente, tomou um café da manhã leve e foi para o consultório.

Ela chegou para encontrar uma Patricia muito ativa, dando ordens ao jardineiro, e quando Simone finalmente se sentou atrás de sua mesa, encontrou todos os arquivos do dia empilhados sobre ela, categorizados na ordem dos horários agendados. Simone sorriu. Mulher eficiente! Fora inteligente a decisão deles em contratá-la.

Uma nova paciente começaria a ser tratada hoje, Theodora Broombaker. Simone pegou o histórico médico que tinha sobre a mulher e leu, fazendo uma anotação especial sobre a idade da paciente – oitenta anos.

O doutor Shultz, um colega, havia encaminhado Theodora para Simone e os registros médicos da idosa mostravam que ela estava em excelente estado de saúde. Além de ter feito muitas cirurgias plásticas e ter sofrido uma cesariana, ela não tivera outras queixas de natureza física. “Incrível”, pensou Simone. “Que tipo de problemas sexuais uma mulher da idade dela tem? Falta de desejo, provavelmente.”

Simone olhou para o relógio sobre a mesa de chá, perto do sofá. Hora de conhecer sua mais nova paciente. Ela chamou Patricia no intercomunicador e pediu que conduzisse Theodora até seu consultório.

A mulher idosa revelou-se completamente diferente do que Simone esperava. Em suas calças de couro preto, suéter vermelho e botas pretas de cano e salto altos, ela parecia trinta anos mais jovem do que sua idade cronológica. Ela usava os cabelos negros longos e retos, e seus olhos azuis cintilavam com malícia, quando olhou para Simone.

“Que diabos?”, Simone pensou. “Esta mulher certamente não se parece com a avó de ninguém!”. Com grande esforço, Simone limpou a garganta e se recompôs.

Theodora marchou pelo consultório de Simone em passos pesados e decididos.

– Bom dia, Theodora. Como vai você? – Simone ofereceu sua mão e Theodora a sacudiu vigorosamente.

Ela era definitivamente uma mulher forte. Simone podia dizer por seus gestos e sua maneira de se mover.

– Olá, doutora. Por favor, todos os meus amigos me chamam de Thea.

“Exceto que eu não sou sua amiga”, pensou Simone.

– Theodora, você gostaria de se sentar? – Simone apontou para o sofá em frente à sua poltrona favorita, ignorando a pedido para chamar a paciente pelo apelido, mas Theodora foi diretamente para outra poltrona e se sentou.

“Uma pessoa opositora”, analisou Simone, mas ela permitiria que a mulher permanecesse na poltrona. Afinal, não iria interpretar Sheldon Cooper em um de seus programas de TV favoritos, The Big Bang Theory, embora ela sentisse o mesmo apego que ele por sua poltrona.

Theodora cruzou as pernas de uma maneira muito elegante. Seus movimentos eram precisos e nem um pouco contidos pela idade. Ela então olhou diretamente nos olhos de Simone.

– O que lhe traz ao meu consultório, Theodora?

– Eu não posso lhe contar minha história de vida se você me chamar pelo meu nome completo. Você soa como minha mãe, se preparando para me repreender!

– Ok, Thea. Como posso ajudá-la? – Simone teve que ceder – desta vez, pelo menos – para prosseguir. Ela odiava esse tipo de intimidade, mas se ela tivesse que chamar a mulher pelo seu apelido para fazê-la falar, Simone faria isso.

– Um homem! – Theodora deu um sorriso travesso.

– Hum... você tem um problemas com um homem?

– Não, eu sou o problema. Eu não quero assustá-lo, porque eu realmente gosto deste, quero dizer, eu gosto muito dele. E revirou os olhos para o teto.

– Ok, mas eu não estou seguindo você. O que você poderia fazer que é tão ruim? – Ela balançou a cabeça. – Não, vamos voltar. Primeiro, por que você não me conta um pouco sobre sua vida para que eu possa tentar entender o que faz você pensar que pode assustá-lo?

– Inferno, isso é necessário? Voltar até a idade da pedra? – Ela fez um gesto irritado com a mão apontando para trás.

– Você não precisa ir tão longe, mas um pouco de informações básicas ajudaria.

– Bem, doutora, eu não sou mais uma garota e já fui casada seis vezes, a última há vinte anos. Mas o problema é que eu não gosto de ficar casada. Eu gosto do romance, da caçada, de ganhar o coração de um homem. Eu amo casamentos – especialmente festas de casamento – mas depois disso... bem, eu começo a perder o interesse. A monotonia da vida conjugal diária me deixa louca. É tudo muito tedioso.

– Você tem filhos?

– Oh, sim! Mas não no plural, graças a Zeus! Eu tive um. Nós não planejamos a gravidez – meu segundo marido e eu – mas você sabe como é... a paixão entra, o juízo sai e as pessoas esquecem de tomar cuidado. Eu aprendi muito rapidamente que uma criança era o suficiente para mim. Eu não sou muito maternal. Além disso, tenho um pacto de felicidade, doutora, e ser mãe não me trouxe felicidade. – Simone sorriu interiormente. Se todas as mães fossem sinceras sobre seus sentimentos, as crianças seriam poupadas de anos de terapia.

– Um pacto de felicidade? Você pode explicar o que você quer dizer com isso?

– Claro. Se algo me deixa triste, eu me afasto. Eu não sei quanto tempo eu tenho para viver, eu não sei o futuro, mas eu não tenho tempo a perder em ficar triste.

– É bom que você tenha tomado a decisão de ser feliz, mas às vezes a tristeza faz parte da vida e nos faz apreciar ainda mais os bons momentos.

– Sim, e tristeza fazia parte do meu mundo – quarenta anos atrás. Mas no dia em que completei 40 anos, decidi viver de acordo com meus desejos, parar de me explicar e, desde então, estou muito mais feliz. Eu posso ser eu mesma, independente do que alguém possa pensar.

– E o que isso significa conseguir ser você mesma?

– Eu vivo de acordo com meus sentimentos e meus sentimentos me dizem que eu adoro

sexo! – Seus olhos azuis brilhavam ainda mais do que antes, e o sorriso era travesso.

– E, doutora... eu sou sádica!

“Bem, é isso. Eu terminei”, pensou Simone. “Eu posso morrer neste momento, porque agora eu vi tudo!”. Lutando para manter a expressão séria, Simone a crispou.

– Você é uma sadista ativa?

– Sim, sinto muito prazer em provocar dor, você não pode imaginar. – Ela virou os olhos para cima em sinal de prazer e balançou a cabeça.

– Que tipo de dor? – A pergunta era pertinente, uma vez que há sádicos verbais.

– Dor física! Eu amo chutar, chicotear, aplicar grampos.

– Homens, mulheres... crianças? – Simone estava mais e mais intrigada.

– Oh, só homens. Eu sou completamente heterossexual. Eu tentei uma vez – com uma mulher – mas eu não gostei nada. – Thea fez uma careta que indicava claramente seu descontentamento com a lembrança de seu único encontro lésbico.

– Como você se sente quando maltrata alguém?

– É sexual, me excita e me sinto muito empolgada.

– E você pode ficar excitada com qualquer pessoa, ou você precisa de um elo emocional?

– Humm. Eu nunca pensei sobre isso. – Ela pôs a língua na lateral interna da boca, fazendo uma expressão engraçada e revirou os olhos novamente, desta vez em busca de alguma memória. – Deixe-me ver. Eu suponho que eu geralmente preciso de algum tipo de conexão emocional. Afinal, como eu poderia explicar meus desejos para um novo amante ou um conhecido casual? Mas isso não é inteiramente verdade, eu também posso espancar estranhos, se eu estiver com vontade.

Ela voltou a procurar algo em sua memória, com o olhar voltado para o teto e então disse:

– Ok, eu não acho que eu precise de um vínculo emocional, mas eu não faria qualquer coisa com outras pessoas, como bater na empregada ou chutar um gato ou qualquer coisa assim. É puramente para fins sexuais. – Simone ficou feliz em ouvir que a mulher não era uma psicopata que saía procurando pessoas para chicotear nas ruas.

Theodora continuou:

– Então agora eu tenho esse novo namorado. Acredito que estou apaixonada por ele. Depois de passar por uma seca emocional por anos, redescobri a paixão e não sei como proceder porque gosto muito dele e não quero que ele corra se eu lhe mostrar um chicote. No entanto, para mim, nosso relacionamento não pode ser completo se eu não conseguir espancá-lo um pouquinho.

“Deus, por favor, me leve agora”. Simone suspirou. Ela estava tendo dificuldade em manter sua expressão de jogadora de pôquer com essa paciente, talvez porque as emoções profundas que ela vinha experimentando ultimamente estivessem subindo para a superfície – mas ela tinha que se conter, pelo menos na frente de seus pacientes.

– Há quanto tempo vocês dois estão juntos? Onde você o conheceu? Como você se apaixonou? Lamento fazer um milhão de perguntas, mas preciso de mais informações para formar uma visão completa do que está acontecendo.

– Claro. Isso é bom. Deixe-me ver... Ele é filho de um amigo meu.

– Então, estamos falando de um homem mais jovem?

– Sim, trinta anos mais novo. Eu nunca planejei me apaixonar novamente – nunca acreditei que poderia. Comecei a aconselhá-lo sobre algumas propriedades, já que sou uma agente imobiliária e passamos muito tempo juntos – todos os dias, na verdade – e, de repente, estávamos apaixonados.

Os olhos de Theodora brilhavam com a luz que só as pessoas apaixonadas tinham e seu rosto estava corado como o de uma adolescente conversando com sua melhor amiga sobre sua paixão por algum garoto.

– Ele sente o mesmo?

– Sim, sente. Ele era casado, mas está se divorciando da esposa e quer ter um relacionamento sério comigo. – Simone tinha ouvido falar e também havia tratado homens que sofriam de crises de meia-idade, e todos eles tinham trocado suas esposas por meninas de vinte anos.

Os homens viam isso como uma afirmação de sua virilidade, e alguns ainda tinham bebês, mas Simone nunca tinha ouvido falar de um homem de cinquenta anos se divorciando de sua esposa por uma mulher de oitenta anos. Nem mesmo um de oitenta anos de idade fazendo isso, mesmo que ela aparentasse cinquenta. “Talvez eu não tenha visto tudo o que há para ver”, concluiu Simone.

– Então me diga, como está o sexo entre vocês dois agora? Mesmo que você não possa satisfazer seu lado sádico, o sexo ainda é prazeroso para você?

– É engraçado, pois algumas vezes ele é muito careta. Eu me apaixonei pela personalidade dele, ele é sensato, atencioso e doce, mas o sexo não é seu ponto forte. Ainda não, de qualquer maneira.

Ela olhou para o teto como se estivesse imaginando como seria o futuro deles e colocou as pernas com botas e tudo no braço da poltrona.

– Por que você não pode espancá-lo, ou por que ele não consegue fazer sexo? Por que não é tão bom quanto você acha que deveria ser, ou poderia ser?

– Ele é apenas... eu não sei... Muito sério. Demasiadamente educado. Posso imaginá-lo escrevendo uma carta perguntando se ele poderia, por favor, me penetrar! – Simone mordeu o lábio e engoliu o riso, temendo que a mulher se ofendesse e saísse antes de terminar a sessão. Depois de um momento, ela conseguiu recuperar a compostura.

– Apesar de sua abordagem formal, ele consegue satisfazê-la? – Simone perguntou.

– Depois que chegamos a um certo ponto, ele parece se soltar um pouco, e ele é capaz de me fazer gozar. Mas se eu pudesse chicotear ele só um pouquinho, meus orgasmos seriam muito mais intensos.

– Acredito. Mas você pode imaginar um homem conservador, como você descreveu, sendo espancado?

– Não, eu não posso. E isso nos leva à minha razão de estar aqui: Eu não quero perdê-lo. Pela primeira vez em trinta anos, estou apaixonada e não quero afastá-lo. Vamos cair na real, doutora... Eu não sei quanto tempo minha aparência será assim. Cirurgia plástica, cosméticos, malhar todos os dias... é uma luta constante. Do lado de fora, eu estou ganhando, mas quem sabe o que está acontecendo dentro desse velho corpo? Na minha idade, sou como uma bomba-relógio pronta para explodir a qualquer momento. E eu quero morrer feliz, ao lado dele, de preferência logo após um orgasmo múltiplo. – E ela abriu os braços.

Cara de pôquer, cara de pôquer, cara de pôquer. Simone repetia o pensamento como um mantra.

– Então você está aqui porque quer ajuda para sair do sadismo?

– Oh, não! – Thea sacudiu a cabeça. – Estou aqui porque quero encontrar uma maneira de convencê-lo a concordar com isso, permitir que eu o espanque. Eu simplesmente preciso encontrar um jeito! Hum, e também, minha receita para pílulas para dormir se esgotou, e eu gostaria de uma receita. Você tem meus registros médicos, então você deve poder prescrevê-lo

para mim sem nenhum problema.

“Ótimo! Uma mulher sádica que queria morrer com o chicote na mão e que procurara apenas uma terapeuta sexual para ajudá-la a criar um argumento mais convincente para apoiar seu plano...”

Que outras coisas incríveis Simone poderia esperar encontrar nessa carreira maravilhosa? Mas, apesar da insanidade com que ela costumava se deparar durante o curso de seu trabalho, Simone não poderia estar mais feliz por estar de volta ao seu hospício! Estar lá lhe dava uma sensação de pertencer – pelo menos seus pacientes realmente precisavam dela.

– Certo, Thea, nós vamos descobrir uma forma de fazer isso. Eu acredito que a melhor maneira de começar a introduzir o assunto é fazer alguns movimentos nessa direção... e tentar descobrir se o seu namorado tem uma inclinação para participar de tais atividades.

Theodora sorriu.

– Devo bater nele?

– Eu acredito que você deveria tentar ser mais sutil. Por que você não começa aos poucos... alguns tapas e arranhões, só para ver como ele se sente misturando sexo com dor?

Conversaram por mais meia hora e Simone reviu os registros médicos de Thea. A mulher parecia ser tão saudável quanto uma menina de vinte anos – talvez até mais saudável. Nesse ritmo, ela provavelmente viveria para sempre. Simone escreveu uma receita do remédio para dormir.

Quando Teodora saiu, Simone pensou em seu conselho para que a mulher fosse lentamente introduzindo seu amante na fantasia do espancamento. Simone se surpreendeu. O drama que ela passara teria mudado sua postura? A sentir e reagir de uma forma mais prática e menos teórica? E se isso fosse verdade, seria bom ou ruim? Mais importante, os pacientes dela se beneficiariam dessa nova e diferente Dra. Bennet?

Theodora provavelmente nunca mudaria. Não a menos que ela quisesse fazer isso. Simone estava resignada ao fato de que ela nem tentara resolver o fetiche de Theodora. Na verdade, Simone pensou: “por que não ajudar a mulher a ser feliz enquanto podia?”

* * * * *

Depois de um dia muito ocupado, Simone estava cansada, mas ainda assim estava feliz por ter voltado, por cuidar de seus pacientes novamente. Ela não podia mentir para si mesma, adorava ouvir as histórias deles e se sentia muito melhor agora que podia novamente ajudar as pessoas. Se ela soubesse que isso a faria se sentir melhor, ela retornaria mais cedo. Ela estava menos deprimida, porque estar ali a fazia se sentir útil e necessária.

O último paciente havia partido e Simone decidiu ler. Ela não tinha nada para fazer em casa e não tinha intenção de se sentir triste novamente, então ela voltaria para a vida de Lara antes de terminar o dia.

Ela carregava a cópia do diário de Lara com ela o tempo todo, para o caso de ter alguns minutos extras para ler. Tirou as páginas da bolsa, tirou os sapatos, sentou-se na poltrona e suspirou. “Hora de voltar à montanha-russa”, disse a si mesma, e mentalmente prendeu um cinto de segurança imaginário.

O Diário de Lara

Passei os dias seguintes dentro do meu quarto, saía raramente com medo de perder um telefonema de Adrien. Segunda-feira eu estava convencida de que teria notícias dele, mas ele não

ligou. Eu chequei a secretária eletrônica pelo menos uma dúzia de vezes. Na quarta-feira eu havia desistido. Talvez ele tivesse lavado o braço onde anotara meu número. Quinta à tarde ele finalmente me ligou.

– *Ma belle*, como você está hoje? – Sua voz era forte e muito masculina. Minhas pernas se transformaram em geleia só de ouvi-lo falar.

– Bem e você?

– Ok, mas sinto saudades... Que tal dar uma volta comigo hoje? – Eu hesitei em dizer sim. Arthur disse que estaria em casa por volta das dezenove e trinta. Eu tinha que estar de volta até ele chegar.

– Que horas?

– Deixe-me ver... agora são treze horas...que tal daqui à uma hora?

– OK. Onde você gostaria de me encontrar?

– Na porta da frente do seu apartamento? Use jeans e um par de tênis. Eu tenho uma moto.

– Você pode me encontrar na esquina? – Eu não queria enfrentar Arthur tão cedo...

– Na esquina? Mas por quê? Você me disse que Arthur não se importaria de você sair com outro homem ...

– Ele não, mas me preocupo com os vizinhos – menti. E uma péssima mentira. Nós não tínhamos vizinhos, ocupávamos dois andares do edifício.

– Qual esquina?

– *Rue Budé e Rue Saint Louis en Ile*. Está bem para você?

– Certo. Eu estarei lá.

Eu nunca havia andado de moto e estava animada – sair com Adrien, andar de moto –, minha cabeça flutuava.

Adrien me encontrou na esquina exatamente às quatorze horas. Ele estava em uma motocicleta preta e muito bonito em uma calça jeans e uma jaqueta de couro. Quando me aproximei dele, ele tirou o capacete e me beijou no rosto. Ele cheirava tão bem, madeira e alguma outra essência indefinida.

– Coloque isso, *ma belle* – disse ele, entregando-me um capacete. Ele pegou minha mão e me ajudou a subir na moto. – Cuidado. Não toque em nada com as pernas, ok? Esses canos estão muito quentes, podem te queimar. E segure firme minha cintura.

Eu segurei a cintura dele enquanto passeávamos por Paris. A maravilhosa sensação do vento, o clima agradável, combinada com a paisagem de Paris e o cheiro de Adrien me deixaram em êxtase e eu sorria.

Fomos a Torre Eiffel, mas em vez de ir para a torre, ele me levou para o *Champs de Mars*, a área ajardinada ao redor da torre. Havia um monte de gente, turistas e moradores locais; alguns tomavam sol, outros liam, e alguns até dormiam. Escolhemos um lugar vazio perto das *Marionnettes du Champs de Mars* – o teatro de marionetes do *Champs de Mars* – para sentar na grama, e Adrien comprou refrigerante.

– Agora que temos o local perfeito e algo para beber, eu quero saber tudo sobre você – disse Adrien.

Fiquei em silêncio, sem saber o que dizer ou por onde começar. Afinal, minha vida era um emaranhado de mentiras e eu temia revelar acidentalmente algo que não devesse.

A Lara que ele achava que conhecia não existia. Eu menti sobre minha idade, meu relacionamento, menti sobre tudo. Em vez de responder a sua pergunta, eu enrolei. Afinal de contas, se havia uma coisa que eu aprendi, era que as pessoas adoravam falar de si mesmas.

– Você primeiro. Me conte tudo sobre você. Quando você terminar, vou lhe contar qualquer coisa que você queira saber. Que tal? – E aponte o dedo para o peito dele. Ele respirou fundo e começou a falar:

– Estou terminando a faculdade de administração, mas ainda não sei o que vou fazer quando me formar.

– Trabalhar com seu pai? – Eu sugeri.

– Eu penso que não. Eu gostaria de fazer algo por mim mesmo – ser reconhecido por meus próprios esforços – mas eu não sei por onde começar e eu não tenho o capital. Então meu futuro está no ar por enquanto.

– Peça ao seu pai o capital.

– Receio que não seja assim tão simples.

– Por quê?

Ele permaneceu em silêncio por um momento, olhava para longe.

– Eu acho que você poderia dizer que eu sou o tipo “ovelha negra da família”.

– A ovelha negra?

– Sim. Meus pais não aprovam meu estilo de vida e algumas das escolhas que fiz, e eles acham que eu corro riscos desnecessários.

– E? – Havia mais ali.

– E eu saí de casa há alguns anos e não pretendo voltar agora.

– Mas o que eles gostariam que você fizesse?

– Talvez casar, me acalmar, ter um monte de garotos barulhentos, conseguir um emprego normal em uma empresa.

– E você? O que você quer?

– Hummm... Viajar pelo mundo com apenas uma mochila, para ver todas as belas vistas que há para ver. Há tantos lugares para visitar e tão pouco tempo.

– Você não quer se casar?

– Agora não. Um dia, suponho, se a garota certa aparecer. – Ele colocou o dedo indicador no meu peito e disse:

– Mas você... você vai se casar logo, presumo, a julgar pelo tamanho da pedra no seu dedo.

– Assim como você adivinhou no outro dia, não é bem assim... É para eu poder viajar sozinha com Arthur. Eu nunca vou me casar com ele! – Falei com firmeza. Se havia uma coisa da qual eu tinha certeza, era que eu nunca me casaria com ele e não ficaria com ele pelo resto da vida.

– Nunca? Ele sabe disso? – Adrien franziu a testa.

– Eu não sei. Estamos juntos há algum tempo, mas o tema casamento nunca surgiu.

– Bem, mas o anel de noivado conta ao mundo uma história diferente.

– Sim, mas é apenas isso – uma história.

– De qualquer forma, ele é velho demais para você. Quantos anos mais velho?

– Quinze! – eu menti de novo. Arthur era vinte anos mais velho.

– Muito velho! Meu Deus, ele é de outra geração. Mas velho ou não, eu não acredito que ele vai desistir de você.

– Ele irá... eventualmente. – Eu soava mais segura do que eu sentia.

– Você não o ama?

Uma boa pergunta. Eu amava o Arthur? Não, certamente não. Eu me importava com ele e às vezes, me preocupava com o que aconteceria se o perdesse. Outras vezes, eu não suportava o

som da voz dele. Eu nunca iria perdoá-lo por tudo que ele fizera comigo. Meus sentimentos eram confusos. Eu sentia raiva, desespero, desejo...

– Eu realmente não sei. Eu gosto dele, eu acho.

– Eu gosto desta Coca-Cola. – Ele apontou para a lata vazia.

– É assim que você se sente sobre Arthur?

– Eu não sei o que é amor.

– Bem, minha garota querida, você nunca esteve apaixonada. Se você tivesse se apaixonado, você saberia. – Ele passou os dedos pelo meu rosto e empurrou para trás o meu cabelo que tinha caído em meus olhos. – Garota, você me deixa louco. A única coisa que eu gostaria agora é beijar você.

– Vá em frente... me beije.

Ele me puxou para perto e capturou meus lábios com os dele. Ele era o segundo homem a me beijar, mas eu podia sentir a diferença. A boca tinha um gosto doce, de Coca-Cola. Ele me beijou suavemente, seus lábios tocavam os meus lentamente no início, então o beijo se intensificou e eu senti uma onda de calor. Eu queria ele.

Adrien parou de me beijar e colocou uma certa distância entre nós. Eu me esforcei para esconder minha decepção.

– O que eu estou fazendo? Beijando a noiva de outro homem. Invadindo a propriedade do outro homem.

– Eu não pertenço a ele, eu pertenço a mim mesma! – Eu estava revoltada com o término do beijo e esperava trazer o momento mágico de volta, mas havia acabado.

– Sim, você é propriedade dele. – Ele pegou minha mão e levantou-a, exibindo o anel. Pensei na minha vida e percebi que ele estava certo – eu era propriedade de Arthur. Ele e minha mãe tinham garantido isso e até que ele não mais me quisesse, eu seria dele. Eu não tinha direitos e certamente não podia escolher amar outro homem, mas tive a sensação de que era tarde demais para pensar nisso... Meu coração batia diferente por Adrien.

Eu reuni minha coragem e disse:

– Eu quero ver você de novo.

– Ah, garotinha... eu quero você.

E a magia retornou. Ele me beijou e nos abraçamos e deitamos no gramado. Nós começamos a nos acariciar, nossos lábios pressionados juntos no mais profundo dos beijos. Ele colocou a mão por dentro da minha camiseta e tocou meus seios com cuidado. Eu toquei sua ereção através do jeans.

– Ei, arrumem um quarto vocês dois! – Gritou um homem enquanto passava. Isso destruiu o momento e rapidamente pegamos nossos capacetes e saímos.

Quando cheguei em casa, para meu alívio, Arthur não estava lá, e quando ele finalmente chegou em casa, ele não se incomodou em perguntar sobre o meu dia. Claro, eu nunca dava detalhes e esse era apenas mais um segredo na minha vida... as lembranças daquele dia e os beijos de Adrien.

Adrien e eu começamos uma rotina de andar por toda Paris em sua motocicleta. Nós ríamos e conversávamos – Adrien me fazia falar francês e me corrigia pacientemente quando eu dizia algo errado, e graças a ele, meu francês progredia.

Eu ia à escola todas as manhãs e à tarde, depois de almoçar com Arthur; assim que ele saía do apartamento para cuidar de seus negócios, eu saía de casa para encontrar Adrien.

Numa sexta-feira de manhã, saí de casa para ir às minhas aulas de francês como fazia todos os dias durante a semana, mas naquele dia decidi matar aula para passar mais tempo com

Adrien. Ele esperava por mim a alguns quarteirões de distância, sem sua moto desta vez. Em vez disso, pegamos o metrô e fomos para seu estúdio na *Rue du Faubourg-Saint-Honoré*, 28.

Ele morava no quinto andar de um prédio perto da embaixada americana. O edifício tinha um daqueles antiquados elevadores de gaiolas que serviam apenas os quatro primeiros andares. Saímos no quarto andar e de lá tivemos que subir as escadas. Chegamos rindo e sem fôlego.

– Bem-vinda à minha mansão! Disse ele e abriu a velha porta com a pintura branca descascando. O lugar era pequeno, mas agradável. Uma cama grande coberta com um cobertor azul, dois travesseiros contra a cabeceira. Mesas de cabeceira cobertas de livros e uma luz de leitura ao lado. Havia pelo menos cinco livros empilhados.

Do outro lado da sala – a poucos metros do pé da cama – havia duas cadeiras e uma pequena mesa. Várias garrafas de bebidas estavam em uma mesinha de café ao lado de uma lareira.

Ele me mostrou a cozinha ridiculamente pequena, que continha um armário de duas portas, uma placa de aquecimento, uma pia e uma das geladeiras vermelhas mais pequeninas que eu já havia visto. Havia também um banheiro, que, comparado ao resto do lugar, parecia enorme.

Acredito que o arquiteto definitivamente não tinha noção de espaço. Naquela época, sem formação em arquitetura, eu já achei que a divisão do lugar parecia um pouco estranha.

A decoração era agradável, brilhante e alegre, a mobília moderna. Havia algumas litografias nas paredes. Tudo somado, não fazia do lugar nada de espetacular, mas eu me senti confortável lá.

– Eu gosto do seu apartamento.

– Não é um apartamento, é um estúdio, Lara.

– Qual é a diferença?

– Tamanho, falta de um elevador, apenas um quarto, último andar, mais frio no inverno... mais quente no verão... mais barato...

– Mas o endereço é ótimo! – *A Rue du Faubourg-Saint-Honoré* é uma rua muito exclusiva. Todos os grandes costureiros têm lojas lá. Eu estive lá com Arthur muitas vezes.

– Graças à minha mãe. Ela é a proprietária. – Então ele não era tão independente como dissera no outro dia. Uma ovelha negra que pastava em campos verdes.

– Eu gosto de como você decorou o lugar.

– Também não é obra minha. Eu preciso dar todo o crédito para minha mãe. Mas a pia cheia de pratos sujos é meu toque pessoal. Ele apontou com o dedo na direção da cozinha. – Eu ri.

– Você gostaria de tomar algo?

– Não, obrigada!

Eu estava um pouco nervosa. Nós havíamos passado muito tempo juntos em público, mas esta era a nossa primeira vez sozinhos. Ainda assim, eu não conseguia imaginar beber de manhã, nem mesmo para acalmar meus nervos.

Ele estava sentado na cama e eu sentei ao lado dele. Ele me puxou para seus braços e começou a me beijar. Ele não tinha me tocado desde o dia no *Champs de Mars* e eu morria de vontade de beijá-lo. Apenas estar perto dele me excitava.

O toque de Adrien era tão diferente do de Arthur. As mãos de Adrien eram mais suaves, seu comportamento mais calmo. Ele passou as mãos pelo meu corpo e me desnudou de uma forma muito natural. Comecei a desabotoar sua camisa branca e ele terminou, recuando um pouco para afastá-la dos ombros largos. Comecei a acariciar seu peito, maravilhando-me com o calor da pele e com o contraste entre seu bronzeado escuro e minha pele branca.

Ele me colocou de volta na cama e em seguida, me beijou e passou a língua pelo meu pescoço. Ele continuou mais abaixo, passou a língua pelo meu peito, acariciou meus seios – até que chegou na minha calcinha. Ele a tirou suavemente, como se estivesse despiando um bebê. Tão doce o tempo todo, sempre procurava em meus olhos aprovação.

Desta vez, eu não fechei meus olhos. Eu queria ver e sentir tudo, queria estar com ele e com mais ninguém. Sem fantasias. Apenas Adrien e eu juntos, nos tocando e beijando.

Ele começou a lamber a parte externa do meu centro de prazer. Eu estava louca por ele, ansiava por ser penetrada, mas ele não estava com pressa e queria brincar. Ele soprou ar quente no meu clitóris e mordiscou os lábios. Usou os dedos para separá-los enquanto tocava meu clitóris com a ponta da língua. Eu gritei, estava morrendo de vontade de ser penetrada, e então ele começou a chupar, acariciar minha entrada com um dedo. Meu sexo molhado perfumava o ar, pronto para recebê-lo e eu gozei em sua boca.

Eu mudei de posição, empurrando-o de volta para deitar na cama. Abri o zíper da calça dele e tirei seu membro, acariciando-o, estava duro como mármore. Eu capturei e segurei seu olhar quando abaixei minha cabeça e coloquei o pau em minha boca. Ele tinha um gosto maravilhoso. Eu chupei com força, fazendo movimentos de vai e vem. Ele gemia e meu coração se acelerou com o som. “Eu fiz isso”, pensei, feliz com minha capacidade de dar prazer, passei minhas unhas longas sobre o peito dele enquanto continuava a chupar.

– Pare, Lara, ou eu não vou poder me segurar. Eu não quero me envergonhar na primeira vez.

Ele me puxou para cima, inverteu nossas posições e eu me estiquei na cama. Ele pegou um preservativo da gaveta da mesinha de cabeceira, desenrolou sobre o membro, posicionou-se entre as minhas pernas e lentamente me penetrou e antes que ele pudesse entrar completamente, eu já havia gozado.

Meu corpo sincronizado com o dele, nos movíamos juntos procurando por outro orgasmo. Eu estremeci toda, meus sentidos se aguçaram, sensíveis a cada toque dele. Meus mamilos estavam duros como pedra e meu sexo encharcado ao redor do pau dele. O cheiro almiscarado de Adrien aumentava meu prazer, e gozei novamente.

Eu nunca havia experimentado um prazer tão intenso, meu orgasmo explodiu como um vulcão, o calor se espalhava pelas minhas coxas. Ele se juntou a mim, seu grito profundo de liberação se misturou com meus gemidos. Ficamos deitados na cama, sem nos mexer, apenas abraçados, sem palavras, ambos encharcados de suor.

Quando finalmente recuperamos o fôlego, ele levantou a cabeça e sorriu.

– Isso foi incrível... a sensação mais intensa que eu já senti.

Ele mudou um pouco de posição e depois fechou os olhos e disse em um gemido. – Você é tão quente e tão apertada. – “O que devia responder?”, me perguntei. “Obrigada?”. Eu permaneci quieta, mas retribui o sorriso e levantei minha mão para acariciar o rosto dele.

Depois de um momento, ele me beijou no nariz e saiu da cama.

– Espere um momento – ele disse.

Ele entrou na cozinha, que parecia de casinha de bonecas e eu fechei meus olhos, ouvindo-o mexer ao redor. Alguns minutos depois, ele voltou e se juntou a mim na cama.

Observei enquanto ele estendia uma toalha xadrez azul e branca e colocava sobre ela uma variedade de alimentos – queijo, presunto cru, alguns doces, um era de figo e fatias de pão crocante recém torrado. Comemos em silêncio, pois ambos precisávamos recuperar nossa energia. Tomamos o vinho tinto que ele abriu.

– Eu quero fazer amor com você de novo – disse ele. Aquela expressão – fazer amor –

era estranha para mim. Eu conhecia o termo, claro, mas nunca o usaria para descrever o que Arthur e eu fazíamos. Nós fazíamos sexo, transávamos, fodíamos, mas jamais fizemos amor. Mas com Adrien o termo parecia apropriado.

Nós fizemos amor de novo e de novo até que percebemos o quão tarde era, e que havíamos passado dia todo juntos. Nós nos apressamos, eu torcia para chegar em casa antes de Arthur, mas não deu certo. Quando cheguei de volta ao apartamento, Arthur já estava lá, bebia um uísque e esperava por mim.

Ele parecia irritado, sua boca virada para baixo nos cantos e olhava para mim do jeito que sempre fazia quando estava chateado.

– Olá, Lara, onde você estava?

– Andando por aí. – No meu pequeno universo de mentiras, aprendi que, quando você mente, é melhor ser econômico com suas palavras e ficar o mais próximo possível da verdade. Eu realmente estava andando por aí. Isso, pelo menos, era verdade.

– Um pouco tarde, não? – ele rosnou.

– Sêrio? Que horas são? Eu esqueci meu relógio.

– Eu olhei para ele, mantendo minha expressão tão inocente quanto possível e mostrei o pulso.

– Leve-o com você da próxima vez. Eu comprei para você para que você possa saber a hora.

– Eu me guio pelo sol. O problema é que o sol se põe tarde demais aqui. – Falei em tom infantil.

– Com certeza. Vá tomar um banho e vamos jantar. – Ele apontou para as escadas.

– Sim, papai! – eu sabia que ele odiava quando eu fazia isso – o chamava de pai, tio ou vovô – mas eu fiz de propósito. Essa foi outra lição que aprendi cedo na vida: disfarçar meus medos por trás de uma fachada de confiança. Desta vez, funcionou com perfeição.

Depois que tomei banho e me troquei, sentamos para jantar e comecei a bocejar. Eu queria que ele pensasse que eu estava com sono porque eu não tinha intenção de fazer sexo com ele naquela noite – não depois do dia que passei nos braços de Adrien.

Jantamos em silêncio e, quando terminamos, falei para Arthur que iria para meu quarto. Felizmente, ele não protestou ou demonstrou interesse em me seguir. Mas eu sabia que minha boa sorte não duraria. Amanhã ou no dia seguinte ou no outro dia, seu interesse voltaria, e eu mal conseguia suportar o pensamento de tocá-lo novamente – ou que ele me tocasse. Eu queria apenas Adrien. Eu teria que descobrir o que fazer.

CAPÍTULO XIII



Simone – Dias atuais

Simone sentia muita pena de Lara! Apenas uma garota e ela tinha que mentir para evitar o toque de um homem. Ela não tinha o direito de se apaixonar como uma jovem normal, porque ela tinha um dono!

A imagem de sua filha, tão diferente, passou pela cabeça de Simone. Ela sempre lutou para dar liberdade a sua filha, nunca forçou a garota a fazer nada contra sua vontade – nem mesmo beijar as pessoas quando ela não se sentisse confortável fazendo isso. Difícil imaginar como uma mãe poderia colocar sua própria filha em uma situação como a que Lara tinha sido jogada.

Simone sabia melhor do que ninguém que nem todo mundo nasce com amor e instintos maternos, e a relação entre mãe e filhos era quase sempre complicada, cheia de sentimentos contraditórios.

Quando ela começou a voltar sua atenção para o diário, alguém bateu a porta.

– Entre. – Ela levantou a cabeça para ver quem era. Patricia abriu a porta.

– Dra. Bennet, são quase oito horas, você não quer que eu peça algo para comer? – Simone perdera a noção do tempo de novo, mas por que a secretária ainda estava lá? O horário de expediente havia terminado há muito tempo.

– Desculpe, Patricia, eu deveria ter dito para você ir para casa!

– Oh, não, doutora, eu não vou deixar você sozinha. Se você tem que trabalhar até tarde, eu fico.

“Eu amo essa mulher”, pensou Simone, mas ela balançou a cabeça negativamente.

– Não, Patricia, a partir de agora, você pode ir embora assim que o último paciente meu ou do Dr. Reynolds for embora. Estou terminando aqui, então você pode ir. Vou trancar o consultório, não se preocupe, e muito obrigada.

– Tenha uma boa noite, doutora. – Patricia saiu, fechou a porta atrás de si e Simone decidiu ir para casa.

* * * * *

Quinta-feira voou para Simone, sua agenda estava tão lotada que mal teve tempo para comer. Às quinze horas, ela estava se preparando para ver uma de suas pacientes, Helen Northstrond.

Simone tinha relido os arquivos da mulher, se familiarizou novamente com o caso de Helen, porque já fazia um tempo desde que ela tinha ido ao consultório pela última vez. Helen só comparecia às sessões esporadicamente, mas Simone ficou feliz em vê-la novamente.

Helen era jovem, vinte e oito anos de idade. Ela tinha cabelo castanho curto e olhos azuis e não era alta – apenas cerca de um metro e meio – e era muito magra. Infelizmente, sua magreza era devida ao vício que ela chamava de “drogas recreativas” e não a hábitos alimentares saudáveis e exercícios.

Helen entrou no consultório de Simone como um furacão e se jogou no sofá sem dizer olá. Depois de se virar e revirar para encontrar a melhor posição, ela pareceu se lembrar de seus modos e cumprimentou Simone.

– Olá, Doc. – Disse ela esparramada no sofá.

– Olá, Helen, é bom ter você de volta. Como está a vida desde a última vez que

conversamos? Se bem me lembro, você se preparava para engravidar.

– Sim. É bom estar de volta. Eu vou bem, obrigada. Nenhum bebê... – Ela acenou com ambas as mãos para sinalizar um não categórico. – Eu me apaixonei pela minha vizinha linda e estou pensando em me divorciar do meu marido. Ela olhou para Simone em busca de uma reação, que pelo controle de Simone, não ocorreu.

– Que mudança... de começar uma família a um divórcio – Simone fez um cálculo rápido – menos de dois meses. E um novo relacionamento? Quem é esse vizinho? Há quanto tempo você o conhece?

Helen contemplou as mãos dela por um momento, cutucando a pele perto da unha do polegar, e então olhou para Simone.

– Não é ele, é ela, você entendeu errado. – Disse ela em um tom baixo, como se temesse que alguém pudesse ouvir e continuou: – E eu a conheço desde criança, mas só recentemente temos mais contato e estamos profundamente apaixonadas. Eu decidi sair do armário.

“E tudo isso em um piscar de olhos – que maturidade”, pensou Simone.

– Bem, essa é uma decisão enorme, Helen. Você está preparada para enfrentar as consequências? Você pode imaginar as reações quando disser à sua família que está se divorciando – e "oh, a propósito, sou gay"? – Simone fez aspas no ar.

– Eu sou gay! Estou super apaixonada, provavelmente pela primeira vez na vida e quero que o mundo saiba!

“Tudo bem então”, Simone pensou. Então, por que ela sussurrava, considerando que a porta do consultório estava fechada? Algo disse a Simone que Helen não tinha certeza sobre suas escolhas.

– O que aconteceu com a professora? – Simone perguntou. Helen estava apaixonada por sua professora e perseguiu a mulher por um bom tempo, embora a professora afirmasse ser cem por cento hétero. Helen perseguia a mulher incessantemente, e Simone passara muitas sessões tentando convencer Helen de que a mulher sentia amor maternal por ela, e que ela deveria deixar a professora em paz.

– Você estava certa... – Helen assentiu. – Ela cuida de mim como uma mãe faria, e ela faz parte do meu passado.

– Você parou de persegui-la? – Simone se surpreendeu.

– Eu não usaria esse termo, mas sim, parei de tentar seduzi-la e parei todo o contato. Eu até a bloqueei no *WhatsApp*!

– Por que você a bloqueou? Se acabou, você não precisa bloqueá-la.

– Olivia me disse que eu preciso.

– Entendo. E foi sua a ideia dizer ao mundo que é gay?

– Olivia é gay e ela disse que não quer um relacionamento falso, ela quer um romance real.

– E quanto a você?

– Eu quero Olivia e eu quero que ela seja feliz.

– Mas isso não é o que perguntei. Eu quero saber como você se sente. Você vai ficar feliz com todas as mudanças em sua vida? Eu pensei que você queria ser mãe.

– Vamos encontrar um pai para um bebê, se as coisas correrem bem.

– E os sentimentos que você tinha pelo seu marido? Você me disse que o amava e estava se preparando para ter um filho. Isso acabou?

– Não. De certa forma, ainda o amo, mas Olivia nunca concordaria em me dividir para sempre.

– Mais uma vez, Helen, não estou perguntando sobre Olivia, ela não é a minha paciente. O que a Helen quer? – Simone apontou para o peito de Helen. – O que seu coração lhe diz?

– Eu realmente não sei, doutora. Minhas emoções estão uma bagunça. Tenho certeza de que não quero perder a Olivia. Eu a amo... Mas também tenho sentimentos pelo meu marido. Para ser sincera, um dia estou bem e no dia seguinte me deprimos e me questiono sobre todas as minhas decisões. Mas eu não posso dizer não para Olivia.

Simone já tinha uma ideia clara de como Olivia podia ser manipuladora e ficou preocupada. Simone odiava ser parcial, mas ela já estava com raiva daquela garota dominadora e ela nem a conhecia.

– Olha, eu penso que você está indo muito rápido. Por que você não permite que eu ajude você a controlar suas emoções? Encontrar um pouco de equilíbrio, para não ficar nesse movimento pendular o tempo todo. O que aconteceria se você se afastasse de seu casamento e depois descobrisse que Olivia nada mais é do que uma breve paixão?

Simone ergueu a mão, em sinal de “aguarde”, impedindo Helen de responder imediatamente.

– E não me diga que isso não é possível, pois você já viveu isso antes.

– Sim, mas desta vez é diferente. É forte, poderoso...

– Se a professora lhe dissesse que estava apaixonada por você, você ficaria com Olivia?

– Isso não vai acontecer – Helen pareceu hesitante em sua resposta.

– Talvez não, mas vamos fingir. Use sua imaginação.

– Bem, como eu disse, eu não sei, eu não acho que seja possível. – A hesitação de Helen sobre o assunto era tão clara quanto o dia, ela não estava preparada para tomar uma decisão daquela magnitude no momento.

– Helen, você não pode se divorciar agora. Deixe-me ajudá-la a controlar suas emoções. Você não está pensando direito. Tenha paciência, ok? Deixe seus sentimentos por seu marido e sua namorada se solidificarem um pouco, enquanto você se concentra no que deseja. No final, sua vida deve dar prazer a você e apenas você.

– E se eu perder a Olivia? – Seu olhar era de angústia.

– Se ela ama você, ela vai saber esperar, ela não vai empurrar você para além dos seus limites.

– Estou muito confusa! Eu acordo e olho para o rosto do meu marido e digo a mim mesma que não posso deixá-lo, ele é muito bom para mim. Mas quando estou com a Olivia, digo a mim mesma que a amo e devo tentar dar uma chance ao nosso relacionamento.

A expressão crispada no rosto da moça demonstrava dor. Estar dividida entre as emoções era uma das situações mais difíceis na vida de qualquer pessoa. Não dava para encarar levemente e Helen precisava de ajuda.

– Ok, eu vou fazer um acordo com você. Você vai viver um dia de cada vez, certo? E você vai fazer uma lista de coisas que você gosta em seu marido e uma lista de coisas que você não gosta dele. Faça o mesmo com Olivia.

– E enquanto isso, se meu marido descobrir que estou tendo um caso?

– Bem, se você quiser continuar envolvida com Olivia, a escolha é sua, há riscos e você terá que enfrentar as consequências. Mas dez minutos atrás você me disse que queria se divorciar, então por que se preocupa?

– Eu não quero machucá-lo.

– Receio que você esteja em uma linha muito tênue, o que me preocupa. Não importa como isso aconteça, alguém vai se machucar. Não é possível fazer uma escolha como a que você

quer fazer, sem esperar algum dano colateral. Você tem que decidir com o que você pode viver melhor e depois escolher. Mas primeiro, você tem que descobrir o que você, Helen, quer... o que lhe faz feliz... não o que faz feliz ao seu marido ou a Olivia, só você. Você é a pessoa principal em seu mundo, e você é quem vai sofrer mais com as consequências de seus atos.

– Em teoria, eu sei disso, mas estou tão confusa... Por favor, doutora, não vá embora de novo. Eu realmente preciso de você! – Helen apertou as mãos em frente ao corpo como se estivesse rezando.

– Minhas férias acabaram, Helen. Não se preocupe. Eu estarei aqui e a verei no mesmo horário na próxima semana. O que você acha de tomar um estabilizador de humor? Geralmente ajuda a esclarecer os sentimentos.

– Eu estou deixando meu corpo livre de qualquer tipo de droga para o bebê...

– Não vai lhe prejudicar e você adiou a ideia de ter um bebê, ou assim você me disse logo que você entrou. Não só isso, você precisa de paz para resolver esses quebra-cabeças da sua vida. Você não pode fazer isso pulando de uma emoção para outra como um gafanhoto.

– Você está certa. Algum efeito colateral desagradável?

– Difícil dizer, Helen. Pessoas diferentes reagem de maneiras diferentes à cada medicação, mas esta é bastante segura.

Elas concordaram que Helen iria começar a tomar o remédio e a moça partiu levando uma prescrição. Simone sentia muito pela moça, ela parecia tão perdida o tempo todo. Mas há muito tempo, Simone aprendera a não sofrer por seus pacientes – se o fizesse, teria que abandonar a profissão ou enlouqueceria.

Ela ainda tendia a pensar nos pacientes após as sessões, sempre tentava descobrir a melhor maneira de ajudá-los. Talvez ela devesse levar ao coração o conselho que dera a Helen – “Você é a pessoa mais importante em seu mundo!”. Mais fácil de dizer do que colocar em prática. Para melhor ou pior, Simone geralmente tendia a colocar as necessidades das outras pessoas antes das suas.

Simone olhou para o relógio. Ela tinha exatamente uma hora para descansar e se organizar, antes de seu próximo paciente chegar. Talvez fizesse um lanche rápido.

Uma leve batida soou em sua porta.

– Entre. Simone falou. Patricia entrou no consultório de Simone com uma bandeja de chá e biscoitos.

– Patricia, você é um anjo, e eu acho que você tem o dom de ler a mente.

– Fico feliz que você esteja satisfeita com meus serviços, doutora. – Apesar das palavras da secretária, ela não sorriu. Na verdade, Simone nunca tinha visto um sorriso no rosto da mulher. Patricia mantinha um comportamento composto e sério, profissional em todos os momentos.

Simone não se sentia à vontade com ela e era impossível não comparar o comportamento noturno de Patricia com a ternura que Mona exibia para todo mundo. Mesmo que Simone tivesse que reconhecer as qualidades de sua nova secretária e lembrar que todas as pessoas eram únicas, sentia falta de Mona e de seu carinho. Ainda assim, tinha que reconhecer que Patricia fazia um trabalho mais que adequado.

– Muito satisfeita! – Disse Simone. – Por favor, coloque a bandeja na mesa de chá para mim.

Quando a secretária saiu, Simone pegou o diário de Lara e foi para o sofá. Serviu-se de uma xícara de chá e pegou um biscoito. Como o próximo cliente seria uma sessão *on-line*, ela regulou o alarme no telefone para lembrá-la dez minutos antes, e depois se acomodou para ler.

O Diário de Lara

Toda vez que eu via Adrien, meu coração flutuava. Ele era bonito, esperto, sempre me fazia rir e um dia – sem aviso – percebi que estava apaixonada. Loucura, eu sabia, considerando que nós nos conhecíamos há pouco tempo, mas naquela época eu não tinha dúvidas sobre o sentimento no meu jovem coração. Eu não conseguia parar de pensar nele e queria estar perto dele o tempo todo.

Quando eu e Adrien dormíamos juntos, eu evitava Arthur, recusava fazer sexo com ele, e era visível que ele estava ficando muito irritado com minhas desculpas. Eu contava mentiras que eu não tinha a menor ideia de como sustentar.

– Não esta noite, Arthur, estou naqueles dias...

– Já? É muito cedo!

– Melhor cedo do que tarde, como você sempre diz!

– Venha aqui. Eu não me importo.

– Eu me importo, estou com cólica. – E assim por diante. Um monte de mentiras, mas e daí? Ele me ensinou a mentir, e eu sempre fui uma ótima aluna.

Em uma tarde de sexta-feira, depois de passar o dia inteiro fazendo amor e conversado com Adrien em seu minúsculo apartamento, estávamos sentados no chão, sobre um tapete velho, nus, nos braços um do outro.

– Lara, eu gostaria que você fosse minha. Você é tão bonita, tão doce, tão quente... Eu quero estar com você para sempre. – Suas palavras soaram como uma declaração de amor para mim e meu coração disparou. Senhor, como eu era idiota.

– Eu também. Amanhã é sábado e não podemos nos ver, e isso me deixa louca!

– Eu vou sentir sua falta também, meu anjo.

– Vamos fugir juntos! – Eu me movi em seus braços para que pudéssemos ficar cara a cara. – Vamos embora para algum lugar. Vamos viajar pelo mundo. Você quer viajar e eu também...

Eu já podia imaginar nossa vida juntos, em algum lugar longe de Arthur. Imaginei como seria acordar nos braços de Adrien todos os dias. O trabalho penoso da vida cotidiana – coisas como pagar contas, lavar roupas e louça suja – sequer me ocorreu naquela época.

– Nós não podemos. Eu não tenho dinheiro para fazer isso, querida. – Ele deu um beijo na minha testa.

– Eu não me importo! Nós podemos trabalhar.

– Fazendo o que, exatamente? – Ele olhou fixo para mim, com um ar divertido.

– Eu não sei, mas vamos descobrir alguma coisa.

– Eu não posso fazer isso, anjo.

– Por quê? Você não me ama? – Ele hesitou em responder e desviou meu olhar.

– Se o amor fosse o único problema... Mas não é tão simples assim. – Ele levantou e foi se sentar na cama.

Ouvindo com meu coração tolo, interpretei suas palavras como mais uma declaração de amor. Ele pode não ter dito as palavras “eu te amo”, mas ele não negou que me amava.

O mundo poderia acabar naquele momento e eu teria morrido feliz. Eu sentia vontade de cantar e dançar, transbordava de alegria.

– Vem cá, querida, deixa eu lhe abraçar. – Ele bateu no colchão e fui até ele. Deitamos e fizemos amor mais uma vez antes de eu ir para casa.

Quando cheguei ao apartamento, fui direto para o meu quarto e, depois de meia hora, o telefone tocou. Era a Emms.

– Oi, Emms! Tão bom falar com você! – E foi, porque pela primeira vez, eu estava feliz e eu não tinha que fingir que estava bem, como sempre fiz para não a preocupar.

– Meu bebê, você soa feliz!

– E estou!

– Diga para a sua velha vovó o que deixou você tão alegre hoje.

– Emms... eu acho que estou apaixonada!

– Uau, Lara! Seu primeiro amor! Isso é ótimo. Conte-me tudo! Estou curiosa! – Emms soava excitada como uma menina.

– Ele é lindo e querido, ele tem uma moto e andamos por toda Paris nela. Ele é adorável.

– Parece-me que você encontrou um cara legal, mas quantos anos ele tem? Ele sabe pilotar bem?

– Ele tem dezenove anos, Emms. – Eu me senti culpada por mentir para ela, mas o que eu poderia fazer? – E ele é um ótimo piloto, fique tranquila.

– Se cuida menina. Use um capacete, ok? Ele é francês?

– Sim, Emms. E meu francês está ficando muito melhor graças a ele. – Para provar minha afirmação, comecei a falar francês com Emms e ela me disse que estava muito orgulhosa de mim.

– Bebê, deixe-me fazer uma pergunta pessoal.

– Sim, Emms.

– Você está fazendo sexo com esse cara? – Ela soou preocupada, mas eu não podia mentir para ela sobre isso.

– Sim, e é muito bom...

– Isso é bom. O sexo é muito bom e saudável, mas, querida, por favor, cuide-se... Uma gravidez na sua idade seria um desastre.

– Eu sei. Estou tomando pílula... Ele me levou a um médico. – Outra mentira. Deus, eu odiava fazer isso com a Emms, mas não tinha como dizer a ela que Arthur me dava pílula anticoncepcional há muito tempo.

– Ok, Lara, você ainda é muito jovem, mas se você está feliz, o que eu posso dizer? Meu bebê está crescendo. Tome cuidado e divirta-se. Não há nada melhor que o primeiro amor na vida de uma garota. Mesmo que não dure para sempre, você nunca vai esquecer.

– Vai durar para sempre, Emms! Eu o amo. – Nós nos despedimos e desligamos e eu estava feliz por ter compartilhado minhas boas novas com minha avó.



CAPÍTULO XIV

Simone – Dias atuais

“Pelo menos este último capítulo foi melhor”, pensou Simone. Foi bom ler sobre Lara poder ser uma menina novamente, experimentar seu primeiro amor, suas primeiras emoções reais na vida. Simone lamentou ter que deixar o diário de lado. Se levantou do sofá e foi até sua mesa.

Ela ligou o computador. Tinha um horário agendado no Skype com o general – a primeira sessão *on-line* deles – ele insistiu em continuar com o tratamento, mesmo que fosse a distância.

Ele já a esperava quando ela se conectou ao programa.

– Como você está hoje, Cezar? – Ela perguntou assim que se conectaram.

– Para ser honesto, sinto falta da sua presença brilhante. Você me fez pensar sobre a minha vida – e sobre me candidatar de novo – e eu decidi que estou muito velho para isso. Além disso, não era meu sonho, era o sonho do meu amigo e depois do meu irmão. Esses sapatos são grandes demais para os meus pés.

Ele falou correndo e sem respirar.

– Mas você sabe que pode tentar de novo?

– Sim, mas eu decidi que não quero. Doutora, deixa-me perguntar... por que é que perdemos tempo falando da minha vida política? Eu tenho um problema de impotência e gostaria muito de falar sobre isso.

– Cezar, nós constatamos que sua impotência não é um problema físico. Portanto, temos que entender o que provocou isso. Muitas vezes, quando um homem sofre algum tipo de derrota ou um período de grande estresse, frustração e rejeição, ele se torna impotente. Eu preciso saber o que realmente aconteceu, e sinceramente sinto que você esconde algo. – Ela não conseguia explicar o que era, apenas um sentimento que tinha.

– Talvez frustração e rejeições – ele murmurou, olhando para cima.

– O que você não está me dizendo, Cezar? – O general baixou a cabeça como se estivesse pensando em como responder.

– Você é muito esperta doutora. Tereza...

– Tereza? – “Uma mulher – bingo!”, pensou Simone. Ela sabia que havia outra história por trás de todos os problemas sexuais do general.

– Sim, Tereza, a morena mais linda da terra.

– OK. Fale-me sobre ela.

– Ela era minha amante.

– Mas você me disse que não aprova que um homem casado tenha amantes.

– Eu não aprovo. Mas eu me apaixonei. Ela não me quis. Ela me vê como um velho, ela é trinta anos mais nova do que eu.

– Ela disse a você que ela não lhe quer porque você é velho?

– Não nessas palavras. Ela é educada demais para dizer uma coisa dessas. Ela é uma boa menina, de uma boa família. Estudou no exterior, é muito culta e quando o pai dela faleceu, ela herdou uma grande fortuna. O pai dela era meu amigo e ela veio até mim pedir ajuda em alguns assuntos de negócios. Eu concordei em ajudá-la e as coisas progrediram a partir daí. Nós passamos muito tempo conversando, e ela me fazia rir como ninguém nunca fez. Nós começamos a almoçar juntos, depois a jantar... ela acordou um lado da minha personalidade que eu não sabia que existia. Ela tocou meu coração – algo que eu acreditava que não era mais possível.

Ele apontou para o peito e continuou:

– Ela é doce e inteligente... e seu corpo foi projetado para levar um homem ao paraíso. Eu me senti como um menino novamente. Sexo com ela era completo.

– Completo? Explique isso para mim, por favor.

– Eu sempre fui muito agressivo quando se trata de sexo. Eu nunca gostei de fazer amor... Eu prefiro transar como um animal selvagem. Com minha esposa, isso era impossível. Ela ficaria aterrorizada se eu pedisse para me bater. E não poderia fazer isso com ela – ela é a mãe dos meus filhos!

“Que lógica fantástica”, ironizou mentalmente Simone.

– Mas com a Tereza... Deus... Ela é como eu. – Suspirou e continuou – Sexo com ela era exatamente o que eu adoro – ela me arranhava, batia, me dominava e sem eu pedir! – Seu olhar de lembrança parecia em êxtase.

Homens poderosos e seu desejo eterno de serem dominados. Cezar não foi o primeiro de seus pacientes autocratas que dissera que sentia prazer quando era dominado, espancado ou humilhado por uma parceira ou parceiro. O general não era exceção. Esse tipo de comportamento era uma espécie de compensação por dominar todo o resto na vida dele.

– E então?

– E assim, depois de algum tempo, ela começou a me evitar, a me dar desculpas e então ela simplesmente parou de atender minhas ligações.

– Isso aconteceu quando?

– Oito meses atrás. – “Na mosca novamente!”, pensou Simone, na mesma época em que o sexo se tornou um problema para ele. Mas o general continuou.

– E eu simplesmente não consigo esquecê-la. Não tenho dúvidas de que ela decidiu que não queria desperdiçar sua vida com um velho que poderia morrer em sua cama!

O general estava longe de morrer, ele era um homem forte, mas parecia um *prima donna* e tendia a ver tudo de maneira trágica. Talvez isso tivesse mais a ver com sua herança latina do que qualquer coisa.

– Você já pensou que ela não queria continuar a ter um relacionamento com um homem casado?

– Não... – e ele levantou a cabeça como se tivesse ouvido algo fantástico.

– Então sugiro que você vá falar com ela. Pelo que você me disse, acredito que a maior parte do seu problema deriva da rejeição. Você foi rejeitado pelo seu povo. Você foi rejeitado pela mulher que ama. Por que você se apaixonou por ela? Você pode me dizer?

– Antes de Tereza, eu tinha perdido o gosto por viver. Poucas coisas me davam prazer nos últimos anos, menos ainda faziam meu coração disparar. Eu tinha vivido tudo, visto de tudo. Eu não confiava em ninguém e, de repente, uma jovem me mostrou que meu velho coração ainda bate, que eu poderia sonhar de novo... mas depois ela me cortou friamente.

– Você disse a ela que você estava apaixonado por ela?

– Para ela poder zombar de mim? Para poder me chamar de velho ridículo? Não, claro que não. Tudo o que me resta é o meu orgulho...

– Você se divorciaria de sua esposa por Tereza?

– Por ela, sim! – E ele foi enfático e apaixonado na resposta rápida.

– Então diga isso a ela. Ela não pode ler sua mente. Você tem uma família, um casamento longo. Ela provavelmente pensou que você nunca deixaria sua esposa e ela não parece ser o tipo de mulher – pelo menos, com base em como você disse – que precisa viver das migalhas. Você tem lição de casa para fazer, Cezar, e eu não vou falar com você novamente até que você resolva

essa situação inacabada.

– Pode passar a lição doutora, vou anotar para não esquecer suas palavras! – Ele pegou um caderno e um lápis que estavam ao seu lado e se preparou para tomar notas, como um bom aluno.

– Fale com Tereza – essa é a única nota que você precisa escrever aí.

– Eu não posso! – Ele largou o lápis.

– Você pode, ou eu não posso continuar a tratar você.

“E agora estou chantageando meus pacientes... O que está acontecendo comigo?”. Simone raramente perdia o controle, especialmente em um ambiente profissional.

– Eu vou pensar sobre isso. – Ele apontou para a cabeça.

– Pense e faça. Seu orgulho não vai melhorar sua sexualidade e certamente não vai reconquistar sua amante.

– Eu tenho que pensar... o que tenho que oferecer a essa garota?

– Que tal você? Que tal o seu amor? Pense e pense bem, Cezar. Você não tem metade da sua vida para gastar. Metade dela já se foi. Faça agora...ou nunca.

– Eu prometo que vou tentar.

– Fará bem a você. Terminamos por hoje, Cezar. – Ela apontou para o relógio no próprio pulso.

– Sim, doutora, muito obrigado por hoje, foi muito interessante.

– A terapia é muito mais interessante quando todas as cartas estão na mesa, Cezar. Vejo você em uma semana. Se você agir. – Eles se despediram e Simone fechou o programa e desligou o computador.

Cezar tinha sido o último paciente daquele dia, então ela decidiu voltar para sua análise do diário de Lara. Simone estava curiosa para saber como progrediria o romance da adolescente. Ela pegou uma pilha de páginas e foi para a sua poltrona favorita onde começou a ler, imediatamente imergindo na história.

O Diário de Lara

Em um sábado cinza, eu me sentia deprimida, sabia que teria que esperar até segunda-feira para ver Adrien novamente e eu tinha certeza que teria que transar com o Arthur. O pensamento me deixava triste. Decidi dar uma volta e conversar com meus *bouquinistes* favoritos. Eu estava orgulhosa de mim e do meu francês, que havia melhorado ao ponto em que eu podia manter uma conversa normal e fluente com qualquer pessoa.

Eu não queria voltar para casa, então comprei um sanduíche de tomate e queijo de búfala, dentro de um pão *baguette* para o almoço e caminhei ao longo do Sena comendo-o. Mas eu teria que voltar em algum momento.

Quando voltei para casa, para minha surpresa, Arthur e Adrien estavam sentados no sofá tomando uísque, um em frente ao outro. Arthur parecia relaxado, reclinado contra as almofadas, as pernas cruzadas nos tornozelos. Adrien sentado e inclinado em direção a Arthur, falava, e eu imediatamente fiquei tensa. Mas ainda assim fiquei feliz em ver Adrien.

– Olá, querida – Arthur me cumprimentou. – Eu espero que você não se importe. Eu convidei Adrien para se juntar a nós hoje.

– Olá, Lara, como vai você? – Ele sorriu e estendeu a mão para mim.

– Ótima! E você? – Eu não sabia como proceder, então apertei a mão estendida de Adrien. Meu coração batia rápido, minhas palmas estavam úmidas e fiquei com medo de que Arthur pudesse perceber meu desconforto.

– Você quer algo para beber? – Arthur perguntou. – Eu olhei para ele, surpresa com a pergunta; pensei que talvez ele estivesse tentando me preparar para seduzir Adrien. Minhas mãos começaram a tremer. Embora eu tenha usado a fantasia de Arthur quando fiz sexo com ele outro dia, eu não conseguia me imaginar fazendo amor com Adrien na frente de outra pessoa na vida real.

– Não se preocupe em levantar – eu disse. – Eu posso servir minha própria bebida.

Eu precisava de um uísque. Eu descobri o quão bem o álcool acalmava meus nervos. Peguei um copo de cristal de uma bandeja no bar e me servi de um uísque duplo sem gelo. Tomei um longo gole e a bebida queimou minha garganta. Eu comecei a tossir e lágrimas vieram aos meus olhos.

– Devagar, Lara. – Arthur me repreendeu.

– Eu estou bem! – Eu consegui dizer quando parei de tossir, meus olhos cheios de lágrimas.

– Venha cá, sente-se ao meu lado. – Ele bateu na almofada do seu lado do sofá.

Eu pensei em desafiar Arthur, mas mudei de ideia. Sentei perto dele e ele colocou a mão no meu joelho. Eu olhei para Adrien em busca de sua reação, mas ele não me olhava diretamente. Em vez disso, ele franziu a testa e desviou o olhar.

– Do que vocês estavam falando antes de eu chegar? perguntei.

– Sobre como você é linda, é claro. – Arthur parecia um pouco estranho.

– Ah, claro... – eu zombei.

– Eu juro que é verdade – Arthur colocou o braço em volta do meu ombro e me beijou nos lábios, uma demonstração rara de afeição na frente de outras pessoas.

– Adrien, essa garota é minha joia rara. – Eu fiquei totalmente envergonhada, mas ele não parou por aí. Ele puxou meu vestido até que minhas pernas ficassem quase completamente expostas e começou a acariciar minhas coxas.

– Sem mencionar que ela é uma trepada deliciosa! – Ele falou olhando para Adrien.

Antes que eu pudesse reagir à declaração de Arthur – ele continuou:

– Mas você já sabe disso, certo, Adrien? – Arthur perguntou.

– Quero dizer, vocês dois têm fodido pelas minhas costas nas últimas... o quê? Duas ou três semanas?

Se eu fosse uma garota mais frágil, teria desmaiado. Infelizmente, eu era forte e senti que estava prestes a enfrentar uma enorme humilhação. Arthur sabia sobre Adrien e eu! Mas como?

– Você tem me seguido, Arthur? – Só podia ser isso. Eu não conseguia pensar em outra explicação razoável.

– Seguindo você? Claro que não, minha querida.

Ele riu e parou de me abraçar e de me tocar e se virou e se sentou de frente para mim. Eu estava apavorada, e quando olhei para Adrien, ele tinha a cabeça baixa.

– Como você soube? – Eu estava tão nervosa que nunca me ocorreu negar suas acusações. Meu estômago dava voltas e minhas pernas tremiam incontrolavelmente.

– Como eu soube? – Ele se virou para olhar para Adrien

– Adrien? Devo dizer a ela, ou você vai fazer as honras?

– Por favor, Arthur... não... – Adrien parecia estar implorando. Eu nunca ouvira ele usar aquele tom humilde antes. Como Adrien poderia explicar como Arthur descobrira sobre eu e ele? Eu não consegui entender.

Arthur suspirou.

– Eu suponho que cabe a mim falar a verdade. – Ele parou por longos segundos enquanto

olhava de mim para Adrien e de volta para mim, uma expressão divertida no rosto, um pequeno sorriso satisfeito levantando o canto da boca.

Pareceu uma eternidade antes de ele falar de novo.

– Como eu sei? Bem, veja você, eu paguei este jovem aqui para seduzi-la! – ele apontou para Adrien. – Eu sabia que você não teria coragem de seduzi-lo. Como eu ia saber que você iria perder a cabeça e começar a agir como uma idiota apaixonada? Eu pensei que você fosse mais inteligente do que isso! – Ele falou.

Eu olhei para ele, tentei entender o que ele acabara de dizer. Ele pagara Adrien? Para me seduzir? Não... isso era outra mentira. Adrien e eu estávamos apaixonados!

– Você é um mentiroso! Isso não é verdade!

– Não, querida, temo ser essa a verdade. Eu paguei Adrien para seduzi-la; Eu paguei o aluguel daquele pequeno ninho de amor de vocês e, deixe-me dizer, ele é um gigolô caro! – Ele apontou para Adrien e continuou:

– Eu fantasiei em ver você com outro homem, mas você é tão ingênua que se apaixonou por ele! Eu não posso acreditar na sua estupidez! Você se apaixonou por um homem que dorme com velhinhas por dinheiro! Um acompanhante pago. Você se apaixonou e planejou fugir com ele? Então o que você teria feito se ele tivesse concordado? Abraçar a mesma profissão? – Ele balançou a cabeça negativamente.

– Você não tem nem perto as habilidades necessárias para sobreviver em tal estilo de vida. – Ele começou a rir. Ele riu tanto e, durante todo o tempo, senti como se estivesse vivendo dentro de um filme de terror.

Eu me virei para Adrien, os olhos cheio de lágrimas.

– Por favor... me diga que ele está mentindo! Por favor, me diga que isso não é verdade!

– Cruzei minhas mãos implorando a Adrien para desmentir Arthur.

Eu tinha certeza que Adrien diria que tudo era uma piada de mau gosto e que ele me amava e que seríamos felizes juntos, longe desse maníaco, mas ele apenas olhava para os sapatos, a culpa estava escrita em todo o rosto.

– Não, isso não pode ser verdade, não pode ser! – eu gritei.

Senti uma dor profunda no peito, como se Arthur tivesse arrancado meu coração com as próprias mãos e o tivesse despedaçado, mais uma vez. A dor era tão intensa que senti como se fosse morrer. Traição, vergonha, rejeição, humilhação – eu não poderia estar mais magoada. Eu provei minhas lágrimas salgadas, só então percebi que estava chorando, mas não consegui parar.

– Você é um monstro! – Eu apontei para Arthur, e então eu me virei para Adrien e gritei:

– E você? Você é pior do que ele é, você é um verme, um babaca. Você sabe o que você fez comigo? Você me usou, esmagou meus sentimentos, deixou um buraco no meu peito e nada ficou dentro de mim, nada.

A essa altura, eu chorava histericamente. Arthur tentou se aproximar de mim com uma expressão preocupada no rosto.

– Babe... acalme-se, tudo ficará bem! Nós vamos superar isso. Foi tudo uma brincadeira.

– Se você me chamar de babe mais uma vez, eu vou arrancar os seus olhos. – Minha voz mudou, ficou mais forte, tanto que eu mal a reconheci, e naquele momento outra pessoa nasceu, uma pessoa com um grande buraco negro onde o coração costumava ficar.

Eu fui para o meu quarto. Ninguém me seguiu – imagino que ninguém tenha tido a coragem de fazê-lo.

CAPÍTULO XV



Simone – Dias atuais

Simone ficou olhando para a página, surpresa com o que lera. Quando ela pensou que a pobre garota iria encontrar um momento de felicidade! “Cristo, que mundo demente!”. Ela lera o suficiente por um dia. “Eu vou para casa”, ela decidiu.

Simone pegou a bolsa e as chaves do carro da gaveta da escrivaninha e saiu do consultório para encontrar Patricia ainda à espera. A mulher não tinha uma vida? Ela parecia estar no consultório mais tempo do que Simone e Edward juntos.

– Patricia, querida, por favor, saia às seis horas todos os dias. Não há necessidade de esperar por mim.

– Não, doutora. Eu sei o que você passou. E eu acredito que é melhor você ter companhia. A polícia nunca pegou o suspeito, não é?

– Como você sabe disso, Patricia?

– Bem, todos os jornais noticiaram...

– E você ainda teve a coragem de vir aqui e trabalhar para nós? Depois do que aconteceu com a nossa última secretária...

– Não vai acontecer de novo, doutora. Você sabe o que dizem sobre raios nunca atingirem duas vezes no mesmo lugar.

– Sim, mas você foi muito corajosa em se candidatar para o cargo.

Patricia deu de ombros.

– Não se preocupe, doutora, vou tentar sair mais cedo de agora em diante. Eu prometo. – Ela falou se referindo ao pedido original de Simone.

Simone foi até o carro e, toda vez que ela se aproximava de um veículo fechado, seu subconsciente esperava encontrar um cadáver dentro dele. Ela ainda estava muito traumatizada pelos eventos recentes. Ela abriu a porta, sentou-se atrás do volante, respirou fundo, ligou o motor e dirigiu para casa.

Quando Simone chegou em casa por volta das dezenove horas, havia um SUV preto estacionado na frente da casa.

Ela entrou na garagem anexa e de lá entrou na casa. Atualmente ela tinha medo de visitantes. Desde o sequestro, ela se preocupava em encontrar uma surpresa desagradável ao chegar em casa. Sua mente racional sabia que Patricia estava certa. Quais as chances de um raio atingir duas vezes o mesmo lugar? Mas Simone não conseguiu superar a possibilidade de se encontrar nas garras de outro *serial killer*.

O alarme da casa estava ligado, então ela o desligou para entrar, mas tão logo entrou, ligou novamente. Ela mal havia colocado sua bolsa no balcão da ilha da cozinha quando o interfone soou. Ela procurou no monitor de suas câmeras de segurança para ver quem estava do lado de fora.

“Que raios era aquilo?”. Ela devia estar imaginando coisas. Certamente aquele não era Armando em pé na sua porta, com um buquê de flores nas mãos!

“O que diabos ele faz aqui?”, ela murmurou baixinho enquanto andava para a entrada da frente e abriu a porta.

– Para você, minha querida – disse Armando, encantador como sempre. Ele lhe estendeu o que parecia ser umas duas dúzias de rosas vermelhas.

– Armando. Que surpresa. Hum... obrigada pelas flores. – Ela disse apanhando o buquê.

Embora Simone tivesse que admitir que ele estava muito sexy em sua calça jeans desbotada e uma camisa branca que enfatizava seu bronzado, ela não conseguia esconder seu aborrecimento com o aparecimento inesperado dele em sua porta.

– Você sabia que eu não ia permitir que você saísse da minha vida! – Disse ele com um sorriso.

O que diabos ela deveria fazer agora? Ela realmente não sabia e decidiu ser educada.

– Você gostaria de entrar? – Ela apontou para dentro

– Claro!

Ela recuou, permitindo que ele entrasse, e então se dirigiu à cozinha para encontrar um vaso para as flores. Ela odiaria vê-las morrer.

Armando a seguiu e quando ela colocou o vaso de rosas na ilha, ele passou os braços em volta dela e a abraçou, abaixando a cabeça para capturar seus lábios. Ele não lhe dava tempo para pensar, beijando-a sem parar enquanto lhe desabotoava a blusa. Ela empurrou o peito dele e inclinou a cabeça para trás.

– Pare, Armando, temos que conversar. – Mas ele não obedeceu e continuou sua exploração, passando as mãos sobre o corpo dela, tocando-a em todos os lugares, provocando uma resposta, apesar da raiva que ela sentia.

Ele os despiu antes que Simone pudesse detê-lo e, para ser sincera, ela não tentava mais.

O pênis dele estava rígido, pronto para lhe dar prazer. Armando procurou no bolso da calça atirada no chão uma camisinha, colocou-a, depois pegou Simone em seus braços fortes. Sem mais preliminares, ele apoiou o peso dela contra a ilha da cozinha e a penetrou, começando a se mover rápido e furioso. Os dois gozaram rápido, como dois adolescentes.

“E foi assim que tudo começou”, pensou Simone, recordando a primeira noite na boate de Miami.

Quando recuperou a respiração, ele a abraçou. Segurando-a nos braços, ele disse:

– Agora podemos conversar.

O que ela queria dizer a ele? Ela havia esquecido.

– Eu preciso de um banho primeiro, Armando. Vamos para o meu quarto. Por favor, pegue suas roupas – disse ela, recolhendo as dela do chão e seguiu para o seu quarto, Armando em seus calcanhares. – Eu vou tomar banho – ela disse a ele.

– Eu também vou. – Para seu desagrado, ele a seguiu até seu banheiro. Desta vez, ele não pediu para ela urinar nele. Talvez ele fosse apenas um cara normal e ela estivesse apenas sensível demais.

Mais uma vez, ele a banhou, pegando o sabonete da mão dela. Depois que terminaram, ele pegou uma toalha e secou o corpo dela. Ela não estava acostumada com homens fazendo esse tipo de coisa... Talvez ela fosse independente demais para ser cuidada, mas achou que não faria mal deixá-lo cuidar um pouco dela.

– Vamos para a cama? – Ele perguntou depois de terminar de enxugá-la. – Ele jogou a toalha molhada no chão e Simone olhou para ele e franziu a testa.

– Você não quer comer alguma coisa? – ela perguntou.

– Sim. Você...

– Bem... Então venha aqui!

Ela decidiu se divertir. Quando ele se fosse, ela não sabia quando iria encontrar alguém novamente. *Vamos aproveitar o momento.* Foi seu pensamento. Eles foram para a cama de Simone, e Armando tirou a colcha bege e jogou no chão.

“Deus, eu vou matá-lo!”, ela pensou. “Ele não teve uma mãe para lhe ensinar sobre

limpeza e ordem? Quem entra na casa de outra pessoa e começa a jogar coisas por todo o chão?”.

Ele começou a beijá-la, pelos dedos dos pés, lambendo-os um a um. Em vez de ficar excitada, Simone ficou desconfortável, mas ele subiu para os tornozelos dela e foi subindo até que ele lambeu e beijou todo o corpo dela, de baixo para cima e de cima para baixo novamente.

Armando enfim chegou ao sexo dela e começou a lamber e chupar. A respiração de Simone ficou ofegante e ela agarrou os ombros largos dele, fechou os olhos, relaxou com seu toque, mas de repente, ele parou.

Ela abriu os olhos e ele estava se encaixando, com as pernas em volta do seu ventre e, como havia feito em Miami, colocou o pênis entre os seios dela e os usou para masturba-lo. Simone gemeu, mas não com excitação.

“Por que ele não é normal? Por que ele não pode apenas me chupar, transar, me dar um orgasmo incrível e ficar satisfeito com isso?”.

Depois de vários momentos agonizantes, ele finalmente desceu, pegou outro preservativo de suas calças atiradas sobre uma cadeira ao lado da cama e colocou. Ele se acomodou entre as pernas dela e entrou nela, transformando-se no amante atencioso que havia sido momentos antes. Ele se movia com precisão, sem pressa. Quando ela começou a gemer, ele começou a se mover mais rápido, levando-a ao orgasmo. Mas quando ela gozou, a aberração dentro dele assumiu o comando e ele saiu de dentro dela, removeu o preservativo e começou a transar com os seios dela novamente.

Ela assistiu incrédula até que ele gozou nos seus seios e queixo! Ela ficou muito irritada, mas como ela iria se livrar dele para sempre naquela noite, decidiu não iniciar uma discussão com ele na cama.

– Agora, precisamos de comida! – disse ele e foi ao banheiro para tomar banho novamente, agindo como se fosse o dono do lugar. Ela se sentiu como uma prisioneira em sua casa, à mercê do invasor.

Ao invés de comer em casa, quando ambos estavam vestidos e arrumados, Simone convidou Armando para ir a um restaurante. Ela precisava falar com ele para pôr fim à situação e ela achava que um lugar público seria melhor para aquela conversa em particular.

Eles foram a um restaurante tailandês simples chamado *Thai Stories*. Com decoração esparsa, pequenas mesas de madeira e paredes de tijolos pintadas em um tom cinza esverdeado, o lugar tinha um ambiente aconchegante que Simone adorava, e a comida era deliciosa.

Ela escolheu uma mesa longe dos outros clientes, bem no fundo, em um canto.

– O lugar não é sofisticado, mas a comida é ótima – ela disse a ele.

– Fico feliz em ouvir isso, mas não estou aqui por causa da comida, estou aqui por você!
– E ele deu um sorriso iluminado e ela um forçado. Ela respirou fundo para acalmar os nervos e começou a falar.

– Armando, nós temos que conversar. Eu não sei o que você pensa sobre tudo isso, mas eu não quero um relacionamento agora, e eu lhe disse isso em Miami. Estou vivendo o momento mais complicado da minha vida e não posso lidar com um namorado.

– Certo. É por isso que você fez amor comigo como fez há meia hora. – Ele balançou a cabeça. – Eu não acredito em você. Qual é o problema? A distância? Até nos conhecermos melhor, eu posso vir até aqui todo final de semana. Se você quiser, pode ir a Miami. E se decidirmos ficar juntos, vou comprar um consultório para você e você pode se mudar para lá! – Ele terminou a frase com um movimento do dedo que lembrava um maestro regendo uma orquestra.

– Hum... você acabou de decidir toda a minha vida? – Ela sentiu uma onda de raiva.

Deus, como ela odiava homens machistas.

– Não, não é assim. Estou apenas simplificando as coisas, tornando-as menos complicadas. Se você não tem dinheiro para viajar, não se preocupe, eu vou pagar por tudo!

– Eu tenho dinheiro, mas não quero viajar o tempo todo e não quero me mudar para nenhum lugar. Eu não quero um relacionamento de longa distância porque eu não acredito neles e acima de tudo, eu não tenho esse tipo de sentimento por você! – Ela disse tudo o que tinha em mente. Obviamente, a sutileza não iria funcionar com ele.

– Por que não? Do que você tem medo? Sexo entre nós é ótimo... eu faço você gozar fácil! – Ele falou com orgulho

– Sexo não é suficiente. Não temos nada em comum.

– Você não sabe disso. Você não me conhece bem o suficiente para dizer isso. Eu posso ser o que você quiser que eu seja!

– Entenda, Armando. Você deve ser quem você é e não tentar mudar por alguém. Fazer isso seria basear um relacionamento em mentiras.

– Por você, eu mudaria. Você tem que compreender. Eu estou apaixonado por você! – ele pegou as mãos dela entre as dele.

“Oh, Deus, isso está se tornando mais complicado a cada segundo”.

– Não, você não está. Nós nos vimos quatro ou cinco vezes. Você não pode estar apaixonado por mim!

– Eu me apaixonei por você no primeiro dia em que nos conhecemos! Eu quero você e não vou desistir de você.

– Você não vai facilitar minha vida... Eu não quero você, Armando. – Ele olhou para ela como se ela tivesse lhe dado um tapa, choque e irritação claros em sua expressão. Seus lábios se contraíram, suas narinas se dilataram e ele parecia estar prestes a perder a paciência.

– Vamos fazer assim, Simone. Eu sei que você está passando por um período traumático. Então não temos que namorar. Eu posso vir aqui uma vez por semana. Podemos sair juntos – para jantar – podemos fazer sexo, conversar, o que você quiser fazer. E depois de alguns meses, você vai me dizer se ainda não me quer.

“Sim, porque você é uma mercadoria tão fantástica que não há como recusar.”, ela pensou e a raiva aumentou.

– Vamos fazer assim, Armando. Você não virá aqui uma vez por semana. Você pode me ligar, podemos tentar nos conhecer pelo telefone, mas não vamos ter um relacionamento, entendido? – Simone estava aborrecida consigo mesma por concordar em falar com ele ao telefone, mas ela tinha que tentar algo para se livrar do cara.

– Ok, vamos fazer do seu jeito, já que você está doente...

“Eu não estou doente, seu desgraçado, estou tentando encontrar uma maneira de me livrar de você sem criar uma cena e estou tentando colocá-lo em seu lugar.” – Obviamente ela não verbalizou a frase que lhe veio à mente, mas queria muito ter feito isso.

Eles terminaram o jantar e Simone disse que ele não poderia dormir na casa dela. Ele aceitou sem discutir e foi embora em seu carro alugado. Finalmente, ela pode respirar, mas ficou preocupada. Ela não precisava de outro lunático em sua vida agora. Talvez ela pudesse gerenciá-lo de longe. Se ela se recusasse a atender seus telefonemas, certamente, ele desistiria.

De volta para casa, Simone sabia que não iria adormecer facilmente. Ela não conseguia tirar Armando de seus pensamentos, ela tinha certeza de que ele ia ser um autêntico problema.

Por que ela havia quebrado suas regras e transado com um estranho? Ela sabia que nada de bom poderia vir disso. Sua cabeça girava, tentando descobrir o que fazer.

Ela andou de sala em sala enquanto pensava. Tentou respirar profundamente, mas não havia paz em sua mente para relaxar. Talvez um pouco de vinho? Mas seu lado sempre racional lembrou-lhe que beber nunca ajudou uma pessoa a resolver seus problemas. “Ok, então, que tal alguma distração?”.

Ela decidiu ler o diário de Lara para acalmar seus nervos... Ou piorá-los – com a história de Lara, nunca era possível prever com certeza. Mas pelo menos ela não estaria perdendo tempo em se preocupar com Armando.

O Diário de Lara

No fim de semana após o episódio com Adrien, eu não consegui sair do meu quarto. Eu chorei tanto que pensei que poderia morrer de desidratação, mas depois de alguns dias, minhas lágrimas secaram, e eu fiquei em um estado de exaustão emocional. Eu só sentia ódio. Nada fazia muito sentido para mim, mas eu podia pensar, e cheguei a algumas conclusões desagradáveis sobre a minha vida.

Primeiro, eu era o bichinho de estimação de Arthur. Ele faria comigo o que quisesse.

Segundo, eu era a passagem de Sabine para a alta sociedade. Ela me venderia para o diabo se ele pagasse o preço certo, e não necessariamente teria que ser caro – um bom convite para o "lugar certo" poderia ser o preço.

Terceiro, eu não tinha ninguém em quem pudesse confiar. Embora eu tivesse Emms, não podia falar com ela sobre essas coisas.

Quarto, eu tinha que encontrar uma maneira de sair da situação em que estava.

Quinto, para sair, precisava de dinheiro.

Tendo esclarecido todos esses pontos em minha mente, decidi formular um plano para obter algum dinheiro. Eu não sabia como, mas iria encontrar uma saída.

Eu tinha certeza de que uma vez que eu me livrasse de Arthur, Sabine contaria ao meu pai sobre meu pai verdadeiro, e papai não iria me querer de volta morando em casa. Eu poderia tentar morar com a Emms, mas ela odiava Sabine, e eu achava que Emms também poderia me odiar quando descobrisse a verdade...

Olhando para trás, percebo a quão ingênua e controlada por Sabine e Arthur eu era.

Se eu tivesse confiado em Emms, minha vida teria sido tão diferente. Mas o fato era que eu não confiava totalmente em ninguém, e eu mentia para a Emms há anos porque Sabine e Arthur fizeram uma lavagem cerebral para eu acreditar na ideia imbecil de que apenas as relações de sangue importavam. Como adulta, aprendi e nunca mais duvidei do amor de Emms.

Agora sei que é tarde demais para chorar pelo leite derramado, como diz o ditado, mas às vezes me sinto cheia de arrependimentos. Eu tenho que me perdoar, eu sei, mas é tão difícil fazer isso, mais difícil do que perdoar os outros... ou tão difícil quanto perdoar... Eu acredito que vou morrer odiando Sabine e Arthur.

Naquela época, pela primeira vez na minha vida, entendi que precisava ter dinheiro e que as coisas tinham um custo. Eu precisaria encontrar um lugar para morar, comprar comida e ser capaz de sobreviver até conseguir um emprego. Eu não tinha ideia de como fazer essas coisas.

Para não mencionar que naquele momento não me passou pela cabeça que eu era menor de idade e isso causaria todo outro conjunto de problemas.

O que eu poderia fazer para sobreviver? Eu não possuía habilidades, nem educação universitária ainda. Minha cabeça estava quente em busca de encontrar uma solução. Eu poderia

ensinar francês, pensei. Mas para fazer isso, eu precisaria aprender muito mais do que eu já tinha aprendido. Esse seria meu primeiro objetivo.

Eu também poderia vender as joias que Arthur me dera. Eu decidi que meu segundo objetivo seria conseguir que ele comprasse mais joias para mim.

Arthur e minha querida "mãe" iam me pagar!

* * * * *

Fui à escola de francês e conversei com o diretor, perguntei como poderia aprender mais rapidamente. Ele sugeriu que eu fizesse seis horas de curso todos os dias – um curso intensivo.

Naquela noite, enfrentei Arthur pela primeira vez desde o confronto com Adrien. Eu odiava a ideia de falar com ele, mas eu tinha que fazer se quisesse seguir em frente com o meu plano.

Eu o encontrei na sala de estar, enquanto ele assistia as notícias na TV. Eu me plantei na frente da televisão e ele olhou para mim. Eu poderia dizer pela expressão dele que ele estava preocupado, sem dúvida antecipando outra tempestade emocional depois do que ele tinha feito para mim, mas eu mantive minha calma.

– Vou fazer seis horas de francês todos os dias, em vez das três que venho fazendo. – Eu não expliquei a razão. Eu não tinha intenção de explicar, e tive a sensação de que ele não ousaria dizer não.

– Certo. Tudo bem, o que você precisa de mim?

– Dinheiro.

– Quanto? – Eu falei um número que era o dobro do valor das aulas, sabia que ele nunca verificaria essas coisas. – E você pode me dar em dinheiro? O diretor me disse que eles não gostam de cheques.

– Sem problemas. – E voltou a ver seu programa na TV.

Tive a impressão de que poderia ter pedido barras de ouro e ele teria concordado. O merdinha se sentia culpado.

– E Arthur ...?

– Sim, minha querida...? – Ele olhou novamente para mim

– Eu vi um par de brincos de esmeraldas e eu quero eles! – Bati o pé no chão e falei como um pirralha mimada, mas com uma pontada de vergonha por ter feito tal pedido, mas falei de qualquer forma. Minha vida inteira era uma vergonha... o que era mais uma?

Arthur riu.

– É você está crescendo... Você já sabe como punir um homem através do bolso dele. Mas sim, claro, querida, amanhã, vamos comprar essas esmeraldas para você. Algo mais? – Suspirou ele com cara de aborrecido.

– Eu nunca vou lhe perdoar, quero que você saiba disso! – Apontei o dedo para ele.

– Ah, querida, você é quem precisa ser perdoada. Você me traiu, certo? Eu sou a parte lesada aqui... Ou seria se não fosse mais esperto do que você.

– O diabo é o diabo, não porque ele é inteligente, Arthur, mas porque ele é velho! E você não terá meu perdão por tudo o que fez comigo durante a minha vida inteira... não apenas por essa história do Adrien. Graças a você, minha vida é uma merda. Nunca pense, nem por um segundo, que eu tenho sentimentos por você!

– Me odeie, querida... Tudo bem. Afinal, ódio e amor são lados opostos da mesma moeda. Se você fosse indiferente, eu ficaria preocupado. Então me odeie tanto quanto você quiser, mas lembre-se de uma coisa:

Ele se levantou e colocou o dedo sob o meu queixo e levantou a minha cabeça para olhar

nos meus olhos.

– Você é minha e você sempre será. Então esqueça a ideia insana de ter um caso de amor e fugir... Eu vou lhe trazer de volta, eu vou lhe encontrar. Você é minha até o dia em que não lhe quiser mais!

“Espere e verá”, eu pensei, mas eu não disse nada.

– E, Lara, eu realmente quero que você faça sexo na minha frente. Isso vai acontecer, você sabe disso, não sabe? Estou com vontade disso! Ainda mais agora que você teve sua aventura. Você tem que me pagar por isso...

Ele me empurrou para o lado e voltou para a TV mais uma vez.

* * * * *

Depois desse episódio, Arthur não me tocou nem chegou perto de mim por dias. Então, numa quarta-feira, cheguei em casa da escola por volta das cinco da tarde para encontrar Arthur lá, a minha espera.

Ele estava na sala de estar e eu tive que passar por ele para ir ao meu quarto, mas eu ainda tentei manter distância. Ele estava sentado no sofá de veludo azul, seu uísque de sempre na mão, os pés apoiados em um banquinho baixo.

Eu disse olá para ele da porta da sala e me virei para correr para o meu quarto, mas ele foi mais rápido e deixou o sofá para me interceptar. Ele tentou me beijar, mas eu virei meu rosto. Sem beijos... Eu não queria intimidade com Arthur e beijar era íntimo demais para mim. Eu tinha que transar com ele, não tinha que gostar dele.

– Eu tenho uma surpresa para você. – Ele falou animado me deixando livre.

– Sim? Meus brincos de esmeralda? Você me prometeu há alguns dias...

– Eles sim, mas mais uma coisinha...

Ele pegou uma caixa verde da mesa de café e entregou para mim. Eu tirei a tampa para encontrar um par de brincos de esmeralda deitados em uma cama de cetim preto. Lindos. Eu os admirava pelo dinheiro que eles me trariam no futuro.

– Obrigada – eu disse sem vontade de agradecer. Afinal, os brincos foram bem merecidos.

– Eu tenho outra surpresa... Tome um banho. Deixei uma *lingerie* na sua cama. Coloque-a. Você encontrará um novo par de sapatos também.

– E o resto? O que eu devo vestir? Um vestido?

– Nada.

– Hum...

A fatura dos brincos já estava sendo apresentada. Arthur fazia isso às vezes – me pedia para vestir uma roupa ou outra que ele havia comprado para mim, alguma fantasia que ele tinha... geralmente uniformes de colégio... eu não ia dizer não a ele hoje. Eu precisava criar um padrão – bom comportamento em troca de presentes caros... Eu não sabia sobre o método Pavlov naquela época, mas era o mesmo conceito.

Fui para o meu quarto e tomei um banho, coloquei um pouco de perfume e vesti a *lingerie* vermelha que ele tinha colocado na minha cama. Calcinhas de renda minúsculas, sutiã de renda e meias de seda que mal cobriam a pele. Um novo par de sapatos de salto alto – também vermelho – estava no chão e eu os calcei. Eu decidi entrar no papel e fiz uma maquiagem elaborada. Eu já tinha uma coleção considerável de produtos de maquiagem e pincéis em minha linda penteadeira antiga.

Eu adicionei um pouco de batom vermelho para combinar com a minha roupa. Eu me olhei no espelho de cristal, uma garota muito mais velha olhou para mim. Talvez tenha sido a

maquiagem ou talvez porque eu sentisse como se tivesse vivido e visto demais para a minha idade...

Arthur veio até mim com uma venda para os olhos.

– Vamos colocar isso em seus olhos.

Eu balancei a cabeça e dei um passo para trás.

– Não. Eu não quero! Quero ver tudo.

– Você vai estragar a surpresa. – Ele me vendou, apesar da minha resistência. – Fique quieta e me deixe ajustar isso.

Eu comecei a ficar nervosa. Por que a venda? Eu estava usando lingerie, pelo amor de Deus, o que mais ele tinha em mente? Qual era a jogada?

Ele pegou minha mão e me guiou até a sala e me ajudou a sentar no sofá. Ele colocou brincos nas minhas orelhas... Provavelmente os novos – ele adorava ver o que seu dinheiro poderia comprar, inclusive eu – e então ele colocou uma taça na minha mão, envolvendo meus dedos ao redor da haste. Eu hesitei e tomei um gole. Champanhe. O que era isso? Arthur estava de bom grado me dando álcool? Então eu ouvi a campainha.

– Espere aqui, Lara, sua surpresa acaba de chegar...

Alguém estava na porta e, de repente, me senti vulnerável. Eu queria correr para o meu quarto e esperar por Arthur lá, mas ele me disse para ficar parada. Eu o ouvi falando em francês com alguém, e então um homem respondeu, embora eu não pudesse entender o que foi dito, pois eles estavam muito distantes.

De repente, percebi que havia alguém perto de mim e não era Arthur. Eu tentei me cobrir, colocando minhas mãos na minha frente, sem sucesso. Como eu poderia cobrir todo o meu corpo com apenas minhas mãos?

– Lara, eu quero que você conheça... a voz de Arthur sumiu, interrompida pela voz agradável e rouca do desconhecido.

– *Claude*.

– Quem diabos é você? – Falei rispidamente. Eu não estava com vontade de trocar gentilezas com um estranho enquanto estava sentada seminua. Meu estômago doía e minhas palmas das mãos estavam molhadas. Sentia-me tensa como um gato, pronta para me levantar e fugir. Desesperada para recuperar minha compostura e afogar meu medo, bebi quase todo o meu champanhe e o calor do álcool aqueceu meu corpo, mas ainda assim, permaneci apreensiva.

– Claude é um amigo meu. Você vai gostar dele. Eu gostaria que vocês dois se conhecessem...se tocassem um pouco...

Tirei a venda dos olhos e me levantei, andei na direção do piano. Um homem estava no centro da sala. Ele era muito jovem e bonito – não mais do que vinte anos de idade. Os cabelos, cortados curtos ao estilo militar, eram castanhos e ele tinha olhos azuis que combinavam com sua camisa polo azul marinho. Ele vestia jeans e a roupa aderida ao corpo musculoso. Eu notei o que parecia ser uma tatuagem de um escorpião em seu braço. Uma versão mais jovem de Adrien... Imaginei que Arthur tivesse decidido contratar outro prostituto masculino.

– *Allo, Claude*, quanto ele pagou a você? – Perguntei em francês.

Ele não respondeu, apenas sorriu e depois olhou para Arthur, sem dúvida procurando por orientação.

– Ela é sua, Claude... cuide dela... Lara, se você não gostar de algo, apenas diga não. Eu vou observar vocês...

O que fazer? Eu queria correr, então pensei, por que não? Eu precisava me livrar das lembranças de Adrien, e que melhor maneira do que fazer sexo com outro homem bonito?

Especialmente outro homem que não fosse Arthur.

Claude se aproximou de mim e ficou nas minhas costas.

– *Allo, chérie* – disse ele. Ele suspendeu meu cabelo e começou a beijar e morder minha nuca, calmamente.

Seu toque quente me deu arrepios e meus medos desapareceram completamente. Claude cobriu minhas costas de beijos.

– *Très jolie*, ele murmurou. Muito bonita. – Mas eu tivera o suficiente de elogios por uma vida...

– *Ne parles pas!* Não fale! – Eu não queria ouvir outra palavra da boca dele.

Eu queria apenas sentir, e naquele momento sentia os lábios quentes passeando pelas minhas costas. Impaciente, eu me virei para ele, apoiei minhas nádegas na tampa do teclado de piano. Eu peguei a mão dele e coloquei no meu peito.

– Toque-me aqui – eu ordenei a ele em francês.

Ele colocou a mão suavemente no meu peito.

– Não, eu quero que você pegue os seios, esprema-os, aperte os mamilos – ordenou Arthur.

Claude fez o que lhe foi dito e eu gemi. Ele levou meu mamilo a boca.

– Morda ela! Eu quero que ela sinta dor. Ela não tem sido uma boa menina ultimamente...

Aparentemente, Arthur tinha suas próprias ideias sobre como procederíamos e meus temores anteriores voltaram. Eu enrijeci, me preparando para a dor, mas o cara levantou a cabeça e aproximou sua boca do meu ouvido.

– Não se preocupe, eu não vou lhe machucar – ele sussurrou.

Então ele pegou meu mamilo novamente e começou a beliscar minha carne, não muito forte, mas de uma maneira que me fez ficar molhada. Ele retirou minha calcinha e depois que eu saí delas, ele me levantou em seus braços e me sentou em cima da tampa do piano.

Claude abriu minhas pernas e separou os lábios do meu sexo, e ficou de joelhos. O primeiro toque de sua língua em mim, me fez gemer, e eu me inclinei sobre o piano. Arthur então se juntou a nós, inclinando-se para pegar meu mamilo em sua boca e me morder...forte. A dor era horrível, mas, ao mesmo tempo, Claude chupava meu clitóris, e eu estava louca de excitação.

– Eu quero que você foda essa putinha! – disse Arthur. – Eu quero ver você metendo nela com força.

O pênis de Claude estava rígido e ele me pegou em seus braços e me colocou no sofá.

Ele se moveu para deitar entre as minhas pernas, mas Arthur o deteve e lhe deu um preservativo. Claude o colocou e alinhou seu pau com a entrada do meu sexo e abriu meus lábios inchados com os dedos. Ele deslizou um dedo para dentro de mim, seu olhar fixo no meu, e então ele lentamente entrou em mim. Eu gemi. Seu pau era lindo, maior que o de Arthur ou Adrien, adorei a sensação dele em mim. Começamos a nos mover devagar, primeiro, depois rapidamente, até que gozei, gemendo alto.

Claude continuou a se mover, quando olhei para cima, encontrei Arthur parado ali, apenas observava. Eu poderia dizer que a excitação dele era equivalente a se ele estivesse no lugar de Claude. As pupilas de Arthur estavam enormes, o rosto vermelho.

Eu desviei o olhar, voltei minha atenção para Claude. Eu o empurrei ele e ele saiu de mim.

– Deite-se – eu ordenei. Ele concordou, se deitou e apoiou a cabeça em uma almofada contra o braço do sofá. Eu montei nele, peguei seu pênis grosso em minha mão e o guiei para

dentro novamente.

Fechei meus olhos e gemi, saboreando a sensação do pau duro me preenchendo. Eu comecei a me mover mais rápido, inclinando-me sobre seu peito, meu traseiro para cima.

De repente, senti uma dor aguda nas minhas nádegas. Arthur me batia! Eu olhei por cima do meu ombro, mas não consegui ver o que ele tinha nas mãos. Minhas nádegas pareciam estar em chamas e minha primeira reação foi parar e dizer a ele para não me bater de novo. Eu me virei para ele.

– Não se atreva a parar! – Arthur rosnou. – Fode ele, sua vadiazinha, fode ele com força!

Obedeci ao comando dele e continuei me movendo e Arthur continuou a me bater e, para meu espanto, alguns minutos depois, gozei forte, sentia todo o meu corpo como se estivesse coberto de chamas. Meu coração batia como louco, meu sexo ensopado apertava o pau duro de Claude. Eu comecei a desmontar, drenada depois de um orgasmo tão grande.

Antes tivesse terminado de desmontar, senti algo quente e úmido nas minhas nádegas. Eu olhei para trás e vi Arthur ejaculando sobre elas.

Eu desmontei e minhas nádegas ainda queimavam. Pensei em fazer uma fuga rápida, e comecei a andar em direção ao meu quarto, mas Arthur agarrou minha mão e me parou. Ele sentou em uma cadeira, me arrastou para cima dele. Seu pau estava duro novamente, e ele me posicionou em seu colo para acomodá-lo.

Fechei os olhos, como sempre fazia quando transava com Arthur. A sensação de ter um pau diferente me excitou novamente. Meu sexo ainda tremia, meu clitóris sensível da invasão brutal do pênis coberto por camisinha de Claude, e agora Arthur me penetrava com seu pênis nu. Apenas o pensamento de que eu transara com dois homens no mesmo dia aumentou minha excitação, e eu sabia que iria gozar novamente.

Meu sexo estava sensível do preservativo usado por Claude e do pau de Arthur deslizando sobre a carne era ao mesmo tempo prazerosa e dolorosa. E enquanto eu continuava a me mexer, Arthur esfregava meu clitóris, o prazer dobrou e gozei forte, o orgasmo era uma mistura de satisfação, dor, calor e alívio.

Pouco depois, Arthur entregou a Claude um maço de dinheiro e corri para o meu quarto. Eu vi meu reflexo no espelho e enruguei meu nariz. Eu estava totalmente bagunçada. Meu cabelo estava em nós, minha pele toda vermelha e coberta de marcas. Eu me virei e olhei por cima do meu ombro. Minhas nádegas estavam cobertas de marcas vermelho-escuras de chicote. Sim, Arthur usara um chicote em mim, eu o vi ao lado do sofá antes de sair da sala. Pior de tudo? Eu havia gostado da experiência. Eu gostei de tudo... dois homens... a surra... Este foi o começo de uma nova era para mim em termos de sexo.

CAPÍTULO XVI



Simone – Dias atuais

Simone deixou de lado o diário, foi ao banheiro e se preparou para dormir. Vestiu um pijama de seda, se colocou entre os lençóis e apagou as luzes. “Chega de Lara para esta noite”. Se continuasse lendo, Simone temia que tivesse pesadelos.

Mas apesar de seu dia exaustivo, o sono não veio. Ela se virou e se contorceu até que resolveu levantar. Era tarde, e ela tinha duas escolhas – pílulas para dormir ou uma bebida boa e forte... E uma vez que queria sair das pílulas, foi até a cozinha e pegou uma garrafa de vinho na geladeira e uma taça no armário. Mas quando ela puxou a rolha, ela fez uma pausa. “Você vai substituir pílulas para dormir por álcool? Mesmo?”. Deixou a garrafa no balcão da cozinha e voltou para o quarto. Buscou uma série na Netflix, encontrou uma que lhe pareceu interessante e selecionou o primeiro episódio da primeira temporada e se acomodou na cama para assistir. Em pouco tempo ela finalmente caiu em um sono exausto.

* * * * *

No dia seguinte, uma Simone muito cansada foi ao consultório para encontrar a sempre eficiente Patricia em plena atividade, ligava para os pacientes e aparentemente estava muito ocupada às oito e meia da manhã.

A surpresa de Simone cresceu quando ela entrou em seu escritório e encontrou sobre sua mesa, chá e algumas torradas e todos os seus arquivos para o dia empilhados em ordem de chegada do paciente. Ela fez uma oração silenciosa a todos os deuses no Olimpo, agradecendo-os pela secretária.

Ela tomou o chá enquanto lia os arquivos dos pacientes da manhã. Ela teria um novo paciente esta manhã e queria ter pelo menos alguma ideia sobre o que estava acontecendo com ele.

Alan tinha trinta e cinco anos e era CEO de uma empresa francesa sediada nos EUA. Ele não mencionou o nome da empresa em sua ficha, apenas escreveu: “empresa francesa sediada nos EUA”.

Às nove horas, ele entrou no consultório de Simone, cumprimentando-a com um sorriso largo e ela o achou parecido com Nicholas Cage. Alan poderia ser o dublê do homem. Ele tinha uma atitude confiante que parecia gritar: “Mulheres, Deus me enviou para vocês”.

– Olá, eu sou Alan Zakiyev. – Ele deu a mão a Simone.

– Simone Bennet. Sente-se, Alan, e me diga como posso ajudá-lo. Me fale um pouco sobre você, algo que não esteja na sua ficha. – Ela falou olhando fixamente para ele.

Ele se sentou no sofá e começou a falar.

– Bem, tenho trinta e cinco anos, sou CEO de uma empresa estrangeira nos Estados Unidos. Prefiro não revelar o nome...

“Claro”, Simone pensou e deu um sorriso, “porque eu poderia ir lá e contar tudo que eu sei sobre você...”

– Sou divorciado, tenho um menino de oito anos, por acaso é o número exato de anos em que me divorciei.

– E o que o traz até aqui?

– Estou tendo problemas em um relacionamento e não sei o que fazer.

– Que tipo de problemas?

– Eu tenho uma namorada, estamos juntos há quatro anos e temos um bom relacionamento – ele parou e olhou para Simone. – Posso lhe contar tudo? – Ele juntou os indicadores e depois afastou o mais que pode um do outro.

“Não”, pensou Simone, “fique quieto e me pague”. Que pergunta estúpida!

– Absolutamente, sim. Na verdade, espero que você o faça, porque eu não vou poder lhe ajudar de outra forma.

– Bem, nossa vida juntos é ótima. Ela me permite uma enorme liberdade e tem uma visão única de nossa vida sexual...

– Explique isso para mim, por favor.

– Ok. Bem... Por exemplo, no outro dia eu cheguei em casa e a encontrei com uma lingerie sexy e para minha surpresa uma amiga dela – que também vestia uma lingerie bonita estava lá, e minha namorada permitiu que essa sua amiga chupasse meu pau! Pensa em algo bom! Então, é isso que eu quero dizer... é assim que ela é. E como não sou monogâmico, gosto desse tipo de relacionamento.

“Ah, outro Don Juan”, pensou Simone, já estava descontente com esse paciente. “Eu não estou sendo profissional aqui, estou sendo crítica e preconceituosa”, ela se repreendeu mentalmente.

– Se você gosta e se ela gosta, qual é o problema?

– O problema é que eu conheci essa outra mulher... Uma advogada. Uma mulher bonita, inteligente e rica, que não precisa do meu dinheiro. Ela é muito independente, mas quer exclusividade e eu não sei o que fazer!

– Parece-me que você terá que escolher e todas as escolhas têm consequências.

Ela deveria gravar essa frase uma vez que a repetia diversas vezes todos os dias e estava cansada de dizer isso.

– Sim, mas gosto da minha namorada e da liberdade que ela me dá. Mas também gosto de Izadora e do prazer que ela me dá. Ela é louca e tem esses pezinhos deliciosos que me enlouquecem. Ela me permite adorá-los, lambê-los e até gozar neles.

– Então, você tem um fetiche por pés?

– Sim, tenho. Tanto quanto eu sei, é a parte mais erótica do corpo de uma mulher... Sempre que vejo pés em saltos altos, meu pau fica duro instantaneamente, e Izadora usa os saltos mais deliciosos, muito altos, suas unhas estão sempre pintadas vermelho. Eu consigo ter um orgasmo apenas de pensar nos pés dela.

– Certo... então você gosta da liberdade que uma mulher lhe dá e os pés da outra... “Bem, quem pode ter tudo?”, Simone zombou mentalmente.

– Os pés de Samara, minha namorada, não são bonitos e, além disso, ela não gosta que eu goze neles. Mas os de Izadora são deliciosos. O problema é que a Izadora vai sugar a minha alma, eu sei que ela não é o tipo de mulher que você pode enganar, nem na cama, nem fora da cama...

– E a Samara?

– Samara me permite dormir com outras mulheres porque ela não é tão boa na cama. Ela fica satisfeita facilmente e não pede muito. Por outro lado, Izadora quer transar o tempo todo – uma vez, duas vezes por dia, e eu não consigo acompanhar esse ritmo.

– Por que você não consegue?

– Eu tenho problema de hipertensão. Nos últimos dez anos, tomo remédios para manter a pressão sob controle, o que significa que meu pau fica duro apenas com medicamentos, e eu não posso contar para ela!

- Você é jovem para ter esse tipo de problema.
- Sim, mas tenho e como eu disse, faz anos.
- Então, como você lida com isso?
- Sempre que vou ver Izadora, tomo a pílula azul, mas minhas condições de saúde não me permitem fazer isso todos os dias, então eu faço a cena de desaparecimento...
- Cena de desaparecimento? Me explique.
- Sim, eu banco o misterioso. Eu apareço e sumo, como se não estivesse interessado, mas agora ela me mandou para o inferno!
- Se você não é sincero, ela provavelmente está insegura. Você tem que contar a verdade sobre sua saúde.
- Se eu disser a verdade, que eu realmente não me importo muito com sexo e que penso mais em seus belos pés, ela vai pensar que eu sou um lunático!
- “Ela estaria errada?”, pensou Simone, que respirou fundo e soltou o ar.
- E o que você quer fazer? Exatamente por que você veio até mim?
- Eu preciso de ajuda para decidir com qual das duas quero ficar, porque eu gostaria de ficar com ambas.
- Receio você tenha que decidir, mas em minha opinião, você fez a pergunta errada. O que você precisa fazer é encarar os fatos sobre sua sexualidade, como está agora, ou você pode tentar encontrar uma solução para o seu problema. A hipertensão pode ser controlada sem danificar sua vida sexual, se é isso que você quer, mas parece que você não está preocupado em ter relações sexuais o tempo todo. Aparentemente, satisfazer seu fetiche é a sua principal preocupação.
- Para ser honesto doutora, isso é exatamente o que eu quero. Eu não me importo em molhar meu pau. Eu não preciso transar com uma mulher, eu só preciso tocar-lhe os pés. Eu gostaria de encontrar uma mulher que estivesse satisfeita com isso – alguém que me deixasse adorar seus pés e ponto final!
- As mulheres também têm necessidades. Você pensa que pode manter um relacionamento com a Izadora com base apenas nas suas necessidades? Você me disse que ela adora sexo, que quer ter relações sexuais constantemente, todos os dias da semana. Quanto tempo você acha que pode disfarçar sua falta de interesse?
- Eu não pensei sobre isso...
- E além disso, pode ser que ela deixe você adorar os pés dela apenas para agradá-lo. Um fetiche por pés é geralmente algo masculino.
- Sério?
- Sim, é mais comum em homens.
- Qual é a causa? – Ele olhou para ela com os olhos bem abertos.
- Existem muitas teorias... Freud dizia que tem relação com a forma fálica. Existem outros neurocientistas que dizem que é um problema fisiológico do cérebro. Ninguém tem certeza, mas no seu caso, uma teoria se encaixa melhor que as outras. Existem alguns médicos que acreditam que homens com fetiche por pés também sofrem de impotência. Há quanto tempo você tem esse fetiche?
- Desde que comecei a ter problemas para conseguir uma ereção! Puta merda! Eu acho que você pode estar certa, doutora! – Ele colocou o dedo em riste no ar.
- Então você pode estar substituindo uma coisa pela outra, mas como eu disse, é apenas uma teoria...
- Estou muito ansioso com isso e não sei o que fazer. Eu gostaria da sua opinião...

– Eu não posso lhe dizer o que fazer, mas se eu fosse você, primeiro tentaria resolver o problema da hipertensão. Há médicos que recomendam exercícios para controlar a pressão, sem nenhum tipo de medicação. Isso permitiria que você restabelecesse sua vida sexual depois de um tempo.

– Você conhece ALGUM? – o olhar de esperança dele era claro.

– Sim, posso lhe dar uma referência. Em segundo lugar, acho que você deveria ser honesto com a Izadora. Diga a ela porque você desaparece... diga a ela que é um problema temporário que você tem. Você não precisa dizer a ela há quanto tempo tem isso. Mas você precisa ser o mais sincero possível e depois ver como ela reage. Descubra se ela está disposta a ser paciente e esperar que você resolva seus problemas.

Ele deu um suspiro, afundou no sofá e Simone continuou:

– E, em terceiro lugar, mesmo que você não seja monogâmico e acredito que você se sinta assim porque não consegue obter uma satisfação real de apenas um relacionamento, precisa esclarecer seus sentimentos para com essas duas mulheres. Você ganha de uma a liberdade, ou você escolhe a outra com todas as restrições que ela lhe impõe. Pense... escute sua razão...suas emoções, o que o faria mais feliz?

– Doutora, você é show! Eu vim até aqui todo confuso, e agora posso ver uma luz no fim do túnel!

“E eu posso ver problemas no meu caminho se continuar impulsivamente dizendo aos meus pacientes o que devem fazer”, pensou Simone.

Eles terminaram a sessão com um Alan muito feliz saindo do consultório, e Simone passou o resto do dia ouvindo as histórias de vida de vários outros pacientes.

No final do dia, como de costume, Simone decidiu reservar um tempo para ler o diário de Lara. Quando ela começou a se sentar em sua poltrona, ocorreu-lhe pedir um lanche à Patricia. Pouco tempo depois, a secretária lhe entregou uma bandeja com uma variedade de frutas frescas, um sanduíche de peru e queijo suíço e um bule de chá recém-feito.

Simone agradeceu e depois a lembrou de sair às dezoito horas. Quando Patricia deixou Simone sozinha novamente, ela decidiu levar sua poltrona para perto da janela. Ela amava a luz natural dessa hora do dia. Cruzou as pernas embaixo do corpo e começou a ler.

O Diário de Lara

Vários dias depois do nosso primeiro *ménage* – embora eu não soubesse o nome naquela época, já que esse era um termo que eu nunca tinha ouvido – eu cheguei à minha aula de francês cedo, então eu decidi esperar na cafeteria. Havia duas garotas sentadas, conversando na mesa ao lado, suas vozes tão altas que eu não precisei me esforçar para ouvi-las.

– Ei, Louise, você sabia que o namorado de Mary foi preso ontem?

– Qual Mary?

– A garota inglesa da turma avançada.

O diálogo prendeu minha atenção, Mary era uma garota da minha turma.

– Por quê? O que ele fez?

– Ele fez sexo com ela ...

– Só isso?

– Então... ela é menor de idade! Ela ainda não tem quinze anos e ele tem dezoito anos!

– Mas eles estão juntos há meses. Tenho certeza de que ela concordou em dormir com ele, não acha?

– Sim, pode ser, mas isso não importa. De acordo com a lei, qualquer adulto que tenha

contato sexual com um menor está cometendo um crime.

Eu tinha doze anos quando Arthur me estuprou. O que ele fez era ilegal! Como eu poderia não saber? Provavelmente porque minha “mãe” consentiu com isso. E se é errado um adulto fazer sexo com uma criança de quinze anos, eu refleti que seria muito pior se a garota tiver apenas doze anos.

Dottie e Emms estavam certas – só os adultos podiam consentir em fazer sexo. O que Arthur fizera comigo foi errado, ilegal, então o que eu fiz com Arthur e Claude foi duplamente errado e, muito provável, um crime ainda pior.

Ao meu lado, as garotas ainda estavam debatendo as ramificações morais e legais do namorado de Mary ter dormido com ela, mas eu não conseguia mais ouvir. A conversa delas me abalou. Com meu conhecimento limitado, eu não tinha ideia de como minha vida era errada. Claro, Emms tinha me dito que mulheres adultas podem fazer sexo com homens que amam... mas, aparentemente, não era apenas uma questão de idade – era também uma questão de legalidade. Eu me senti culpada, mal! Eu não consegui prestar atenção na aula porque minha cabeça martelava com esses pensamentos de bom, mau, certo e errado, legal e ilegal.

“Como posso continuar assim?”, eu me perguntei. Que tipo de “surpresas” Arthur ainda traria? Primeiro Adrien e depois o cara na outra noite. Aparentemente, Arthur descobrira uma nova veia de perversão – uma que ele gostara muito.

Não que eu não tenha gostado da experiência também, eu sou um monte de coisas, mas hipócrita não é uma delas. Eu amo sexo. Mas Arthur tinha uma mente doentia, e eu senti que ele não iria parar apenas trazendo uma terceira pessoa para a nossa vida sexual.

Mais do que nunca, percebi que tinha que acabar com o nosso relacionamento podre. Eu estava juntando dinheiro e joias, mas era um processo lento.

Na tentativa de descobrir o quanto eu precisaria em termos de dinheiro para sobreviver sozinha, comecei a olhar as nossas contas, os tíquetes dos supermercados e assim por diante. Eu não tinha ideia de quanto custaria pagar aluguel, então eu precisava de tanto dinheiro quanto conseguisse em minhas mãos. Também guardaria a informação que ouvira sobre sexo com um menor de idade ser ilegal. Quando chegasse a hora, essa informação poderia ser útil.

Durante a semana seguinte ao nosso trio, Arthur me comprou presentes, mas não disse uma palavra sobre o que fizemos. E então na sexta-feira, ele chegou em casa muito animado para ir a uma festa. Eu me perguntei por que ele parecia tão feliz – quer dizer, o que era mais um convite para uma festa quando recebíamos tantos?

– Aqui – disse ele – me entregando uma grande caixa de prata retangular. –Vista isso.

Peguei o pacote, mas não me incomodei em abrir a tampa. Sem dúvida, outro vestido novo. Nem agradei ele. Ele nunca comprou roupas para mim porque queria me agradar; ele as comprava porque me tratava como sua Barbie em tamanho natural e, quando saíamos, ele me vestia como bem entendia.

– A que horas iremos? – perguntei, imaginando em quanto tempo teria que ficar pronta.

– Por volta das oito.

Eu me virei sem dizer outra palavra, fui para o meu quarto para ligar para Louise, a garota que eu sempre usava quando tinha que fazer meu cabelo e maquiagem para uma ocasião especial. Esperava que ela não tivesse planos ou outro cliente reservado para a noite.

A sorte estava comigo, e às dezoito e trinta eu estava vestida e pronta para sair, maquiada por Louise. Eu me coloquei diante do espelho de corpo inteiro do meu quarto e me olhei. O vestido preto, pesadamente bordado de contas, com seu decote profundo, era lindo. Como sempre, como todos os vestidos que Arthur escolhia, este era justo e sexy, mas também de bom

gosto e chique.

Eu me senti mais bonita do que nunca. Louise fizera um excelente trabalho na minha maquiagem. A sombra negra em volta dos meus olhos deu-me um ar misterioso e o penteado encaracolado me fazia parecer uma leoa. O vestido era o máximo em elegância e quando nos preparávamos para sair do apartamento, Arthur me entregou outra caixa, menor desta vez.

Levantei a tampa e encontrei um par de brincos – pedras centrais de ônix preto em forma de lágrimas, cercadas por diamantes menores – um anel combinando e uma pulseira de diamantes.

Eu olhei para Arthur, que me olhava.

– Obrigada, eu murmurei.

Embora eu soubesse que as joias eram apenas outro adereço que ele comprou para me transformar na mulher-troféu que ele queria ver em seu braço, eu queria que ele pensasse que eu realmente apreciava seus presentes, então ele continuaria com eles; Arthur adorava minha gratidão. Quem sabe quantos meses de aluguel ou comida esse conjunto poderia cobrir quando eu chutasse a bunda dele?

Eu calçava saltos altos e brilhantes e Arthur insistira para que eu vestisse uma linda calcinha de renda preta e meias pretas sete oitavos, com renda preta no alto. Comecei a me perguntar que tipo de festa iríamos participar. Ou talvez ele estivesse planejando algum tipo de festa em particular? Por que a necessidade de roupas sexy? Entre a calcinha e a maneira como ele olhava para mim, comecei a suspeitar de algo sexual envolvido. O pensamento me fez ficar tensa.

Minhas mãos tremiam um pouco quando coloquei minhas novas joias, usei o espelho no vestíbulo para ter certeza de que os brincos estavam soltos e pendendo, que não tinham se emaranhado em meus cachos.

– Você está pronta? – Arthur perguntou, aproximando-se para ficar atrás de mim.

Eu olhei para o relógio antigo no corredor.

– Ainda é um pouco cedo. O motorista já chegou?

– Eu vou dirigir.

Eu levantei uma sobrancelha. O que ele planejava? Arthur odiava dirigir no trânsito de Paris e quase sempre usava um motorista. Ele nunca mais havia me deixado dirigir. Aparentemente, aquela coisa toda de dirigir tinha sido apenas uma parte de seu plano para me seduzir a me inclinar à sua vontade.

Saímos do apartamento e eu fiquei na calçada enquanto ele foi buscar o carro, um Jaguar prateado. Ele parou na minha frente, saiu e deu a volta para abrir a porta para mim. Ele estava todo sorrisos e gentilezas e minhas suspeitas aumentaram. Quando Arthur era excessivamente gentil, ele geralmente queria alguma coisa. Entrei e sentei banco de passageiro e esperei enquanto ele dava a volta e para acomodar-se atrás do volante.

– Aonde vamos? – Eu perguntei enquanto ele manobrava o carro e nos juntávamos ao tráfego.

– Para *Vaux Le Vicomte*.

– Quem é esse visconde? – perguntei, referindo-me ao nome que terminava com “o Visconde”.

– Engraçadinha! É um lugar perto de Paris, a festa será em um castelo.

– Qual deles? – Fiquei empolgada com a ideia de participar de uma festa em um dos castelos históricos da França, eu já podia imaginar a maravilhosa arquitetura antiga.

Adulta eu pude reconhecer que o tempo que passei visitando todos aqueles edifícios

antigos enquanto morava na França com Arthur, influenciou meu estilo profissional. Há sempre um toque de arquitetura francesa nos meus projetos.

– Nenhum que você conhece. É um castelo privado chamado *Chateau Garcin*.

– Há uma família morando lá como no *Chateau d'Ussé*? – Eu tinha ido ao *Chateau d'Ussé* e me apaixonei por toda a instalação da história da Bela Adormecida. Aparentemente, meu lado romântico inocente não estava morto, apesar de tudo que havia passado.

– Não, a família morreu há muito tempo. Nos dias de hoje, alugam para festas. – Ele aumentou o volume no rádio, o que significava que ele não queria mais falar comigo sobre a festa, o castelo ou qualquer outra coisa. Eu olhei para o perfil dele e balancei a cabeça. Sim...ele estava armando em alguma coisa.

O castelo estava localizado fora de Paris e levamos cerca de uma hora para chegar lá. A construção ficava no meio de um parque, longe de quaisquer outras casas ou prédios.

Belos portões de ferro negro, estampados com um brasão dourado, se abriram com a nossa aproximação e um dos dois homens vestidos em roupas Bordeaux de aspecto histórico, se aproximou da janela do lado do motorista. Arthur abaixou o vidro e mostrou-lhe o nosso convite. O homem acenou com a cabeça e retomou seu posto, permitindo-nos entrar e nós seguimos por uma estrada não pavimentada, ladeada de tochas até chegarmos a uma área circular com uma fonte no meio.

Vários manobristas aguardavam para estacionar os veículos. Arthur se virou e pegou uma pequena bolsa no banco de trás. Ele enfiou a mão dentro da sacola e tirou duas máscaras pretas – uma de renda e outra de cetim – e me deu a rendada. Ele ajustou a máscara de cetim em seu rosto.

– Coloque-a! – Ele acenou com a cabeça em direção ao pedaço de renda que eu ainda segurava na minha mão. – É um baile de máscaras.

A excitação momentaneamente cancelou meus medos. Um baile de máscaras! Era algo que eu só havia lido a respeito. De todas as festas que participamos desde a nossa chegada à França, nenhuma delas exigia máscaras. Com cuidado para não achatar meu cabelo ou enroscar algo nos meus brincos, coloquei minha máscara no lugar.

Um dos manobristas abriu a porta para mim e pude ver a apreciação em seus olhos que me percorreram de alto a baixo. Sim, eu estava bonita de fato!

Eu olhei para o exterior do enorme castelo e meu coração disparou. A arquitetura me tirou o fôlego. Feito de *tuffeau* – o calcário bege usado para a construção de castelos na França – tinha um longo pavilhão central ladeado por duas torres redondas. As imensas portas-janela eram laqueadas de branco – um toque moderno, claro. Luzes iluminavam todas as janelas e, em algum lugar lá dentro, tocava música.

Na porta, mais dois homens – seguranças de algum tipo – checaram os convites novamente. O presidente da França estava lá dentro? Eu nunca vira tanta segurança!

Entramos em um vasto salão de baile, onde algumas das pessoas mais bem vestidas que eu já tinha visto, dançavam, tomavam champanhe, conversavam e fofocavam... Todas usavam máscaras, incluindo a equipe de garçons e membros da orquestra. Eu simplesmente amei aquilo!

A madeira finamente entalhada e as pesadas portas de madeira, típicas das que se poderiam encontrar em um castelo, me encantaram. Pinturas emolduradas em ouro revestiam as paredes e o teto alto em forma de cúpula estava coberto de imagens coloridas de anjos e guirlandas de flores. A cena primorosamente pintada era tão bonita que eu fiquei boquiaberta e imaginei como teria sido viver naquele lugar anos atrás. Quão habilidoso o artista deve ter sido para poder pintar algo tão incrível e tão alto!

– Bem-vindo, meu querido amigo Arthur. – Um homem vestido com um smoking preto semelhante ao que Arthur usava, aproximou-se de nós.

– Boa noite, Fabian, obrigado pelo convite. Conheça minha noiva, Lara. – Arthur colocou a mão nas minhas costas e me deu um pequeno empurrão para a frente.

Fabian pegou minha mão e a beijou.

– Um prazer, Lara. Nicholas Fabian de Sevigné. Meus amigos me chamam de Fabian. Lara, você certamente é a bela do baile. Bem vinda ao meu baile de máscaras. Espero que goste e que possamos nos encontrar para nos conhecer melhor um pouco mais tarde.

Olhei os cabelos castanhos e os olhos azuis do nosso anfitrião. Embora ele fosse um pouco mais alto do que Arthur, acreditei que tivessem a mesma idade. Olhei em volta, para ver se ele tinha uma esposa ou namorada aguardando para nos cumprimentar, mas Fabian parecia estar sozinho.

Ele olhou para mim com clara apreciação e ao invés de responder a ele, desviei o olhar. Estremeci, incomodada pela maneira como ele parecia me despir com o olhar. Finalmente ele se afastou para cumprimentar outra pessoa e eu me virei para Arthur.

– Seu amigo realmente gostou de mim... – enfatizei as últimas palavras para que Arthur entendesse que eu estava sendo sarcástica.

– Ele e todos os homens aqui, se tiverem sangue nas veias. Você está linda esta noite. Estou orgulhoso de você.

Como para demonstrar, Arthur pegou minha mão e começou a desfilar comigo por todo o salão, me mostrando como se eu fosse uma égua puro sangue!

Nas horas seguintes, ele se assegurou de que minha taça de champanhe não ficasse vazia. Estranho, considerando como ele normalmente se comportava quando me via bebendo álcool. Mas esta noite ele não me recriminou, nem olhou feio.

Comecei a ficar tonta de tanta bebida e muito pouca comida. Eles não serviram jantar, mas os garçons passavam pela multidão carregando bandejas de aperitivos.

Uma rápida olhada em um relógio de porcelana sobre a enorme lareira de mármore em um canto, me disse que já era bem tarde, e eu notei vários casais saindo nos últimos minutos, mas ainda havia pelo menos uns trinta casais e talvez mais vinte indivíduos que ficaram. Eu estava sozinha em um canto, tomando meu champanhe e olhando ao redor, quando notei uma comoção nas proximidades e decidi ir ver o que era.

Várias pessoas haviam formado um círculo e algo acontecia no meio desse círculo. Eu não consegui ver nada, então me enfiar entre dois jovens e minha curiosidade aumentou. No meio do círculo estava uma garota negra muito atraente que eu havia notado antes. Ela estava quase nua, seu belo corpo despido exceto por suas meias pretas sete oitavos e saltos altos. Seus dois companheiros, usavam máscaras e acariciavam seu corpo.

Um tinha a boca no seio da garota e o outro tinha a mão no sexo dela. Quando olhei mais de perto, percebi que um dos homens era nosso anfitrião, Fabian.

As pessoas que formaram o círculo ficaram olhando, como se estivessem em algum tipo de transe. Alguns dos presentes estenderam a mão para tocar o corpo da garota, enquanto outros simplesmente assistiam, satisfeitos em apenas apreciar a cena.

– Meus amigos, falou Fabian deixando suas “atividades” na garota e se dirigindo aos presentes – nossa festa acaba de começar oficialmente. Façam o que quiserem, mas lembrem-se de que é proibido tirar a máscara. Sem violência, a menos que você tenha o consentimento do seu parceiro e não se imponha a ninguém que indique falta de interesse em qualquer coisa que você propõe. Quanto ao resto...divirtam-se!

O que diabos isso significaria? Virei as costas para sair e quase topei com Arthur, que estava logo atrás de mim.

Ele me entregou mais uma taça de champanhe.

– Aqui – disse ele, pressionando uma pílula na minha mão. – Tome isso. Você não comeu muito e eu não quero que você fique doente.

Sem pensar, peguei a pílula e engoli com um gole de champanhe.

Arthur se inclinou para perto.

– Você gostou da cena que acabamos de presenciar? Ele apontou para o círculo.

– Eu... eu não sei ... – Eu desviei o olhar, incapaz de sustentar seu olhar. Para ser sincera, o que eu tinha visto me animara. Eu tinha ficado excitada. Toda a cena – todas aquelas pessoas assistindo aquela garota, os homens a tocando, todas as máscaras, o champanhe e o ambiente surreal, medieval e luxuoso mexiam comigo.

Eu olhei por cima do meu ombro bem a tempo de ver Fabian abrir caminho entre a multidão e se aproximar de nós. O jeito que ele olhou para mim, eu não tinha dúvida de que ele queria me tocar da forma como ele tocara a outra garota. E percebi que estava atraída por seus olhos azuis escuros.

– Ele está louco por você. Ele quis você desde o momento em que a viu. Então, vá se divertir. – Arthur sussurrou em meu ouvido enquanto acariciava minhas costas.

– O que você quer dizer?

Eu queria uma explicação, mas de repente, me senti ainda mais tonta do que antes e me lembrei da pílula que acabara de tomar. Quando olho para trás e penso naquela noite me pergunto o que Arthur me deu para tomar...

– Faça o que quiser, Lara... toque nas pessoas... seja tocada... esse é o propósito desta festa. Todos os convidados vieram aqui para a mesma coisa: conhecer pessoas diferentes, interagir sem compromisso. Ninguém conhece você... ninguém se importa com o que você faz... e depois que sairmos daqui, ninguém vai sequer mencionar o que acontecer aqui hoje à noite...

– Eu não entendo – eu murmurei. Meu cérebro estava tão nebuloso que eu não conseguia entender muito.

– Foda com quem você quiser! *Capicci* agora? – Arthur rosnou, obviamente irritado com minhas perguntas.

– Ei, Lara, eu vi você lá – disse Fabian e apontou para onde a multidão ainda se reunia em torno da menina. Você gostou do show?

Eu não sabia o que dizer. Arthur então se inclinou e me beijou nos lábios. Ele tocou meu seio, por cima da roupa, mas eu estava muito tonta para protestar. Ao nosso redor, muitos outros casais estavam fazendo a mesma coisa – tocando um ao outro, tirando as roupas.

– Ela tem um gosto maravilhoso, Fabian. Por que você não experimenta? – Arthur disse.

Eu tinha ouvido corretamente? Arthur me oferecera ao nosso anfitrião?

– Eu gostaria muito. Você se importa? – Ele olhou para mim em busca do meu consentimento. Pelo menos ele teve o bom senso de me perguntar. Mas eu simplesmente não conseguia imaginar fazer um show para todo mundo ver.

– Não – eu disse a ele. – Não na frente de todo mundo ... não ... eu não ...

– Venha comigo.

Arthur me pegou pelo braço e me levou a um mezanino, Fabian seguia atrás de nós.

– Faça o que ele mandar, ou você vai ter problemas comigo, Lara, sérios e profundos problemas – Arthur me disse, falando baixo para que só eu pudesse ouvi-lo. Ele apertou meu braço como para provar seu ponto. Ele me lembrava muito de Sabine.

– Eu preciso da ajuda desse homem, e se ele quiser você, sorte minha ...

Eu não conseguia pensar claramente, mas a ameaça tinha o efeito que Arthur, sem dúvida, pretendia. Eu temia o que ele poderia fazer comigo. E no meu estado mental nebuloso, eu não entendia que ele já tinha feito comigo tudo de ruim que podia fazer. Nada poderia ser pior. Mas naquela época, como eu poderia saber?

Havia cinco ou seis pessoas transando no mezanino, e abaixo deles, a multidão reagia com excitação frenética. Inacreditavelmente, a orquestra tocava como se fosse uma festa normal.

Fomos a um canto vazio e Fabian se inclinou para perto, o rosto a poucos centímetros do meu. Eu podia sentir Arthur atrás de nós, observando, sem dúvida, esperava para ver o que eu iria fazer.

– Você é linda – disse Fabian, e então ele me beijou. Não era um primeiro beijo normal entre um homem e uma mulher que mal se conheciam, mas um beijo cheio de paixão.

Fechei meus olhos e correspondi. Seus lábios eram firmes, sua boca tinha gosto de uísque e cigarros - isso na época quando fumar não tinha um estigma como esse que tem hoje em dia. Entre a abordagem sexy e um pouco agressiva de Fabian e todas as pessoas ao meu redor – que se tocavam, transavam se beijavam e gemiam – não havia como não ficar excitada.

Arthur se moveu para as minhas costas, colocou a mão na minha nuca e, de repente, senti a frente do meu vestido cair. Eu estava muito alta com o álcool e a droga que ele me dera, para pensar em protestar. Fabian pegou um dos meus seios na mão.

– Pequenos, mas perfeitos – disse ele. Suas mãos eram macias e estavam ligeiramente úmidas.

Ele me acariciou e Arthur também, quatro mãos percorreriam meu corpo. Minha cabeça começou a girar com as incríveis sensações. Fabian postou-se nas minhas costas, puxou meu cabelo e deslizou a língua pelas minhas costas, dos ombros até a cintura. Arthur acariciava meus seios. Arrepios cobriam minha pele, e eu tremi, minhas pernas fracas, minha calcinha molhada.

A próxima coisa que eu senti foi Arthur me ajudar a sair do meu vestido. No começo fiquei com vergonha, mas depois vi quase todos os outros ao meu redor estavam seminus ou totalmente nus.

Eu fiquei lá de calcinha, meias e salto alto, enquanto dois homens me acariciavam. Fechei os olhos para me concentrar em todas as sensações malucas e, um momento depois, senti uma mão puxando minha calcinha para o lado. Uma boca quente cobriu meu sexo e eu abri meus olhos para descobrir que tínhamos uma audiência.

Um homem gordo estava por perto, se masturbava olhando para nós, e um casal – ainda completamente vestido – nos observava com interesse. Um homem desconhecido passou os dedos pelo meu corpo. Não sei como isso era possível, mas não sentia vergonha. De fato, vê-los ali, me observando, me tocando, acrescentou outro elemento erótico à situação e intensificou meu desejo.

Fabian me chupou sem piedade. Ele me lambeu e me penetrou com a língua tão profundo quanto podia. Eu podia sentir o pau de Arthur esfregando entre as minhas pernas por trás. Ambos os homens estavam obviamente muito excitados.

Fabian parou de me chupar, levantou-se, colocou um dedo dentro de mim e o moveu, imitando me penetrar com o dedo. Depois de um momento, ele retirou-o, levou-o à boca e o lambeu.

– Você tem um gosto maravilhoso! – Ele disse e me agarrou pela mão.

Ele me levou até uma *chaise longue* próxima e me ajudou a deitar. Eu olhei para ele com os olhos semicerrados, e vi que ele deslizou um preservativo sobre o pau rígido.

Eu me perguntei em que momento ele se despiria que não percebi e de onde ele poderia ter tirado o preservativo. Ele se inclinou sobre mim, abriu o meu sexo com os dedos, e eu quase gozei apenas com o toque dele. Então, sem se incomodar em tirar minha calcinha, ele se posicionou entre as minhas pernas e me penetrou devagar. Eu gozei imediatamente, meu gemido profundo de satisfação retumbando em meus ouvidos.

Ele deve ter interpretado o som como um convite porque ele começou a se mover, lentamente, a princípio. Arthur encontrou um jeito de se posicionar para poder lambar meu clitóris, enquanto Fabian estava me fodendo e foi a sensação mais deliciosa de todos os tempos. Eu gozei muito. Mas Fabian não. Ele era um amante experiente e parecia ter uma grande satisfação em ver o meu prazer.

– Eu quero você por trás – disse ele, de repente.

Muito animada e muito bêbada ou drogada para pensar, eu não entendi o que ele queria. Eu simplesmente deitei lá, observando enquanto ele se levantava e pegava algo – um frasco qualquer – em uma mesa próxima. Ele voltou para o meu lado, tirou o preservativo e o substituiu por um novo, depois levou o frasco ao pau duro. Um óleo grosso e escuro escorreu, cobrindo seu pênis, e ele usou a mão para espalhá-lo pelo comprimento de seu membro, por sobre a camisinha.

– Arthur, toque ela para mim – Fabian disse a ele quando ele tirou minha calcinha e a jogou no chão.

Arthur se posicionou entre as minhas pernas e começou a acariciar meu sexo. Meu prazer cresceu, e me mexi na cadeira; queria, precisava ser preenchida. Arthur deslizou para me envolver em seus braços, me virou e me abraçou, minhas costas em direção a Fabian. Algo quente e úmido escorreu por minhas nádegas - o óleo, sem dúvida - e ele começou a espalhá-lo pelas nádegas e entre elas... Suas ações me trouxeram de volta aos meus sentidos, e eu imediatamente enrijei. O que ele estava fazendo?

– Acalme-se, querida – ele me disse. – Eu não vou te machucar. Você vai gostar disso...

Eu ainda estava tensa, mas Arthur se ajoelhou e começou a me lambar, e eu imediatamente me esqueci de tudo, menos do prazer crescente. Fabian deslizou seu pau entre as minhas nádegas e lentamente começou a me penetrar. Eu ofeguei e me enrijei.

– Não, querida, relaxe. O segredo para aproveitar isso é relaxar. Eu não vou me mexer até que você esteja pronta.

Ele fez como prometeu, lentamente, pacientemente, entrou um pouco de cada vez até que estivesse todo dentro de mim. Então ele começou a se mover, mais devagar, controlando seu ritmo. Arthur ainda estava trabalhando no meu clitóris, dois dedos dentro de mim, me lambia. Fabian começou a se mover mais rápido, e Arthur também, me fodendo com os dedos. Minha buceta e meu rabo pareciam estar em chamas.

Senti a aproximação de um enorme orgasmo e comecei a tremer. Arthur se moveu de novo, substituindo seus dedos por seu pênis, e ambos os homens estabeleceram um ritmo comigo entre eles. Momentos depois, eu gozei como uma explosão, eu juro que saí do meu corpo e entrei em outra dimensão.

O prazer se espalhou do meu cérebro para meu corpo e de volta. Eu não sentia vergonha, apenas uma sensação profunda de satisfação com os dois machos enterrados profundamente dentro de mim, suas mãos em cima de mim, as bocas me beijando, enquanto eu me perdi no orgasmo mais incrível que eu já tinha experimentado.

Eu gemi e gritei alto, e então os dois homens me seguiram para o precipício, gozaram ao mesmo tempo, e tivemos que nos agarrar entre nós para evitar perder o equilíbrio e cair no chão.

Quando eu abri meus olhos, o gordo que estava se masturbando estava se limpando com um guardanapo, tinha acabado de gozar, o casal estava se beijando e se tocando, um homem acariciava meus seios e três outros homens que eu não tinha visto, estavam a nossa frente, se masturbando, e enquanto eu assistia, todos os três gozaram.

Depois daquela noite, Fabian se tornou um companheiro constante, juntando-se a nós regularmente para trios. Em nosso apartamento, em clubes de swing, que os dois homens me levavam, e Arthur até permitiu que Fabian me "emprestasse" para um fim de semana a sós com ele.

Mais tarde, soube que ele era um rico empresário, dono de uma grande empresa que produzia todo tipo de iluminação – de luminárias a cabos – e Arthur queria Fabian como um cliente regular de seu banco. O dinheiro dele seria bom para os negócios e, como Arthur havia dito, Fabian era um homem influente, por isso era boa publicidade para seu banco lidar com o dinheiro de Fabian.

CAPÍTULO XVII



Simone – Dias atuais

Quando Simone largou o diário, estava completamente escuro lá fora. Ela havia perdido a noção do tempo enquanto lia. Loucura, quantos anos tinha aquela menina? Como ela poderia levar uma vida sexual normal, quando tudo o que ela aprendera era errado, depravado e distorcido? Simone lembrou-se das palavras de Lara em um dos diários de Mark: “Fui forjada!”. Essa era a palavra – a garota tinha passado pelo inferno, e todos os seus valores estavam corrompidos. Ela não tinha nenhum padrão moral. Então, novamente, toda a sua vida fora baseada no que Arthur havia decretado como correto, então como ela poderia ser diferente?

Simone preparou suas coisas e, ao sair do seu consultório, ficou surpresa ao encontrar Edward. Ela mal o viu durante o dia, ele parecia a estar evitando.

– Olá, meu amigo, trabalhando até tarde? – Simone perguntou a ele.

– Sim, eu tenho alguns relatórios para apresentar à polícia sobre um caso... e você?

– Somente leitura...

Simone não queria mencionar que trabalhava para Carl novamente; ela sabia que Edward se oporia a isso. Mas talvez ele não se importasse. O pensamento que ele poderia não mais se preocupar com ela a deixou triste. Um nó se formou em sua garganta e seus olhos ardiam com lágrimas contidas.

– Como você se sente, Simmie? Nós não conversamos há um bom tempo, e eu me preocupo se você está melhor?

Seu olhar mostrava sua preocupação sincera, os olhos dele cercados pelas pequenas rugas que apareciam quando ele estava preocupado com alguma coisa, e ela achou aquilo encantador, o que a surpreendeu.

– Eu estou melhor. Trabalhando duro, mas já durmo sem o auxílio de pílulas.

Não era toda a verdade, mas ela não queria a preocupação dele por ela como médico, ela queria sua atenção em um nível pessoal.

– Ótimas notícias! Estou feliz por você.

Por um momento, ela sentiu o elo antigo que costumavam ter, mas em seguida ele olhou para o relógio.

– Eu tenho que ir! – Ele disse. – Eu prometi levar Carla ao cinema.

“Que legal. Filmes, jantares... um relacionamento real.”. Ela lembrou que era uma noite de sexta-feira e lá estava ela sozinha de novo. Por que ela não conseguia encontrar um homem normal como Edward?

“Você encontrou... e então você o perdeu por ser uma idiota”, ela disse a si mesma. “E agora, você tem um sujeito lunático que liga para o seu telefone um milhão de vezes por dia e que gosta de usar seus seios para se masturbar, que vida...”.

– Legal, tenha uma boa noite...

– O mesmo para você, Simmie... Tenha um ótimo fim de semana. – E lá estava ela, dispensada durante todo o fim de semana novamente. Toda essa rejeição estava começando a doer.

* * * * *

Depois de uma solitária noite de sexta-feira passada comendo pipoca e assistindo a uma maratona de séries de comédia na TV, Simone acordou no sábado e lembrou que tinha marcado

uma reunião com Carl. Ele dirigiria de Nova York para Woodbridge, e eles iriam conversar na casa dela. Depois, iriam almoçar a convite dele.

Ela se preparou para vê-lo novamente depois de todo o tempo que passou. Ela tinha que admitir, mesmo que apenas para si mesma, que ainda tinha sentimentos ambíguos pelo homem e, naqueles dias, estava tão carente que a qualquer momento poderia começar a ter sentimentos pelo carteiro... Ou pior, por Armando. Não... ela estremeceu com o pensamento. Toda a carência no mundo não faria com que ela se tornasse tão desesperada.

Quando se tratava de Carl, ela tinha que proteger seu coração. Pela décima vez naquela manhã, ela lembrou a si mesma que ele nunca iria amar de novo... Não do jeito que ele amara Lara.

E se ele fizesse, parte dele seria sempre assombrada por pensamentos de Lara. Simone preferia ter um homem que pudesse lhe dar toda a atenção, não alguém que ansiava silenciosamente por seu amor perdido. Sempre era um trabalho difícil competir com um fantasma.

Carl chegou às dez horas em ponto, vestia jeans, camiseta e tênis, e estava tão bonito quanto ela se lembrava.

“Que mudança”. Ela não conseguia se lembrar de tê-lo visto usando qualquer coisa, além de um terno.

– Bom dia, Carl, como você está? – Ela estendeu a mão, mas ele a puxou para um abraço, envolvendo-a em seu calor. Ela não tinha o nariz perfeito, mas era um perfume com um aroma amadeirado, misturado com jasmim e tabaco. Sim, definitivamente havia algo diferente nele dessa vez. Ele sempre a tratara com polidez distante. O velho Carl teria apertado a mão dela, talvez dado a ela um beijo rápido no rosto. Simone preferia muito mais essa nova maneira de cumprimentá-la.

– Eu senti tanto a sua falta, Simone! Olhe para você. Você está maravilhosa. O bronzeado combina com você. Ele apontou para Simone

Simone foi pega de surpresa, e ela não sabia o que fazer com a demonstração de afeto.

– Obrigada, Carl! Vamos sentar e conversar um pouco. Você gostaria de algo para beber?

– Ela disse, depois que ambos se acomodaram em seu sofá na sala de estar.

– Não, agora não, obrigado.

Eles conversavam sobre a viagem de Simone, sobre o trânsito e o clima. Para o olhar treinado de Simone, ele parecia estar apenas sendo educado... como se estivesse esperando para superar a etapa das gentilezas para poder pular para o tópico de Lara.

– E como vai sua análise do diário? – Ele terminou com a conversa amena e foi direto ao ponto.

– Bem, eu não estou chocada porque quase nada me choca, mas é uma história triste. Você a leu?

– Sim, estou lendo. Lentamente, porque tenho que deixar de lado o diário e me recompor de vez em quando. Quando Lara me contou sobre o abuso e sobre Arthur, fiquei surpreso, chocado e revoltado, mas não percebi como as coisas eram horríveis. Ele a tratou pior que um cachorro! A garota naquele diário... – Ele apontou com o dedo para o nada e continuou: – não é a Lara que eu conhecia. A garota no diário era uma criança apavorada, tentando fazer o melhor para sobreviver. Ah, claro... Eu vi vestígios da minha Lara naquela garota – especialmente quando ela descreve como ela se comportava mal ou se defendia um pouco – mas mesmo assim, eu me vi comparando essas ações com um cachorro que buscava vingança fazendo xixi no tapete. No máximo as atitudes dela deviam ser irritantes para Arthur, mas ele deixaria passar,

você entende o que eu quero dizer?

A voz de Carl estava tensa, o que indicava o quanto ficava perturbado pelas coisas que descobrira sobre Lara. Se era difícil para Simone – uma completa estranha e uma profissional – digerir as informações encontradas nos diários, ela só podia imaginar como Carl se sentia. Afinal, ele amara Lara com todo o seu coração.

– Ela não podia fazer muito mais. Estava impotente, uma garota indefesa refém de adultos perversos.

– Você acredita que Arthur é um pedófilo, ou ele estava realmente apaixonado por Lara?

– Difícil dizer... Talvez os dois, mas certamente ele era pedófilo e não acredito que um adulto possa estar apaixonado por uma criança. Há sempre algum tipo de desvio envolvido.

– E há uma cura para isso, ou você acredita que ele está por aí, molestando crianças?

– Um bom psicólogo poderia curá-lo, mas primeiro, ele teria que admitir que tem uma doença e procurar uma cura... E, claro, não há garantia de que ele não recaísse. É como qualquer vício, mas eu fiz algumas pesquisas sobre ele. Ele é casado atualmente e a esposa tem a idade dele. E aguenta essa... Eles moram em Nova York.

– Sim, tenho pesquisado sobre ele também, mas toda vez que penso nele, sinto tanto ódio que minha cabeça parece explodir. – Carl colocou as duas mãos na cabeça, um sinal claro de que a história toda o perturbava.

– O comportamento dele foi odioso... Eu sei que isso não vai fazer você se sentir melhor, mas eu posso lhe dizer que geralmente os pedófilos são o produto de uma infância muito traumatizada. Há uma grande chance de ele ter sofrido abuso sexual quando era criança. Mas ele não é apenas um pedófilo, ele também é um sadomasoquista. A combinação implica em uma mente muito perturbada.

– Deus, meu desejo de matar o cara fica mais forte a cada dia. – Carl fez um gesto de esfaquear alguém com a mão.

– Não pense assim, não é bom para sua saúde. – Fácil de dizer, ela sabia, mas difícil de fazer para um homem que tinha enfrentado tantas tormentas.

– Quando li sobre ele contratar aquele prostituto para fazer Lara se apaixonar pelo homem, minha raiva aumentou para um nível incontrolável. Eu quebrei o copo que tinha na mão... Eu me machuquei e estava tão possesso que nem senti dor! – Ele mostrou a Simone sua mão esquerda, que estava enrolada em um curativo.

– O abuso que Lara sofreu contribuiu para formar a personalidade dela. Quando eu li o que o Mark – bem, o seu relatório... – eu ainda tenho dificuldade em encarar o fato de vocês dois serem a mesma pessoa. De qualquer forma, seu relatório mostra uma mulher que queria sentir amor, mas não podia confiar nos homens o suficiente. – Ela fez uma pausa, respirou e continuou:

– As raízes do comportamento de Lara vieram das traições que ela sofreu. Ela acreditou que Arthur era um amigo e ele era o inimigo. Então aconteceu Adrien, o homem que Arthur contratou para agir como se a quisesse. Ela se apaixonou por ele, seu primeiro amor, o mais importante na vida de qualquer pessoa, e ele a traiu. Sua mãe, que anuiu com tudo... Imagine como era difícil para ela confiar novamente, depois de experimentar tudo isso em uma idade tão jovem e impressionável.

– Você sabe, acho que no final ela me amou... Eu tenho que acreditar nisso ou ficaria louco! Claro, eu não sei ao certo e tenho a sensação de que quanto mais eu ler e me aprofundar nos diários, mais fácil será conhecer a verdade. Eu não sei se vou conseguir lidar se eu descobrir que ela não me amou.

– Eu ainda estou lendo sobre os dias de juventude de Lara, mas tenho uma sugestão.

Permita-me ler o diário inteiro antes de você terminar de ler. Dessa forma, estarei preparada para ajudá-lo.

– Boa ideia. Que tal fazermos assim... Quando você terminar um capítulo, envie-me uma mensagem e deixe-me saber até onde devo ler. Assim fica bom para você?

– Perfeito. Eu acho que as coisas vão funcionar melhor assim. Se eu quiser ajudá-lo, preciso estar preparada. – Eles conversaram por pelo menos uma hora e meia sobre os diários de Lara antes que Carl mudasse de assunto.

– Eu tenho algo para lhe contar... Peter me telefonou algumas vezes.

O coração de Simone começou a disparar, as palmas das mãos ficaram suadas e ela sentiu como se algo maligno tivesse entrado na sala. Ela não conseguia descrever exatamente, mas parecia metafísico, como se de repente ela estivesse cercada por algum tipo de energia ruim.

– E? – foi tudo que ela conseguiu balbuciar.

– Ele diz que me ama e depois desliga. E então ele liga novamente e diz que é inocente, e que vai provar isso. Ele liga pelo menos duas vezes por semana. Ontem ele me ligou e disse que quer voltar ao país. Ele não me deixa falar, apenas diz algumas palavras e desliga o telefone...

– E você?

– Eu já fui até a polícia, e eles estão grampeando meus telefonemas, mas até agora eles não conseguiram rastreá-los porque ele desliga rápido demais. Ele é esperto. Só queria que você soubesse, para que você possa ficar segura, talvez contratar segurança e ter certeza de que seu alarme está ligado, porque eu realmente não sei onde ele está. Ninguém sabe!

– Deus, eu não preciso de tudo isso de novo! Eu vou falar com meu sócio e ver o que posso fazer para me proteger.

– Sinto muito por ter trazido tudo isso para a sua vida, Simone. – Carl abaixou a cabeça.

– Você não é o culpado. Qualquer coisa pode desencadear o lado psicótico de Peter e acredito que seria pior com alguém que não está preparado para lidar com psicopatas. Eu imagino aquelas pobres mulheres que ele matou.

– Eu nunca teria acreditado que Peter poderia ser um assassino. Parece tão surreal. Ele sempre foi o cara engraçado, sempre um bom amigo. Eu não posso acreditar que eu não vi o que havia abaixo da superfície de normalidade.

– Não se culpe por não saber. Muitos psicopatas têm vidas normais, eles até têm filhos, família. Eles podem demonstrar afeição e a loucura deles acontece longe de casa.

– Eu sei, em teoria, mas quando isso acontece na vida da gente é inacreditável!

– É... Estou acostumada a lidar com a loucura, mas foi difícil estar no meio do furacão. Eu pulo toda vez que ouço o nome de Peter.

– Tome cuidado, Simone. Eu não sei do que ele é capaz.

– Qualquer coisa, tenho certeza. Quando seu lado psicopata aflora, ele pode fazer qualquer coisa. Um psicopata não é alguém cujos movimentos podem ser previstos.

Perturbada pela conversa, Simone mordeu o lábio. Suas palmas estavam úmidas e ela sentia medo daquele homem.

– Estou com fome...vamos sair para comer? – Carl disse, mudando de assunto abruptamente. Talvez ele tivesse pressentido o desconforto dela, e ela se sentiu agradecida por isso. Ela odiava falar sobre Peter Hay.

– Meu carro está do lado de fora – acrescentou ele. – Você precisa de algum tempo para se arrumar?

– Não, eu estou pronta, vou pegar minha bolsa.

– Primeira mulher que eu conheço em minha vida que não precisa de meia hora para se

preparar para sair! – ele sorriu.

Simone também sorriu ao ouvir a observação. Ela pegou a bolsa que estava em cima do piano e eles saíram pela porta da frente. Quando Carl pegou o braço dela para escoltá-la pelos degraus da frente, um táxi parou no meio-fio. A porta traseira se abriu e Armando saltou. Ele correu pela calçada em direção a eles.

– Sua vadia! – ele gritou. –Esse é o motivo pelo qual você não atende as minhas ligações? Você está me enganando por aí!

Carl agarrou Armando, prendendo os braços ao seu lado e o imobilizou com algum tipo de movimento de artes marciais. Simone ficou boquiaberta, tanto pelo comportamento de Armando, quanto pela reação rápida de Carl. Ela não sabia que ele tinha esse tipo de treinamento.

– Acalme-se! Se você se acalmar, eu largo você! Eu sou um dos clientes da Doutora Simone. Nada está acontecendo aqui.

Armando parou de se agitar e em seguida Carl o soltou.

– Sinto muito, Simone... senhor... Eu vi vocês saírem da casa juntos, rindo, e eu perdi o controle.

Armando se virou para falar com Carl.

– Eu sou Armando, o namorado de Simone.

“Oh, pelo amor de Deus era só o que me faltava!”.

– Armando, você não é meu namorado e ambos sabemos disso. Pare com essa bobagem!
– Simone colocou as mãos na cabeça. Por que ela sempre atraía os malucos? O que ela não faria por um pouco de normalidade em sua vida?

– Mas eu vou ser e estou deixando as coisas claras aqui com o seu “cliente”.

– Pare com essa idiotice! – Simone gritou, finalmente perdera a paciência. Mesmo que Carl estivesse lá, e ela sempre se comportara profissionalmente na frente dele, no momento, ela simplesmente não dava a mínima. –Eu já disse a você e não poderia ter sido mais clara, mas vou dizer de novo: Eu não quero você. Eu não vou ter um relacionamento com você. Você não é bem-vindo aqui! Entendido?

Ela agarrou a mão de Carl e o puxou.

– Vamos embora ou vou bater nesse sujeito!

Carl tinha um olhar atônito, mas ele não disse uma palavra e apenas se dirigiu para o carro com ela.

– Eu vou lhe dizer quando as coisas acabarem entre nós, Simone! – gritou Armando. – Carl – ele gritou –, ela transou comigo dentro de uma boate em nosso primeiro encontro!

O tom choroso de Armando se transformou em raiva. Que homem instável!

Carl olhou de Simone para Armando.

– Senhor, o que Simone faz ou não faz não é da minha conta, um cavalheiro jamais falaria algo assim.

– Ah... entendi. Você deve ser um dos amigos gays de Simone. *Um cavalheiro nunca falaria algo assim ...*

Armando imitou as palavras de Carl, mas Carl era maduro demais para cair na provocação. Ele ignorou Armando e abriu a porta do carro para Simone, que se acomodou rápido, depois ele deu a volta e se sentou ao volante. Ligou o motor e partiram. Enquanto seguiam pela rua, Armando permaneceu em pé na calçada em frente da casa de Simone, gritando algo ininteligível pela distância. Pobres vizinhos!

Ela afundou no banco do passageiro, o rosto queimava de vergonha depois do que

Armando dissera a Carl. Ela enfiou as mãos trêmulas entre os joelhos.

– Tenho certeza de que ele irá embora antes de estarmos de volta. Carl disse a ela e riu. – Vamos pedir sobremesa, só para garantir.

– Bem-vindo à minha vida, Carl. Eu lido com esse tipo de loucura o dia inteiro e todos os dias.

– Eu realmente não sei como você aguenta. – Carl mudou de assunto rapidamente – ele era bom nisso –, conversaram alegremente e brincaram um com o outro durante todo o trajeto até o restaurante. Seu esforço para melhorar o humor de Simone teve o efeito desejado. Ela sorriu pela bondade dele.

Eles escolheram um restaurante local e ali ficaram por bastante tempo, Carl lembrando-a que ele queria ter certeza de que ela não precisaria enfrentar Armando novamente.

Durante toda a refeição, ela ficou pensando o quanto gostava da companhia de Carl e que teria adorado tê-lo conhecido em circunstâncias diferentes.

“Não pense em se apaixonar por ele, Simone. Esse é um caminho certo para a infelicidade.” Ela precisou lembrar ao seu coração para não se envolver aquele homem.

Depois da refeição, Carl a levou para casa, estacionou em frente e, para seu alívio, não havia sinal de Armando.

– Parece que o pinéu não está por perto – disse Simone.

– Você quer que eu entre com você e verifique a casa?

– Não é necessário, Carl, mas obrigada. Meu alarme está ligado e ele não poderia ter entrado na casa sem dispará-lo. – Além disso, ela decidira manter uma distância saudável do advogado charmoso. Quanto menos ela o visse, melhor.

– Está bem então. Vou voltar para Nova York. Obrigado por tudo, Simone, você tem me ajudado muito. – Ele acariciou o braço de Simone, um toque que significava "obrigado", mas ela sentiu arrepios da mesma forma.

– Imagine, Carl. E por favor, tente não sofrer tanto com o que aconteceu com Lara. Todas essas coisas sobre as quais estamos lendo no diário... elas aconteceram no passado e nada pode ser feito para corrigi-las.

– Se eu pudesse corrigir as coisas... Mas eu vou levar o seu conselho a sério, se não vou enlouquecer.

Ela disse adeus e ele esperou que ela entrasse em casa antes de partir. Simone entrou, trancou a porta e reiniciou o alarme. Ela se sentia tão segura dentro de casa, como se estivesse em uma fortaleza.

Ela precisava desestressar, tirou um colchonete de yoga do armário do quarto de hóspedes, desenrolou-o e o colocou no chão do escritório que tinha em casa. Ela se sentou e começou a meditar, quando seu celular começou a tocar. Ela olhou para o telefone e franziu a testa. Que estranho... Enquanto estava com Carl, ela havia colocado o aparelho no modo não perturbe e aparentemente alguém havia tentado ligar para ela diversas vezes – sinal de algum tipo de problema. Ela decidiu responder.

– Alô Dr. Bennet, é a Patricia.

– Olá, Patricia, como vai você? Algo errado?

– Não... bem, para dizer a verdade... Tenho más notícias. Sincronizei o telefone do consultório para que qualquer ligação telefônica caia no meu celular. Eu não queria perder nenhuma ligação no fim de semana e alguém ligou para você. Lembra-se de Theodora, sua nova paciente? Ela só foi uma vez...

– Sim, eu sei quem ela é. Ela quer falar comigo?

– Não, ela está morta! Um dos familiares ligou para dizer que ela será enterrada esta tarde.

– Ela está morta? – Se Simone não estivesse sentada, teria caído. Que choque! – Mas como? Eu a vi na semana passada e ela parecia perfeitamente saudável! Na verdade, lembro-me de pensar que ela poderia viver para sempre quando vi seus exames.

– O coração dela parou, ou algo parecido. Não me lembro exatamente o que o homem disse.

– Pobre mulher, tão cheia de vida! Eles disseram onde será o funeral?

– Eles vão enterrá-la no *Beaverdale Memorial Park* hoje, depois do velório. É na *90 Pine Rock Avenue*. Você tem uma caneta? Eles me deram informações de como chegar ao local do túmulo.

– Claro, espere um segundo. – Simone pegou uma caneta na ilha da cozinha, não encontrara nenhuma no escritório.

– Certo, pode dizer.

– Está na seção L, Lote 120 A. Túmulo cinco. O funeral será às dezessete horas. Dra. Bennet, tomei a liberdade de enviar algumas flores em seu nome.

– Muito obrigada pela sua eficiência, Patricia! – A mulher era cheia de surpresas.

– Obrigada, doutora! Você precisa de companhia?

– Não, Patricia, eu vou ficar bem. Obrigada novamente. Tenha um bom fim de semana.

A mulher provou ser um verdadeiro achado. Muito eficiente, trabalhava nos finais de semana e era muito atenta aos detalhes.

Simone sentiu lágrimas nos olhos quando se lembrou de Theodora, uma pessoa tão cheia de vida e planos para o futuro. Ela parecia tão saudável, mas em uma certa idade as complicações podiam surgir sem aviso prévio. Talvez o coração dela não tivesse conseguido acompanhá-la. A vida era assim às vezes. As pessoas que queriam viver e amar, morriam, enquanto as pessoas que desejavam a morte continuavam vivendo... Simone decidiu ir ao funeral, para prestar uma última homenagem a uma mulher notável.

Ela colocou um vestido lápis preto, pegou a bolsa, as chaves do carro e saiu de casa. O cemitério ficava a apenas cinco quilômetros de distância, mas ela odiava chegar atrasada e já era dezesseis e dez. Quando ela abriu a garagem e entrou no carro e começou a dar marcha ré, ela olhou por cima do ombro e freou bruscamente. Um homem estava sentado no banco de seu jardim. Ela começou a colocar o carro em movimento para voltar para a garagem.

– Simone!

“Armando?”. Ela olhou por cima do ombro novamente. “Oh, meu Deus. O que diabos aquele lunático está fazendo aqui novamente?”. Ela baixou a janela do carro e deu ré até estar perto o suficiente para falar com ele.

– Meu Deus, Armando, você me assustou! O que você está fazendo aqui?

– Eu fiquei esperando para me desculpar. Eu me arrependo do que eu disse esta manhã. Eu vi o cara lhe deixar e sair. Eu realmente sinto muito. O pensamento de outro homem em sua vida me fez perder o controle por um momento.

– Ok. Desculpas aceitas, você está perdoado. Agora me desculpe, mas tenho que ir a um funeral! – Ela foi curta e grossa.

– Posso ir com você? Apenas para lhe dar apoio, quero dizer. – Ele olhava para ela como um cachorrinho implorando por um osso, a raiva que ele exibira algumas horas atrás sumira. Ela pensou que se dissesse que não ele iria continuar no jardim dela para o resto da vida.

– Entra. – E ela liberou a porta do passageiro para ele.

Depois do funeral, ela iria deixá-lo na estação de ônibus ou onde ele quisesse, e se livraria dele. Mas por enquanto e em um momento como esse, até seria bom ter alguma companhia.

No curto trajeto, Armando falou como um papagaio, deixando-a quase louca. Ele queria saber tudo – quem morreu, como morreu, quando morreu e assim por diante.

Havia ao menos umas cem pessoas perto do túmulo. Pessoas de todas as idades choravam e falavam sobre o quão maravilhosa Theodora era. Algumas pessoas discursaram sobre ela e Simone ouviu educadamente, sentindo-se um pouco fora de lugar. Afinal, a mulher era uma paciente recente e não alguém que Simone conhecia há anos.

Um homem bonito de uns cinquenta anos, com os olhos vermelhos e cheios de lágrimas, foi até o púlpito, aos pés do túmulo, e começou a falar e Simone entendeu quem era ele.

– Eu conheci Theodora há alguns meses e ela foi a melhor pessoa que eu já conheci em minha vida. Levei cinco minutos para me apaixonar por ela.

Várias pessoas na multidão concordaram com a cabeça.

– Eu nunca encontrei uma pessoa mais agradável e autêntica do que ela, continuou o homem. – Nós estávamos apaixonados e sonhávamos que duraria para sempre, planejávamos nos casar. Eu queria passar o resto da minha vida na companhia dessa mulher incrível, em seus braços, mas ela decidiu partir muito cedo... Eu sou grato por ter tido a oportunidade de conhecê-la, e amá-la foi um privilégio e uma honra. – A voz estava embargada e ele mal controlava as lágrimas que marejavam seus olhos. – Theodora era especial. É difícil explicar, mas ela ajudou a me conhecer melhor e me ensinou a defender o que eu queria. Em pouco tempo, ela me mostrou como eu vivia uma mentira e quão diferente – quão real – a vida poderia ser, com ela ao meu lado.

Ele parou, secou uma lágrima com a mão, e então prosseguiu com a voz estrangulada:

– O tempo dela comigo foi curto, mas as lições que me deu durarão para sempre. Em homenagem a Theodora, gostaria de ler um poema de Alisson Matos que transmite o que sinto.

“Ah, o vazio que deixa tudo sem nada

“Sem dia feliz, sem frio na barriga,

“Sem a minha musa de carne,

“Sem cheiro bom de pele,

“Sem beijo na boca

“Sem imagem,

"Sem toque,

"Sem nada,

"Só eu,

"Só.

No momento em que terminou de ler, ele soluçava junto com muitas das pessoas ao redor do túmulo. Os olhos de Simone ficaram úmidos e, ao lado dela, Armando chorava como um bebê. Que diabos? O homem era muito maluco. Ele sequer conhecera Theodora. Por que ele estava tão sentimental? Ela olhou para ele, com a sobrelanceira levantada.

– Estou muito comovido com as palavras dele. Eu leria aquele poema se fosse seu funeral. – Disse ele com olhos úmidos olhando para Simone.

“Ótimo. Obrigado por pensar no meu funeral.”, Simone se virou sem responder.

Simone cumprimentou a família de Theodora, agradeceu-lhes por informá-la sobre o funeral. Estranhamente, ninguém com quem ela conversou sabia que Theodora estivera em seu consultório. Ela fez uma anotação mental para perguntar a Patricia quem telefonara informando.

Simone e Armando foram embora. A caminho de casa, Simone deixou um Armando inconformado no ponto de táxi.

– Você não pode fazer isso comigo!

– Sim, eu posso, e eu vou – disse ela, estacionando o carro na frente de um ponto de táxi.

– Por favor, saia, Armando.

Como havia pessoas ao redor, ele não fez uma cena, e um momento depois saiu do carro dela.

– Eu te amo – ele disse, antes de fechar a porta – e eu não vou desistir de você!

“Boas notícias! Agora vou abrir uma garrafa de champanhe e comemorar”, pensou Simone. “Tantas emoções para um único sábado!”.

De volta a casa, Simone decidiu tomar um longo banho e depois sair para o shopping, ela precisava se mimar um pouco.

* * * * *

Simone acordou tarde no domingo de manhã. Ficou na cama por um tempo, pensando nas coisas que aconteceram no dia anterior e decidiu ligar para a filha. Sentia falta da sua menina.

– Ei, menina, se sua mãe não liga para você, você não pega o telefone para saber como ela está, não é?

– Desculpe mãe, mas foi uma semana difícil. Muitas coisas para fazer na escola.

– Sim, e você não teve cinco minutos para me ligar.

– Eu disse que sinto muito. Mãe, eu ando pensando... O que você acha de eu ingressar em uma universidade aqui?

“E aí vem a bomba para começar um bom domingo, minha filha quer ficar em outro país. Por quê?”.

– Bem, o que fez você pensar em fazer isso? – E de repente, Simone percebeu que sua filha devia ter uma forte razão para querer estar no exterior por mais alguns anos...ou talvez o resto da vida.

– Você está apaixonada, querida? Pelo cara com quem você foi jantar outro dia?

– Sim, mãe, eu estou, e a ideia de deixar o Marcel me deixa doente!

“E a ideia de perder você me deixa doente, pensou Simone, mas não vou dizer isso a ela, é cedo demais e todo mundo sabe que os adolescentes tendem a fazer o oposto do que os pais dizem.”.

– Bem, como ele é?

– Oh, mãe, ele é maravilhoso. Ele é inteligente, brilhante e me faz rir. Eu realmente acho que estou apaixonada.

Você mal conhece esse rapaz.

– Claro que eu o conheço! Nós estamos juntos há quase um mês!

“Sim, e um mês é quase uma vida. Deus, como as crianças pensam que sabem tudo”. Mas ela não diria o que pensava para a filha, porque provocaria uma discussão inútil. Se uma pessoa quisesse separar um casal, não se deve dizer isso a eles. Simone mordeu a língua.

– Ok, querida, eu sei que estou agindo como mãe, mas, por favor, se cuida e me mantenha informada... Vamos esperar um pouco para falar sobre os planos para a universidade, ok?

Tamara mudou de assunto e conversaram por mais dez minutos. Simone poderia sentir pelas respostas curtas de sua filha que ela estava ansiosa para desligar e não ser questionada sobre sua vida amorosa novamente. Desligaram.

Simone pensou em fazer uma corrida matinal, mas era tão bom simplesmente ficar na cama sem fazer nada. Ela decidiu ficar em casa e ler um pouco do diário de Lara antes de voltar à realidade de outro domingo solitário.

O Diário de Lara

Numa quinta-feira à tarde, algumas semanas depois da festa, eu estava no meu quarto, com preguiça. Envolta no meu roupão cor de rosa, eu estava na minha cama, assistindo TV. Arthur entrou no meu quarto e fiquei tensa. Sentei-me e fechei o roupão. Engraçado como eu poderia estar calma, mas no momento em que Arthur se aproximava eu ficava ansiosa.

Os humores dele eram imprevisíveis e eu nunca pude adivinhar o que ele tinha em mente e o que poderia fazer a qualquer momento. Ele poderia querer gritar comigo por qualquer coisa, querer transar, ou simplesmente dizer olá.

– Lara, você vai com Fabian para a praia amanhã.

– Nós vamos? Qual praia? – perguntei.

– Não, nós não. Você vai. – Ele apontou para mim.

– Ele vai levar você para *Cap Ferrat*. Ele pediu para passar o fim de semana com você e eu disse sim.

– Você não pode estar falando sério! – A ideia de passar dois ou três dias sozinha com Fabian me assustou. Ele tinha um enorme prazer em me causar dor, e eu acreditava que a presença de Arthur durante nossos encontros sexuais tinha sido a única coisa que impedia Fabian de realmente me machucar às vezes. Embora ambos os homens fossem sádicos e Arthur se tornara um mestre em seguir os exemplos de Fabian e descobrira o prazer de provocar a dor, Fabian era definitivamente o mais perigoso dos dois.

– Sim, eu falo sério, e ele vem buscar você amanhã de manhã, então faça uma mala. – Ele saiu sem mais explicações, e eu sentei e fiquei olhando ele sair, minha boca aberta em descrença.

* * * * *

Fabian chegou cedo no dia seguinte, no banco de trás do seu Audi cinza. O motorista dele desceu, todo uniformizado, pegou minha valise, abriu a porta para mim e Fabian estava lá esperando.

– Que bom que você aceitou meu convite, querida. Estou morrendo de vontade de passar um tempo sozinho com você.

“Eu não!”, me lembro que pensei. Não sentia nenhuma vontade de começar o final de semana, apenas medo. Fiquei em silêncio a caminho do aeroporto de Orly, onde embarcamos em um jato particular. Eu estava tão preocupada com o que aconteceria quando chegássemos em *Nice*, que eu não aproveitei o voo de uma hora e meia. O jato era decadentemente luxuoso, com sofás de couro grandes, confortáveis e de cor creme, carpetes espessos também em cor creme, mesas e televisores. Duas aeromoças bonitas serviam lanches, bebidas e sorrisos, mas eu achava uma tripulação excessiva para duas pessoas.

Quando penso agora e me lembro de Fabian, uma música do Abba vem à minha mente. *Money, money, money. Always sunny in the rich man's world*. Dinheiro, dinheiro, dinheiro. Sempre é ensolarado no mundo dos ricos.

Chegamos ao aeroporto em Nice e outro carro esperava por nós, um Rolls Royce prata dessa vez.

Saint Jean Cap Ferrat faz parte dos Alpes Marítimos, na França. É um lugar lindo,

cercado pela natureza, águas cristalinas e povoado por pessoas com muito dinheiro. É um dos lugares caros para os quais as pessoas ricas vão para relaxar durante as férias ou para pequenas fugas de fim de semana.

Eu vi poucos lugares tão bonitos em toda a minha vida, e naquela época era certamente o mais maravilhoso que eu já visitara.

Entramos na *Promenade Maurice Rouvier*, uma rua larga e bonita perto do mar. Chegamos a um endereço escondido atrás de altas paredes brancas e um portão de ferro branco. O motorista desceu, digitou um código e o portão se abriu. Entramos por meio de cercas naturais de ciprestes altos e paramos diante de uma enorme mansão branca.

– Bem-vinda ao meu refúgio, Lara.

– É lindo – respondi; finalmente encontrara minha voz. Eu me senti muito mais calma, graças à beleza ao meu redor.

Entramos na casa pelas portas duplas abertas e paramos no saguão de entrada. O chão de mármore lembrava um tabuleiro de xadrez com grandes quadrados pretos e brancos. Palmeiras plantadas em grandes vasos cercavam o vestíbulo e um enorme lustre de cristal pendia do teto. Duas escadarias em curva, uma em mármore branco para a esquerda e outra em mármore preto para a direita, levavam ao segundo andar.

Duas empregadas uniformizadas esperavam por nós.

– *Bonjour, monsieur; bonjour, mademoiselle*, Bom dia senhor, bom dia senhorita – elas disseram em coro.

– Annette, leve Mademoiselle Lara para o quarto preparado para ela. Fabian não respondeu à saudação.

Suspirei interiormente. Pessoas que tinham dinheiro mas não tinham classe, sempre me perturbavam.

– Bom dia, Annette e... olhei para a segunda empregada e levantei uma sobrancelha.

– Caroline, senhorita – respondeu a jovem.

– Caroline. – Eu sorri para as duas. – É um prazer conhecer vocês.

– Lara – Fabian interrompeu. – Troque de roupa. Coloque um biquíni e me encontre na piscina. – Eu desviei o olhar para que ele não pudesse me ver revirar os olhos, irritada por ter outro homem a me dar ordens... Um dia, eu estaria livre de todos os homens do mundo e faria as coisas do meu jeito, prometi a mim mesma.

Segui Annette ao andar de cima e percorri um longo corredor até um quarto que ficava quase no final.

– Aqui estamos, senhorita. – Annette se afastou para permitir que eu entrasse.

Por um momento, fiquei em silêncio, atordoada pela decoração magnífica do quarto e a vista do oceano através das janelas que iam do chão ao teto, ao longo da parede.

Em amarelo e branco, o quarto brilhava banhado pelo sol que estava alto no céu, pois já era quase meio-dia. Uma cama de metal dourado, em dossel, coberta por uma colcha branca espessa pontilhada de minúsculas flores amarelas – ocupava a maior parte do espaço disponível.

Duas cadeiras brancas de madeira laqueada e uma mesa redonda, sobre a qual estava um jarro de rosas amarelas frescas, ficavam ao lado das portas francesas. Um tapete branco grosso cobria grande parte do chão de mármore branco, e eu podia imaginar afundar meus pés descalços ali quando saísse da cama pela manhã.

Eu me aproximei das portas francesas abertas e fui à sacada para contemplar a vista fantástica do mar. Respirei fundo, desfrutando a paz e tranquilidade de toda aquela beleza natural. Quando entrei no quarto novamente havia recuperado a sensação de paz interior.

Tomei uma ducha rápida no banheiro, que tinha o mesmo piso de mármore branco do quarto e armários amarelo-claros. Uma antiga banheira de porcelana contrastava com as outras comodidades modernas.

Depois da ducha, escolhi um biquíni rosa da minha mala, vesti-o e depois me cobri com um roupão que encontrei em um gancho na parte de trás da porta do banheiro. Quando entrei nele, notei que tinha o preço absurdo ainda pendurado nele, que rapidamente arranquei e joguei na pequena lixeira de cerâmica branca.

Saí correndo do quarto, pensando que Fabian poderia ficar com raiva de mim por ter demorado tanto e quase dei de encontro com Annette. Será que ela havia me esperado enquanto eu tomava banho e trocava de roupa?

A empregada balançou a cabeça e sorriu.

– Se você me seguir, senhorita, eu vou lhe mostrar a área da piscina.

Ela saiu correndo sem esperar por uma resposta. Se ela pensou que eu era amante de Fabian ou apenas uma prostituta, não demonstrou nada e me tratou de formas cortês e educada. Eu corri atrás dela, preocupada em me perder na casa gigante, se tivesse que encontrar meu próprio caminho.

Fabian estava sentado embaixo de um guarda sol, perto da piscina. Vestido de shorts, mas sem camisa, ele ficou em pé quando me aproximei. Eu deixei meu olhar vagar por sua pele levemente bronzeada. Ele tinha um corpo bonito, magro sem ser muito musculoso. Corpo de alguém que praticava algum tipo de esporte. Mais tarde descobri que ele era um fanático por tênis.

– Aí está você, minha querida. Fabian pegou minha mão e levantou-a para beijar a parte de trás dos meus dedos. – Você está maravilhosa nesse tom de rosa.

Murmurei meus agradecimentos e então deslizei para a cadeira mais próxima sem esperar que ele pedisse para me juntar a ele.

Fabian se inclinou sobre a mesa e pegou uma garrafa de champanhe. Depois de retirar a rolha, ele encheu duas taças de cristal e deu uma para mim.

– Para a garota mais linda que eu já conheci. Obrigado por aceitar meu convite. – Ele ergueu o copo em um brinde e deu um gole rápido.

– Obrigada, Fabian – eu disse, e aceitei a taça.

– Vou ter que agradecer a Arthur pela generosidade. Quando eu convidei vocês dois e ele me disse que não poderia vir, eu nunca teria esperado que ele permitisse que você viesse sozinha.

– Temos um relacionamento muito aberto. – O que mais eu poderia dizer? Arthur me disse que Fabian convidara só a mim. Quem mentia?

– Eu posso ver isso! Muito moderno, de fato... Se Arthur não fosse um velho tubarão, eu acreditaria que ele confiava em mim só com sua amada noiva.

Naquele momento, decidi colocar Arthur no fogo.

– Ele me disse que o convite era só para mim e basicamente me disse que eu tinha que vir aqui.

– Eu acredito em você. Eu simplesmente não entendo como ele poderia fazer isso. Você merece mais consideração do seu noivo. E ainda assim você aceitou...

– É difícil explicar nosso relacionamento... – Parei lá porque não conseguiria encontrar uma desculpa para um homem que empresta sua noiva – ou qualquer título que eu tivesse – para seu amigo.

Tomei um gole do champanhe enquanto Fabian continuava olhando para mim silenciosamente, até que comecei a ficar desconfortável. Minhas mãos começaram a tremer um

pouco, então eu coloquei a taça na mesa. No momento em que fiz isso, Fabian agarrou minha mão e me puxou da cadeira. Eu gritei de surpresa, mas ele me puxou para um abraço apertado e devorou meus lábios. Eu tremi, sentira falta dos seus beijos violentos. Eu sempre achei que ele poderia sugar minha alma com seus lábios vorazes, e meu corpo respondeu instantaneamente.

– Eu senti sua falta, querida, mas eu não queria compartilhar você com seu noivo. Eu tive que convidar vocês dois, mas, para minha sorte, ele é um bastardo ambicioso...

Então ele sabia exatamente qual era o jogo de Arthur.

– Eu pensei que você fossem amigos.

– Temos interesses em comum... como você, por exemplo...

– Eu não sou uma coisa.

– Claro, você não é. Você é uma garota preciosa. Eu roubaria você dele se você me permitisse.

– Você acabou de roubar...

– Não, ele mandou você para mim por agora, mas eu sei que não é para sempre. Temos apenas um final de semana e pretendo aproveitar cada minuto dele. Você me intriga, Lara. Você parece tão inocente e jovem. Eu ainda não consegui entender se você joga junto com o Arthur, ou se ele usa você, como ele faz com todo mundo.

O que eu poderia dizer? Contar a verdade da minha vida para outro velho tubarão? Eu apenas fiquei lá, tomando meu champanhe.

Ele se posicionou em minhas costas e começou a massagear meus ombros, e então ele beijou meu pescoço.

– Você tem a capacidade de me excitar como nenhuma outra mulher, todo esse mistério a sua volta é afrodisíaco. Parece-me que você esconde um mundo de segredos em seus olhos verdes. Venha comigo.

Ele pegou minha mão e me levou para o outro lado da piscina e abriu uma porta nos fundos. Eu o segui para dentro do que parecia uma espécie de casa de hóspedes, onde havia uma cama, dois sofás e mesas, e uma TV em uma parede.

Sem hesitar, Fabian tirou a parte de cima e depois a parte de baixo do meu biquíni e as jogou no chão. Ele então saiu de seus shorts, antes de me puxar de volta para um abraço, esmagando meus seios contra seu peito.

As mãos dele pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo, acariciando meu corpo. Seu toque de mestre deixava rastros de fogo, e ele usava as unhas, correndo-as por nas minhas costas, o que me dava profundos arrepios.

Minha pele era muito sensível ao toque de Fabian, e seus lábios não saíam da minha boca enquanto ele continuava me acariciar, pacientemente me excitava. Essa era a única coisa que eu admirava nele – ele era o tipo de amante que sempre sentia prazer em dar prazer à parceira. Era fácil dizer que ele se orgulhava de sua proeza cada vez que me fazia gozar.

Ele me empurrou suavemente para a cama, abriu minhas pernas e mergulhou entre elas, me acariciava com lábios e língua, lambia e chupava, e usava os dedos para me acariciar, aplicando a pressão certa no meu clitóris, enquanto me penetrava com a língua até que eu tive um orgasmo alucinante. Eu senti como se todo o sangue no meu corpo estivesse concentrado no meu clitóris latejante, e meus ossos pareciam derreter, tão grande era a sensação de liberação.

Decidi retribuir a gentileza, saí da cama, agarrei a mão de Fabian e o fiz sair também e ficar em pé. Eu caí de joelhos no chão na frente dele e coloquei o pau dele inteiro na minha boca. Eu inclinei minha cabeça para trás, e o fiz escorregar até a garganta. Eu fixei o olhar dele enquanto o devorava, chupei com força, fazia a minha língua dançar sobre o membro em

movimentos suaves. Eu sabia que ele estava próximo a atingir o pico do controle quando ele enfiou o pau mais fundo na minha garganta.

– Você é uma profissional nisso – ele disse, – e você me deixa louco, mas eu quero entrar em você. Temos muito tempo para eu experimentar o prazer de gozar na sua boca.

Ele retirou o pau da minha boca e me ajudou a ficar de pé, então ele me guiou para o colchão, posicionando-me de quatro. Ele aproveitou para colocar um preservativo e entrou por trás, rápido e profundamente, e começou a se mover e a bater na minha bunda com as mãos. A dor e o prazer se fundiram e eu estava prestes a gozar quando ele de repente tirou saiu de mim. Eu caí de bruços na cama.

Aproveitando a minha posição, ele enfiou o dedo no meu sexo e o umedeceu e depois usou para lubrificar meu ânus. Quando ele o deixou bem molhado, ele se posicionou atrás de mim e me penetrou sem dó.

Eu gritei, a dor foi insuportável. Eu gritei e continuei gritando, até que lentamente comecei a me acostumar com a invasão dele. Mas assim que meu corpo se ajustou, a agonia se transformou em uma dor surda mesclada com prazer. Ele se inclinou para frente e envolveu suas mãos em volta do meu pescoço e começou a me estrangular. Eu lutava para respirar, lutava com a dor que sentia pela penetração, mas ele parecia indiferente, apenas apertava meu pescoço e me fodia violentamente.

Quando eu pensei que ia desmaiar por falta de ar e a minha mente ficou nublada, ele aliviou a pressão no meu pescoço, colocou a mão no meu clitóris e massageou-o em movimentos rápidos e circulares. Ao mesmo tempo, ele aumentou o ritmo da penetração, entrando e saindo com força e para minha surpresa, eu tive o mais estranho e violento orgasmo da minha vida. Eu senti como se todo o meu corpo estivesse ligado ao pau dele e as sensações que provocava em mim, uma corrente elétrica me percorreu e me encheu de energia.

Eu gritei de novo, um som de prazer e dor, e ele gozou forte dentro de mim, e caiu sobre as minhas costas. As sensações eram eróticas e sombrias, difícil de explicar. O tipo que energiza quando você goza, mas quando acaba, você fica completamente destruída, exausta. Era como eu me sentia.

– Meu Deus você é muito gostosa, você me deixa louco.

– Você me machucou – eu o acusei. Meu anus parecia estar pegando fogo, queimando depois do ataque.

Fabian riu e se moveu para deitar ao meu lado.

– Mas você adorou. Você sabe o que aconteceu... Quando eu apertei seu pescoço, você não pôde pensar... A falta de oxigênio a forçou a se concentrar no que seu corpo sentia no momento, e é quando experimentamos os melhores orgasmos. Quando nós simplesmente sentimos, quando não temos mais o controle e ficamos perdidos. Ele enfiou a mão entre as minhas pernas, pegou a umidade viscosa com os dedos e, em seguida, levantou-os para que eu pudesse ver. – A evidência está bem aqui – disse ele. – Você não pode negar isso.

O fim de semana inteiro foi assim, sessões de sexo selvagem, palmadas, estrangulamentos até a beira da inconsciência e muitos orgasmos.

Ele alternava o comportamento de amante selvagem com o de homem mais gentil do mundo. Fora da cama – da mesa, do chão, da banheira ou piscina – ele era gentil. Ele tentava aprender mais sobre mim, fazia perguntas que muitas vezes eu não conseguia ou não podia responder – não porque eu queria ser misteriosa, mas porque eu não podia responder sem revelar toda a minha situação.

Quando fizemos a mala para voltar, eu já havia me tornado completamente viciada em

misturar dor com prazer. Sem a companhia de Arthur, Fabian teve todo o tempo para me apresentar às artes do sadomasoquismo. Eu passei a amar a sensação de ter as mãos de um homem em volta da minha garganta.

Eu não sabia disso, mas eu me tornei uma masoquista, e aquele fim de semana mudou minha vida para sempre.

Quando retornamos a Paris, Fabian me “devolveu” ao apartamento e a Arthur.

– Eu quero ver você de novo. Eu preciso ter você de novo, Lara – disse ele, virando-se no assento do carro para me encarar.

– Eu gostaria de ver você de novo também, eu disse em uma voz tímida e estrangulada. Eu tinha que admitir que tinha perdido o medo que tivera dele, e eu o desejava, aquele tipo de desejo proibido, de química inexplicável, mas eu também tinha desenvolvido algum tipo de vínculo com ele. Ele me tratou muito bem, era um homem completamente contraditório – depravado na cama, doce em qualquer outro lugar.

– Nós vamos...

Eu arrastei meus pés enquanto entrava no prédio. Uma vez longe de Fabian, me afundei de novo em um estado de melancolia – eu estava quase sempre triste naquela época, eu não tinha amigos, nem uma única alma em que pudesse confiar.

Eu tinha um frequente sentimento de culpa, era maltratada e tratada como lixo; eu temia o tempo todo o que poderia estar à espreita na próxima esquina, que surpresa nova, terrível e nojenta Arthur teria para mim em seguida? Quando entrei no apartamento, estava preocupada em como ele reagiria. Depois de me "emprestar" para outro cara, como Arthur se comportaria? Ele me puniria por cumprir seus desejos, por seguir suas ordens?

Felizmente, eu não tive que enfrentá-lo imediatamente. O apartamento estava vazio e soltei um suspiro aliviado e fui para o meu quarto. Mas eu não conseguia me livrar do medo nervoso enquanto esperava a próxima tempestade, então fiz um rápido desvio para a sala para preparar um uísque.

Descobri naquela época que o álcool era ótimo para aliviar o medo e eu comecei a beber todos os dias. Todo o sentimento de culpa desaparecia depois de umas doses de uísque ou umas taças de champanhe, e eu sempre tomava pelo menos uma dose de algo para dormir. Mas às vezes eu bebia apenas pelo gosto da bebida, do licor ao uísque... com gelo, cowboy...

Arthur chegou em casa tarde. Eu já dormia, mas eu acordei quando o ouvi entrar. Eu prendi a respiração quando o ouvi se aproximar, apenas liberei o ar e relaxei depois que seus passos passaram pelo meu quarto. Depois de vários minutos, senti-me confiante de que ele me deixaria em paz ... pelo menos até de manhã... e voltei a dormir.

Dizem que nada dura para sempre, e nosso tempo em Paris chegou ao fim com um telefonema no dia seguinte. A mãe de Arthur estava muito doente e ele precisaria voltar a Washington imediatamente. Ele pegou o primeiro voo disponível, e providências foram tomadas para que Sabine viesse me buscar para levar de volta para casa.

Mais uma vez, minha vida virou de cabeça para baixo – um capítulo terminava e outro estava prestes a começar. Eu decidi que tinha chegado a hora de colocar meus planos em prática e me livrar de Arthur e de Sabine... Para sempre.

CAPÍTULO XVIII



Simone - Dias atuais

Simone se sentiu mal depois de ler o relato de Lara sobre como ela acreditava que havia se tornado masoquista mas, como profissional, Simone sabia que era necessário muito mais do que algumas sessões de sexo demente para mudar aquela garota.

A traição da mãe, a provação que ela tinha que suportar para agradá-la, Arthur e todos os lunáticos ao seu redor – Lara tinha encontrado uma fuga na dor, transformando toda a dor que havia passado em prazer... Em uma maneira de escapar de sua realidade.

Em circunstâncias diferentes, Lara teria sido uma pessoa normal, o masoquismo foi o modo que a menina encontrou para lidar com sua realidade. Como ela precisara suportar muitas dores, o cérebro dela havia convertido as experiências pelas quais passava em prazer. Mas isso não era prazer, era doença.

Depois de outro domingo solitário, na segunda-feira, Simone entrou no consultório, esperava poder falar com Edward. Ele estava muito distante ultimamente e ocupado com sua namorada, a agente do FBI. Simone sentia falta do relacionamento próximo e especial que ela e Ed costumavam ter, sentia falta de sair com ele e, naquele momento, precisava ouvir a voz dele.

Simone chegou mais cedo do que o habitual porque queria organizar um pouco as anotações e, para sua surpresa, Patricia chegara ainda mais cedo e organizara a mesa de Simone com perfeição.

– Patricia, bom dia! Cheguei e pensei que teria pelo menos uma hora de papéis para organizar, mas você já organizou tudo!

– Bom dia, doutora. Sim, eu sou uma pessoa matinal. Eu já deixei sua agenda para a semana em sua mesa. Eu acredito que você vai ter as mãos cheias. Você não tem mais do que uma hora para o almoço ao meio do dia, então se você quiser, eu posso providenciar algo para você comer, basta me dar a lista de alimentos que você gosta.

– Bem, segunda-feira é um dia com pouco carboidrato para mim, então qualquer coisa servirá se não tiver carboidratos.

– Entendido! – Disse ela e voltou para sua mesa.

Simone se sentou atrás da mesa. A foto emoldurada em prata que ela tinha lá chamou sua atenção, e ela a pegou.

Uma sorridente Tammy de quatro anos olhava para ela. Na foto, ela tinha os braços em volta do pescoço de Simone, que a abraçava, o rosto de Tammy voltado para a câmera, sua pequena bochecha pressionada contra o rosto de Simone. Ela sentiu uma pontada de nostalgia. Tammy era muito mais do que apenas uma filha. Simone havia criado a menina para confiar nela, para ser uma amiga e sentia muita falta da sua companhia.

Simone se preocupava com a possibilidade de Tammy frequentar uma faculdade no exterior e pensava em como seria bom ter sua companhia novamente, pelo menos por um tempo, porque logo ela iria para a faculdade nos EUA ou na França. E apesar de Simone ficar triste, ela tinha que encarar a realidade. As crianças crescem e saem de casa, e a dela não seria diferente.

Ela se sentia sozinha e a ideia de Tammy ficar no exterior aumentara essa sensação. Um jeito triste de começar a semana. Ela nunca se sentira tão sozinha antes, porque ela sempre soube que tinha Edward por perto, mas infelizmente, ela só percebera isso agora. Ela achava que a amizade deles nunca mais seria a mesma, e sentia falta da gentileza de Edward mais do que pensava que seria possível.

Talvez fosse hora de realmente pensar em encontrar um namorado... Mas onde? Todos os homens que ela conhecia da mesma idade que ela eram casados. Homens solteiros com mais de quarenta anos tendiam a se transformar em lunáticos. Os homens divorciados sempre vinham com muita bagagem, com relacionamentos complicados com as ex-esposas, filhos, e meninos não a interessavam.

Armando parecia ser um cara ótimo na superfície, mas quanto mais ela sabia sobre ele, mais ela queria colocar uma enorme distância entre eles. Aquele homem definitivamente tinha problemas – isso do ponto de vista de uma psiquiatra que lidava hábitos estranhos dos pacientes durante todo o dia.

Simone ainda não sabia qual era exatamente o problema dele, mas sabia que ele não era normal. Ela suspirou e colocou a fotografia de volta no canto da mesa. Ela não tinha nenhuma resposta clara para sua situação. Talvez ela devesse considerar um gato. Mas, novamente: “se nenhum homem quer você, por que forçar um pobre gato a viver com você?”. Ok, nenhum gato por agora.

E lá estava ela, tentava lidar com a sensação inquietante em seu peito de que a vida passava por ela e ela apenas assistia ao show e não participava. Mas como mudar isso?

Ela olhou para a agenda, que estava bem no meio da mesa. Patricia estava certa, esta semana seria muito movimentada, todos os horários completos, exceto por uma vaga na quarta-feira, o horário que deveria ser de Theodora. Outra onda de tristeza tomou conta de Simone. Ela não queria esperar até os oitenta anos para encontrar alguém para amar. Ela queria alguém especial em sua vida agora... Sim, ela estava definitivamente preparada para amar alguém. “Vamos lá, Príncipe Encantado, se apresente”, ela pensou.

Ela concluiu que iria começar a sair mais, tentar encontrar alguém legal. Talvez participar de alguns eventos de degustação de vinhos... Sempre havia muitos homens nessas coisas. Mas não... Ela balançou a cabeça. Ela não era do tipo que saía à procura de homens como se estivesse desesperada.

“Chega desses pensamentos ridículos. Hora de começar a trabalhar. Manter-me ocupada é sempre o melhor remédio para tristezas e dores”, disse a si mesma.

Ela decidiu ler o diário de Lara até que seu primeiro paciente chegasse. Mas quando Simone encontrou onde havia parado no diário, ela se perguntou quando iria enfrentar sua própria vida e descobrir uma maneira de melhorá-la. Sem resposta imediata, ela começou a trabalhar.

O Diário de Lara

De volta a Washington

Voltar para casa não foi tão fácil quanto eu pensei que seria. Embora eu fosse propriedade de Arthur na França, eu também tinha certa liberdade e podia ir e vir como queria. Eu tinha meus horários e até comandava a casa. De volta para casa, as coisas eram completamente diferentes.

Novamente eu tive que lidar diariamente com Sabine. Ela era a dona da casa e você não coloca duas leões na mesma jaula. Eu estava feliz por estar mais uma vez perto do papai e das crianças, mas não conseguia tocá-las.

Como uma menina no final da adolescência, eu não sabia como dar ou receber afeto físico platônico, e eu sempre me preocupava com a interpretação dos meus gestos, porque eu não sabia muito bem distinguir certo de errado, e então tinha dificuldade em tocar as pessoas. Eu sabia fazer sexo, mas não sabia ter intimidade ou transmitir ternura.

Emms ainda estava proibida de ir até nossa casa, mas eu podia encontrá-la fora se quisesse. No entanto, eu não conseguia encará-la. Eu me sentia tão envergonhada com tudo que tinha feito e eu tinha certeza de que ela seria capaz de ler na minha cara, e eu não podia confiar nela e em ninguém com meu segredo. Além disso, Emms era uma pessoa muito carinhosa e sensível, e eu não conseguia lidar mais com isso, então eu a evitava.

Arthur tinha um apartamento e nos encontrávamos por lá, o que era bom, de certa forma, porque eu não precisava estar perto dele o tempo todo. No entanto, também era estranho – é um pouco difícil de explicar ou entender – porque as vezes, sentia falta de estar perto dele.

A pior parte foi voltar para a escola. As pessoas da minha idade eram... crianças... Com a vida que vivi na França e as coisas que fiz e experimentei, eu era emocionalmente uma adulta. Eu realmente não sabia o que dizer para outras pessoas da minha idade. Eu não me vestia como elas, e me sentia como uma alienígena enquanto ouvia fofocas sobre garotos e festas. Não era o meu mundo. Eu sofria ondas de tristeza quando pensava no que poderia dizer a eles. “Então, você gosta de ser estrangulado enquanto faz sexo anal também?”.

Eu me sentia perdida... tão perdida que eu tinha vontade de olhar para o espaço e para ver se a nave-mãe retornaria para me buscar. Eu estava deslocada e, pior, eu realmente não conseguia me concentrar. Mas eu comecei a implementar meu plano e publiquei um anúncio no quadro de avisos da escola, ofereci aulas de francês. Quatro dias depois, o primeiro interessado me contatou na saída da sala de aula.

Ele era um garoto da minha escola, um garoto alto, mais alto do que eu, mais ou menos da minha idade e usava óculos. Ele era bonito, mas de um jeito diferente. Ele tinha um sorriso tímido, mas bonito, seu cabelo era preto, seus olhos castanho-escuros e sua pele era tão alva e macia quanto a de um bebê, como se ele nunca tivesse tomado sol.

Ele estava do lado de fora da sala de aula, esperava por mim.

– Olá, meu nome é Oscar. – Ele estendeu a mão longa e magra em saudação.

– Oi, Oscar, meu nome é Lara. – Eu peguei a mão dele, mas soltei rapidamente.

– Prazer em conhecê-la, Lara. Estou interessado nas aulas de francês que você anunciou. Você realmente fala francês? Onde você aprendeu?

– Vamos nos sentar ali e lhe conto – aponte para um banco sob uma árvore próxima.

– Certo.

Caminhamos até o banco, ele muito alto, todo curvado e tímido. Sentamos no banco e ele

se virou para mim, aparentemente muito interessado no que eu tinha a dizer.

– Eu morei na França até a semana passada e estudei lá – eu disse a ele.

– Então você realmente conhece a língua.

– Sim, conheço!

Continuamos conversando, e ele se tornou meu primeiro aluno e meu primeiro verdadeiro amigo na vida. Não no senso comum da palavra “amizade” porque isso incluiria um nível de confiança e afeição que eu não era capaz de expressar naqueles dias, mas descobri que precisava muito mais dele do que ele precisava de aulas particulares em francês.

Oscar era esperto e costumava me explicar de maneira muito fácil e divertida sobre as coisas que eu tinha dificuldade em aprender durante as aulas, porque eu estava sempre sonhando com outras pessoas, lugares e coisas.

Nós saíamos juntos da escola o tempo todo, e eu lembro de que meu coração se sentia pesado sempre que eu tinha que deixá-lo ir para encontrar Arthur ou voltar para casa.

Oscar sempre me fazia rir, e me lembro de pensar que fazia muito tempo desde que eu tinha dado uma boa risada espontânea. Eu me sentia como uma adolescente novamente quando eu estava com ele, e embora não houvesse nada sexual entre nós dois, nós desenvolvemos uma boa amizade.

Ele tendia a ser um pouco imaturo, como os meninos de sua idade costumavam ser, mas isso também me fazia rir. Ele era tão cheio de sonhos e eu só tinha um: me livrar de Arthur e Sabine sem passar fome.

Estávamos sentados no gramado, perto do lago da escola, um lugar onde adorávamos ficar, ambos com as pernas cruzadas.

– O que você quer ser quando você for adulto, Oscar? – Perguntei a ele um dia.

– Ser adulto? Quem quer ser adulto? Eu não quero. – Ele balançou a cabeça.

– Fala sério...

– Estou falando sério, Girafa! – Ele disse, usando o apelido que ele me deu devido à minha altura, mas agora isso já não me incomodava como quando eu era mais nova.

– Somos duas girafas! E você definitivamente parece uma. – Ele era magro e tinha um longo pescoço.

– Quer um espelho?

Ele contorceu o pescoço de um jeito muito engraçado, imitando uma girafa.

Eu balancei a cabeça e ri. A maior parte do tempo que passávamos juntos, agíamos como crianças bobas, zombando uma da outra. Era uma amizade muito livre.

Eu tive o bom senso de não contar a ninguém sobre ele. Ele era meu segredo, e Deus sabe que eu era boa em guardar segredos.

Eu costumava ir para a escola, e depois eu encontrava Arthur em seu apartamento para uma sessão de sexo. Não todos os dias, porque ele trabalhava no banco de sua família e tinha uma agenda lotada, e, também, seu interesse por mim parecia estar diminuindo.

Além disso, nos EUA, não poderíamos arriscar que alguém nos visse juntos, as pessoas poderiam começar a fazer perguntas.

Eu sentia falta dele quando nos separávamos e eu o odiava sempre que estávamos juntos. Pense em uma situação confusa!

Uma tarde, uns vinte dias depois do meu retorno, as aulas foram canceladas. Não me lembro a razão, mas lembro que decidi ir ao apartamento de Arthur um pouco antes do horário normal naquele dia. Ele não estaria lá até depois das dezessete horas e eu estava com vontade de ficar sozinha em algum lugar quieto. Em casa, nunca tinha privacidade. As crianças estavam

sempre brincando e gritando.

Eu tinha minha própria chave para o apartamento e quando cheguei e abri a porta, ouvi vozes. Fiz uma pausa para ouvir, reconheci a voz de Sabine que parecia falar com Arthur. Eles conversavam no quarto de hóspedes, e eu me aproximei silenciosamente pelo corredor, imaginei o que eles faziam. Quando cheguei à porta, eu espiei e vi duas pessoas deitadas na cama, ambas nuas.

Eu me virei e saí rapidamente sem eles perceberem que eu estivera lá, fiz meu caminho de volta para fora do apartamento em estado de choque. Sabine estava traindo meu pai, mas não com Arthur. A voz que eu achava que era dele, na verdade pertencia ao pai dele, o tio Ruggiero. Como ele poderia, eu me perguntava? Sua esposa estava muito doente, com câncer, e ele se divertia com a merda da Sabine?

Abalada, liguei para Arthur para lhe dizer que iria diretamente para casa. Eu me sentia mal. Eu realmente me sentia mal. Eu sabia que Sabine era uma demente, mas eu não sabia a quão profunda era essa demência.

Eu não disse uma palavra sobre o que eu vi para ninguém. Eu não sabia em quem confiar. Eu tentei tirar o que eu tinha visto da minha mente, mas no dia seguinte, eu não consegui pensar em mais nada. Na hora do almoço, Oscar veio à minha mesa vazia para sentar e comer comigo, como costumava fazer.

– Olá, senhorita distraída... Aposto que você não ouviu uma palavra que os professores disseram na aula hoje. Onde você estava? De volta a Paris?

Eu fiz uma careta e balancei a cabeça, lutando contra as lágrimas de raiva.

– Ei – disse ele. – Você está bem?

– Não... eu não estou bem.

Oscar tentou pegar minha mão, mas eu me afastei.

– Diga-me o que está acontecendo – ele insistiu. – Eu posso ver que algo chateia você.

Eu sabia que podia confiar nele, e tinha que confiar em alguém, ou explodiria, então eu respirei fundo e disse:

– Minha mãe tem um caso...

– Como você sabe disso? – Como eu poderia explicar sem contar a ele sobre Arthur, nosso “ninho de amor” e todo o resto?

– Eu a vi ontem, ela beijava um dos amigos do meu pai – eu disse a ele. – Eu não sei o que fazer!

– Você tem que contar ao seu pai!

Eu balancei a cabeça. – Má ideia... Ele não vai acreditar em mim; ele confia nela...

– Então você precisa de provas. Eu tenho uma câmera, uma Polaroid. Não é muito boa, mas você pode fotografá-los. Posso lhe ajudar.

Naquele momento, uma ideia se formou em minha mente. Se eu tivesse provas da traição de Sabine, eu a teria na palma da minha mão. Na semana seguinte, peguei emprestada a câmera de Oscar e comecei a ir todos os dias ao apartamento de Arthur, mas eles não apareceram por lá.

– Eles não estão se encontrando no mesmo lugar – eu disse a Oscar.

– Aposto que eles se encontram em um dia específico da semana. Na próxima semana, vá lá no mesmo dia em que você os viu na semana passada.

E, mais uma vez, o garoto esperto estava certo. Voltei ao apartamento no mesmo dia – uma quarta-feira da semana seguinte – e os dois pombinhos estavam lá.

Quando entrei no apartamento, pude ouvi-los rir no quarto. Mais uma vez, eu fui pé ante pé pelo corredor, mas a porta estava fechada desta vez. Eu pensei por um momento e decidi que

não tinha outra escolha. Eu abri a porta com todo cuidado, prendia a respiração e rezava para que não ragesse. Eu não tinha ideia do que faria se eles me vissem. Meu coração batia rápido e minhas mãos tremiam quando olhei para dentro. Eles estavam fazendo sexo, enrolados um no outro, e não me notaram. Eu rapidamente tirei uma foto e depois dei o fora dali o mais rápido que pude caminhar na ponta dos pés.

A imagem mostrava o rosto de Sabine com perfeição, mas o de seu amante estava escondido, pressionado na curva do pescoço dela. Mas isso não seria um problema, o cabelo quase branco era reconhecível. Eu escondi a foto no mesmo buraco que eu usava para esconder meu diário no meu quarto, mas no momento, eu não sabia o que iria fazer. Ainda assim, eu tinha minha primeira arma para derrotar Sabine.

Mais um mês se passaria antes que eu descobrisse o que fazer.

Eu nunca considereei todas as consequências – eu simplesmente sabia que tinha que escapar do controle de Sabine e de Arthur. Eu não poderia morrer como escrava deles.

Eu não sabia como me sentiria depois, como seria minha vida, mas eu achava que perderia tudo e todos e essa foi a razão pela qual eu adiei as coisas. Enquanto isso, continuei a reunir coragem, dinheiro e joias – embora Arthur não fosse tão generoso agora que estávamos em casa. Eu continuava inventando desculpas por não usar a foto, mas finalmente, um dia, as coisas mudaram.

CAPÍTULO XIX



Simone – Dias Atuais

O alarme do celular de Simone a tirou do mundo de Lara. Em poucos minutos, seu primeiro paciente chegaria. Ela teve tempo de gravar uma mensagem para Carl, dizendo-lhe até onde havia chegado na história e relatando brevemente seus pensamentos sobre o que ela havia lido nos últimos dias e enviou para Carl através do WhatsApp.

A vida de Lara era um pesadelo, sem luz do dia entre um sonho ruim e outro. A garota tinha passado pelo inferno desde que era uma criança. Simone torcia pela menina enquanto lia, para que as coisas mudassem. Pelo menos ela estava de volta a sua família e Arthur tinha menos controle sobre ela.

Simone suspirou e concentrou sua atenção nas fichas do próximo paciente.

* * * * *

Philip, seu primeiro paciente naquela manhã, chegou no horário, com um sorriso no rosto e uma caixinha na mão. Ela tinha que admitir que ficava feliz com a visão daquelas pequenas caixas de doces que ele trazia. A cada semana ele vinha com uma nova delícia de açúcar.

– Doutora, eu asseï esses cookies bem cedo esta manhã. Eu até fiz o confeito de chocolate – totalmente caseiro. – Ele colocou a caixa na borda da mesa de Simone e sentou-se na cadeira em frente à poltrona onde ela sentava.

– Muito obrigada, Philip! Vejo que você parece estar muito feliz hoje.

– Oh, eu estou. Estou preocupado com a audiência, claro, mas também estou feliz. Eu terminei com a Leonora e voltei com minha esposa! – Ele levantou a mão esquerda e balançou o dedo anelar, exibia orgulhoso sua aliança de casamento de volta no lugar.

– Em um piscar de olhos... O que mudou?

– Bem, eu fui honesto sobre meus sentimentos com a Leonora e ela foi muito compreensiva – Ele baixou a cabeça e deu um risinho baixo. – Para dizer a verdade, ela jogou a casa toda na minha cabeça, mas eu sobrevivi. Depois fui ao apartamento onde minha esposa estava e lhe disse para fazer as malas porque a situação absurda terminara e ela precisava voltar para casa.

– E o que ela disse?

Ele sorriu.

– Ela me perguntou por que levei tanto tempo para ir atrás dela!

– Isso é bom se você está feliz, mas ela deixou o namorado? – Ele assentiu.

– Chegamos a um acordo. Vou permitir que transem se eu puder assistir, mas apenas em casa e sob minha supervisão. E os dois não podem ter um relacionamento emocional. É um bom arranjo e já tivemos nosso primeiro encontro. Ele veio até nossa casa no sábado e tomamos algumas cervejas juntos. Ele é um cara engraçado.

“De volta ao normal?”. Sim, essa era a ideia de Philip de uma vida normal.

– E? – Ela perguntou.

– E depois de algumas horas de socialização, comecei a beijar minha esposa e o convidei para se juntar a nós. Foi sensacional! – Ele agia como se estivesse descrevendo um jogo de basquete ou algo assim. – Todas as outras vezes, eu assisti, ou ela estava sozinha com outros caras, e eu escutei, mas participar foi a primeira vez e foi incrível!

Em sua excitação, ele estava literalmente cuspiendo suas palavras, e Simone casualmente

mudou-se para uma cadeira um pouco mais longe dele, alegando que precisava de um lugar mais firme para se sentar. “É isso ou eu pego meu guarda-chuva.”, ela pensou.

– Nós a beijamos juntos, nossas línguas se enroscando, e então nós dois chupamos os seios dela... Eu deixei ele transar com ela primeiro e como eles tiveram um caso, nós concordamos que ele não usaria camisinha. E oh-meu-deus, foi tão incrível para mim porque ele gozou dentro dela, e eu pude ver o gozo nela, o que me excitou muito, fiquei louco.

“Você é louco! Não pensa em AIDS, DSTs, nada?”, Simone pensou e mordeu a língua para não falar.

– Eu peguei ela com tanta força, enquanto ele chupava os seios dela, e ela gozou um monte, e de repente, quando eu gozei, nós três estávamos enroscados, e ficamos assim, abraçados, e dormimos juntos naquela noite. No dia seguinte, ele me agradeceu por compartilhá-la. Eu acredito que o que temos é muito legal.

– Eu acredito que você está tentando aprender a compartilhar a mamãe, mas sua esposa não é sua mãe. Ela é o amor da sua vida, como você sempre reivindicou, então por que compartilhar?

– Eu tenho pensado, doutora. Talvez isso seja exatamente o que eu preciso para ficar excitado – quer dizer, talvez não seja uma doença ou um resultado de algum trauma...

– Isso decorre de um trauma, definitivamente, mas se você está feliz, verdadeiramente feliz, podemos considerá-lo um modo de vida.

– Eu sou grato por ter minha esposa de volta. Confesso que senti uma pontada de ciúmes quando a observei com o namorado, mas quando o vi sair e ela ainda estava comigo, fiquei feliz.

– Por ficar com as migalhas? Você não pode pensar em ter o bolo todo?

– O que você quer dizer?

– Talvez você não tenha que compartilhar sua esposa, Philip. Talvez você pudesse conversar e tentar um casamento normal, apenas entre vocês dois. Você já a perdeu uma vez e, em minha opinião, ela deixou você porque ela não gosta de ser compartilhada ou emprestada. Ela quer ser importante para você.

– Ela é o meu mundo!

– Mas você não transmite isso a ela que quando você diz que está tudo bem em compartilhá-la com outro cara...

– Sexo é tão bom quando eu faço isso!

– Eu acredito. Você consegue a satisfação da dor que o sadomasoquismo traz para você. Eu não tenho certeza se sua esposa está realmente bem com tudo isso, independentemente do que ela possa lhe dizer.

– O que você sugere, doutora?

– Que tal trazê-la no seu próximo horário? Eu gostaria de conversar com vocês dois juntos. – Ele assentiu.

– Ok. Eu vou perguntar a ela. Talvez seja uma boa ideia...

– Fale com ela, Philip. Eu quero ouvir ambos os lados sobre este assunto.

Eles conversaram sobre a audiência, que fora agendada para a semana seguinte, e Simone prometeu que estaria lá para apoiá-lo. Ele também mostrou a ela os resultados de seu teste de drogas de acompanhamento e ele estava absolutamente limpo – nenhum traço de quaisquer substâncias controladas.

Ele foi embora e Simone mal teve tempo para fazer anotações em seu arquivo antes que o próximo paciente chegasse. Essa seria a semana para lidar com pacientes e mentes perturbadas, autopiedade por estar sozinha e por causa de sua filha que queria permanecer longe.

* * * * *

Quarta à tarde Simone conversou com o general novamente via Skype. Ele parecia mais relaxado e, para seu espanto, usava uma camiseta! Ele sempre fora um tipo formal de homem, e de repente, parecia mais jovem e mais à vontade... Até mesmo o cabelo estava diferente.

– Boa tarde, Cezar, como está você?

– Ótimo, Dra. Bennet. E quanto a você?

– Bem obrigada. Você parece mais feliz.

– Estou! Muito mesmo. Mas também estou muito preocupado...

– O que aconteceu para deixar você feliz e preocupado ao mesmo tempo?

– Tereza! Eu segui seu conselho. A propósito, estou no Paraguai agora. Voltei para cá e liguei para Tereza, e disse a ela que precisava conversar seriamente com ela. Doutora, ela está mais bonita do que nunca!

– E como foi a conversa, já ocorreu?

– Sim e falei tudo a ela. Eu pensei muito e cheguei a uma decisão. Eu estou velho e esta pode ser minha última chance de felicidade. Eu tinha cinquenta por cento de chance de ouvir um não, mas também tinha cinquenta por cento de chance de ouvi-la dizer sim. Então, eu disse a ela tudo que sentia, que não conseguia tirá-la da minha cabeça e queria saber por que ela havia me deixado...

– Ela explicou?

– Sim! Ela me disse que não iria se contentar com as sobras – que ela não quer o homem de outra mulher, que está apaixonada por mim, mas que ama a si mesma mais do que a mim e não viveria sua vida nas sombras. Ela quer tudo ou nada!

Para Simone, Tereza parecia querer o que uma pessoa normal e razoável queria de um relacionamento. “Pelo menos alguém é relativamente normal neste mundo”, ela pensou.

– E você?

Os olhos dele baixaram.

– Isso é o que está me matando. O que devo fazer? Obter um divórcio? Abraçar uma vida com uma mulher anos mais nova que eu? Deixar minha família? Eu tenho netos! Mas eu prometi a ela que faria exatamente isso e agora... eu não sei o que fazer!

“Por que você prometeu se você não sabia que poderia manter sua palavra?”, Simone fechou os olhos e contou até cinco.

– Doutora?

Ela abriu os olhos novamente.

– Sim, Cezar. Deixe-me fazer uma pergunta. Se você soubesse que morreria amanhã, ou melhor ainda, no final da semana, você se divorciaria de sua esposa por Tereza?

– Claro que sim, mas esse não é o caso! Eu não amo mais minha esposa. Eu não a amo faz muito tempo. Mas nós temos uma família e eu a respeito. Não é tão simples assim...

– Eu vou lhe falar algo Cezar... Você não sabe quando vai morrer, ok? Então aproveite sua vida da melhor maneira possível. Viva como se todo dia fosse o último dia. Deixe-me dizer-lhe uma coisa que aconteceu neste fim de semana. Uma das minhas pacientes, ela tinha oitenta anos e acabara de conhecer o amor da vida dela e em seguida morreu. Não de qualquer doença que ela tivesse – aconteceu simplesmente do nada. Você pode imaginar se ela tivesse decidido que estava velha demais para amar? Ela teria passado os poucos meses de vida que lhe restaram sozinha e triste. Pelo menos ela morreu feliz, amando e vivendo.

– Muito filosófico, doutora, mas não muito prático. Eu tenho bens. Eu terei que compartilhar.

– Se você sair com cinquenta por cento do que tem, não seria suficiente para você ter uma boa vida?

– Metade do que eu tenho seria suficiente para pelo menos quatro vidas...

– Então, pense no que é mais importante para você. É uma questão de valores. O que você mais valoriza? Seus filhos sempre serão seus filhos e, além disso, não são mais crianças. Você quer Tereza e quer viver uma história de amor? Tudo se resume em concluir o que é mais importante para você.

– Ah, Tereza... E a propósito, doutora, funcionou. Você estava certa.

Ela franziu a testa.

– O que funcionou?

– Meu pênis! Quando ela chegou ao nosso encontro, ele a cumprimentou... se levantou para ela como o cavalheiro que ele é, e permaneceu duro o tempo todo em que eu estava perto dela.

Simone tossiu para disfarçar uma risada, imaginando um pênis usando uma boina militar e em pé.

– Eu amo aquela mulher. Eu amo o perfume dela, eu amo o corpo dela, eu amo a mente dela! E ela é um demônio e não vai transar comigo até que eu me divorcie!

– Então, você tem que tomar uma decisão. Pense com cuidado, Cezar, a vida é curta e os caixões não têm bolso...

De repente, Simone percebeu o que ela dissera. O que estava acontecendo com ela? “Eu estou ficando louca”, ela pensou, “como fui dizer algo assim a um paciente?”. Talvez a morte de Theodora a abalara mais do que ela pensava.

– Você está certa! Eu vou pensar sobre tudo isso. – Eles conversaram por mais meia hora, na qual o general passou listando todas as melhores qualidades de Tereza, e então de repente mudou de assunto, e sua expressão ficou crispada, séria.

– Doutora, eu tenho que lhe falar algo... Fui informado de que meu filho esteve lhe cortejando...

“Perseguindo, na verdade”, ela pensou.

– Bem, eu não sei o que falar sobre isso, Cezar. – O rosto dela ficou quente. Ela tinha que fazer algo para pôr fim a isso – essa mistura de sua vida pessoal com sua vida profissional estava crescendo além de seus limites.

– Bem, eu espero que você não o leve a sério. Eu tenho que lhe dizer, Armando é um bom menino, mas ele é estranho quando se trata de mulheres. Ele é sempre o Don Juan ou o cachorro...

– O cachorro? “Ele quis dizer realmente um cachorro?”

– Sim, abana a cauda e se humilha se as mulheres não o querem.

– E se elas querem?

– Ele corre delas como se fossem o diabo. Ele diz que quando as mulheres estão ansiosas demais, você não deve confiar nelas porque ou são podres ou são ardidas – ninguém oferece uma boa refeição de graça.

“Como um pedaço de carne, uma bela maneira de pensar nas mulheres”, Simone refletiu com ironia, mas ela também silenciosamente agradeceu ao general pelas informações. Ele tinha acabado de dar uma ideia de como ela poderia se livrar de Armando.

– Eu não pretendo ter um relacionamento com seu filho, Cezar. Armando e eu tivemos uma aventura de verão, mas acabou.

– Eu tenho que avisá-la... Não é isso que ele fala para as pessoas. Ele está dizendo a todos

que ele encontrou o amor da vida, então estou preocupado que ele comece a perseguir você.

“Tarde demais”. Ele já estava fazendo a vida dela um inferno, mas ela manteve seus pensamentos para si mesma, não queria compartilhar seus problemas com um paciente.

– Eu posso lidar com ele – disse ela, tanto para si, como para o general.

Simone se despediu de Cezar e decidiu terminar o dia lendo mais um capítulo da incrível vida de Lara.

O Diário de Lara

Uma tarde, Arthur me disse para ir ao apartamento. Quando cheguei, para minha surpresa, ele estava lá com outro homem. Desde que retornamos de Paris, só fizemos sexo juntos – só nós dois... sem terceiros.

No momento em que entrei na sala e vi o cara, um homem muito mais velho que Arthur, pude sentir a energia sexual no ar. O cara tinha uma barriga redonda caindo sobre a cintura da calça e quase nenhum cabelo. Lábios cheios dominavam seu rosto redondo e eu estremei. Nem em um milhão de anos eu iria transar com aquela aberração.

– Vem cá, querida, eu quero lhe apresentar a James, um amigo meu.

– Olá, James. – Eu falei de longe, recusando-me a me aproximar do sofá onde eles estavam sentados tomando uma bebida.

O homem ignorou meu alô e falou com Arthur.

– Meu amigo, ela é uma beleza.

– Sirva-se... a pele dela é tão macia quanto veludo, você vai ver. – Arthur me ofereceu como um pedaço de carne – um hábito que ele desenvolveu durante nosso tempo na França. Mas ele nunca havia escolhido um homem como aquele, e fiquei nauseada só de pensar em James colocando as mãos em mim.

– Não, Arthur, eu não vou deixar ele me tocar.

Arthur olhou para mim com uma expressão muito surpresa.

– Claro que você vai. Vamos colocar essa coleira em você.

Ele tinha uma coleira de cachorro que ele usara comigo quando estávamos na França, e ele se levantou e veio na minha direção.

– De jeito nenhum! Eu já disse! É nojento.

– Cale a boca, sua putinha! Você pertence a mim, você faz o que eu digo para você fazer! Venha aqui.

– Arthur, se ela não quiser, não insista. Eu não ficaria com uma mulher contra a vontade dela...

– Ela está apenas jogando duro com você, James, não se preocupe.

– Eu não estou! Eu não quero você! – Eu gritei para o homem.

Arthur veio até mim, agarrou-me pelo braço e me jogou na direção do sofá. – Pode tocá-la.

– Não, Arthur. Desculpe meu amigo, mas eu não vou participar disso.

Ele se levantou para sair e o rosto de Arthur se contorceu em uma expressão de fúria.

– Ela é só uma vadia da qual podemos desfrutar sempre que quisermos. Ela é bem paga pelos seus serviços.

Eu não pude mais aguentar

– Eu não sou uma prostituta. Eu não sou. Eu não sou uma puta. Eu sou uma estudante!

– Arthur, eu vou embora – disse o homem. Ele olhou para mim. – Você vai ficar bem? Quer vir comigo?

– Ela fica! – Arthur gritou antes que eu pudesse responder.

Assim que o homem saiu, Arthur agarrou-me pelos cabelos e me arrastou para o quarto e para a cama. Eu lutei como eu podia. Eu não permitiria que ele me tocasse, não hoje. Hoje, a coragem que eu havia reunido ao longo do tempo estava do meu lado e ele me fez sentir mais degradada do que eu poderia imaginar que fosse possível sentir, e então eu lutei. Ele era mais forte do que eu e rasgou minha blusa, levantou minha saia pregueada e arrancou minha calcinha.

Ele parecia louco. Eu acho que ele estava sob a influência de algum tipo de droga, porque eu nunca tinha visto ele assim antes. Eu lutei muito e ele me deu um soco na cara – o primeiro no nosso relacionamento doentio. Ele me bateu com o punho fechado e eu desmaiei com a dor.

Quando acordei, estava sozinha no apartamento e estava escuro. Eu tinha sêmen entre minhas pernas. Ele havia me estuprado enquanto eu estava inconsciente! Meus instintos de sobrevivência me disseram que era hora de terminar isso. Antes que ele me matasse ou eu o matasse. Ele estava se tornando violento e algo de ruim aconteceria.

Eu vi meu rosto no espelho no meu caminho para fora do apartamento, e preendi a respiração. Meu olho estava inchado, meu rosto todo vermelho, meu cabelo em total desordem. Penteei o cabelo com os dedos, arrumei as roupas o melhor que pude e saí do apartamento.

Quando cheguei na portaria, o porteiro não me perguntou o que acontecera, ele simplesmente virou o rosto, mas eu não fiquei surpresa. A vida, eu já havia aprendido, era assim. Algumas pessoas se afastavam das coisas que os perturbavam. Viam apenas o que queriam ver.

Quando saí para a calçada, mais preocupada com a maneira como eu chegaria em casa, a porta de um carro estacionado nas proximidades se abriu e James me chamou.

– Venha cá garota. Eu vou levar você para onde você quiser ir. O que ele fez com você? Eu sinto muito. Foi minha culpa. Ele me disse que tinha uma garota de programa sensacional, mas você é apenas uma menina... Entre aqui, deixe-me levá-la para casa.

Eu não estava em condições de recusar ou responder. Entrei no carro, dei-lhe o endereço e ele me deixou em frente da minha casa. Eu tinha esquecido as chaves e tive que tocar a campainha. Para minha sorte, meu pai abriu a porta para mim e eu não consegui mais conter minhas emoções.

Como se uma represa tivesse quebrado, minhas lágrimas começaram a rolar pelo rosto. Eu não conseguia falar, de tanto que chorava. Ele pegou minha mão e me levou para o meu quarto, me deu um copo de água, me sentou na minha cama e pacientemente me escutou.

Eu contei tudo ao meu pai. Eu não podia fingir mais. Contei-lhe tudo o que havia acontecido desde o primeiro dia – sobre os convites de Arthur para sorvetes, sobre nossa viagem a Paris – apenas deixei de fora a parte sobre Adrien e os outros homens com quem Arthur e eu nos relacionávamos. Eu não sei por que eu acreditava que precisava manter esse tipo de coisa em segredo, mas eu fiz.

Eu chorava muito e soluçava, e ele ficou lá, sentado em uma cadeira ouvia atentamente e quando terminei a história, ele suspirou, se levantou e sentou na cama ao meu lado.

– Por que você não falou comigo ou com sua mãe? Para Emms? Você sempre a amou. Sua mãe levou você para a França. Ela poderia ter impedido você de ir, querida.

O momento que eu mais temia na vida havia chegado, mas eu tinha que contar a verdade. Eu não tinha forças para mentir mais.

– Eu contei à Sabine... ela foi a primeira pessoa para quem contei, no primeiro dia em que Arthur me tocou... e ela me deu um tapa e me disse que eu era uma mentirosa. Mais uma vez, quando ele me estuprou, eu disse a ela, e ela disse que era tudo culpa minha e disse que eu tinha que fazer sexo com ele sempre que ele quisesse, porque a família dele nos ajudava. Eu

disse a ela que ia contar para você e Emms, e você iria impedi-lo de me tocar, mas ela me disse...

Eu não consegui terminar minha frase. Eu comecei a soluçar de novo, com força. Esse foi o momento que mais temi na minha vida, o momento da verdade. Meu pai me abraçou e esperou que eu me acalmasse novamente.

– O que ela disse a você, Lara? – Ele perguntou depois de que eu consegui me acalmar um pouco.

– Que eu não sou sua filha. Que ela estava grávida do bebê de outra pessoa, e o homem não se casaria com ela, então ela escolheu você... eu não sou sua filha e ela disse que lhe contaria tudo e eu perderia você, Emms e as crianças. Ela disse que ia me mandar morar com a vó Shirley!

– Meu Deus, Lara, o que fizemos com você! Perdoe-me, meu bebê, por ser um pai tão ausente. Como eu pude não ver tudo isso acontecendo bem debaixo do meu nariz? Lara, amor, você é minha filha, você se parece exatamente com a sua avó. Sua mãe mentiu para você. Você é minha filha mais velha e querida, e eu amo muito você. Por favor, me perdoe! Me perdoe.

Ele ajoelhou perto de mim e colocou as mãos em posição de oração enquanto chorava e percebi que ele sempre confiara em mim e nunca duvidaria da minha palavra. Ele acreditou em mim e me disse que eu era filha dele!

Nós nos abraçamos e choramos juntos por um tempo, e eu me sentia segura em seus braços.

Mas então Sabine chegou...veio até meu quarto e abriu a porta

– Que está acontecendo? Vocês dois estão bem? O que houve? – Ela perguntou e entrou no quarto.

– O que você acha, Sabine? Deveríamos estar bem? – Meu pai olhou para ela com os olhos muito vermelhos e a expressão crispada.

– Bem, eu não vejo porque não. Tudo estava bem pela manhã.

E então ela viu meu hematoma.

– O que aconteceu com seu rosto, Lara? Você entrou em uma briga?

Ela olhou para trás e para frente entre meu pai e eu, e eu podia dizer que ela estava começando a ficar preocupada enquanto tentava adivinhar o que tinha acontecido. Então, de repente, meu pai ficou em pé e a agarrou pelo pescoço.

– Eu vou matar você, Sabine! Eu vou matar você com minhas próprias mãos!

Minha mãe gritou e começou a lutar. Uma empregada entrou correndo e tentou ajudar Sabine e eu pulei entre ela e meu pai, tentando separá-los. A última coisa que precisávamos era que meu pai fosse preso por matar aquela réptil. Ela não valia a pena.

Meu pai recuou.

– Você é uma imitação repugnante de um ser humano – ele gritou para ela. – Como você pôde fazer uma coisa dessas? Com sua própria filha! Você vendeu nossa filha! – Ele gritava e sua boca espumava.

– Eu não sei o que ela lhe disse, mas certamente é mentira! – Sabine disse, tentando se defender sem saber exatamente o que eu havia revelado.

– Tudo o que ela fala sempre é uma grande mentira!

Por um momento, eu me preocupei que meu pai acreditasse nela, mas então me lembrei de como me senti quando ele passou os braços em volta de mim e endireitei minha coluna.

– E o seu caso com o tio Ruggiero? – eu perguntei a ela. – Isso é mentira também?

Meus pais ficaram em silêncio por um momento, os dois me olharam fixo, em choque, então Sabine se virou para mim e tentou me bater. Eu me esquivei do golpe e corri para a minha

penteadeira. Ajoelhei-me para alcançar o buraco e retirei a foto Polaroid e dei para o meu pai.

Ele ficou ali parado, olhou para a foto por vários e longos momentos, e então pegou Sabine pelo braço e levou para fora do meu quarto até o quarto deles. A porta do quarto deles bateu e durante uns vinte minutos eu os ouvi gritar e Sabine chorar. Depois disso, a casa ficou em silêncio.

Eu fiquei no meu quarto, sem saber mais o que fazer. Uma empregada me trouxe o jantar, mas eu não conseguia comer. Ela também levou gelo para o meu rosto, o que ajudou a aliviar bastante a dor. Depois eu dormi. Eu aprendi a dormir profundamente para escapar da realidade. Quando eu estava em apuros ou muito triste com alguma coisa, eu podia desaparecer em meus sonhos.

* * * * *

Acordei na manhã seguinte com Emms entrando no meu quarto. Ela carregava uma bandeja de café da manhã e sorria para mim enquanto a colocava na cama ao meu lado. Deve ser um sonho, eu pensei, mas ela sentou na minha cama e acariciou meu cabelo e, em seguida, inclinou-se e me abraçou. Deixei ela me abraçar e comecei a chorar de novo. De repente, todas as emoções reprimidas daqueles anos estavam de volta e eu não conseguia parar as lágrimas.

– Chore tudo o que você quiser, Lara. Eu estarei aqui para sempre. Você não precisa falar. Eu só quero te dizer que eu amo muito você, eu sou sua avó e nada neste mundo pode mudar isso. Eu prometo que farei o meu melhor para mantê-la segura! Eu sinto muito que você não tenha confiado em mim, para eu proteger você como deveria, mas eu não vou falhar com você de novo!

– Eu também amo você, Emms. Me desculpe por ter mentido para você e papai. Eu tinha tanto medo de perder vocês!

– Não fale, pequenina. Eu já sei tudo o que tenho que saber. Você não precisa me dizer nada que não queira. Estou aqui com você agora.

– Onde ela está? – perguntei e apontei em direção a porta.

– Sabine saiu de casa, baby, e ela não vai voltar.

CAPÍTULO XX



Simone – Dias Atuais

Simone sentiu uma sensação de alívio ao ler sobre o fim do casamento dos pais de Lara. Justiça poética, ela pensou. Ela enviou uma mensagem para Carl, atualizando-o sobre seu progresso e então decidiu ir para casa descansar. Ela merecia uma pausa depois de um dia tão longo. Ao sair do escritório, ficou surpresa ao sentir uma onda de felicidade, provocada pela melhora das circunstâncias de Lara. Ela sempre adorava quando o bem triunfava sobre o mal!

* * * * *

Na quarta-feira, depois de outro dia atarefado no consultório, Simone se preparava para sair para ir à audiência de Philip, quando Patricia chamou-a pelo interfone.

– Doutora, uma mulher está no telefone. Disse que o nome dela é Jane e que é a esposa de Philip. Ela quer falar com você. Eu não ia lhe incomodar, mas ela parece estar muito perturbada.

– Certo, pode transferir a chamada. Obrigada, Patricia. – Simone desligou o telefone e em seguida recebeu a transferência da ligação. Simone apertou o botão e pegou o fone.

– Alô, Dra. Bennet na linha, posso lhe ajudar?

– Graças a Deus encontrei você, doutora. Você não me conhece, mas eu sei o quanto você é boa para Philip. Eu estou no hospital com ele e o médico acabou de me dizer que ele está morto! Eu não entendo o que está acontecendo aqui. Ninguém me diz nada e eles não me deixam entrar para vê-lo. Como isso é possível? Ele simplesmente não pode estar morto! Você pode vir até aqui? Não tenho mais ninguém para ligar. Você é médica. Eles terão que explicar o que aconteceu para você!

Simone sentiu como se alguém tivesse lhe dado um soco no estômago. “Philip está morto? Impossível!”. A voz da esposa dele soluçando pela linha telefônica rompeu o silêncio chocado de Simone, e ela reuniu sua calma o suficiente para tentar acalmar a pobre mulher.

– Que bom que você me ligou. Em qual hospital você disse que está?

– Yale New Haven – Jane disse. – Por favor, doutora, você pode vir?

– Sim... Sim, claro, já estou indo para aí. – Simone verificou o relógio. O tráfego não deveria estar tão ruim nessa hora do dia. – Chego em uns vinte minutos, ok?

Jane murmurou algo que soou como “rápido”, e então a linha ficou muda.

Simone pegou a bolsa e as chaves e saiu do escritório às pressas. Entrou no carro e dirigiu o mais rápido que pode, sua mente bombardeada por pensamentos sobre o que poderia ter acontecido com Philip. Como ele poderia estar morto? Talvez a esposa dele estivesse enganada. Talvez ele estivesse apenas inconsciente...ou mesmo em coma. Mas não, isso não fazia sentido também. Os médicos não teriam dito para a mulher que ele falecera se não fosse verdade. Deus... Como isso poderia ser verdade?

Ela não tinha pensado em perguntar a Jane onde ela estaria esperando. O Yale New Haven Hospital era imenso. Philip teria sido levado para o pronto-socorro? Simone não conseguia se lembrar de Jane mencionar algo sobre ligar para o 911.

Depois de estacionar seu carro no estacionamento do departamento de emergência, ela atravessou as portas duplas correndo e se aproximou da recepção, procurando sua carteira. Ela se apresentou à recepcionista e mostrou suas credenciais.

– Estou aqui para ver um paciente que foi trazido mais cedo – disse Simone e deu à

mulher o nome completo de Philip. – Você pode me dizer em qual seção do hospital ele está?

A atendente, uma mulher de meia-idade com um rosto gentil e redondo, digitou algumas palavras no teclado e assentiu.

– Sim. Aqui está ele. Segundo andar, Neurologia Vascular. Parece que o doutor McMillan é o encarregado no momento.

– Obrigada.

Simone se virou e dirigiu-se ao conjunto de elevadores na extremidade da sala de espera da sala de emergência. Neurologia Vascular? O que em nome de Deus havia acontecido ao pobre Philip?

As portas do elevador se abriram e Simone entrou. Ela apertou o botão do segundo andar. Seus joelhos pareciam borracha, e ela se encostou na parede. Fechou os olhos, respirou lenta e profundamente e tentou se recompor. As portas se abriram e ela saiu.

A atmosfera lá em cima era completamente diferente do departamento de emergência. As luzes estavam um pouco mais fracas, e a área de estar estava vazia, exceto por uma mulher pequena, com cabelos castanho-escuros curtos e grandes olhos castanhos. Ela parecia perdida e muito frágil, ocupava uma cadeira entre muitas cadeiras vazias, e chorava baixinho segurando um lenço de papel amassado. Simone se aproximou dela com cuidado.

– Jane? – perguntou a ela. A mulher levantou a cabeça, mas sua expressão permaneceu vazia. Ela piscou os olhos cheios de lágrimas e assentiu.

– Olá, sou a Doutora Bennet. Nós falamos ao telefone há alguns minutos.

Jane ficou em pé e se jogou nos braços de Simone com um grito de desespero. Simone desajeitadamente deu um tapinha nas costas da mulher e tentou consolá-la o melhor que podia, mas estava abalada com a notícia e queria mais detalhes. Quando Jane se acalmou um pouco, Simone se desvencilhou do abraço da mulher e deu um pequeno passo para trás.

– Por que não nos sentamos? – Ela disse, e ajudou Jane a voltar para a cadeira. – Você pode me contar o que aconteceu? Como foi que Philip veio para o hospital?

– Eu não sei. Tudo estava bem – estávamos em casa e ele trabalhava em alguns papéis do escritório dele e, de repente, ele disse que não se sentia bem. Nós esperamos um pouco, mas ele começou a ficar pior, então eu insisti que viéssemos aqui. E então tudo que eu sei, é que um médico me disse que acham que meu Philip teve um aneurisma, mas ele disse que não tem certeza.

Jane começou a soluçar de novo, seu pequeno corpo chacoalhando na cadeira.

– Um aneurisma? – Simone sussurrou. Poderia acontecer com qualquer pessoa e em qualquer idade, mas Philip? Simone não podia acreditar. A vida realmente não era justa. Ela estava com raiva do universo. – Eu vou tentar encontrar o médico. Eu volto já.

Simone deixou Jane sentada na sala de espera e foi em busca do Dr. McMillan, que ela conhecia, eram colegas e ele também era professor em Yale. Ela o encontrou assinando alguns papéis em seu consultório.

A porta estava aberta, mas ela bateu mesmo assim.

– Olá, Charles.

Ele olhou para cima.

– Simone Bennet! Como você está? – Charles se endireitou e estendeu a mão. – Não vejo você há bastante tempo. Entre, por favor.

– Sim, eu tirei uma licença – Simone disse a ele, caminhando e apertando sua mão.

Charles era um homem excepcionalmente bonito e tinha uma daquelas vozes calmas e profundas que imediatamente deixavam seus pacientes e as pessoas a sua volta à vontade.

– Meu paciente, Philip Raymond, foi trazido para cá mais cedo. A esposa me ligou para dizer que ele acabou de vir a óbito. Ela está extremamente perturbada e, para ser sincera, também estou muito abalada. Você pode me contar o que aconteceu? Jane, a esposa, disse que lhe comunicaram que ele sofreu um aneurisma.

– Ah, sim. Ainda é um mistério. Ele chegou aqui há algumas horas e a emergência achou que ele tinha um aneurisma, então eles o enviaram para nós, mas menos de meia hora depois, ele estava morto. Fizemos o possível para ajudá-lo, mas temo que ele não tenha morrido de aneurisma, acredito que ele tenha tido uma overdose.

– Uma overdose? De que? – Simone lembrou do episódio de LSD de Philip, mas decidiu permanecer em silêncio. Pelo menos por agora.

– Ainda não sabemos com certeza. Nós vamos mandá-lo para a autópsia.

– Autópsia?

– Sim, você sabe bem que toda vez que há suspeita de que um paciente morreu de overdose, temos que checar. Você sabe, ele tem seguro, e então...

– Claro, mas é possível que os médicos do pronto-socorro tivessem razão, e ele tivesse um aneurisma? Ele não era um viciado.

– As chances são pequenas, eu temo. Mas, como eu disse, depois de concluir a autópsia, teremos certeza.

Simone odiava os médicos apesar de ser uma médica também, mas a calma dos médicos era perturbadora.

– Eu suponho que deveria contar para a esposa dele. Eu não sei como ela vai reagir com tudo isso. "E eu não sei como vou ficar calma o suficiente para dar a notícia quando eu também estou rasgada por dentro."

– Compreendo. A morte é difícil mesmo quando é esperada. Algo súbito assim... Bem, imagino que a esposa não esteja nada bem. – Charles balançou a cabeça.

"Ela e eu", Simone pensou. – Obrigada pelas informações, Charles. Eu falo com você depois.

Simone voltou para a sala de espera da neurologia. Embora temesse contar à esposa de Philip o que havia ouvido, Simone sentia que devia isso a Philip. Ela estava com o coração partido... O peito doía e ela tinha dificuldade em respirar fundo. Nada disso parecia real para ela. Ela realmente gostava muito de Philip e sentiria falta dele e de suas histórias e seus doces. Ela enxugou as lágrimas que escorreram para que a esposa de Philip não as visse.

Jane ainda estava no mesmo lugar em que estivera quando Simone saíra para falar com Charles. Simone se aproximou, sentou-se ao lado dela e tocou-lhe o ombro.

– Jane, eu sei o quão difícil isso deve ser para você – disse ela. – Você e Philip tinham acabado de voltar... – Jane levantou a cabeça e olhou para Simone.

– Nós dois estávamos tão felizes, doutora... Eu não posso entender como o destino pode ser tão miserável, tão mau para levar alguém como Philip. Ele era a melhor das pessoas!

Simone pegou as mãos pequenas de Jane nas dela, olhou para ela e disse:

– Ele era um bom homem e amava muito você. Eu posso lhe dizer que ele amava você mais do que tudo.

– Obrigada por dizer isso, doutora. – E começou a soluçar de novo.

Jane estava inconsolável, nada do que Simone disse parecia melhorar as coisas e, de fato, quando Simone a informou sobre a autópsia, a situação piorou.

– Por que eles vão cortá-lo em pedaços? Ele não é um viciado! Eu conheço meu Philip. O homem nunca usou drogas!

– Eu sei, mas é um procedimento padrão; eles têm que descartar uma overdose... Para fins de seguro.

– Eu não me importo com o seguro! Eu me preocupo em não ter meu marido cortado em pedaços!

– Não é desse jeito! Acalme-se, Jane. – Simone deu um tapinha na mão da mulher. – Será bom sabermos o que causou a morte dele.

Jane parou de discutir, mas ela continuou a chorar como se nunca fosse parar.

– Você deveria ir para casa – Simone disse a ela. – Descanse um pouco. Não há mais nada que você possa fazer aqui. Agora não.

Jane sacudiu a cabeça.

– Não. Eu não quero deixá-lo sozinho aqui...

– Oh, querida, ele não está mais aqui. É apenas o corpo dele lá embaixo.... Simone fez uma pausa e perguntou: – Jane, você acredita em Deus? No paraíso?

– Claro. – Jane fungou. – Todo mundo acredita, não?

“Na verdade, não”, Simone pensou, “alguns de nós, não”. Mas ela precisava acalmar Jane, e então Simone manteve seus pensamentos sobre a existência de Deus para si mesma.

– Bem, então você sabe que Philip não está lá naquela mesa de autópsia, certo? Ele está no céu, onde não sente dor alguma, e ele não gostaria que você ficasse aqui chorando, não é?

Jane fungou mais um pouco.

– Eu... suponho que você está certa. Eu não pensei nisso...

Simone suspirou.

– Então deixe-me levá-la até o seu carro, ok? Você dirigiu para cá, não foi? Ou você veio na ambulância?

– Eu dirigi. – Jane suspirou. – Parece que faz uma vida.

Simone conhecia o sentimento.

– Vamos. Vamos para casa. Os médicos ligarão para você quando tiverem os resultados da autópsia.

Depois de levar Jane até o carro e certificar-se de que ela estava bem o suficiente para dirigir, Simone deu a volta no hospital, a cabeça em parafuso enquanto tentava encontrar uma explicação razoável para a morte de Philip. Ela se aproximou do carro, olhou para a forma como havia estacionado. O veículo dela ocupava dois espaços na área de estacionamento do departamento de emergência.

Graças a Deus não havia sido rebocado. Ela destrancou a porta e entrou, prendeu o cinto de segurança e colocou a chave na ignição, mas depois suas mãos começaram a tremer. Seu corpo inteiro começou a tremer e ela se abraçou e se sentou curvada, a testa apoiada no volante.

As comportas se abriram e ela começou a chorar, inundada de ondas de tristeza e raiva pela perda de um de seus pacientes mais queridos, por quão estúpida a vida poderia ser às vezes. Seus soluços angustiados vinham de sua alma, e ela não tentou conter as lágrimas. Ninguém precisava dela para ser forte agora e ela estava cansada de ser forte o tempo todo.

Algun tempo depois, ela levantou a cabeça e olhou em volta. O sol estava se pondo, e ela soltou um suspiro, considerando que deveria seguir seu próprio conselho e ir para casa e descansar um pouco. Um pouco mais calma – calma o bastante para dirigir, pelo menos – ela ligou o carro e saiu do estacionamento, mas chorou durante todo o caminho para casa.

* * * * *

Na manhã de quinta-feira, sentindo o peso da realidade, Simone retomou suas atividades

diárias normais. Seu coração ainda doía, como se algo estivesse esmagando seu peito. Seus olhos estavam vermelhos e inchados de tanto chorar. Ela tinha literalmente chorado até dormir na noite anterior e maquiagem e corretivo não eram suficientes para cobrir as olheiras e manchas vermelhas do seu rosto.

Quando Simone chegou ao consultório, ela encontrou Edward no corredor. Ele deu uma olhada para ela e balançou a cabeça.

– Oi Simmie... eu sinto muito. Eu soube sobre o seu paciente. – Ele abriu os braços. – Venha aqui. Você parece não estar bem.

Soluçando, ela se jogou no abraço de Edward e enterrou o rosto no ombro dele. Ele a abraçou, acariciando-lhe os cabelos enquanto lhe dizia que tudo daria certo.

“Deus, tão bom estar de volta nos braços de Edward.” Ela sentia muita falta dele. Ele tinha o poder de acalmá-la como nenhuma outra pessoa no mundo. Mas quando as lágrimas dela diminuíram um pouco, ele se desvencilhou do abraço suavemente, e deu um passo para trás, colocando algum espaço entre eles novamente.

– Como você está? – ele perguntou a ela, as mãos descansando nos ombros dela enquanto a olhava nos olhos.

Embora ela adorasse a ideia de passar o dia nos braços de Edward, sentindo-se apoiada pela gentileza dele, ela se endireitou e recuou um pouco.

– Eu estou melhor. – Mas a voz dela tremeu. “Droga! Preciso encontrar uma forma de fechar esse meu maldito sistema hidráulico”.

– Certo. Patricia? – Edward chamou a secretária, que estava sentada em sua mesa no hall de espera.

– A Dra. Bennet não está se sentindo bem. Por favor, cancele todos os pacientes dela por hoje?

– Oh, não, não cancele! – Simone começou a refutar a ordem dele.

– Sim, cancele! – Edward disse, em um tom que não admitia argumentação.

– Não há nada de urgente em sua agenda, Dra. Bennet – disse Patricia. – Apenas seus pacientes regulares e eu posso ligar para remarcar. Não tem problema. – Ela olhou para Simone.

– Sinto muito por Philip, Dra. Bennet. Ele era um cara muito legal.

– Sim – Simone disse suavemente. – Ele era.

Patricia assentiu e voltou para sua mesa.

– Ok, está resolvido. – Edward colocou a mão no ombro de Simone novamente. – Você vai tirar o dia de folga.

– Eu não sei, Ed. Eu realmente não quero ir para casa sozinha.

– Fique aqui, então. Eu vou ficar de olho em você.

No final, Simone não tinha forças para discutir e passou as próximas horas apenas trocando algumas palavras com Edward e Patricia. Os dois eram muito compreensivos, e a gentileza deles ajudou-a muito em sua dor. Mas ao meio-dia, ela decidiu que era hora de ir para casa.

– Ok, querida... Se você se sentir bem o suficiente, vá para casa. – Edward disse, quando ela lhe informou que estava de saída.

– Mas se você ficar triste, você me liga, ouviu?

Quando ela saiu e caminhou até o carro, percebeu que Edward tinha feito mais do que levantar seu ânimo. Ela se sentia quase em paz novamente. Como se a vida não fosse tão completamente horrível afinal. Edward agia como no passado, por isso ela não se sentiu tão sozinha e deprimida.

Simone se sentiu melhor no caminho para casa e quando chegou, foi até a cozinha e pegou uma maçã na geladeira. Embora não estivesse com fome, ela precisava de algum sustento. Ela pegou a maçã, uma garrafa de água e sua bolsa, e foi até o escritório da casa.

Ela tinha duas opções, ela pensou, quando se afundou em uma poltrona grande em um canto. Ou ela podia se sentar e sentir-se infeliz, ou podia tentar distrair sua mente fazendo algo útil. Ela decidiu passar algum tempo lendo. Tirou o diário de Lara da bolsa e encontrou a página onde havia parado de ler.

O Diário de Lara

No dia seguinte ao que comecei a me referir como “Dia da Independência de Lara”, as coisas pioraram. Sabine saiu de casa, escoraçada pelo meu pai, que estava muito louco. Eu não sei o que perturbou mais – minha história ou a traição de Sabine. Talvez ambas e talvez minhas revelações fossem demais para o pobre homem suportar. Ele parecia estar à beira de um colapso nervoso.

Emms se instalou em nossa casa para estar mais perto de tudo e nos ajudar e, naquela manhã, saí do meu quarto para encontrá-la. Ao me aproximar da cozinha, ouvi vozes e percebi que Emms e meu pai conversavam, parei do lado de fora da porta, preendi a respiração e escutei.

– Eu vou matar aquele bastardo. Eu vou esmagar ele e o verme do pai dele e então eu vou matar Sabine!

– Filho, o que você está planejando? – Emms parecia preocupada.

– Eu vou pegar o merdinha primeiro e depois vou atrás do resto deles! Você estava certa o tempo todo sobre Sabine, mãe. Me desculpe, eu não queria ouvir.

Eu não conseguia ver o rosto do meu pai, mas a voz dele parecia cansada. Sem dúvida ele não tinha conseguido dormir na noite anterior.

– Larry, não faça nada estúpido. Você tem três filhos que dependem de você.

– Sim, eu sei, mas eles ainda vão pagar pelo que fizeram.

E em um exemplo claro de como a minha cabeça estava bagunçada naquela época, a primeira coisa que pensei ao ouvir as palavras de meu pai foi a segurança de Arthur. Em vez de silenciosamente aplaudir a ideia de que meu torturador – meu molestatador – finalmente receberia o que merecia, eu me encolhi de medo com a ideia de meu pai machucá-lo. Quão loucos e confusos meus sentimentos eram naquela época.

Eu corri para a cozinha e interrompi conversa. Havia quatro banquetas na ilha da cozinha e Emms ocupava uma delas, meu pai estava ao lado dela. Eu me aproximei dele e toquei seu braço.

– Pai, por favor, não machuque Arthur! – Eu implorei

Meu pai e Emms olharam para mim como se eu fosse maluca. Emms levou a mão à boca aberta e meu pai ficou rígido em uma das banquetas.

– Ele não é tão ruim assim. Eu tentei explicar o que eu não conseguia explicar para mim mesma. – Ele cuidou de mim. Foi... quer dizer... Ele acabou de perder o controle ontem, só isso. Eu não sei por que, mas...

– Meu bebê... – Emms me interrompeu, sua expressão séria. Ela levantou uma sobrancelha como sempre fazia quando estava chateada ou com raiva.

– O que ele fez com você... não foi cuidar de você! Eu sei que você pensava que era, mas a verdade é que ele roubou sua infância. Ele não é uma boa pessoa.

– Lara, eu não quero ouvir você falar mais uma palavra na defesa daquele vagabundo! – Meu pai estava gritando. – Eu não acredito no que estou ouvindo, como você pode defender um

homem que estuprou você, te usou e fez você mentir para sua família?

– Larry, acalme-se! Todos nós temos que nos acalmar aqui e eu vou procurar um terapeuta. Eu não sei se podemos lidar com essa situação sem ajuda.

– Estou saindo. Tenho que pensar! – Meu pai pegou a pasta do balcão e saiu da cozinha.

– Lara, você quer falar sobre isso? – Emms perguntou gentilmente.

– Eu não sei – eu disse com sinceridade. – É difícil falar sobre isso... Meus sentimentos estão todos misturados. Nos últimos anos, tudo o que eu queria fazer era me livrar de Arthur e Sabine, mas agora... Eu sinto como se não pertencesse. Não pertencesse a nenhum lugar. Eu não sinto como se alguém me quisesse. Arthur me queria, Emms... me sinto completamente perdida e sinto falta dele!

– Venha aqui, querida. – Ela abriu os braços.

Emms me abraçou apertado e eu deixei, mas eu tinha ficado sem lágrimas para chorar. Eu estava apenas com medo – naquele momento, a vida parecia tão imensa e tão complicada.

– Lara, eu entendo. Essa foi a sua vida durante muito tempo...quanto? Três anos?

– Quatro – eu murmurei, olhos baixos.

– Ruim ou terrível, você estava acostumada a isso e levará tempo para se ajustar a uma nova realidade. Mas tudo ficará bem. Eu prometo. Tudo que peço é que você confie em mim. Eu não vou lhe desapontar. Você pode compartilhar seus sentimentos comigo – não importa quais sejam eles – e tentarei ajudar você.

– É ruim sentir falta dele? – Eu consegui perguntar a ela, mesmo que eu temesse a resposta.

– Do que você sente falta exatamente, querida? – Ela correu os dedos pelos meus cabelos e a sensação era tão boa, tanto tempo que fiquei sem carinho.

– Eu não sei... Da atenção, saber que ele estaria lá esperando por mim, me querendo...

– Você gostava de fazer sexo com ele? – Emms perguntou com cautela.

– Sim. Não a princípio, obviamente, mas depois de um tempo, sim... – Eu fiquei com vergonha de admitir isso, mas eu prometi a mim mesma que nunca mais mentiria para Emms.

– Suponho que o sexo pode ser bom, mesmo quando é ruim – refletiu Emms.

– Você acha que um dia a vida vai voltar ao normal, Emms?

– Meu anjo... Eu não sei. Primeiro, temos que tentar estabelecer alguma normalidade para que possamos reconhecê-la quando a virmos. E então teremos que tentar viver de acordo com esses padrões. Não se force agora, Lara. Espere... Dê tempo às coisas. O tempo é como mágica, pode curar tudo. Eu não sei se poderemos esquecer e talvez não devêssemos. Mas podemos aprender lições com a situação e seguir em frente.

Eu soltei um suspiro triste e profundo.

– Vou tentar. Meu pai está chateado comigo.

– Não ele não está. Ele se culpa pelo que aconteceu com você e ele está chateado porque ele foi completamente cego para a falta de caráter de Sabine.

– Eu me culpo pelo que aconteceu comigo. Eu gostava de ter Arthur por perto quando eu era menina, eu adorava ser o centro das atenções dele... Foi ele quem primeiro me disse que eu era a culpada – ele disse que eu o enfeitiçava.

– Lara, nunca pense assim. – Emms pos a mão no meu peito.

– Nenhuma criança tem o poder de enfeitiçar um homem mais velho. Isso não foi culpa sua. Isso aconteceu porque Arthur tem uma completa falta de moral! – Emms olhou para o relógio. – Eu tenho que levar as crianças para a escola. Você quer ir comigo?

– Não, eu não quero que ninguém me veja com o rosto assim.

Até que meu olho negro voltasse ao normal, eu não queria voltar para a escola ou ser vista. Meu querido amigo Oscar me ligou e eu lhe disse que estava doente. Ele queria me visitar em casa, mas eu disse que minha doença era contagiosa. Tantas mentiras...

O caos reinou em nossas vidas a partir do dia em que contei tudo ao meu pai. Eu perdi o controle – se é que já tive algum – sobre a minha vida. As coisas aconteciam e eu me sentia como a única sobrevivente de um incêndio que destruía toda a casa e tudo o que havia nela. Eu tive que juntar os pedaços da minha vida, tentar consertar o álbum de família com as fotos restantes de outra época, e eu não tinha ideia de como fazer isso.

CAPÍTULO XXI



Simone – Dias atuais

O toque do celular interrompeu a leitura de Simone pouco tempo depois. Embora ela não reconhecesse o número, decidiu atender a ligação, de qualquer maneira.

– Simone? Boa tarde. – Ela reconheceu a voz imediatamente.

– Charles. Olá. Boa tarde.

– Estou feliz que você atendeu – disse ele. – Eu queria falar com você antes de falar com a viúva do Sr. Raymond.

– Sim. Claro. Eu suponho que isso significa que você tem más notícias...?

– Muito ruins, de fato. Você sabe se o Sr. Raymond tinha algum inimigo?

– Inimigos? Philip? Eu não sei, mas posso dizer que ele era um homem muito passivo. Nenhum problema com qualquer tipo de agressão...

– Ele tinha pensamentos suicidas?

Deus, por que ele não chegava logo ao ponto?

– Não – ela disse a ele. – Bem, uma vez ele mencionou algo sobre a morte ser um alívio, mas não era nada sério, e ele nunca tentou se machucar ou algo assim. E durante nosso último encontro, há três dias, lembro-me que ele parecia muito feliz. Ele nunca se mataria. Agora, por favor, você pode me dizer por que está me perguntando essas coisas?

– Eu suspeito que ele foi envenenado, Simone. O médico que fez a autópsia não encontrou vestígios de hemorragia interna, nenhuma evidência de abuso de drogas ou aneurisma, mas ficou muito intrigado com o cheiro de amêndoas amargas.

– Cianeto de potássio? – Simone franziu a testa.

– Sim, eles enviaram amostras para o laboratório e os resultados foram conclusivos.

– Não pode ser! Quem mataria um homem como Philip?

– Eu não faço ideia. Mas, obviamente, temos que denunciar à polícia. É possível – eu diria muito provável – que tenhamos um crime em nossas mãos. Eles vão querer iniciar uma investigação.

– Deus, pobre Philip! – Simone afundou em sua cadeira. – Obrigada por ligar e me contar. Se você souber de mais alguma coisa, por favor, me avise.

– Não há necessidade de me agradecer. – Charles suspirou. – Agora tenho que contar tudo isso para a viúva. Ela está de volta – no meu consultório aguardando enquanto falamos – e ela espera por uma resposta.

– Pobre Jane. Boa sorte, Charles!

– Obrigado. Tenho a sensação de que vou precisar de toda a sorte que conseguir. Esta é a pior parte da nossa profissão... – Ele suspirou novamente. – Eu falo com você mais tarde.

Em transe, Simone desligou o telefone. “O que fazer de tudo isso? Alguém poderia ter matado Philip, ou ele teve algum tipo de acidente bizarro? Talvez Leonora, a dominadora... Será que ela...?”. A mente de Simone se contorcia em busca de respostas.

A campainha tocou, assustando-a. Ela foi até a entrada da frente, ainda refletindo sobre as possibilidades.

– Quem é? – Ela olhou pelo olho mágico. – Oh! Edward! – Ela abriu a porta e apenas a visão dele levantou seu ânimo, e seu rosto ficou corado quando percebeu quão feliz ficou ao vê-lo. Ainda assim, ela conseguiu evitar sua reação. Em um tom mais moderado, ela acrescentou:

– Ótimo ver você. Por favor entre. – Edward entrou e a seguiu até a sala de estar.

– Você está bem, Simmie? Vim saber....

– Sente-se, Ed! – Ela acenou em direção ao sofá.

– Não, obrigado. – Ele balançou a cabeça. – Eu não posso ficar. Eu só queria ter certeza de que você está bem.

– Estou me sentindo completamente perdida, na verdade. – Simone balançou a cabeça. – Acabei de receber a notícia de que Philip foi envenenado!

– Envenenado? Mas eu pensei que o cara tinha morrido de um aneurisma!

– Não. Os resultados da autópsia voltaram hoje. De alguma forma, Philip ingeriu cianeto de potássio suficiente para matá-lo.

– Isso é horrível!

– Sim... Eu não posso imaginar quem poderia ter feito uma coisa dessas. Ele era uma das pessoas mais amáveis que eu conheci. Ele nunca mencionou inimigos, nunca disse uma palavra contra alguém. E além de seus problemas sexuais, ele parecia levar uma vida normal.

– Suicídio, talvez? Ele tinha acesso a esse tipo de substância?

– Ele era um contador, Ed. – Simone falou suavemente. – E eu tenho certeza que ele não tirou a própria vida.

– Ele tinha algum seguro? Talvez a esposa dele...?

– Não. De jeito nenhum. Eu estive com ela logo depois que ela recebeu a notícia de que ele tinha morrido. A dor dela era genuína.

Edward encolheu os ombros.

– Bem, estou sem ideias. Eu realmente sinto muito, Simmie. Eu sei que você gostava muito dele.

– Obrigada. – Ela respirou fundo. – Gostaria de ficar para jantar?

Simone adoraria ter a companhia de Edward. De fato, ela precisava dele para consolá-la, mas ela não podia dizer isso a ele.

– Oh. Hum, não... – Ele balançou a cabeça. – Eu não posso ficar. Vou jantar com Noah e Carla. – Ele checkou o relógio. – Na verdade, se eu não sair logo vou me atrasar.

Ela mostrou-lhe a porta, deu-lhe um abraço e agradeceu-lhe novamente por ter ido até a casa dela. Enquanto ela observava ele caminhar até seu carro, escorada no batente da porta, seu coração afundou. Ele iria levar o filho para conhecer Carla? O relacionamento estava sério se ele estivesse levando o filho com ele. E ela retornou para dentro e trancou a porta para enfrentar outra noite solitária.

Simone ficou desapontada e doeu saber que seu amigo a deixaria sozinha, sabendo o quão triste ela estava, para ir jantar com a namorada. De repente, Edward parecia uma pessoa diferente, mais egoísta do que o homem a quem ela estava acostumada.

“Simone, volte ao trabalho e tire esse homem de seus pensamentos”, ela comandou a si mesma. “Esqueça a velha amizade, ela não existe mais.”. Ela retornou ao escritório, pegou o diário de Lara e voltou a ler.

O Diário de Lara

Dois dias depois, meu pai foi parar na cadeia. Como eu acho que mencionei antes, tenho o mau hábito de espionar conversas de adultos. Pelo que eu consegui ouvir da conversa por telefone entre meu pai e Emms, papai estava com problemas. O que eu não consegui descobrir foi de que tipo. Eu entrei na sala de estar onde Emms tinha acabado de desligar o telefone onde falava com meu pai, pensando que eu poderia descobrir o que estava acontecendo.

– O que aconteceu, Emms?

– Seu pai deu uma surra naquele merda do Arthur! Larry foi ao apartamento de Arthur e quebrou o rosto dele, quebrou o nariz, algumas costelas e mandou o cara para o hospital. Ruggiero deu queixa e seu pai me ligou para socorrê-lo. Era ele no telefone agora mesmo.

– O que você vai fazer? – Eu queria perguntar como Arthur estava, mas eu não ousei. Eu estava preocupada com meu pai.

– Tentar livrar seu pai da cadeia! – Ela pegou sua bolsa e as chaves do carro na parte de trás do sofá, mas quando se dirigiu para a porta, tive uma ideia.

– Não vá para a cadeia – eu disse a ela. – Fale com o tio – com o pai de Arthur – e diga a ele que se ele não retirar as acusações, você vai pegar a foto dele com minha mãe e entregá-la à imprensa.

Emms olhou para mim, obviamente surpresa com a minha sugestão. Ao menos penso que ela ficou. Eu não era a criança que ela conhecia – eu mudara muito durante meu tempo com Arthur. Eu poderia dizer que ela não estava exatamente satisfeita comigo por sugerir que ela usasse chantagem porque apertou os lábios e franziu a testa. Mas ela não me repreendeu nem me admoestou.

– Dê-me essa foto – disse ela. – Deixe-me ver isso.

Eu corri para o meu quarto, peguei a foto, então corri de volta e entreguei para ela. A fotografia estava um pouco enrugada, mas a imagem estava claramente visível.

Emms ligou para um advogado e contou sobre a briga e a foto. Eu estava preocupada que ela contasse a ele sobre o que tinha acontecido comigo – o que levou meu pai a atacar Arthur –, mas a única coisa que ela disse foi que minha mãe estava tendo um caso. Claro, isso não explicava porque meu pai tinha quebrado o rosto de Arthur e não o de seu pai, mas o advogado não fez perguntas. Ele apenas ouviu e disse que iria ajeitar tudo, pelo que percebi. Ela também disse a ele que meu pai queria a custódia das crianças. Depois de fornecer ao advogado todas as informações de que ele precisava para aquele momento, Emms desligou e se virou para mim.

– Vamos tomar um chá – disse ela. – Tudo ficará bem...

– Eu prefiro um copo de uísque – eu respondi sem pensar. Durante meu tempo em Paris, eu bebia sempre que queria, sem pedir permissão. Desde que voltara aos Estados Unidos, continuei a beber, mas fui esperta o suficiente para saber que meu pai e Emms não ficariam felizes com isso, então mantive meu hábito em segredo. Até aquele momento, de qualquer maneira ...

– Desculpe? Não me diga que ele permitia que você bebesse!? – Emms estava muito chateada, a cara de surpresa que ela fez era até engraçada.

Eu deveria ter dito a ela a verdade, como eu prometi a mim mesma que faria, mas a verdade era que eu praticamente bebi meu tempo todo com Arthur, minha coragem aumentava com álcool, eu me escondia atrás de uma garrafa ao invés de enfrentar meus medos.

Eu pensei por um momento em como eu poderia responder para sair daquela... Emms e meu pai culpavam Arthur por tudo agora. E honestamente, eu decidi, parecia justo deixá-lo pagar. Naquele momento, senti um sentimento avassalador em relação a Arthur – um desejo de vingança. A ideia me pegou completamente surpresa, e mais uma vez eu decidi mentir, esqueci completamente da minha promessa, mas me perdooi racionalizando que eu não estava mentindo, exatamente... Eu estava me vingando. Mas eu também não queria que Emms pensasse que eu era uma causa perdida.

– Bem, sim – eu disse e baixei os olhos. Apesar de ter me convencido de que tudo de errado na minha vida poderia ser rastreado até Arthur, eu ainda não conseguia olhar Emms nos olhos.

– E quantas vezes você bebe por semana?

– Uma vez por dia... pelo menos.

Isso aparentemente foi demais para Emms ouvir. Ela se largou no sofá, seu rosto uma máscara de emoções, e eu poderia dizer que ela tentava ser forte por mim, ou ela teria chorado naquele exato momento. Ela parecia destruída e tinha lágrimas nos olhos.

– Meu bebê... precisamos ter uma conversa séria. Você não pode continuar assim. Você está me assustando. Você tem um problema sério se estiver bebendo todos os dias. Isso é alcoolismo!

Eu podia ver que Emms estava muito preocupada. Ela parecia ter envelhecido nos últimos dias, tantas rugas se formando ao redor de sua testa e olhos. Ela me olhava fixo e eu senti como se ela estivesse tentando ver dentro de mim, tentando descobrir a extensão dos meus danos. Eu não podia preocupa-la desta forma.

– Emms, eu posso parar se eu quiser. Eu não sou alcoólatra. – Mas eu não tinha tanta certeza disso, porque me lembrei que também era neta de Shirley, e ela era uma alcoólatra, então talvez eu tivesse herdado aquela semente ruim.

– Vamos descobrir isso juntas, meu raio de sol. Nenhuma neta minha será alcoólatra. – E eu tinha certeza de que não seria uma, não importa como, Emms não deixaria isso acontecer.

CAPÍTULO XXII



Simone – Dias atuais

Simone podia sentir a tristeza da avó de Lara por todos traumas e revelações feitas pela menina em um curto período de tempo. A mulher era uma leoa, determinada a ajudar sua família e tentar ajudar sem pressionar a menina. “Era uma mulher boa e sábia e também forte”, pensou Simone.

Ela enviou a Carl uma mensagem sobre seu progresso, e ele respondeu rapidamente com apenas um ícone de uma carinha sorridente. Ele queria dizer que estava feliz com o progresso, mas com preguiça de responder? Ela odiava quando as pessoas respondiam uma mensagem com um ícone!

Simone precisava clarear um pouco a cabeça e, para ela, não havia melhor maneira do que organizar algo. Ela decidiu organizar o guarda-roupa. Foi até o quarto, abriu a porta do armário e começou a separar os vestidos. Pela primeira vez, ela percebeu o que Peter quis dizer quando falou que sua roupa era sem graça, depois que ele entrou em sua casa viu suas coisas.

Todos os vestidos eram escuros e justos projetados para o trabalho, somente dois mais coloridos que ela comprara durante sua viagem a Miami, graças aos conselhos de Arami, que dissera a Simone que precisava mostrar um pouco os ombros.

Simone pegou todos os vestidos e os jogou na cama. Ela começou a escolher alguns para doar para a caridade, mas a maior parte ela decidiu guardar para trabalhar. No entanto, ela prometeu a si mesma que iria o mais rápido possível comprar roupas novas, mais adequadas para horas de folga. Mesmo que a vida dela não fosse divertida, pelo menos ela poderia se vestir de uma maneira que a fizesse se sentir um pouco mais feminina, um pouco mais bonita.

Duas horas depois de abrir o armário, ela tinha pelo menos cinco sacos de roupas para doar e muito espaço em seu guarda-roupa. “Você precisa de espaço em sua vida se quiser roupas novas. O mesmo vale para um novo relacionamento.”. Ela podia comprar roupas novas agora e, como não tinha ninguém em sua vida, talvez encontrasse alguém para preencher esse espaço vazio também.

* * * * *

Simone acordou cedo no sábado e decidiu sair para uma corrida. O vento em seu rosto e o esforço a fizeram se sentir viva, e ela se sentia melhor quando voltou para casa.

Quando ela se aproximou de sua casa, ela notou um carro estacionado na frente e um homem batendo em sua porta.

“Ah, não. Não o Armando. Hoje não.”.

Ela o evitava como a peste, mas ele era um homem insistente. Ele telefonara para o celular dela pelo menos dez vezes por dia na semana anterior até que ela bloqueou o número, mas ele descobriu o número do telefone do seu consultório e começou a ligar para lá, mas Patricia era muito inteligente e evitou que ele incomodasse Simone, e aí ele começou a ligar para a casa dela...uma verdadeira dor de cabeça.

Simone ficou nervosa e pensou em mandar ele para o inferno, mas depois ela se lembrou de sua última conversa com o general, decidiu tentar mudar suas táticas para se livrar dele.

– Olá, Armando, é bom ver você aqui!

Ele pareceu surpreso, levantou a sobrancelha ao receber uma saudação alegre.

– Bom ver você, minha querida. Você está absolutamente maravilhosa nessas roupas de

ginástica!

Ela ofereceu o rosto coberto de suor para ele para um beijo, e para seu desagrado, ele pressionou seus lábios finos contra sua face. Ela pegou as chaves de dentro do seu bolso e colocou na fechadura, mas no mesmo momento, Lola, sua empregada, abriu a porta para ela.

– Dra. Bennet, bom dia. Ouvi a porta e não sabia que era você.

– Bom dia, Lola, este é Armando, um amigo. Por favor, cuide dele enquanto eu tomar um banho.

Simone passou pelo menos quarenta e cinco minutos tomando banho, esperava que o atraso pudesse aborrecer o sujeito, mas aparentemente ele tinha a paciência de um santo. Quando ela finalmente se juntou a ele em sua sala de estar, lá estava ele, todo sorridente, com uma muito atenciosa Lola servindo café e falando espanhol com ele.

– Como vai você, Simone? Estou tentando falar com você a semana toda!

– Ah, eu sei... mas tive uma semana muito difícil. Acabei de perder outro paciente. Ele foi envenenado e eu não estava me sentindo bem.

Ela silenciosamente pediu desculpas a Philip por usar sua morte como desculpa.

– Desculpe, eu não soube disso! Você deveria ter me contado. Eu estaria aqui imediatamente!

O pensamento: “Justamente a última coisa que eu gostaria”, cruzou pela mente dela.

– Eu não queria incomodá-lo com meus problemas. Você pode pensar que eu só ligo para você quando algo dá errado. Você gostaria de uma bebida mais forte, ou você está bem apenas café?

– Um uísque seria ótimo. – Ele sorriu

Simone foi ao carrinho de chá que fazia as vezes de bar, pegou uma garrafa de rótulo dourado Johnny Walker e despejou uma dose em um copo de cristal curto.

– Gelo?

– Não, obrigado.

– Aqui está seu uísque. – Ela entregou o copo para ele.

– Obrigado. Eu realmente senti sua falta, Simone, tanto que eu decidi vir para cá, apesar de não ter conseguido falar com você.

– Eu também senti sua falta e quero ter uma conversa séria com você ...

– Sobre? – A cara dele era de desconfiado

– Sobre nós dois. Eu estive pensando e você está certo. Nós precisamos ficar juntos. Eu não posso ter medo.

O sorriso dele se transformou em um enorme sorriso e ela continuou.

– E acho que devemos nos casar em breve. Estou velha demais para um longo namoro. Além disso, vamos nos instalar em Miami antes que minha filha chegue. Eu não lembro se eu lhe disse, mas eu tenho uma filha... uma garota complicada... problemas com drogas, sabe?

Simone mal conseguia manter a cara séria, mas ela estava desesperada para se livrar do cara e disposta a tentar quase qualquer coisa.

– Eu a mandei para o exterior para a reabilitação e ela vai voltar em breve, então ela vai ter que viver com a gente.

– Você está brincando comigo? – O olhar enviesado dele dizia que ele não estava acreditando nas palavras dela.

– Não, mas não se preocupe, ela está limpa agora. Pelo menos, espero que esteja... Sabe como são essas coisas, recaídas, roubos para comprar droga, reabilitação... – Simone fez uma careta.

Armando parecia muito desconfortável com a situação. Ele olhou para ela, um olhar estranho em seu rosto. Simone lembrou as palavras do general. “Corra para ele e ele fugirá de você...”.

– Você não gostou da minha proposta, Armando?

– Claro que sim. Estou muito surpreso, mas feliz. Eu vim aqui pensando que ia ser rejeitado, e agora isso... Estou muito feliz, Simone! Acabei de descobrir que você é o amor da minha vida e agora você me pede em casamento! Você é uma mulher maravilhosa, tão moderna.

Simone olhou para ele, atordoada. “Que diabos? Por que ele não estava correndo? Não deveria estar a meio caminho da porta agora? Como saio dessa?”. Ela agira como uma idiota por nada!

– Armando... eu estava... eu estava brincando. Realmente, eu não tenho os mesmos sentimentos por você. Eu... desculpe... mas não... não podemos ficar juntos... não vamos ficar juntos. Eu estava tentando parecer maluca para você poder ver que não temos nada a ver...

– Como você ousa tirar sarro de mim? O que você pensa que eu sou? Um de seus pacientes malucos?

Deixou cair o copo no chão quando saltou do sofá e Simone não teve tempo de reagir antes dele se aproximar e colocar as suas mãos ao redor da garganta dela.

– Ouça-me, sua vadia! E ouça atentamente! Você não vai tirar sarro de mim, você vai começar a me respeitar!

Simone estava ficando tonta com a pressão dos dedos em sua garganta, e ela não podia mais lutar.

– Lola! – Foi tudo que conseguiu falar com a voz estrangulada.

– Dra. Bennet! O que houve? – Lola correu até a sala e foi até Armando, em espanhol e nenhuma delas parecia agradável.

Armando teve que soltar o pescoço de Simone para se defender do ataque de Lola, e eles gritaram um com o outro em espanhol por vários segundos.

Lola agarrou Armando pela manga e começou a arrastá-lo para a porta da frente. Quando chegaram ao batente alguém bateu na porta e Armando parou de resistir. Simone passou por ele e abriu a porta rapidamente, assustada ao encontrar dois policiais em pé na varanda da frente. “Lola ligou para a polícia? Quando?”.

Ao lado dela, Armando assumiu uma expressão calma.

– Dra. Bennet? – Um dos policiais falou. – Sou o oficial Alfred e este é o oficial Montgomery. Desculpe incomodá-la em um sábado, senhora, mas gostaríamos de falar com você sobre seu paciente, Philip Reynolds. Você tem um momento?

“Sim, com certeza. Fique o tempo que quiser”, pensou ela.

– Bom dia, oficiais, podem entrar. Meu... amigo aqui está de saída.

Ela manteve a porta aberta e deu um sorriso enviesado para Armando, depois que os dois policiais entraram em sua casa, e Armando passou por ela enquanto saía, inclinando-se para sussurrar.

– Se você acha que vai se livrar de mim assim, está muito enganada.

– Por favor, Lola, acompanhe Armando enquanto eu falo com os oficiais.

Simone se virou para os policiais e os convidou a segui-la para outra sala e para sentar. “Você tem problemas Simone...quando se é grata por ter policiais aparecendo na sua porta...certamente tem problemas”, pensou ela. “Pense em uma manhã de sábado turbulenta!”.

– Dra. Bennet, estamos investigando o assassinato de Philip Reynolds. Você pode nos contar o que sabe?

– Claro. Ele foi meu paciente por algum tempo e eu gostava muito dele.

– Ele comentou com você sobre algum inimigo que tivesse? Ou deu indicações de que temia que alguém pudesse matá-lo?

– Nunca! Ele era muito gentil e nunca falou sobre entrar em brigas ou algo assim.

Eles fizeram várias perguntas padrão, queriam que ela lembrasse dados que pudessem ajudá-los.

– Ele foi preso há algumas semanas e tomou algumas drogas – disse o policial Montgomery.

– Oficial, eu tenho certeza que alguém o drogou naquela noite. Ele tinha medo drogas. Eu também acho que alguém o envenenou. Ele não era o tipo de homem que teria cometido suicídio, e ele não era do tipo festeiro.

– Você tem certeza?

– Sim, tenho certeza.

– E a esposa dele?

– Ele era apaixonado por ela e parecia feliz. Eles ficaram separados por algum tempo, mas voltaram recentemente.

– Ele tinha alguma amante? – perguntou o Oficial Montgomery olhando fixo para Simone.

– Enquanto ele estava separado da esposa, ele teve uma namorada, ela era uma dominadora... E eu acredito que você deveria investigá-la um pouco mais, porque no dia em que ele teve problemas com drogas na boate, ela estava lá, e ele foi envenenado logo depois que eles terminaram.

– Você acha que alguém o matou por algum tipo de vingança ou um crime passionai? – perguntou o oficial Alfred, tomando notas em um bloco.

– Eu não sei, e não quero apontar dedos, mas o relacionamento dele com a dominadora sempre me pareceu estranho. Talvez eu esteja sendo parcial por causa da profissão dela, mas você não pode chamar um relacionamento normal quando um dos parceiros mantém o outro amarrado em cordas.

Simone externou e deu toda a informação que podia sobre o relacionamento de Leonora e Philip, e os oficiais pareciam satisfeitos.

– Obrigado, Dra. Bennet, agradecemos sua ajuda. Se você se lembrar de mais alguma coisa que pode nos ajudar, por favor, nos ligue.

O Oficial Montgomery estendeu um cartão com números de telefone para Simone. Ela se sentiu como se estivesse em um filme.

– Por favor, me mantenham informada. Eu realmente gostaria de saber o que aconteceu com Philip.

Enquanto os policiais se encaminhavam para a entrada o telefone tocou, ela atendeu, mas ninguém respondeu. Tudo o que ela podia ouvir era algum tipo de música tocando ao fundo, mas não disseram nada. Armando. Ele sabia tudo sobre o seqüestro dela. Devia estar fingindo ser Peter para incomodá-la. “Inferno de homem!”.

Quando os policiais foram embora, o telefone tocou várias vezes. Cada vez que ela atendia, uma música ao fundo apenas. “Isso tem a cara do Armando”.

– Armando, deixe-me dizer uma coisa – disse ela quando atendeu mais uma vez ao telefone e ouviu a música – Vá para o inferno! Pare de me perseguir, ou eu vou falar com sua família para que eles possam colocar você em uma camisa de força. Eu também vou registrar ocorrência na polícia na próxima vez que você chegar perto de mim. Eu não fiz isso hoje por

respeito à sua família, mas minha paciência chegou ao fim!

Ela bateu o telefone.

Durante o restante do sábado, ela recebeu várias chamadas, todas iguais. Frustrada e impaciente ela telefonou para Arami e explicou a situação.

– Não se preocupe – disse Arami. – Eu vou lidar com meu primo.

Mas os telefonemas continuaram ao longo da semana e Simone começou a pensar falar com um advogado – que ela já conhecia – para aconselhá-la sobre a obtenção de algum tipo de proteção judicial. Na quarta-feira à noite, ela ligou para Carl.

– Olá, Carl, como vai você?

– Bem e você Simone?

– Se você não estiver muito ocupado, gostaria de discutir com você uma situação que estou vivendo. É um assunto profissional, então se você quiser, posso ligar para você amanhã.

– Não, Simone, claro que não... Você é uma amiga tanto quanto uma parceira de trabalho, não há necessidade de esperar, em que posso ajuda-la?

“Ele me considera uma amiga?”. Ela ficou feliz em ouvir isso, mesmo que ela não pudesse ser amiga de um homem como ele. Ele era muito atraente para ser classificado apenas como um amigo.

Simone então explicou todo o problema de Armando para Carl e contou-lhe sobre os telefonemas. Ela terminou pedindo seu conselho.

– Simone, receio que os telefonemas que você está recebendo não sejam provenientes desse Armando. Receio que sejam de Peter. Recebi o mesmo tipo de chamadas. Lembra que lhe contei sobre isso da última vez que nos vimos? Eu vou registrar uma ocorrência esta semana. Eu queria ter ido antes, mas não tive tempo...

Simone esquecera completamente dessa informação. Como isso fora possível? “Talvez meu subconsciente não queira mais lidar com Peter Hay, só pode ser isso.”. Caso contrário, ela teria percebido mais cedo que era ele ou ao menos teria lembrado de que Carl falara sobre o assunto.

– Carl, você acha que ele está de volta ao país? – A ideia de Peter Hay estar em qualquer lugar perto dela novamente lhe dava arrepios.

– Eu não sei. Eu não sei como ele conseguiria entrar, ele está em todas as listas de procurados, e todo mundo conhece o rosto dele, graças à cobertura da mídia sobre o seu sequestro. Mas ele me ligou, como eu lhe disse, para me dizer que queria voltar. Eu disse a ele que, se ele fizesse isso, eu o entregaria para a polícia. Ele desligou e, desde então, comecei receber esses telefonemas estranhos.

– Meu Deus, espero que seja apenas uma coincidência. Eu não sei se posso suportar muito mais isso.

– Eu não acredito que seja uma coincidência. Eu vou tomar medidas de precaução amanhã, Simone, e eu aconselho você a fazer o mesmo.

Ela começou a tremer, resultado de todos os eventos traumáticos das últimas semanas. Dois pacientes mortos, a perseguição implacável de Armando e agora o espectro de Peter pairava sobre sua cabeça novamente. Ela agradeceu a Carl, desligou o telefone e sentou-se no sofá por um longo tempo, imaginando o que deveria fazer em seguida.

Ela decidiu ligar para Edward.

– Alô, Carla falando.

Simone olhou para o celular, momentaneamente confusa. Ela conseguiu de alguma forma discar o número errado? Mas não... ela havia telefonado para o celular de Edward.

Aparentemente, ele e Carla estavam sérios o suficiente para que ela se sentisse confortável para atender o telefone dele! Uma pontada de ciúmes abalou a confiança de Simone. Ela limpou a garganta.

– Alô, posso falar com o Edward, por favor?

– Claro, quem fala?

– A sócia dele, Simone. – Ela achou melhor manter-se formal.

O silêncio preencheu a linha e, por um momento, Simone se perguntou se a outra mulher tinha desligado, porque ela não havia se despedido.

– Olá, Simmie, tudo bem? – Edward perguntou.

Aliviada por ouvir a voz do amigo, Simone começou a contar o que estava acontecendo, tão nervosa que não conseguiu impedir que as palavras jorrassem ininterruptamente.

– Eu estou com medo – ela disse quando terminou o relato. – E eu não sei o que fazer.

– Eu vou para a sua casa – ele disse a ela. – Agente firme.

Para acalmar os nervos, Simone decidiu ler até que Edward chegasse. Mais uma vez, ela escapou para os problemas de Lara para manter sua mente longe de seus próprios problemas.

O diário de Lara

Meu pai saiu da cadeia no final daquele mesmo dia. No final daquele mês, ele havia se divorciado de minha mãe e começara a nos preparar para uma mudança de Washington DC, para a cidade de Nova York. Ele já tinha negócios lá e pretendia transferir o restante.

Enquanto isso, Emms estava preocupada com meu problema de bebida. Ela me pegou bebendo uma ou duas vezes e me levou para uma reunião local do AA. Deus, que gente estranha! De fato, depois da terceira sessão, em vez de ter que voltar para lá, parei de beber. Mas não antes de conhecer um cara muito bonito.

As sessões eram realizadas todos os sábados nos fundos de uma igreja. A sala de reuniões era feia e vazia, com apenas um círculo de cadeiras de madeira desconfortáveis dispostas no meio do salão.

Havia todo tipo de gente ali – velha, jovem, feia, bonita e estranha, mas também havia um cara muito bonito... o responsável por gerenciar as reuniões. Ele tinha cerca de trinta anos, acredito. Ele nos contou sua história e nos pediu para contar a todos a nossa, mas é claro que eu não podia fazer isso. De jeito nenhum...

– Meu nome é Frieda – disse uma mulher.

– Olá, Frieda – todos a saudaram com entusiasmo.

Ela começou a contar a história miserável sobre como sua vida desgraçada a levava para a bebida e como o álcool a destruía ainda mais.

No terceiro encontro, eu já sentia pena de todos... até mesmo do cara bonito – Jordan – que havia desistido do hábito há alguns anos e agora ajudava os outros.

– Lara, por que você não nos conta sua história? – ele perguntou.

Eu não tinha compartilhado nada desde que me juntara ao grupo e balancei a cabeça negativamente.

– Não. Eu não tenho nada a dizer... estou aqui só para ouvir.

Todo mundo me olhava e meu rosto ficou corado e as palmas começaram a suar. Felizmente, ele não me pressionou, mas quando a reunião acabou, Jordan me pediu para ficar e conversar com ele.

– Desculpe se lhe provoqueei mais cedo. É só que você vai se curar mais rápido se você falar sobre seu problema com a bebida.

– Eu não tenho problema com bebida. Minha avó me pegou tomando uma uísque e insistiu que eu viesse aqui. Meu problema não é nada parecido com os problemas que ouvi aqui.

– E por que você começou a beber? – Ele me olhava intensamente com um olhar muito terno.

– Porque eu estava triste...

– Lara, você não pode fazer isso, não sem despertar grandes problemas. Você pode beber para celebrar, mas nunca para mascarar tristeza.. Todos aqui começaram a beber pela mesma razão – ficamos tristes, sozinhos e perdidos – mas posso prometer que você não encontrará felicidade, consolo ou seu verdadeiro eu dentro de uma garrafa.

– Obrigada pelo conselho. Vou manter isso em mente. – Achei que com aquilo a conversa estava encerrada, mas o pessoal do AA tinha o hábito de abraçar... Eu acho que era a maneira deles de mostrar apoio. Jordan se aproximou e me deu um abraço, mas eu acho que não estava acostumada a estar nos braços de um homem a menos que ele quisesse algo mais. Antes que ele pudesse me soltar, levantei meu rosto e o beijei.

Ele recuou.

– Ei! Receio ter dado a impressão errada a você ou algo assim! – ele disse, dando outro passo para trás e colocando mais espaço entre nós. – Eu devo ter o dobro da sua idade, e definitivamente não sou um pervertido.

Ele balançou a cabeça e passou a mão pelo cabelo. Ele pareceu envergonhado.

– Você precisa ter cuidado pois se você continuar a fazer coisas assim, algum dia vai topar com um problema sério!

Eu fiquei completamente envergonhada e sabia que meu rosto estava igual a um tomate. Aparentemente, eu sentia falta do contato físico mais do que imaginava, e sem pensar, eu tinha reagido ao abraço.

Para encurtar a história, saí pela porta dos fundos da igreja e nunca mais voltei. Não sei se Jordan conversou com Emms ou não, mas ela e eu chegamos a um acordo.

Ela trancaria o armário de bebidas por um tempo e eu faria o meu melhor para me controlar. Se tudo corresse bem, eu nunca teria que ir à outra reunião do AA, não ter que voltar lá foi a melhor das motivações e a outra motivação foi pensar em minha avó Sheila – eu nunca quis ser como ela – e tinha fé que poderia me abster.

De todos os meus problemas, o álcool foi um dos menores e eu procurei encontrar um equilíbrio. Eu nunca parei de beber completamente. Eu continuei tomando uma taça de vinho ou um copo uísque de vez em quando, e me soltei um pouco enquanto estava na faculdade, mas nunca desenvolvi um vício, graças a Emms e sua intervenção rápida.

CAPÍTULO XXIII



Simone – Dias atuais

Simone admirava a sabedoria de Emma – a mulher era realmente muito inteligente e, em pouco tempo, encontrou uma maneira de resolver o que poderia ter sido um grande problema. Principalmente porque o alcoolismo pode ser hereditário e a outra avó de Lara era alcoólatra.

Uma batida na porta da frente tirou Simone de seus pensamentos, e ela percebeu, para seu prazer, que a leitura havia feito seu trabalho. Ela estava mais calma e composta quando deixou o diário de lado e se dirigiu para a porta.

Ela atendeu a porta para encontrar Edward em companhia de uma mulher muito bonita. Ela era uma daquelas mulheres curvilíneas, com um rosto em forma de coração, maçãs do rosto salientes, olhos azuis profundos cercados por cílios muito longos e cabelos castanhos. Para piorar a situação, ela parecia ser muito mais jovem que Simone. Pelo menos ele poderia ter escolhido alguém um pouco mais velha. “Eu nunca percebi que ele gosta de mulheres mais jovens.”. Refletiu Simone e acrescentou mentalmente “porque antes você nunca se impostou com a preferencia dele.”.

– Olá, Simmie, esta é Carla, minha... namorada.

Parecia hesitar em dar a moça o título de namorada, o que Simone interpretou como um bom sinal, mas depois se repreendeu ao pensar em tal coisa. Por que isso importava? Ela e Edward eram apenas amigos.

– Prazer em conhecê-la, Simone.

– Igualmente, Carla.

Elas apertaram as mãos e Simone notou que a mulher tinha um aperto de mão muito vigoroso. O olhar curioso de Carla foi do rosto de Simone para os dedos dos pés e depois de volta ao rosto, como se a mulher a estivesse medindo.

– Eu trouxe Carla comigo porque ela é uma agente do FBI. Ela está trabalhando no caso de Peter Hay e pode nos dar algumas ideias.

O telefone do balcão da cozinha de Simone tocou e todos se viraram para olhar o aparelho.

– Posso? – perguntou Carla.

– Claro! – Simone assentiu. – Estou farta de ouvir silêncio ou música de fundo. Fique à vontade.

Carla atendeu o telefone. Ela segurou o fone no ouvido por alguns minutos e depois o colocou na base.

– Mais do mesmo? – Simone perguntou, embora já soubesse a resposta.

Carla assentiu.

– Vou informar meu pessoal. Se esse é o nosso amigo psicopata, Peter Hay, minha agência deve saber. Provavelmente, começaremos a monitorar todos os seus telefonemas. Desculpe, mas vamos ter que seguir o procedimento padrão aqui e gravar suas chamadas.

– Não se preocupe com isso – disse Simone. – Você pode gravá-las. – A vida dela já andava meio estranha, o que era um telefone grampeado?

Eles conversaram por algum tempo e então Edward e Carla foram embora, deixaram Simone sozinha para lidar com seus medos. E se Carla e Carl estavam certos, Peter estava de volta, o que só podia significar que Simone estava em perigo. “E Edward nem se importou? Não... Ele está muito ocupado com sua nova namorada. Sua linda e jovem namorada. Edward

mudou...”. Simone estava muito triste com isso.

Ela voltou a ler o diário, colocou de lado sua autopiedade e sua repentina raiva de Edward.

O Diário de Lara

Nós vendemos nossa casa em D.C. e nos mudamos para Nova York. Fiquei triste por deixar para trás meu único amigo, Oscar.

Ele tinha lágrimas nos olhos quando veio a minha casa para dizer adeus.

– Ei, Girafa, eu vou sentir sua falta... muito... – ele falou com os olhos úmidos atrás dos óculos.

– Eu também vou sentir sua falta, Oscar.

Ele me deu um abraço desajeitado antes de girar e correr de volta pela calçada. E esse foi o fim da minha primeira amizade real e da minha carreira de professora de francês. Oscar foi meu único aluno. Eu chorei enquanto o observava partir. Parecia que nada era permanente na minha vida.

Nós – papai, Emms e eu – estabelecemos uma espécie de modo democrático de viver em casa. Nós discutíamos tudo e tomávamos decisões juntos. Decidimos juntos que nos mudaríamos para Nova York. Discutimos nossa nova casa, móveis e até escolas para as crianças. Eu me sentia como uma adulta e Emms e meu pai – o último com bastante esforço – me tratava como se eu tivesse crescido. Até alguns meses atrás eu vivia como uma adulta. Fingir que eu poderia voltar a atuar como uma adolescente não teria feito sentido e Emms conseguiu convencer meu pai disso.

Papai e eu decidimos comprar um apartamento na Charlton Street, no Soho. Emms comprou um menor para ela a cinco quadras do nosso, na Hudson Street.

Eu não precisei vender minhas joias e Emms decidiu mantê-las em seu cofre por um tempo. Nós conversamos e juntas decidimos que não precisaria usá-las tão cedo – eu raramente ia qualquer lugar naqueles dias – e eles não me traziam muita felicidade. Anos depois, elas deixaram o cofre, quando eu consegui me perdoar pelo jeito que eu as tinha adquirido, mas eu as vendi, peça a peça, e dei o dinheiro para uma instituição que cuidava de crianças vítimas de abuso.

O que posso dizer sobre esse período da minha vida? Eu ficava frequentemente deprimida por estar lidando com tantas mudanças, mas, por outro lado, me sentia segura.

Eu tinha altos e baixos – mudanças de humor, como Emms se referia aos meus ataques de ira – pontuados com dias de desânimo profundo e, finalmente, Emms decidiu que deveríamos todos ir a um terapeuta familiar. Claro que isso não funcionou bem, e depois de apenas duas sessões, o terapeuta recomendou que eu fosse sozinha a um terapeuta, vez que eu não conseguia me abrir na frente de toda a minha família.

Comecei a ver o Dr. Jordan Dominick, um psiquiatra de cinquenta anos de idade, cujos cabelos castanhos estavam começando a ficar grisalhos nas têmporas. Lembro-me de que ele sempre usava roupas bonitas – sempre um terno escuro com uma gravata colorida. Tínhamos sessões duas vezes por semana, toda semana, mas eu não havia chegado nem perto de contar a ele sobre Arthur e tudo que fizéramos juntos.

Então, em vez disso, nos concentramos em outras coisas. O Dr. Dominick me diagnosticou com TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – e explicou que essa era uma das razões pelas quais eu tinha dificuldade em aprender certas coisas. Ele me disse que as pessoas com a minha condição são geniais quando se trata de um tópico que elas

amam, mas que podem ser totalmente dispersas quando não gostam de algo.

Eu descrevo TDAH como algo assim: às vezes minha cabeça está cheia de ideias e meus pensamentos parecem dançarinas de can can. Eles são tão brilhantes, tão coloridos e vivos; não conseguia encontrar paz. Meu cérebro pula de um pensamento para outro, de um interesse para outro e eu fico cansada com todo o barulho dentro da minha mente. Durante esses momentos, eu tentei quase de tudo para ter paz, um momento de calma e serenidade, mas não tinha nenhum mecanismo para controlar meus pensamentos acelerados.

Quando expliquei isso ao meu psiquiatra, ele solicitou alguns exames e finalmente tive um diagnóstico. Deus, foi bom finalmente saber o que havia de errado comigo, o porque eu não conseguia me concentrar! Eu sempre me senti estúpida por não ser capaz de aprender certas coisas e o diagnóstico de TDAH tirou um enorme peso dos meus ombros. Se eu sofria de uma condição física, eu não era idiota!

O Dr. Dominick receitou Ritalina e pediu que eu prestasse muita atenção para observar se havia melhoras. No primeiro dia do remédio, peguei o comprimido branco, pequeno e redondo e tomei com água enquanto meu pai me observava. Como o médico pedira, esperei por algum sinal de melhora em minha capacidade de concentração.

– Bem? – papai perguntou depois que dez minutos se passaram.

– Bem... nada. – Dei de ombros.

Mais dez minutos se passaram e meu pai me deu uma olhada. Eu balancei a cabeça tristemente. Ainda nada... Finalmente, depois de vinte e cinco minutos, sentei-me reta na cadeira, como se um raio tivesse me atingido.

– O que foi? – meu pai perguntou.

– Eu sinto... – Eu tentei encontrar palavras para descrever a luz acendendo minha mente.

– Em paz.

Sorri para meu pai e ele pareceu aliviado.

– Bem, isso é bom. – Ele assentiu.

Bom. Sim. Ótimo mesmo. Os pensamentos dançantes em minha cabeça pareceram deixar o palco, um por um, até que finalmente o palco ficou vazio, pronto para uma apresentação, mas dessa vez eu poderia escolher a peça.

O doutor Dominick também me deu um antidepressivo, disse que achava que eu precisaria de um para me ajudar a enfrentar e me adaptar a todas as mudanças que eu teria que lidar.

O remédio me ajudou durante meus anos de estudante, mas quando eu finalmente me formei, decidi que não iria tomar mais, e eu ia parar de ir ao psiquiatra por um tempo. Eu queria ser normal e pensava que as pessoas normais não precisavam de medicação ou médicos.

CAPÍTULO XXIV



Simone – Dias Atuais

A descrição que Lara dava sobre seus pensamentos dançantes era uma versão poética do que os pacientes de Simone com TDAH costumavam lhe falar... difícil para uma pessoa com esse tipo de condição levar uma vida normal. Primeiro de tudo, eles não eram como as outras pessoas, seus cérebros funcionavam de forma mais rápida e dispersa que a dos outros, e segundo, seus pensamentos estavam sempre voando.

Isso explicava a capacidade de Lara de lidar com tudo o que ela passara; ela podia imaginar estar com outro homem ou usava sua imaginação para escapar emocionalmente das situações. De certo modo, a deficiência de Lara a ajudou a sobreviver a seus anos de abuso.

* * * * *

Simone estava em seu escritório na terça-feira, tomando um chá durante o intervalo entre um paciente e outro, quando a secretária lhe disse que dois agentes se encontravam na sala de espera e queriam falar com ela.

Simone acreditava que poderiam ser os mesmos agentes que tinham ido à sua casa no sábado, mas quando ela foi ao saguão, encontrou a namorada de Edward, Carla, na companhia de outro homem. Um homem alto e muito sério vestindo um terno escuro.

– Boa tarde, senhores. Olá, Carla. – Simone os cumprimentou.

– Olá, Simone. Houve um avanço e precisamos conversar com você. Eu decidi que deveria vir, já que você já me conhece.

Nem Carla, nem o agente devolveram a saudação de Simone, e nenhum deles sorriu.

– Prazer em conhecê-la, Dra. Bennet. Eu sou o agente Oswald Neville, FBI – disse o homem, mostrando suas credenciais.

– Prazer em conhecê-lo, agente Neville. Você vieram em boa hora. Estou em um intervalo. Simone apontou para o corredor atrás dela. – Por que não vamos ao meu consultório?

Ela se virou e os dois agentes a seguiram.

Com a porta do escritório fechada firmemente atrás deles, ela apontou para o sofá e disse:

– Por favor, sentem-se.

Eles se sentaram e Carla começou a falar.

– A polícia revistou a casa de Philip, e recolheram algumas evidências, uma das quais um frasco de medicamento. Ela fez uma pausa e olhou diretamente para Simone.

– Eles testaram a medicação e encontraram cianeto de potássio no medicamento.

Simone recostou-se na cadeira.

– Oh, meu Deus.

– Mas há mais... – disse Carla:

– O rótulo do frasco tem seu nome como médica responsável pela prescrição.

– Mas... isso é impossível! Como o cianureto de potássio foi parar na medicação de Philip? – Simone perguntou.

– Essa é a razão pela qual o FBI está envolvido. O cianeto de potássio é o mesmo veneno que encontramos nos casos não resolvidos envolvendo o Tylenol anos atrás. Foi um caso de adulteração de medicamentos que levou à morte de muitas pessoas na área de Chicago.

– Sim, eu ouvi sobre isso nos jornais, mas isso foi há anos atrás. Você acredita que há uma conexão entre esses casos e a morte de Philip?

Simone não estava seguindo a linha de raciocínio da agente.

– É isso que estamos tentando descobrir. Houve vários crimes que foram imitações do caso original, todos eles usaram o mesmo veneno, tentando se passar pelos crimes do Tylenol, mas todos os casos posteriores foram resolvidos, e eles não estavam ligados aos assassinatos do Tylenol. A maioria deles tinha algo a ver com alguém tentando receber dinheiro de seguro ou se livrar de alguém – disse o agente Neville, em seu tom sério

– E agora vocês acham que este crime pode estar ligado ao caso original do Tylenol? – perguntou Simone

– Não sabemos ainda... mas Philip não tinha nenhum seguro para justificar alguém tentando envenená-lo. Nós conversamos com a ex-namorada dele antes de vir aqui, e ela não sabia sobre a morte dele. Ela ficou genuinamente chocada e triste quando lhe demos a notícia. E além disso, ela estava fora da cidade na semana passada. Verificamos o álibi dela – vídeos de vigilância do aeroporto e assim por diante – e, embora ainda estejamos investigando, até agora ela parece ser inocente.

Simone se sentou, apoiando os cotovelos na mesa e decidiu ouvir antes de mencionar a esposa de Philip, que tinha um seguro a seu favor.

– Como posso ajudá-los neste momento?

– Só precisamos fazer algumas perguntas, doutora – disse o agente Neville.

– Você recomendou alguma farmácia específica para que Philip aviasse sua receita?

– Absolutamente não. – Simone balançou a cabeça. – Isso é ilegal! Os médicos não podem recomendar farmácias para seus pacientes. Eu faço as receitas e eles compram a medicação onde quiserem; Philip não foi uma exceção!

Simone não pôde deixar que sua irritação e indignação aparecessem em seu tom de voz. Ela se orgulhava de ser ética, e esses tipos de perguntas realmente a irritavam.

– Quando foi a última vez que você deu a ele uma receita? – perguntou o agente Neville. Se ele sentiu o aborrecimento de Simone, ele não demonstrou. Ele tinha em mãos seu iPhone, aparentemente usava-o para fazer anotações.

– Na última sessão o medicamento dele estava prestes a terminar, mas suponho que ele tenha tomado um ou dois comprimidos dessa nova receita, porque ele me disse que ainda havia alguns da outra – disse Simone, pensando em voz alta.

– Um comprimido já o seria suficiente, mas havia vários envenenados no frasco. Alguém o queria morto. Isso não foi um acidente.

– Mas quem? E por quê? Eu realmente não consigo imaginar... sou uma terapeuta sexual, meus pacientes me falam de toda a vida deles. Estou fazendo um esforço para lembrar se ele mencionou ter algum inimigo – ela tocou a testa com o dedo indicador. – Talvez um de seus irmãos. Eu lembro dele dizer que ele teve alguns problemas com um deles. Nada sério, mais uma rivalidade entre irmãos do que um problema, mas é tudo o que consigo lembrar dele reclamando. Bem, isso e a mãe dele... Eu lembro que ele me disse que ele emprega o irmão, mas eu não consigo lembrar o nome do homem.

– Bom saber disso. Normalmente, o assassino está intimamente ligado à vítima de alguma forma. Nós vamos conversar com a família dele. Muito obrigado, Simone – disse Carla com um sorriso.

Os dois agentes se levantaram para sair.

– Sintam-se à vontade para voltar. Vou verificar meus arquivos para ver se consigo lembrar de mais alguma coisa.

– Arquivos? Você tem arquivos? Podemos ter cópias deles?

– Claro que eu tenho arquivos. Eu faço anotações sobre todos os pacientes. Eu vejo pessoas diferentes durante todo o dia. Não me lembro de tudo. E sim, se vocês pensam ser importante, poderão levar os de Philip. Eu preciso apenas ficar com cópias dos mesmos.

– Certamente. Você pode pegá-los para nós agora? – Simone verificou o relógio.

– Você se importa se eu pedir a minha secretária para pegá-los? Eu tenho paciente esperando...

– Claro! Desculpe incomodá-la no meio do trabalho, mas foi muito importante que falássemos com você. Tenho certeza que você entende – disse Carla.

– Sim, não há problema. Também é importante para mim, descobrir o que aconteceu com Philip. Eu gostava muito dele.

Eles se despediram e Simone pediu à Patricia que buscasse na sala de arquivos as fichas de Philip. Simone e Edward transformaram um quarto do consultório em arquivo, para armazenar seus registros médicos.

Eles mantinham o quarto trancado e só ela e Edward tinham acesso. Recentemente, eles deram uma chave à Patricia, confiando que a mulher lidaria com os arquivos com a máxima discrição. Ela costumava organizar os arquivos e ajudá-los com seus horários, sempre colocava as fichas nas mesas de Simone e Edward antes que chegassem.

* * * * *

Simone trabalhou duro o resto do dia, mas seu coração estava pesado. No final do dia, ela decidiu retomar a leitura do diário de Lara. Com a cabeça ocupada demais com seus próprios problemas, Simone não tinha tocado na história de Lara desde domingo, mas ela prometera ajudar Carl e teria que analisar o resto do diário, com problemas ou não.

O Diário de Lara

Um dia, seis meses depois de iniciar as minhas sessões de terapia semanais, cheguei ao consultório do Dr. Dominick de péssimo humor. Estava deprimida, fiquei sentada na recepção, procurando algo para me distrair dos meus pensamentos, esperando que ele me chamasse.

– Este lugar é tão...bege – eu disse para mim mesma e ri baixinho. Mas era verdade. A sala inteira – paredes, carpetes, até o sofá e as cadeiras eram em vários tons de bege. A coisa toda gritava “falta de decoração”.

O consultório tinha uma pequena sala de espera, onde uma secretária adorável organizava a agenda. O nome dela era Nina e ela sempre me cumprimentava com gentileza, um sorriso de boas-vindas que iluminava o seu rosto de querubim.

Naquele dia, ela estava ocupada ou se cansara de tentar conversar comigo sem receber uma resposta, e não tentou conversar, então continuei sentada em silêncio, perdida em meus próprios pensamentos.

A porta do consultório do Dr. Dominick se abriu, uma paciente saiu sem olhar para mim – eu descobri que ninguém quer ser reconhecido em um consultório psiquiátrico – e o médico fez um sinal para que eu entrasse. Nina seguiu meus passos como ela sempre fazia, carregava minhas fichas, que entregou ao médico antes de sair.

Eu me instalei em outro sofá bege perto da janela, ladeado por pesadas cortinas de veludo, obviamente também em tom bege. Eu abracei uma almofada bege e olhei para o médico. Ele se posicionou em frente a mim em um sofá marrom-escuro, cruzou as pernas, descansou o caderno no colo, onde batia com o lápis enquanto me observava com seus olhos penetrantes.

– Estou triste! Eu sinto falta dele! – eu disse a ele, de supetão.

– Ok... É bom ficar triste, faz parte da vida... mas quem é 'ele'?

Finalmente, depois de meses de sessões semanais, comecei a contar a ele sobre Arthur e eu. Eu coloquei tudo para fora, desde o nosso primeiro encontro até o dia em que confessei tudo para o meu pai. Eu não escondi nada – eu contei ao médico sobre os *ménages* em Paris, sobre Adrien e os outros homens... Eu praticamente vomitei todo o conto dramático da minha vida ao longo de uns quarenta e cinco minutos, mais ou menos.

Quando terminei, o Dr. Dominick ficou em pé, foi até a mesa, apertou o botão do intercomunicador e mandou que Nina cancelasse seu próximo compromisso. Ele então voltou a se sentar em seu sofá, tirou os óculos e passou as mãos pelo rosto. Ele recolocou os óculos e começou a falar.

– Lara, você passou por muita coisa! E é muito normal você se sentir confusa e triste. É normal que você sinta falta de Arthur – não é saudável, mas é normal.

– Como pode ser normal que eu sinta falta de alguém que abusou tanto de mim? – eu perguntei, incrédula.

– Bem, em primeiro lugar, vítimas de abuso sexual – e você, minha querida, é uma vítima de abuso sexual – disse ele, apontando o dedo para mim e continuou – geralmente assumem a responsabilidade pelo abuso. Eu posso dizer que você se sente assim simplesmente ouvindo você descrever o que aconteceu com você. Tudo o que você disse sobre Arthur e como ele se aproximou de você e assim por diante... você deixou bem claro que gostou das atenções dele, e por causa disso – porque gostou de ser o objeto do desejo dele – decidiu que é culpada pelas ações dele. .

– Ele costumava dizer isso o tempo todo... que eu era a culpada, e eu acreditei nele.

Abaixei a cabeça e olhei para as minhas mãos e de volta para o rosto do médico.

– Mas não foi sua culpa. Você era uma criança, de certa forma, você ainda é. As crianças devem ter experiências sexuais no momento apropriado, com outras crianças da mesma idade. Um adulto nunca deve forçar uma criança. Nunca, em nenhuma circunstância.

– Eu pensei que ele era meu amigo.

– Pelo que você me diz, ele foi muito esperto. Ele sabia exatamente como atrair você, como ganhar sua confiança. Você confiou nele, acreditou nas palavras dele e vocês formaram um vínculo emocional antes do abuso.

– Sim. No começo gostava muito dele.

– Ele é um predador e os predadores fazem isso. Eles criam um vínculo afetivo com suas vítimas. Eles cuidam delas... atraem suas vítimas pouco a pouco. Ele convenceu você a mentir para sua família e ele fez parecer que isso era algo especial, um pequeno segredo entre vocês dois, não era uma coisa ruim, porque os adultos não entendem, mas ele era um adulto ... – O médico ajeitou novamente os óculos.

– Ele costumava dizer que ele era uma criança dentro do corpo de um adulto. – Eu me sentia uma idiota só de falar isso.

O médico fez um barulho com a língua antes de continuar.

– Outra maneira de se relacionar com você, devido ao seu TDAH, você tem uma forte imaginação. Aposto que você podia ver o garoto dentro dele.

Eu balancei a cabeça afirmativamente.

– Sim, era exatamente assim que eu o via naquela época.

– Você deve se livrar da culpa, Lara. Nós temos que trabalhar nisso. Como você se sente agora sobre tudo o que aconteceu com você e Arthur?

– Confusa, perdida... tenho *flashbacks* às vezes. Eu tento me encaixar com minha família

e consigo fazer isso às vezes. Mas acima de tudo, eu realmente não sei quem sou e me sinto profundamente culpada por meus pais terem se separado.

– Não! Posso assegurar-lhe que você não é responsável por nada que tenha acontecido entre sua mãe e seu pai! É um problema deles. – E apontou para as costas.

– Mas destruí a vida do meu pai, separei a família dele! Meus irmãos estão sofrendo, eles perderam a mãe.

– Lara, pense melhor. Pense no que sua mãe fez. Ela destruiu a família com o comportamento egoísta e abominável dela. Ela não protegeu a família, ela traiu todos vocês. Você não é a culpada nessa situação. Sua mãe é culpada por tudo.

– Eu a odeio e me sinto culpada por isso também.

– Odeie ela tanto quanto você quiser, mas não se odeie e não se sinta culpada.

– Eu gostaria de esmagar o rosto dela ou vê-la atropelada por um caminhão de mudanças – falei entre dentes.

Ele riu.

– Raiva é uma coisa boa. Todos esses anos, você reprimiu suas verdadeiras emoções. Expressar raiva é muito saudável. Ele fez uma pausa e disse:

– Eu tenho uma ideia. Por que você não grita que odeia sua mãe?

– Gritar? Quando? Onde?

– Aqui. Agora, se você quiser. Essas paredes são à prova de som...

– Eu odeio a Sabine! Eu a odeio de todo o meu coração! – Eu gritei do fundo dos meus pulmões e fiquei impressionada com o modo como gritar ajudou a aliviar um pouco da ansiedade que eu vinha sentindo ultimamente.

– Como você se sente agora?

– Eu ainda a odeio, mas me sinto melhor. Mas às vezes me sinto culpada porque ela é minha mãe e eu deveria amá-la

O médico balançou a cabeça negativamente.

– Não há lei que declare que você deve amar sua mãe porque ela é sua mãe. O amor não é uma coisa genética. O amor deve ser conquistado. Se ela não merece ser amada, se ela merece ser odiada por tudo o que ela fez a você, então a odeie. Você não deve nada a ela.

– Mas ela é minha mãe. Eu lhe devo a vida...

– Não, você não deve. Ela apenas deu à luz a você, ela nunca foi verdadeiramente uma mãe para você.

– Às vezes sinto falta de Arthur. Hoje, por exemplo, eu estava sozinha no meu quarto e comecei a sentir saudades dele.

Eu expus todos os detalhes da minha vida para o Dr. Dominick, na esperança de resolver tudo, ali mesmo... como se eu pudesse fazer uma cirurgia e cortar todas as coisas ruins.

– Lara, como eu disse antes, ele fez um vínculo emocional com você antes de lhe molestar, ele criou laços profundos de amizade. Você me disse que ele não era mau de todo. Se você fizesse o que ele esperava que você fizesse, ele era bom para você.

– Exatamente.

– Você está sofrendo de algo chamado Síndrome de Estocolmo, que é um tipo de transtorno de estresse pós-traumático que liga você ao seu agressor. Geralmente a vítima sofre com isso quando o abuso dura por longos períodos, e seu abuso durou quatro anos. A Síndrome de Estocolmo é um mecanismo de sobrevivência.

Ele limpou a garganta e continuou enquanto eu o olhava fixamente em busca de respostas.

– Você estava em uma espécie de cativeiro. Ele era a pessoa poderosa em seu mundo. Ele provinha seu sustento, lhe dava presentes, fazia sexo com você, fazia qualquer coisa que quisesse com você e você praticamente não tinha direitos. Você não podia dizer não. Ele começou a ser como um deus aos seus olhos. Quando esse tipo de situação ocorre, o cérebro tem um mecanismo para dissociar o bem do mal a fim de ajudar a pessoa a sobreviver. Como você não podia sair da situação, tinha que dizer a si mesma que não era tão ruim assim, ou teria enlouquecido.

– Sim, mas agora estou fora e ainda sinto falta dele.

– Não, você não sente. Você ainda tem medo dele e do que ele possa fazer com você, ou está preocupada que a mesma situação possa acontecer novamente. É o seu subconsciente se preparando para lutar, então é melhor dizer a si mesma que ele não era tão ruim, porque se acontecer de novo, você estará preparada.

– Eu sinto falta do sexo com ele. – Falei e esperei a reação do médico.

– Eu entendo... Você teve uma vida sexual intensa por vários anos, e então... nada. Mas lembre-se de que você nunca fez sexo com Arthur – você sempre imaginava que estava em outro lugar ou com outra pessoa quando estava com ele. Você pode citar uma vez quando se concentrou no fato de que Arthur estava fazendo sexo com você?

– Nunca...

– Então você não sente falta dele... você sente falta do sexo. Não é errado ter vontade de sexo; é natural.

Depois de escutar as explicações do doutor Dominick, senti como que se as mãos que estavam apertando meu coração tivessem subitamente afrouxado. Eu soltei um longo suspiro e sorri.

* * * * *

Passei muitos anos no sofá do Dr. Dominick. Ele me ajudou a encontrar minha independência emocional de Arthur. Minha culpa lentamente se acalmou, e eu comecei a ver Arthur e Sabine como os lixos que eles realmente eram. Odiei-os pelo que fizeram comigo e me permiti odiá-los porque isso era libertador.

Mas minhas cicatrizes eram profundas e os traumas que sofri eram complexos, e era difícil para mim me relacionar com alguém. Além da minha pequena família, eu não podia confiar em ninguém e eu tinha dificuldades com meus irmãos.

Conforme eu ia amadurecendo, fui retomando minha vida sexual, sempre tentva escolher homens da minha idade, mas nunca fiquei satisfeita com o tipo de sexo que eles tinham a oferecer.



CAPÍTULO XXV

Simone – Dias atuais

Ao menos Lara tivera um bom profissional, que fora capaz de levá-la através de sua jornada de cura. Se ela não tivesse parado de vê-lo em algum momento depois da faculdade, como deixara claro em seu diário, poderia ter tido uma vida diferente, pensou Simone. Talvez ela ainda estivesse viva.

Ela enviou uma mensagem para Carl, informando-o até onde havia lido. Quando Carl inicialmente se aproximou dela, antes de seu sequestro, ele o fizera sob falsos pretextos. Quando ele finalmente admitiu para ela que ele era o "Mark", o homem que tinha acidentalmente matado Lara, durante um jogo sexual, Simone tinha prometido ajudá-lo, como paciente... Mas então a situação com Peter ocorreu, Simone fora sequestrada e desde então, Carl não havia falado mais nada em ser seu paciente.

Ele havia pedido que ela lhe ajudasse a ler e analisar os diários de Lara, as partes sobre o abuso e seus anos em Paris, que pareciam ser mais difíceis para ele lidar. Os últimos capítulos não o incomodavam tanto, segundo ele dissera. Isso era um bom sinal, na opinião de Simone; ele estava lidando bem com a história, mas ela estava preparada para ajudá-lo como paciente assim que ele quisesse. Ela havia prometido e sempre cumpria suas promessas.

* * * * *

Dois dias depois, Patricia chamou Simone pelo interfone.

– Dra. Bennet, aqueles dois agentes estão aqui de novo. Eu lhes disse que você tinha pacientes agendados o dia todo, mas eles estão do lado de fora esperando. Como devo proceder?

A mulher parecia sem fôlego, como se estivesse muito perturbada com a presença dos agentes.

– Você está bem, Patricia?

– Sim, doutora. Só vim correndo da cozinha para atendê-los.

– Ok. Mande-os entrar. Por favor, segure meu próximo paciente e ligue para o que vem na sequência para dizer que vou me atrasar hoje... pelo menos meia hora.

– Está bem, doutora.

Simone estava atrás de sua mesa quando Carla e o agente Neville entraram; Simone apontou para as duas cadeiras à sua frente. Ela não estava com vontade de ser agradável. Eles estavam interrompendo sua rotina novamente, e ela odiava isso.

– Agentes, eu suponho que vocês tenham notícias sobre a morte de Philip? – Simone largou os óculos sobre a mesa e olhou para Carla e seu parceiro.

– Não, doutora, queremos conversar com você sobre outro dos seus pacientes. Helen Northstrond – falou o agente Neville.

– Helen? Ela não veio a sua sessão esta semana, mas isso não é totalmente incomum. Ela sempre falta. O que tem ela?

– Ela não veio esta semana porque ela está morta – disse Carla olhando para Simone em busca de uma reação.

Os batimentos cardíacos de Simone aceleraram e suas mãos começaram a tremer. Ela podia sentir que Carla a observava de perto, como se avaliasse a sua reação às notícias, ela estava chocada. Helen tinha apenas trinta anos de idade. O que poderia ter acontecido com ela? Talvez uma overdose? Simone lembrou dos problemas que ela tinha com drogas.

Simone respirou fundo três vezes, tentando acalmar seus nervos.

– Como ela morreu? Uma overdose? Ela foi usuária de drogas, mas eu achei que ela estivesse limpa .

– Ela foi ao hospital no sábado à noite. Em princípio, eles suspeitaram de uma overdose e depois de um aneurisma e ela morreu menos de uma hora depois de chegar ao pronto-socorro. O mesmo médico que atendia Reynolds estava de plantão naquela noite, e suspeitou que pudesse haver alguma ligação entre os casos, porque ela apresentava os mesmos sintomas, por isso a mandou para uma autópsia – relatou Carla

– Os resultados voltaram ontem... ela foi outra vítima do cianeto. Nós revistamos a casa dela. Você consegue adivinhar o que o laboratório descobriu no frasco de remédios que coletamos na casa? Um frasco de remédios com o seu nome como médica responsável pela receita – disse o agente Neville.

– Não é possível! – Simone disse, juntando os fatos em sua mente. –Cianeto de potássio? – Sua garganta ficou apertada. Ela podia ver seu mundo desmoronando ao redor dela novamente. Havia certamente alguma conexão com ela... com os telefonemas de Peter. Tinha que haver.

– Três mortes em três semanas! Eu perdi três pacientes nas últimas três semanas. Isso é loucura. Ela balançou a cabeça e colocou a mão no peito, sentindo como se o chão tivesse desaparecido.

– Três, Simone? – perguntou Carla.

– Sim, mas a primeira teve um ataque cardíaco. Ela tinha oitenta anos de idade.

Mas Simone podia ver pelo olhar de Carla que ela não acreditava em coincidências.

– A saúde dela estava ruim? – a agente questionou.

– Não. Pelo contrário, ela estava em ótima forma. Eu vi os exames médicos dela antes de prescrever um medicamento para dormir. Você não acha... e a pergunta morreu na garganta de Simone.

– Eu não acho que seja uma coincidência – disse o agente Neville.

– Você pode nos dar o nome da mulher e informações de contato da família?

– Claro!

– Qual é o procedimento para prescrever medicamentos, Simone? – Carla tomava notas.

– Primeiro peço exames médicos ao paciente e, em seguida, prescrevo de acordo com os sintomas e as condições de saúde.

– Dra. Bennet, você sabe onde seus pacientes compram a medicação? –perguntou o agente Neville com o celular na mão.

– Não, eu não tenho ideia. Não lhes questiono sobre isso. – disse ela, movendo a cabeça em uma negativa.

– Ok, eu vou lhe dizer. Todos eles foram para a mesma farmácia – Health Care Drugstore – leu o agente em seu celular

– Eu não sabia disso...

– Você não conhece ninguém que trabalha lá? – ele levantou os olhos do aparelho para questioná-la.

– Eu não sei, não me lembro de ninguém. Mas a Health Care Drugstore fica na esquina, não é? Talvez seja por isso que eles aviaram as receitas por lá, é perto daqui.

– Você prescreveu medicação para seus outros pacientes? – perguntou Carla.

– Sim, óbvio. Este é um consultório psiquiátrico! Eu lido com todos os tipos de problemas psicológicos diariamente! E agora, Carla, preciso de um advogado?

Simone ficou abalada com todas as novidades e impaciente com o questionamento. Ela

tratava pacientes há anos e se orgulhava de seu trabalho.

– Acalme-se, Simone... perguntei porque acho que você precisará entrar em contato com esses pacientes e pedir que eles tragam seus medicamentos para análise. Sem criar pânico, é claro. Apenas diga a eles que pode haver um problema com medicação expirada ou algo assim. Tudo o que sabemos com certeza é que temos crimes idênticos envolvendo dois – talvez três de seus pacientes. O cianeto foi encontrado na medicação que você prescreveu. Temos medo de que o psicopata que a sequestrou esteja de volta. E talvez ele esteja fazendo muito mais do que apenas uns telefonemas incômodos.

Em vez de ficar mais calma, Simone ficou mais tensa com as palavras de Carla, que soaram como algo que ela descobriu em uma conversa de travesseiros com o Edward. Simone podia imaginar Edward segurando Carla em seus braços enquanto conversava com ela sobre os problemas pessoais de Simone. O pensamento embaraçoso encheu Simone de raiva.

– Me parece que nunca mais terei paz na minha vida! – Suas mãos tremiam, seu estômago queimava e ela teve a certeza de que sua gastrite estava de volta. Não foi era surpresa com tudo o que ela enfrentara nos últimos meses.

– Por enquanto, preciso que você mantenha contato comigo – disse Carla. – Se você notar algo suspeito, avise imediatamente. Já estamos grampeando seus telefonemas. Estou preocupada com sua segurança. Não podemos saber com certeza se é o mesmo suspeito, mas quais são as chances de dois psicopatas diferentes atravessarem o seu caminho em um período tão curto de tempo?

– Eu não sei, mas nenhum desses crimes tem a assinatura dele, não é? Quer dizer, no passado, ele só matava mulheres e não as envenenava. Essa pessoa – quem quer que seja – matou pelo menos um homem e está usando cianeto de potássio. Ele costumava deixar esperma na cena do crime...

– Sim, mas quase todas as vítimas – antes e agora – tiveram algum tipo de conexão com você, ou o crime aconteceu perto de você. Acharmos que ele está tentando envolver você de alguma forma, e nós suspeitamos do mesmo cara – afirmou Neville e acrescentou:

– Doutora, é raro, mas não impossível que ele simplesmente tenha decidido mudar seus métodos. Alguns psicopatas tentam encontrar outras maneiras de cometer seus crimes se acreditarem que a polícia está se aproximando deles. Eles são inteligentes, muito espertos e tendem a planejar tudo, até o último detalhe

– Eu não posso acreditar que é o caso com Peter... ele me pareceu... delirante. Eu me passou a impressão de ser alguém tentando matar a mesma mulher o tempo todo. Eu posso estar errada. Estava ferida. Durante meu sequestro, ele delirava e me mostrou um lado de sua personalidade que era de uma criança muito assustada

–Doutora, eles são espertos como o diabo, e ele poderia estar jogando com você. Só saberemos se conseguirmos colocar as mãos nele e isso não será fácil. Nós ainda não temos confirmação de que Peter Hay é o nosso cara. Nós não fomos capazes de prendê-lo, então não pudemos coletar amostras do seu DNA para comparar com o DNA encontrado nas cenas de crime. Precisamos encontrá-lo, mas no momento ele está sumido. Ou ele está de volta, mas está fazendo um ótimo trabalho de se esconder de nós e, embora isso seja difícil com toda a vigilância que temos neste país, não é totalmente impossível.

– Simone, eu prometo a você, estamos fazendo o nosso melhor, mas achamos que você está em risco novamente. Vamos designar alguns agentes para protegê-la – disse Carla.

– Aqui vamos nós de novo... Por favor, encontrem esse cara! Estou farta de tudo isso! – Simone estava de ombros curvados quando falou e Carla deu um tapinha suave em seu ombro

como apoio.

Carla e o agente Neville deixaram o consultório de Simone e ela decidiu voltar ao trabalho. Ela ficaria louca se começasse a pensar sobre tudo o que acabara de ouvir. Depois que ela recebeu seu último paciente, reuniu suas coisas para ir para casa. Ela já não se sentia segura em ficar sozinha no consultório. Na saída, encontrou Edward no corredor. Ele parou a sua frente, colocou a mão no ombro dela e ela se sentiu confortada.

– Simmie, Carla me ligou. Estou muito preocupado com você. Eu vou contratar o segurança que usamos da última vez, só para ficar de olho nas coisas por aqui. O que você acha? O FBI vai mandar alguns agentes, mas sinto que precisamos de proteção extra no consultório. E eu posso perguntar se ele tem alguém que pode colocar em sua casa. Eu não estou pensando muito claramente aqui, mas acredito que o psicopata está lá fora em algum lugar, apenas esperando por uma chance de chegar até você e completar o serviço...

– Por favor, Ed, sim. Ligue para a empresa de segurança. Eu não acho que terei sorte o suficiente para sobreviver se ele colocar as mãos em mim novamente.

Ela não tinha a energia emocional para ser forte agora. Ela se sentia ameaçada e frágil, e precisava de alguém para tomar medidas práticas para ela.

– Eu vou levar você para casa.

– Obrigada, Ed, hoje eu realmente preciso de apoio.

Ela precisava desesperadamente de companhia e de se sentir segura. Edward a levou para casa, e quando eles chegaram, ele andou pela casa dela para se certificar que tudo estava bem.

– Por favor, ligue os alarmes assim que você fechar a porta, ok? – ele disse quando se preparava para sair.

– Claro – ela disse a ele. – Pode deixar.

Simone não conseguia ter um pingot de entusiasmo. No passado, Edward teria se oferecido para ficar com ela ou teria convidado ela para dormir em sua casa. Mas agora... ele iria deixa-la lidar com seus problemas. “Não seja injusta. Ele verificou a casa, e ele te acompanhou até aqui”, ela disse para si mesma, mas ainda se sentia abandonada.

Quando ela trancou a porta após a partida de Edward, se olhou no espelho na parede do vestibulo. Seu rosto estava abatido, os olhos arregalados e assustados a faziam parecer mais velha e cansada. O bronzeado que ela tinha pego em Miami havia desaparecido, deixando-a magra e pálida. Não é de admirar que Edward preferisse estar com a mais jovem, adorável e vibrante Carla! E Simone teve que admitir que estava com ciúmes do relacionamento deles.

“Pelo amor de Deus, Simone, você está no meio de um tsunami e está preocupado com sua aparência?”. Foi o pensamento que a fez abandonar o espelho e sentar-se no sofá para tentar descansar um pouco, mas depois de um tempo, descobriu que ainda não conseguira acalmar seus nervos agitados. Ela tentou meditação, um longo banho, controlar sua respiração... mas ela ainda se sentia ansiosa, e pior, ela não tinha fome.

Ela pensou em correr, mas não se sentia segura o suficiente para fazer isso, pelo menos, não à noite.

O telefone de Simone soou e ela viu que tinha uma mensagem de Carl.

“Você fez mais algum progresso? Acabei de terminar ao ponto que você me disse para ler.”.

Ela se sentiu culpada porque durante dois dias ela não havia tocado no diário de Lara, então decidiu trabalhar nisso agora.

“Estou no processo de leitura”, ela escreveu, “e eu vou deixar você saber em breve.”.

Para aliviar a consciência por contar uma mentirinha branca, ela rapidamente pegou a

pilha de papéis e começou a ler.

O Diário de Lara

Por dois anos da minha vida eu vivi quase sem sexo, além da masturbação, a qual admito ter de recorrer diariamente. Eu estava com medo de me envolver intimamente com os homens e os meninos eram uma fonte de tédio para mim. Eu não os achava atraentes. Eles eram muito jovens, muito imaturos, muito ingênuos... bem, eu simplesmente não tinha nada em comum com eles e sexo com eles não me satisfazia, então simplesmente abandonei a ideia.

– Lara, menina, acho que é hora de você começar a procurar um namorado. Encontre um cara legal para namorar. Seria bom para você – disse Emms.

Nós estávamos sentadas no Starbucks da Broadway, tomando um café depois de um show que ela me levou. Emms havia se encarregado da minha educação cultural. Ela adorava me levar a shows, museus e filmes e me dava livros que discutíamos depois de lermos. Pelo menos uma vez por semana íamos a um espetáculo, uma exposição – boa e ruim – e esses eram nossos momentos especiais, juntas e sem interrupções.

Emms fazia questão de passar um tempo a dois com todos os netos. Ela tinha um dia para Sean, quando eles faziam juntos atividades que ele gostava – ele era um adolescente agora – e ela passava outro dia com nossa garotinha, Debbie, que tinha nove anos e amava bonecas, princesas e contos de fadas. Ela era adorável e ingênuo... uma “menininha” normal que fazia aulas de piano e ainda gostava de uma história para dormir.

Eu não tinha muito tempo para o meu irmão e irmã, porque eu estava estudando muito. Terminei o Barnard College com louvor e fui aceita na Escola de Arquitetura, Planejamento e Preservação da Universidade de Columbia! E pensar que houve um tempo em que eu não conseguia acompanhar as aulas o suficiente para ter boas notas. Eu tinha sido aceita em todas as universidades em que me inscrevi, mas não quis ficar longe de casa. As crianças estavam sem mãe e Emms estava com as mãos cheias.

Não sei se mencionei isso antes, mas Emms trabalhava como arquiteta e, quando minha família se mudou para a cidade de Nova York, ela concordou em ajudar meu pai em seus negócios.

Antes de nos mudarmos, ela tinha seu próprio escritório, pequeno, que projetava casas residenciais. A empresa do meu pai lidava com grandes projetos comerciais e governamentais, mas com nos mudamos, meu pai e Emms decidiram que era melhor ela trabalhar com ele. Ela queria ficar de olho nas crianças... mas uma coisa era certa, os dois olhos dela estavam fixos em mim...

Me incomodava ser constantemente examinada? Não, na verdade, não. Emms me amava incondicionalmente – eu entendia isso e eu gostava de saber que ela se importava.

– Emms – eu disse, deixando de lado meu café e descansando meus cotovelos sobre a mesa. – Eu não sei... eu não encontrei ninguém interessante ou atraente até agora. Garotos da minha idade são estúpidos e eu tenho evitado homens mais velhos. O Dr. Dominick me mataria se descobrisse que eu saí com um cara com o dobro da minha idade. Ele está convencido de que eu preciso encontrar um jeito de agir de acordo com a minha idade.

– E eu concordo com ele. Mas você está na faculdade. Certamente, há pelo menos alguns jovens de boa aparência lá. Tente o time de futebol... – ela sorriu – Eles têm uns corpões – e piscou.

Eu ri. Emms sempre me fazia rir e muitas vezes eu me sentia como se estivesse com uma garota da minha idade. Nós circulávamos por Nova York em sua motocicleta. Ela tinha um

grupo de amigos que pilotava Harleys. Eles eram muito divertidos. Diferente de mim, Emms tinha uma tonelada de amigos. Ainda estou trabalhando nisso... Ainda é muito difícil confiar nas pessoas.

Mas Emms tinha razão. Eu realmente deveria tentar encontrar caras na faculdade. Eu decidi reunir minha coragem e retomar minha vida sexual – eu já estava com dezoito anos e Deus sabe que eu precisava preencher minhas necessidades físicas. Mas o resultado inicial da minha reentrada no namoro foi decepcionante, para dizer o mínimo.

Garotos fazem amor.

Eu não faço amor, eu nunca fiz, exceto naqueles raros momentos com Adrien, mas mesmo assim, as coisas tendiam a ficar pesadas. Eu tentei ir no ritmo dos caras que eu namorei, fazendo as coisas do jeito deles. O resultado? Ia de cara a cara, na esperança de encontrar alguém que pudesse me satisfazer. Eu estava com medo de ensinar-lhes coisas, de dizer-lhes o que eu realmente gostava... provavelmente porque eu tinha medo de dizer essas coisas para mim e em voz alta.

Decidi que deveria discutir o assunto com o Dr. Dominick. Seu conselho poderia não ser o que eu gostaria de ouvir, mas ele era um homem sábio, e seguir sua orientação me dava paz na vida. No dia da minha consulta, decidi abordar o assunto em nossa conversa.

– Dr. Dominick, eu não posso mais continuar assim.

– Assim como?

Ele estava sentado em seu sofá bege usando um terno bege. Hoje acredito que ele tinha algum tipo de obsessão compulsiva por essa cor. Ele e o sofá combinavam tão bem que podiam ter sido cobertos com o mesmo material de estofamento. Claro, ele seria a almofada. Mas uma almofada elegante.

– Tentando fazer sexo com homens jovens que não sabem onde colocar as mãos! Estou frustrada! Eu gostaria de agarrá-los pelo colarinho e dizer: – Vamos, deixe-me ensinar você a foder! – Fiz o sinal de pegar alguém pelo colarinho com as mãos.

– Tudo bem... – ele disse. – Então vá em frente e faça isso. Eles são inexperientes, então você tem que ensiná-los. Não, não os agarre pelo colarinho, não vai funcionar, mas você pode instruí-los na arte do prazer. Você precisa ser gentil e paciente, ou eles vão correr. Os homens mais velhos odeiam ouvir uma mulher lhes dizer que eles não a satisfazem, mas os homens mais jovens só estão preocupados com o prazer deles, então experimente. Explique-lhes bem e veja como vai.

Tomei o seu conselho e consegui um pouco de sucesso. Alguns dos caras eram causas sem esperança, mas outros aprendiam rapidamente e melhoravam sua técnica. Ainda assim, o problema estava dentro de mim. Eu ansiava por um pouco de violência, por um pouco de esforço, a força bruta de um homem. Eu tinha que encarar os fatos, eu sou uma sadomasoquista, e não há cura para isso, mas eu não conseguia nem admitir isso para o Dr. Dominick. Ele temia que algo ruim acontecesse comigo se eu seguisse esse estilo de vida.

– As pessoas morrem fazendo essas coisas, Lara. – Ele me disse a única vez que eu levei o assunto do masoquismo para ele.

Eu nunca falei sobre essas coisas com ele novamente.

Eu estava estudando muito e só tinha fins de semana para ficar com minha família. Emma comprou uma casa em West Hampton para nós irmos quando precisássemos relaxar e eu adorava ir para lá.

Os anos se passaram rapidamente enquanto eu estava ocupada com a faculdade, com dois irmãos mais novos e como estagiária do meu pai e da minha avó. Eu tive alguns encontros

sexuais desastrosos, que eram tão chatos que eles não merecem ser mencionados. Durante seis anos após o fim do meu relacionamento com Arthur, essa foi a minha vida.

Eu estava no último ano da universidade, me formaria em seis meses e tinha vinte e dois anos de idade. Eu continuava em busca de algo melhor, do ponto de vista sexual, e decidi enfim seguir o antigo conselho de Emma e dar uma olhada nos jogadores de futebol.

Eu estava sentada na arquibancada do campo de futebol americano, assistindo a um treino, quando vi o mais lindo *quarterback* afro-americano de todos os tempos. Tão alto quanto eu, todo músculos e testosterona, fiquei excitada só de olhar para ele. Eu decidi me aproximar dele depois do jogo.

Eu me posicionei de uma forma que ele tinha que passar na minha frente para ir para os vestiários.

– Ótimo jogo! – eu disse a ele.

Ele olhou para mim com um sorriso lindo. Seu cabelo era muito curto e, para minha surpresa, os olhos eram castanhos claros que pareciam esverdeados ao sol. Ele era lindo e eu o queria.

– Obrigado!

Ele se inclinou para perto de um dos seus colegas jogadores e sussurrou algo, em seguida, veio até mim. Ele me deu a mão. Seu toque era quente e poderoso.

– John Mayer – disse ele.

– Lara Parker – sorri para ele

– Prazer em conhecê-la, Lara. Nunca vi você antes por aqui, você não gosta de futebol?

– Eu gosto, mas é meu último ano e tenho que me concentrar nas aulas.

– Eu sei... é muito malabarismo entre aulas e provas. Eu ainda tenho anos pela frente – residência em um hospital e, claro, o resto da minha vida estudando. Minha profissão vai requerer pesquisa constante.

– O que você está estudando?

– Eu estou na escola de medicina. Eu vou ser médico. – Ele falou, orgulhoso.

Legal! Belos cérebros e um conhecimento prático da anatomia humana – esse homem era perfeito.

– Ei, John, vamos tomar uma cerveja. Você vem ou o quê? – Um de seus companheiros de equipe gritou para ele.

– Claro, espere um segundo – ele se virou para mim – Eu tenho que ir, Lara, mas que tal um cinema um destes dias? – ele me olhou nos olhos.

– Claro. – “E que tal um filme na minha cama”, pensei, mas guardei esses pensamentos para mim.

– Como posso lhe encontrar?

– Arquitetura... mas aqui está o meu número de telefone. – Dei a ele meu número, que havia escrito em um pedaço de papel antes de me aproximar dele. Ele colocou no bolso e, com outro sorriso maravilhoso, foi embora.

– Vejo você – eu disse.

Ele me ligou no dia seguinte. Eu simplesmente amava um homem que se decidia rapidamente. Ele me convidou para ver um filme e fez arranjos para me buscar em casa.

Ele me pegou em seu Ford Escort prateado e me levou ao cinema. Depois, ele perguntou se eu gostaria de ir a *Hoboken* para ver a vista de Manhattan. Eu não queria que nosso encontro terminasse e disse que sim.

Era uma noite fria, ventava... fim de inverno. Nós estacionamos o carro e tentamos sair,

mas não duramos muito tempo fora. O vento estava glacial. Então lá estávamos nós, sentados dentro do carro dele, ouvindo música, nenhum de nós falava, apenas observávamos as luzes de Manhattan e de repente, John se inclinou e começou a me beijar. Um beijo selvagem. Oh, Deus, como eu sentia falta disso! Ele começou a tocar minha língua com a sua e a suga-la, e eu senti como se ele quisesse me comer com seu beijo. Ele puxou minha blusa e me tocou e então ele se abaixou e colocou um mamilo na boca e mordeu com força.

Eu gemi de prazer e ele continuou sua exploração, correndo os dedos dentro da minha calcinha e tocando meu clitóris. Ele gemeu quando as pontas dos dedos descobriram minha umidade. Eu peguei no pau dele, abri o zíper da calça dele e peguei o mastro na mão...! Aquele velho estereótipo sobre o tamanho do pau de um homem negro era absolutamente verdadeiro em John. O membro dele parecia uma garrafa de 500 ml de Coca-Cola! Tentei levá-lo à boca, mas era impossível. Eu poderia lambê-lo, até mesmo chupar a cabeça, mas nunca caberia dentro da minha boca. Eu fiz o melhor que pude, e ele deve ter gostado de minhas tentativas de agradá-lo com meus lábios e língua, porque seus gemidos profundos soaram altos no espaço fechado do carro.

Eu não sei como, mas alguns minutos depois, nós dois estávamos seminus no banco de trás, eu apenas com a minha blusa e ele com as calças abaixadas até os tornozelos. Nós continuamos batendo nossas pernas longas em portas e assentos, tentando encontrar uma posição semi-confortável. Ele se encaixou entre as minhas pernas para tocar meu clitóris, usando os dedos para me abrir e acariciar até eu ficar completamente molhada.

Então John ficou de joelhos sobre o assento e pescou no porta-luvas uma camisinha. Depois de vestir seu pênis com o preservativo, ele se posicionou entre as minhas pernas e começou a me penetrar com o pau imenso. Eu gozei imediatamente, e quando ele começou a se mover, ele agarrou meu cabelo e puxou com força e todo o prazer que isso provocou em mim foi incrível. Ele continuou se movendo até que eu gozei novamente e então ele me seguiu.

– Deus, você é tão gostosa que eu poderia morar dentro de você.

Nos movemos tentando encontrar em uma posição mais confortável para uma nova rodada, mas uma batida na janela do carro interrompeu nossas intenções.

John apertou o botão e a janela se abriu. Um policial se inclinou para espiar dentro do carro.

– Seus moleques, vistam-se sumam daqui! Você tem sorte de eu estar cansado demais para lidar com uns merdinhas transando dentro de um carro, mas se eu os encontrar de novo por aqui, vou levar vocês dois para a cadeia. Agora você tem dois minutos para vestir suas roupas e desaparecer.

Nós não precisamos de um. John puxou as calças e pulou para o banco do motorista. Ele ligou o carro e arrancou antes que eu pudesse ir para o banco da frente. Quando colocamos alguma distância entre o policial zangado e nós, e pude pular para o banco ao lado de John, nos entreolhamos e começamos a rir.

– Eu não sei como escapamos desta. Eu estava com medo enorme de ir para a cadeia e ainda ter que ligar para a minha avó.

– Nem me fale, meu coração ainda está acelerado – John pegou minha mão e colocou em seu peito – esta vendo?

– Sim...

Ele segurou minha mão lá.

– Eu não quero que esta noite termine, Lara. Eu preciso ter você de novo... e depois mais uma vez...e outra...foi tão bom...

Ele virou o rosto para mim para ver minha reação e então rapidamente olhou de volta para a estrada.

– Estou me divertindo também. E eu quero você de novo – eu ainda não estou satisfeita...

– Você é incrível, uma garota que não joga duro e fala o que quer! Vamos para o meu apartamento?

– Certo!

Eu não podia negar a descrição que ele fez de mim. Eu não fazia jogo duro, se um homem estivesse excitado, eu não me negaria o prazer de levá-lo para a cama. E naquela época havia poucos homens a minha volta, então tinha que aproveitar.

Ele dirigiu como um louco para o apartamento. Ele dividia um apartamento na West 171st Avenue com dois outros estudantes. Era um prédio de tijolos bege, não muito longe da universidade. O apartamento era agradável, surpreendentemente organizado para uma república masculina. Móveis simples guarneciam a cozinha, sala de jantar e a sala de estar – uma mesa redonda de fórmica branca com bancos, uma geladeira, um fogão, um forno de micro-ondas e uma pia. O sofá parecia de couro, mas eu não saberia dizer ao certo sem tocá-lo.

Fomos diretamente para o quarto dele e no minuto em que entramos, ele pegou minha bolsa e jogou na poltrona ao lado da cama de solteiro. Ele então se sentou na cama e me puxou, me encaixando em pé entre suas pernas. Ele levantou minha saia e abaixou minha calcinha, então ele abaixou a cabeça e começou a me lambe, mordiscando meu clitóris. Ele colocou dois dedos dentro de mim, em seguida, puxou-os para fora e levou-os à boca.

– Mmm, deliciosa – disse ele, lambendo os dedos. – Garota, você é tão linda, que eu preciso me enterrar em você novamente.

Ele me puxou para baixo na cama, tirou minha calcinha, colocou um novo preservativo de uma coleção que ele tinha dentro da gaveta do criado mudo, e se enterrou em mim, com força, em profundas investidas impiedosas, e quando eu gozei, ele me colocou de joelhos e eu o senti lambendo meu traseiro!

– Eu quero transar com você assim – disse ele. – Você gosta?

Eu hesitei. Muitos anos se passaram desde a última vez que fiz isso e membro de John não era exatamente o que eu chamaria de tamanho normal. Na verdade, eu nunca – nunca – tive um pau tão grande em lugar nenhum, muito menos... .

– Eu vou devagar, eu prometo. Eu tenho uma coisa maravilhosa aqui que vai ajudar.

Ele se levantou, procurou algo em sua gaveta e depois me mostrou um pequeno tubo de plástico.

– O que é isso?

– Pomada anestésica de dentista. Eu peguei de um colega...

– Não – eu balancei a cabeça. – Eu quero sentir você. Eu gosto de um pouco de dor.

Eu encontrei a coragem para dizer a ele. Eu não me importei naquela hora se ele iria correr de mim depois; eu só estava preocupada com o meu prazer.

Ele jogou de lado o tubo e voltou a lambe meu ânus enquanto acariciava meu sexo. Quando achei que não poderia aguentar mais de tanto prazer, ele se ajoelhou e lentamente começou a me penetrar, usou primeiro um dedo, depois colocou um segundo, tomando tempo para que eu me acostumasse.

– Lara preciso que você me guie, me diga o quanto posso colocar...

– Tanto quanto você quiser... É tão bom, John. Continue, não pare – falei gemendo.

Com um intenso controle ele entrou no meu ânus, deslizando aos poucos até que o pau dele chegou até o fundo, todo enterrado dentro de mim. Por incrível que pareça, a dor era mínima

e eu estava tão excitada que meu prazer superou minha apreensão inicial. Deus sabia que fazia muito tempo desde que eu tinha transado tão gostoso.

– Mova-se agora, rápido! – eu ordenei a ele. Eu decidi que ia ser eu mesma com esse cara e dane-se o que ele pensaria de mim depois.

Ele perdeu o controle e começou a se mover profundamente em mim, enquanto dava tapas no meu traseiro. Eu gozei três vezes antes dele tirar de mim, trocar o preservativo e me fazer montá-lo, enquanto ele segurava meus seios, apertando-os até doer. Eu não sei quantas vezes eu gozei naquela noite, mas quando eu saí da cama dele às cinco da manhã, ele estava adormecido.

Peguei minhas roupas e me vesti em silencio, para não acordá-lo. Eu usei meu celular e pedi um táxi quando saí do apartamento, fui para casa satisfeita pela primeira vez após um longo período de fome.

Cheguei em casa e fui direto para o meu quarto. Tomei um longo banho, pensando em como aquela noite tinha sido ótima. Fui para a cama e estava feliz, mas ver o John novamente... não sabia se queria ou deveria... Garotas como eu não devem ser namoradas ...

CAPÍTULO XXVI



Simone – Dias atuais

Depois de ficar acordada até tarde para ler o diário, Simone dormiu. Ela acordou mais cansada do que o habitual e antes de sair para o consultório enviou uma mensagem a Carl, atualizando-o sobre seu progresso.

Ela chegou ao trabalho e encontrou uma mensagem em sua mesa. O FBI tinha conseguido uma ordem judicial para exumar o corpo de Theodora e eles planejavam fazer isso naquele dia.

Simone passou mais um dia atarefada, cuidando de seus pacientes e, enquanto terminava suas anotações e arrumava as coisas para sair, recebeu uma mensagem de texto de Carl. Ele queria falar com ela no telefone naquela noite. Ela respondeu dizendo que estaria disponível depois das dezenove horas. Depois ela levantou-se, pegou sua bolsa e saiu para ir para casa.

Dirigiu pelo caminho pensando em Lara e na história dela...ela tinha um conceito errado sobre si mesma...não serviria para ser namorada...uma bobagem que só fazia sentido na cabeça da moça.

De volta a casa, Simone vestiu um moletom azul e tênis e saiu para correr. Antes de falar com Carl, ela precisava de um pouco de ar fresco para limpar a mente e relaxar.

* * * * *

Às vinte horas, Carl telefonou.

– Simone, como vai você?

– Eu estou bem e você, Carl?

– Tentando recuperar o fôlego depois de ler mais um capítulo do diário. Eu tive uma ideia e quero sua opinião. Estou pensando em dar uma cópia dos diários de Lara a John Mayer. O que você acha?

– Neste momento, não acho que seja uma boa ideia. Nós não sabemos o que vai acontecer com a história deles. Vamos terminar de ler, então podemos decidir.

– Bem, John a amava, sabe? – ele fez uma pausa do outro lado da linha e suspirou.

– Eu me lembro de ler sobre ele em seu diário. Ele disse que ela esmagou o coração dele. Mas se você der a ele o diário agora, podemos acabar machucando-o ainda mais. Como eu disse... vamos terminar de ler... descobrir como as coisas terminaram entre Lara e John, então poderemos decidir.

– Você está certa, como sempre. Muito obrigado por tudo o que você tem feito, Simone. Eu sei que sua vida não está fácil e aqui está você, me ajudando com meus problemas.

– Não se preocupe Carl. É bom para mim me manter ocupada...

Eles conversaram por mais alguns minutos e depois disseram boa noite. Simone decidiu que precisava dormir mais cedo para variar.

Ela foi até a cozinha, abriu a geladeira e retirou o frango com aspargos que Lola havia deixado para ela; esquentou, comeu rapidamente em pé mesmo, apoiando o prato, colocou o prato na pia e depois foi para o quarto. Tomou um longo banho, deixou a água morna escorrer pelo corpo e relaxá-la e foi para a cama.

Ela desligou a luz e adormeceu alguns minutos depois de sua cabeça tocar no travesseiro.

Ela ouviu passos e soube que alguém estava dentro de casa. Ela queria correr, mas não conseguia mexer as pernas. Por mais que tentasse, suas pernas não respondiam. Ela precisava

pelo menos alcançar seu telefone. Tinha que ligar para Edward; ele iria ajudá-la. Ela esticou o braço para pegar o celular, mas Carla apareceu de repente. A mulher pegou o telefone de Simone e correu para a porta, rindo.

- Me dê o telefone; preciso de ajuda!

Simone gritou e acordou com os sons de seus próprios gritos.

“Deus, não! Os pesadelos de novo... Eu não posso voltar a tomar pílulas para dormir.”.

Mas depois de se esforçar por pelo menos meia hora para voltar a dormir, Simone se levantou, foi ao banheiro, encheu um copo de água, e tomou um comprimido. Ela ligou a TV e esperou o sono retornar assistindo uma série chata.

* * * * *

Dois dias após a exumação do corpo de Theodora os resultados da autópsia foram concluídos. O relatório apresentava o mesmo componente químico que matara Philip e Helen. Causa da morte, envenenamento por cianeto de potássio.

Mais uma vez, os agentes descobriram o veneno em comprimidos que Simone receitara, e, como Helen e Philip haviam feito, Theodora havia comprado os remédios na mesma farmácia – Health Care. Sem dúvida, na mente de Simone, o local definitivamente estava no centro de todos esses crimes.

Ela começou a ligar para os pacientes, um a um, dizendo que deviam trazer os medicamentos, pois tinha sido informada de que teria havido um erro envolvendo as datas de vencimento. Mas as notícias sobre a exumação de Theodora haviam sido amplamente divulgadas e, de repente, todos os pacientes de Simone estavam telefonando ou indo até o consultório. Eles estavam com medo de tomar os medicamentos, mas felizmente, nenhum dos pacientes acreditava que ela tivesse algo a ver com as mortes.

Eles estavam todos preocupados por ela e por sua segurança. Por precaução, ela deu uma nova receita a todos os seus pacientes e, de acordo com as instruções do FBI, aconselhou-os a cheirar os comprimidos antes de tomá-los. Se notassem o cheiro de amêndoas amargas, deveriam entrar em contato com a polícia local imediatamente. Também lhes recomendou evitar a Health Care na hora de aviar as receitas.

Dois pacientes – do tipo de pessoa que lê sobre os possíveis efeitos colaterais associados a um medicamento em particular e de repente começam a sentir todos os sintomas – foram até a delegacia e levaram seus frascos de comprimidos, porque acreditavam ter cheirado amêndoas amargas. As pílulas foram enviadas para o laboratório e testadas para cianeto de potássio, mas os resultados foram todos negativos.

Um paciente – um homem idoso que morava sozinho – estava inacessível por telefone e, quando a polícia foi falar com ele, eles o descobriram morto. Cianeto de potássio novamente. O veneno foi descoberto dentro de um medicamento que Simone lhe receitara para depressão, aviado na mesma farmácia que aviara a receita para as outras vítimas.

Agentes do FBI foram enviados para interrogar os funcionários da Health Care, mas ainda não haviam encontrado um suspeito.

Agentes estavam vigiando a casa e o consultório de Simone, e sua segurança particular, Gregory, a acompanhava em todos os lugares que ela ia.

Os estranhos telefonemas continuavam e os registros indicavam que eles eram originários de um número desconhecido da Ásia. Infelizmente, nenhuma das chamadas durou tempo suficiente para identificar exatamente a localização do interlocutor, e o FBI não descartou a

possibilidade de Peter ter entrado no país, com um número de celular estrangeiro com ele.

Todas as redes de TV cobriam os últimos assassinatos e muitas das manchetes falavam do psicopata Peter Hay, que voltava para aterrorizar Connecticut. A fotografia dele estava estampada em todas as redes nacionais.

Simone estava em casa quando o telefone tocou. Ela atendeu e, pela primeira vez desde o sequestro, ouviu a voz de Peter. Seu coração começou a acelerar.

– Pare com essa merda toda, sua vaca! Eu não sou o culpado pelos seus problemas, então pare de dizer a todos que sou eu ou eu vou lhe matar! Apenas paaareeeeeee – a voz dele era estridente.

– Peter, onde você está? – Simone manteve a calma e perguntou.

– Eu? Eu estou no inferno para onde você me mandou! – A linha ficou muda e, novamente, não houve tempo suficiente para conseguir a localização de Peter. O FBI instruíra Simone a tentar impedi-lo de desligar imediatamente, mas, obviamente, ele era esperto demais para cair nessa armadilha.

Agentes do FBI procuraram por câmeras de segurança nas casas de todas as vítimas, mas não encontraram nenhum suspeito entrando ou saindo. Parecia um beco sem saída... a mente de Simone estava em um labirinto, ela não sabia o que pensar. Peter teria realmente retornado para matar seus pacientes, ou ele dizia a verdade e não estava envolvido?

Naquela mesma noite, Simone pegou o diário de Lara e se sentou no sofá. Ela continuaria lendo sobre Lara e John Mayer para desanuviar a mente. Depois disso, ela poderia aconselhar Carl melhor sobre dar uma cópia dos diários para John. E além disso, Simone estava realmente curiosa para descobrir como Lara havia partido o coração de John.

O Diário de Lara

Embora eu não tivesse planejado vê-lo novamente, John aparentemente tinha outras ideias e me ligou no meio da manhã seguinte. Eu não atendi.

Na segunda-feira, ele me esperava perto da minha sala de aula, encostado na parede de tijolos, com uma perna dobrada e um pé apoiado na parede. Uma camiseta azul-marinho revelava todos os seus músculos, e ele me assustou porque eu não esperava vê-lo por lá.

– Ei, garota, você sabe como fazer um homem se sentir um lixo.

– Olá, você me assustou. Por que você se sente como lixo?

– Você transou comigo como uma louca e então você simplesmente some? Você não disse uma palavra, você não atende o telefone ... Eu fiz algo errado? – ele fez um olhar inquisidor.

– Não. Eu só pensei... – Na verdade, eu pensei que depois do que eu o deixara fazer, ou melhor, do que eu o encorajara a fazer na cama na outra noite – ele ficaria assustado e nessas alturas estaria em um voo só de ida para a China.

– O quê? Eu posso imaginar o que você pensou... Apenas uma transa para a noite? – Obviamente irritado, ele praticamente cuspiu as palavras.

– Não... é difícil de explicar. Eu tinha que ir para casa. Eu tenho dois irmãos pequenos para cuidar e não podia ficar. Nós – meu irmão, irmã e eu – não temos mãe. Eu... –

– Você não quer mais me ver, tudo bem... Eu só queria ter certeza.

– Não. Eu quero, mas eu imaginei que o meu comportamento poderia ter lhe assustado e eu pensei que você não queria mais me ver. – Eu disse a ele a verdade, afinal não tinha nada a perder.

– Por quê? Pela primeira vez em meus vinte e quatro anos, eu acho uma garota linda e

inteligente e ela gosta de transar do jeito que eu gosto, e você acha que isso me assustou? – ele suavizou o tom e passou a mão no meu cabelo.

Meus ombros relaxaram de alívio. Ele estava chateado, mas não achava que eu era uma maluca depravada, ele tinha gostado do que tínhamos feito tanto quanto eu! Eu dei-lhe um abraço espontâneo, em seguida, dei um passo para trás e dei a ele meu sorriso famoso, o que eu praticava desde criança para desarmar as pessoas. Ele parecia aliviado também, seus ombros relaxaram e ele retornou meu sorriso.

– Isso é bom de ouvir, porque eu realmente gostei de ficar com você – eu disse a ele no ouvido, correndo a minha unha na lateral do pescoço dele. Ele me excitava, eu amava o cheiro da pele dele.

– Vamos tomar uma cerveja hoje à noite? Oh, não, merda, eu não posso. Eu tenho plantão no hospital. Amanhã? – ele corrigiu rápido.

– Amanhã está bem para mim. Eu não tenho nada planejado.

Ele me deu um leve beijo nos lábios, saiu da posição de apoio na parede e foi embora, cantarolando uma música que eu não conhecia. Eu fiquei vendo ele partir, acho que nunca me cansaria de olhar para aquele homem.

* * * * *

Eu comecei a ver John com frequência. Eu tenho que confessar, o sexo que ele e eu tivemos foi o melhor que eu tive em anos. Ele era rude e eu podia falar para ele das coisas que eu gostava... Ainda assim, eu me preocupava em não forçar a minha sorte, mas toda vez que estávamos juntos, eu introduzia um novo "jogo", e então eu esperava que ele me mandasse embora, mas como ele nunca fez isso, eu prosseguia para o próximo passo.

Ele me ensinou a apreciar cerveja. Depois de anos bebendo champanhe, vinho e uísque, podia finalmente citar duas ou três cervejas que eu gostava de tomar de vez em quando e embora uma cerveja gelada não fosse a minha escolha preferida de bebidas, pelo menos era uma bebida que me fazia sentir na minha idade, para variar.

Estávamos tomando uma cerveja no quarto dele, nós dois nus e deitados na cama. Na verdade, ele estava deitado na cama; eu estava meio que deitada em cima dele, envolta no corpo dele enquanto ele acariciava meus seios. Estávamos tão relaxados – e eu estava um pouco tonta – que decidi que era o momento perfeito para apresentar o assunto de usar um chicote. Eu tinha trazido um comigo – um pequeno o suficiente para caber na minha bolsa – e eu tinha que ver o que ele diria se eu pedisse a ele para usá-lo em mim. Virei a cabeça para olhar para ele e soltei a bomba.

– Ei, John, eu estava pensando... Você gostaria de tentar algo diferente hoje à noite? Você está pronto para uma nova experiência?

– Se não for uma coisa gay – disse ele, usando uma frase que eu tinha ouvido várias vezes antes – eu estou dentro. – Ele sorriu.

Eu nunca entendi o que ele quis dizer com "uma coisa gay", mas eu decidi que agora não era a hora de pedir a ele para explicar. Em vez disso, continuei com meus planos. Abaixei-me e peguei minha bolsa atirada no chão, tirei o chicote de dentro e joguei para ele. Ele olhou para o chicote e depois olhou para mim. Se ele ficou surpreso, não demonstrou.

– O que você quer que eu faça com isso? – ele perguntou, levantando uma sobrancelha.

– Que tal tentar em mim? – aponte para o meu corpo nu.

O chicote era de couro preto com franjas. Ele pegou, analisou, acariciou e imediatamente

deu um golpe leve nas minhas nádegas. Ele saiu da cama e me empurrou contra o colchão, já começando a brincar. Ele começou a me acariciar com o chicote, passando as franjas sobre o meu corpo. Eu estremei com o toque frio. Ele brincou com meus seios e passou pelo meu sexo. Eu tremi novamente, desta vez de excitação. Ele me virou na cama e eu fiquei de barriga para baixo, e ele fez o mesmo carinho nas minhas costas, e então, muito gentilmente, ele bateu minhas nádegas. Ah, como eu senti falta disso. Sentia falta disso como uma "pessoa normal", sente falta da respiração, mas seu toque era leve demais para o meu gosto.

– Não... mais forte... – Ele me bateu de novo, colocando mais força, mas o golpe ainda estava longe do que eu queria.

– Mais forte. Eu prometo que está tudo bem.

Um segundo passou, e então eu o senti tenso ao meu lado. Tentei relaxar, me preparar para o próximo ataque e seguir com ele. O chicote contra minha bunda deu uma dor ardente que correu sobre a minha pele. Meu sexo reagiu como se alguém tivesse ligado uma torneira. Eu gemia de satisfação quando ele me bateu mais duas vezes, então ele jogou o chicote de lado, abriu minhas pernas e enfiou seu pau tão fundo dentro de mim o quanto podia.

Ele cobriu meu corpo com o dele, me fodeu sem me olhar nos olhos, agarrado ao meu cabelo, batia na minha bunda com as próprias mãos. Eu gemia e mexia meus quadris e de repente, senti a sensação de estar derretendo em meu sexo, meu clitóris latejava como se tivesse um coração dentro dele. A sensação aumentou, espalhou-se pelo meu estômago enquanto meu coração disparava, e eu comecei a gozar sem parar em uma série contínua de orgasmos.

Quando acabou, eu não conseguia falar. Meu corpo inteiro doía, eu tinha meu rosto enterrado no travesseiro, e John ainda estava deitado em minhas costas, beijando minha nuca. Ele era doce e ao mesmo tempo brutal na cama.

– Você está bem? Eu te machuquei?

Ele puxou meu cabelo para o lado para ver meu rosto, parecia preocupado.

– Me machucou? – eu ri. – Você me fez gozar como uma louca, você não me machucou. Eu amei o que acabamos de fazer.

– Você me deixa louco, garota! Eu não conheço meus limites com você. Apenas o seu cheiro me transforma em uma psicopata!

– Eu gosto disso! – Eu me sentei na cama e me levantei para pegar minhas roupas, pronta para ir.

– Ei, onde você está indo? Você não pode passar a noite?

Eu não podia. Era íntimo demais dormir com alguém. Demais para minha cabeça.

– Eu não posso, John, eu tenho...

– Eu sei... irmãos... Mas só por uma noite? Eles têm seu pai! Eu gostaria de ter você em meus braços por um tempo. Você está sempre correndo. Eu preciso de mais intimidade.

– Mais do que acabamos de compartilhar? – eu apontei para a cama.

– Isso não é intimidade, Lara. Isso é sexo. Eu quero conhecer você melhor. Você é tão misteriosa. Eu nunca sei o que se passa na sua cabeça. Você é tão difícil de entender às vezes. – Ele se sentou na cama e ficou observando eu me vestir.

– O que é tão difícil de entender?

– Você nunca fala sobre sua vida. Eu não sei muito sobre você. Nós transamos, vamos ao cinema, mas você não aceita um convite para sair com meus amigos. Parece que você não quer ser vista comigo. A primeira coisa que as garotas querem saber depois de fazer sexo é quando você vai apresentá-las à ao time de futebol como sua namorada, mas você não parece se importar com isso.

– Eu não sou uma garota normal. Eu nunca vou ser. – Eu não fiquei chateada porque ele tentou me comparar com outras garotas, mas eu me sentia uma merda quando eu pensava sobre a minha vida. Sobre as coisas pelas quais passei. A merda que ele nunca saberia porque eu nunca lhe contaria sobre o meu passado vergonhoso. Eu simplesmente não conseguiria.

– Por que você parece tão triste? – ele perguntou segurando minha mão. –Deixe-me entrar no seu mundo, Lara. Não feche a porta para mim.

Eu balancei a cabeça.

– É assim que eu sou. Eu não sei ser diferente. Eu não estou triste, só estou pensando...

– Ok, garota ... Você obviamente tem seus limites. Eu vou respeitar isso. Apenas não desapareça, ok?

– Não, eu não vou desaparecer. Eu prometo! – Fiz um sinal de promessa cruzando os dedos.

Saí da casa dele, deixando para trás um homem que tinha uma expressão preocupada, pequenas rugas que ele não tinha antes se formavam em sua testa ao me olhar. Apesar do que ele disse sobre respeitar meus limites, obviamente, ele ainda estava preocupado com alguma coisa.

* * * * *

Emms e eu estávamos em casa, preguiçosas no sofá. Ela tinha os pés em meu colo e eu os massageava. Ela sempre amava quando eu massageava seus pés.

– Mm, bom! – ela falou, fechando os olhinhos

– Emms – eu disse – estou saindo com um cara da faculdade...

Ela se sentou para me olhar, um pequeno sorriso se formando em seus lábios. Obviamente, minhas notícias a deixaram feliz.

– E...? – ela perguntou, os olhos verdes brilhando de curiosidade.

– Eu não sei o que fazer com ele – eu suspirei.

– Então me conte tudo e eu ajudo. – Ela tinha uma expressão divertida, e seus olhos tinham o brilho de uma adolescente esperando pela amiga para lhe contar as últimas fofocas.

– Bem, eu o conheci em um jogo de futebol. Ele joga no time de futebol americano. Ele é lindo, o corpo dele é muuuuito bonito... e ele é negro. – Olhei fundo nos olhos de Emms para ver se ela teria algo contra.

– E...? Esse é o problema? Que ele é negro? Quem se importa com a cor dele? – ela dispensou a ideia com um aceno de mão.

Eu balancei a cabeça. Emms não teria nenhum preconceito. Ela era só amor e paz.

– Não, Emms, isso não é um problema. O problema é que o sexo é ótimo com ele, ele é o primeiro cara que me satisfaz em muito tempo... desde Paris, mas ele quer que eu conheça seus companheiros de time, seus amigos, saia com ele. E eu não sei o que fazer.

– O que você sente por ele, Lara? – Emms pegou minhas mãos e me olhou nos olhos.

– É difícil dizer. Eu gostaria de dizer que estou apaixonada por ele. Eu gostaria de poder sentir o que eu sentia por Adrien, aquele tipo de sentimento romântico sobre o qual eu li em livros. O tipo de amor em que você quer tanto alguém, que você se esquece de si mesma, mas eu não consigo. Eu não posso sentir essas coisas, e isso me machuca. É como um buraco dentro de mim... um buraco vazio. E eu não posso preenchê-lo, e eu não sei porquê!

– Amor implica confiança. Você passou por muita coisa, minha querida, e é difícil para você confiar.

– Eu posso lidar com sexo, posso lidar com paixão... mas sentimentos, Emms? Eu não posso, eu simplesmente não posso! Eu sei como dar prazer a um homem e posso sentir prazer.

Eu posso deixar meu corpo e ir para outra galáxia durante um orgasmo, mas eu não consigo amar. Eu simplesmente não consigo.

Algumas pessoas podem achar estranho falar assim com a avó, mas eu não. Emms sempre desempenhou um papel duplo na minha vida. Ela era a amiga perfeita quando queria ser e a avó perfeita quando eu precisava de uma. E naquele momento ela estava sendo minha melhor amiga.

– Explique para mim o que você sente. Me conte mais sobre esse buraco que você acha que tem. Talvez eu possa ajudar – ela apontou para o meu peito.

– É como uma fome eterna, Emms, um desejo que não posso satisfazer. É como precisar de sexo, e ficar sem, mas está dentro do coração – coloquei a mão sobre o peito e continuei. – Eu gostaria de me apaixonar por John. Ele é especial. Ele entende minhas necessidades físicas. Eu acho que ele poderia ser o cara certo para mim, mas eu não sei como atender ao pedido silencioso que vejo nos olhos dele. Eu não sei como dar amor, Emms! Eu só sei transar!

– Menina, isso não é verdade! Você é uma pessoa amorosa e carinhosa. Eu vejo você com seus irmãos e você está sempre tentando compensar a ausência de sua mãe. Você os ama, se preocupa com eles... você tem um coração terno dentro do seu peito, Lara.

Ela tocou meu rosto e lágrimas encheram meus olhos.

– Talvez eu simplesmente não saiba amar um homem.

– Dê a si mesma uma chance, meu raio de sol! Apenas se dê uma chance e não se obrigue a amar alguém. Se você gosta de estar com esse cara, tente ir um pouco mais longe. Saia com os amigos dele, convide-o para vir aqui... seja sua namorada por um tempo. Você não precisa prometer a ele amor eterno ou casamento, mas se gostar dele, experimente.

– Eu gosto dele e amo você. Você é tão especial, Emms!

– Veja! Você sabe amar! Acabou de dizer que me ama! Eu amo você também, muito. E por favor, não se esqueça dos preservativos.

Ela abriu os braços e eu a abracei, e a risada substituiu minhas lágrimas.

* * * * *

Tomei o conselho de Emms e comecei a sair com John. Para minha surpresa, achei os amigos dele agradáveis e ele abriu um novo mundo para mim. Amigos, cervejas, bares... uma vida que eu nunca conheci. Eu descobri como rir com pessoas da minha idade, e estava me esforçando para deixar as coisas seguirem seu curso, tudo tem seu tempo.

CAPÍTULO XXVII



Simone – Dias atuais

Simone enviou uma mensagem para Carl para lhe dizer onde ela havia parado na leitura, mas ele não respondeu. Talvez ele estivesse ocupado, pensou ela.

E quanto a Edward? O que ele estaria fazendo ultimamente? Eles raramente conversavam e ela tinha que admitir que sentia falta dele... e pior, ela estava com ciúmes. Seu peito doía toda vez que ela pensava nele rindo com a bela e jovem Carla. A mulher tentou ser legal com Simone, mas ela não podia negar que a odiava – afinal, Carla havia roubado seu melhor amigo!

Ela definitivamente teria que analisar seus sentimentos, mas não agora. Nada mais desse tipo de pensamento tão tarde da noite, ela decidiu. Ela fez um desvio para a cozinha para pegar um lanche rápido antes de dormir. Algum dia, quando ela estivesse com a mente clara e descansada, ela analisaria seus sentimentos por Ed. Agora, ela abriria uma garrafa de vinho, serviria um copo e faria um brinde à solidão e ao trabalho duro, os dois companheiros constantes de sua vida.

* * * * *

No dia seguinte, na volta do trabalho Simone foi ao supermercado comprar mantimentos. Ela precisava comprar alguma coisa para ter em casa ou morreria de fome.

Simone entrou em sua casa pela garagem para evitar ser vista. A imprensa ainda a incomodava e era difícil ir de casa para o trabalho e voltar sem ser vista. Além disso, os agentes do FBI estavam sempre vigiando. Eles estavam na frente de sua casa e seu escritório todos os dias e todas as horas, para sua proteção e ela se sentia como um peixe vivendo em um aquário.

Simone saiu rapidamente do carro, entrou na cozinha pela porta da garagem, guardou as compras nos armários e foi até a sala de estar para se deitar no sofá e relaxar um pouco. Ela iria ler um pouco, mas por enquanto, ela não faria nada... só descansaria de seu dia tumultuado, tirou os saltos, se deitou e pôs os pés no encosto do sofá.

Ela estava colocando os óculos para começar a ler quando ouviu ruídos. Ela olhou para cima, levantou-se e foi ver o que estava acontecendo lá fora. Ela foi até a janela e puxou as cortinas um pouco e seu coração afundou. Parado no jardim da frente, estava um Armando muito irritado e um agente do FBI que o revistava da cabeça aos pés.

– Ei, pare com isso. Eu sou o noivo do Dra. Bennet! – ele gritou.

Oh, Deus. A última vez que ela o vira, ele tentou se passar por namorado dela. Agora ele atualizou seu status para noivo? Ela ia estrangular aquele idiota.

Simone saiu pela porta da frente e desceu pela calçada.

– Você pode deixa-lo em paz agente – disse ela. – Ele é um idiota, mas inofensivo.

– Tem certeza, doutora? – perguntou o homem todo vestido de preto.

– Sim. Tenho certeza.

– Eu avisei você.

Armando disse ao agente, parecendo uma criança que fora resgatada pela mãe, o que provavelmente acontecera muito durante a vida dele. Apenas uma das razões pelas quais ele era um bastardo mimado. Simone não se surpreenderia se ele mostrasse a língua ou batesse o pé para o pobre agente do FBI.

– Armando, vamos para dentro.

A vida de Simone já estava tão exposta; ela não queria falar com Armando no gramado

em frente a casa. Ela se virou e voltou para a casa, sem dúvida Armando iria segui-la. Assim que chegaram ao vestíbulo, com a porta firmemente fechada atrás deles, ela se virou para o homem cujo comportamento se aproximava perigosamente do de um perseguidor.

– Você não vai me convidar para sentar, Simone? – ele fez beicinho.

– Não, eu não vou. O que você está fazendo aqui de novo? Você não tem uma vida em Miami, no Paraguai ou o onde quer seja? – ela abriu os braços mostrando o mundo.

– Eu tenho... mas eu precisava ver você! Eu vi a notícia e fiquei preocupado. Eu pensei que você gostaria de ir para algum lugar seguro. Poderíamos ir juntos para a fazenda da minha família no Paraguai. Até o general sugeriu que esse seria o melhor lugar para proteger você.

– Eu sei. Eu já falei com ele. Obrigada pela oferta, Armando, mas eu não vou a lugar algum. Eu tenho pacientes que precisam de mim.

– Eu preciso de você! Você não pode morrer! – Ele falou em tom trágico e tentou abraçá-la, mas ela o empurrou com força. Antes que ele pudesse se recuperar, ela se virou e foi para a sala de estar, precisava colocar algum espaço entre eles. Infelizmente, ele a seguiu.

– Ei, você poderia ser mais gentil. Afinal, eu vim até aqui só para te proteger!

Simone se virou sem a menor paciência e disse em tom ríspido:

– Armando, você está aqui porque quer estar aqui, não porque eu lhe pedi para vir; vamos ser claros sobre isso. E espero que você não faça uma cena dessa vez. Você viu o agente lá fora? Terei prazer em chamar ele para lidar com você.

Armando procurava algo dentro de sua mochila, que ele jogara no chão da sala de estar. Simone franziu a testa e sacudiu a cabeça. Aquele idiota teria ouvido algo do que ela dissera? Finalmente, ele se endireitou, com um sorriso triunfante no rosto e uma pequena caixa preta quadrada na mão. Ele levantou a tampa da caixa e mostrou-a Simone.

– Simone, case comigo! Eu posso lhe proteger do mundo! – e ficou de joelhos em frente a ela.

“Eu estou literalmente cercada por pessoas malucas.”. Se ele ia protegê-la do mundo, o que ele era... um *alien*? Simone piscou ao ver o anel de ouro com o um diamante enorme, em forma de coração, dentro da caixa. Ela estava furiosa, ela se sentia invadida pela presença de Armando, ela estava chateada com a ridícula proposta de casamento, o estômago dela estava doendo e ela realmente queria ser forte o suficiente para literalmente chutar Armando porta a fora. Ela nunca sentiu o desejo de bater em alguém antes, mas agora ela sentia, e ela finalmente podia entender porque as pessoas perdem a paciência e agredem alguém.

– E quem me protegeria de você? Armando, quantas vezes eu tenho que repetir? Eu não quero você! Eu não amo você, não quero me casar com você e não quero você perto da minha casa ou da minha vida. Está claro agora? – sua voz era alta e seu tom irritado.

– Não para mim. Você está jogando duro...

– Não, eu não estou! Eu estou dizendo a verdade. Estou sendo tão honesta quanto posso ser! Pegue suas coisas, seu anel, sua mochila e seu rosto estúpido e saia da minha vida, por favor!

– Você é uma verdadeira cretina, você sabe disso? Você acabou de partir meu coração! Você merece tudo o que está acontecendo com você! Você não merece um homem como eu; você merece que um psicopata destrua sua vida! Você vai pagar por isso, Simone! Você fez tudo para eu me apaixonar por você e depois me descartou como um trapo velho!

Ela a estava ameaçando, mas em um tom de voz muito baixo, sem dúvida se lembrando do agente do FBI do lado de fora da porta da frente. Mas seu rosto era uma máscara de raiva, sua boca virada para baixo nos cantos e os dentes cerrados. Simone tinha medo dele, mas não podia

demonstrar.

Ela apontou para a entrada da frente e abriu a porta rapidamente, gritando para atrair a atenção do agente na frente de sua casa.

– Por favor, saia agora, Armando... conversa encerrada. “Com sorte, para sempre!”, ela pensou

Ele saiu rapidamente sem olhar para trás. Simone correu para a janela e observou-o quando ele se aproximou do agente que o revistara. Ao passar pelo homem, Armando trocou a mochila de um ombro para o outro, balançando-a de maneira que atingisse o agente no braço. Simone balançou a cabeça. “Deus, que criança mimada.”

Simone foi até a cozinha e encheu um copo com água. Ela bebeu devagar, acalmando seus nervos, e então ela foi até o banheiro, abriu o armário de remédios e pegou um antiácido. Seu estômago a mataria se sua vida continuasse assim. Ela precisava encontrar a paz novamente.

Levou meia hora para que ela se acalmasse, para que sua respiração voltasse ao normal e que suas mãos parassem de tremer. Ela voltou ao seu lugar no sofá, colocou seus óculos de leitura e pegou o diário de Lara para ler um pouco mais.

O Diário de Lara

Cheguei em casa mais cedo do que o habitual e a cena que encontrei na sala me surpreendeu. Sean estava lá beijando outro cara! Que choque! Eu sabia que ele era diferente – por exemplo, ele sempre adorou brincar com bonecas enquanto ignorava seus carros de brinquedo – mas eu sempre achei que ele era sensível ou algo assim. O que deveria fazer? Falar com ele?

Fui à cozinha antes que eles pudessem me ver e fiz muito barulho preparando um lanche, para que eles percebessem que eu estava lá.

Eu comia um sanduíche quando Sean entrou na cozinha, seu “amigo” em seus calcanhares.

– Ei, mana, você chegou em casa cedo hoje! – ele falou com um sorriso amarelo, parecia surpreso e muito desconfortável. Ele ficou perto da mesa, chutando a perna, claramente incerto sobre o que deveria dizer ou fazer em seguida.

Sean era mais alto que eu e muito magro. Ele usava óculos, seu cabelo era castanho e seus olhos eram exatamente da mesma cor que os meus. Ele seria um homem bonito, mas por enquanto, suas mãos eram grandes demais e seus ossos eram visíveis demais para o meu gosto.

– Sim, estou cansada e estou farta da biblioteca. Você não vai apresentar seu amigo?

– Peter. – O estranho me deu a mão. Ele tinha cabelos castanhos, olhos verdes e era muito bonito, com seu sorriso largo.

– Lara, irmã mais velha de Sean – dei a mão para ele.

– Prazer em conhecê-la, Lara. Eu pensei que você fosse Deus.

– Prazer em conhecê-lo também, Peter. Deus? Por quê?

– Sean está sempre falando de você, mas eu nunca lhe vi antes, então eu tinha que acreditar que ele tem uma irmã linda. Como Deus, todo mundo acredita, mas ninguém vê.

O cara estava tentando ser engraçado.

– Quantos anos você tem, Peter?

– Vinte e um.

– Você estuda?

– Acabei de terminar a escola de negócios e estou começando meu próprio negócio – ele falou, orgulhoso.

– Oh? Que tipo de negócio?
– Compra de roupas da China e venda para varejistas nos EUA ...
– Interessante... e é um bom negócio? – perguntei por perguntar
– Um dia vai ser, mas até agora, eu não poderia pagar uma cerveja. Desculpe!
– Legal. Graças a Deus, não gosto muito de cerveja. Boa sorte. Eu tenho que ir para o meu quarto para estudar, então vocês dois se cuidem.

Sean permaneceu em silêncio durante minha conversa com Peter – um mudo muito culpado, na minha opinião. Peter falava muito com as mãos. Eu tinha certeza que ele não era italiano, então ele estava nervoso.

Eu não sabia o que fazer, e quando Emms chegou em casa naquela noite, eu estava esperando por ela. Peguei nas mãos dela e sussurrei.

– Emms, eu acho que Sean é gay – foi meu cumprimento para ela.
– Oh, bem, olá para você também, senhorita. E sim, ele é. Quanto mais cedo todos aceitarmos isso, melhor. Estou surpresa que você tenha demorado tanto para perceber.

– Não! Você já sabia?
– Desde o dia em que fiz o mapa astral dele. Eu acho que é bem óbvio, não é? Ele não é nem um pouco masculino. Nunca foi. Mas como você descobriu?

Emms era uma astróloga amadora e sempre fazia mapas para seus amigos e familiares. Ela era muito boa e muito séria nisso. Naquela época, eu não acreditava muito, mas depois de alguns anos, minha curiosidade aumentou, e ela até me ensinou como fazer gráficos e analisar as personalidades das pessoas.

– Cheguei mais cedo do que o habitual e o vi beijando outro cara. Um cara mais velho...
– Isso é novidade! Até agora, eu não achava que ele fosse praticante. Achei que era só potencial. Eu acho que é hora de eu ter uma conversa com ele. Quão mais velho era esse sujeito?

– Cinco anos mais velho que Sean.
– Isso é muito! Quem é ele? Você conseguiu descobrir mais?
– Peter alguma coisa. Não me lembro se ele me disse o sobrenome. Eu estava em estado de choque!

– Oh. Sim. Peter. Ele é um garoto legal. Não se preocupe. Ele vem de uma boa família – todos advogados, acredito.

– Mas ele é mais velho ...
– Sim, isso é uma preocupação, mas pelo menos ele não é louco. Bem, eu tenho que fazer o mapa dele para ter certeza. Eles sabem que você os viu?

– Não. Eles não me viram. O que vamos fazer sobre isso?
– Primeiro, vou falar com o seu irmão e depois vou falar com o seu pai. Isso sim será difícil...

– Por quê? O que você pretende dizer a ele?
– Ele precisa abraçar a sexualidade de Sean. Seu pai não é o tipo de homem que aceitará ter um filho gay com muita facilidade. Ele é muito rigoroso.

– Mas você não vai tentar convencer Sean a ... eu não sei ... tentar garotas?
– Nenhuma chance. Se uma pessoa é gay, ela é gay. Não há como forçar alguém a ser algo que não é. Se ele não for aceito por esta família, ele terá uma vida toda tentando esconder quem ele é, disfarçando seus desejos e sofrendo enquanto ele tenta se encaixar. Eu não vou permitir que isso aconteça com seu irmão. Ele é adorável e ele passou por muita coisa com sua mãe indo embora. Ele precisa de apoio. Não será fácil, mas será pior se não o apoiarmos.

– Você acha que isso é normal, Emms? Ser gay?

– O que eu sei é que não é uma escolha e uma pessoa é gay ou não é. Sean é, então quanto mais cedo enfrentarmos isso, melhor. É uma decisão difícil que ele terá que tomar, decidir se ele vai abraçar sua homossexualidade ou se vai tentar esconder isso. Se ele decidir sair do armário, precisará de coragem. A sociedade não aceita muito a homossexualidade, mas se estivermos ao lado dele, será mais fácil.

– Eu não sei o que pensar.

– Pense com seu coração, não com seu cérebro. Ele é seu irmão. Você o ama, então você o aceita como ele é. Por que isso mudaria? O sexo dele não é o coração dele e ser gay é problema dele, não seu. Apenas ame-o, garota – ela cutucou no meu peito com o dedo

Esta foi a primeira vez que tive que enfrentar o assunto da homossexualidade de perto. Eu não sabia o que pensar, mas amava meu irmão. Eu ia apoiá-lo, não importa o que ele decidisse.

CAPÍTULO XXVIII



Simone – Dias atuais

O suficiente por hoje, pensou Simone. Do ponto de vista de um psiquiatra, Lara tinha uma família muito interessante. Uma família cheia de problemas que giravam em torno da sexualidade, traições, homossexualidade e pedofilia... Simone estava feliz por ela ter focado sua carreira em ajudar pessoas que tinham desvios sexuais, pois ela estava certa de que eram a raiz de todos os outros problemas emocionais.

Simone decidiu tomar um banho. A água correndo sobre seu corpo faria maravilhas por ela, ela pensou, e então ela terminaria seu dia com uma boa refeição e uma pílula para dormir. Ela estava com medo de outro pesadelo, e como a pílula levava pelo menos meia hora para produzir o efeito necessário, ela decidiu tomá-la antes de ir para a cozinha.

* * * * *

Sábado de manhã Simone acordou tarde, graças ao remédio que tomara, mas não teve pesadelos. Levantou-se e, depois de tomar um banho rápido para acordar um pouco mais, vestiu uma calça de moletom e uma camiseta. Ela iria correr depois do café da manhã. Ela estava certa de que o agente que a seguia não ficaria feliz com isso, mas ele a seguiria de qualquer maneira.

Quando ela entrou na cozinha, o café da manhã estava pronto. Sua criada, Lola, chegara antes e preparara uma linda mesa.

– Bom dia, Lola, muito obrigada! Você é tão gentil. Como você está hoje? – Simone sentou-se para comer.

– Bom dia, doutora. Não estou me sentindo bem. Como de costume, meu estômago está me incomodando.

– Oh, Lola. Se você não está se sentindo bem, deve ir para casa. Não precisa estar aqui hoje se você...

A empregada cambaleou, seus olhos viraram para trás. Simone ficou em pé imediatamente e foi em direção da mulher.

– Lola! Você está bem? – Mas antes que Simone pudesse segurá-la Lola caiu no chão aos pés de Simone. – Lola? Simone se ajoelhou ao lado da mulher. – Lola, você pode me ouvir?

A mulher mais velha ficou mortalmente pálida e espuma escorreu de seus lábios até o queixo.

Simone se ajoelhou e sentiu as batidas irregulares do coração de Lola, ficou em pé, tirou o celular do bolso da calça de moletom e discou rapidamente para o 911. Após dar seu endereço para o atendente, ela correu para a porta da frente e a abriu.

– Ajude, agente Wilson, por favor! – Ela chamou o agente do FBI. – Eu acredito que minha empregada foi envenenada!

O agente Wilson correu para dentro da casa. Ele se ajoelhou ao lado de Lola e juntos iniciaram procedimentos para tentar salvar a mulher. Simone se sentia impotente. Mesmo sendo médica, ela não conseguia pensar com clareza nem encontrar a calma necessária para ajudar. Quem teria feito isso com sua empregada? Como alguém poderia fazer uma coisa dessas? A presença de espuma vinda da boca de Lola deixou Simone certa de que a pobre mulher havia sido envenenada.

O barulho de uma sirene interrompeu seus pensamentos e ela correu para a porta da frente para atender a ambulância.

Cinco minutos depois, os paramédicos levaram Lola pela porta da frente em uma maca. Simone pegou sua bolsa e as chaves da mesa no vestibulo e os seguiu. Ela esperou impaciente enquanto carregavam a maca na parte de trás da ambulância.

– Eu vou com vocês – disse Simone, adiantando-se antes que pudessem fechar a porta dos fundos do veículo de emergência. Ela não esperou por ajuda, subiu para se sentar ao lado de Lola. Sentada no banco no fundo, viu o agente Wilson na calçada, colocando um par de algemas em um Armando de aparência muito aborrecida.

– O que aconteceu, agente? – ela gritou de dentro da ambulância.

– Não se preocupe, doutora. Acabei de encontrar esse homem estacionado na frente da casa e agindo de forma suspeita. Vá com sua empregada, eu vou cuidar disso.

Simone sentou-se no banco e as portas se fecharam. A ambulância avançou, a sirene tocando. Mais uma vez Simone observou em silêncio, enquanto um paramédico verificava os sinais vitais de Lola e dava algum tipo de medicamento intravenoso a ela. Felizmente, a pobre coitada ainda estava viva. Simone fez uma oração apressada pela recuperação completa da empregada. Seus pensamentos se voltaram para Armando. Ele poderia ser responsável pelo que estava acontecendo com Lola?

Ele havia entrado em um confronto com a empregada em uma de suas visitas anteriores e prometeu que iria se vingar de Simone por tê-lo dispensado. Sua cabeça girava com pensamentos horríveis, mas e as outras mortes? Por que ele teria machucado mais alguém?

* * * * *

Lola morreu antes do meio dia, e de acordo com os médicos, de alguma forma, ela ingeriu cianeto de potássio. Ainda em estado de choque, Simone sentou-se em uma das minúsculas áreas de espera do hospital. Ela não tinha se mexido por horas... Não desde que o médico assistente havia lhe dito que Lola não resistira. Simone não sabia o que fazer ou aonde ir.

– Simone, você está bem? – Ela olhou para cima. Edward. Como ele sabia onde encontrá-la?

– Eu ouvi a notícia. Carla me ligou para dizer que o agente havia informado sobre você vir para cá – disse ele, como se tivesse lido seus pensamentos. – Como está Lola?

– Morta... indo para autópsia... ela foi envenenada! – A voz de Simone era agoniada, mas seus olhos estavam secos. Ela ainda não conseguira processar a dor. Lola estava com ela há mais de dez anos. Ela era da família!

– Envenenada! – Edward balançou a cabeça. – Bem você vai para casa comigo. De jeito nenhum você irá para a sua casa sozinha.

– Mas eu nunca prescrevi qualquer tipo de medicação para Lola!

– Acalme-se, Simmie. Nós ainda não sabemos o que está acontecendo. – Ele estendeu a mão para ajudá-la a ficar em pé. – Vamos para casa.

– Carla contou alguma coisa sobre o cara que eles prenderam na frente da minha casa?

– Sim, eles estão interrogando ele. Assim que eu tiver alguma notícia, eu lhe informarei.

* * * * *

Edward deixou Simone em seu apartamento antes de ir até a casa dela para pegar algumas coisas. Ela não conseguia pensar com clareza; sentia pena de Lola e se sentia culpada.

“Lola está morta por minha causa!”. O pensamento continuou girando em sua mente. Por quê? Quem faria isso? Se Peter estava realmente no exterior, quem havia envenenado sua

empregada? Armando? “Eu sou tão cega assim? Será que eu inconscientemente conduzi um verdadeiro psicopata para dentro de minha casa? Se for esse o caso, eu devo rasgar meu diploma.”. Se ela tivesse dormido com Armando sem perceber que ele era capaz de matar, ela poderia ser um perigo para seus pacientes. Talvez o sequestro tivesse bagunçado a cabeça dela; talvez ela não pudesse confiar mais em seu julgamento. Ela se lembrou do conselho que ela deu a seus pacientes recentemente e se sentiu mal com isso.

Sua cabeça era como um labirinto; ela não conseguia encontrar a solução para o quebra-cabeça.

Quando Edward chegou, Simone estava sentada na mesma cadeira em que estivera quando ele a deixara quarenta minutos antes.

– Simmie, eu vou preparar um banho para você. Isso vai ajudá-la a relaxar.

Mais uma vez, ele a pegou pela mão e a levou para o quarto de hóspedes. Ela esperou, parada no meio do quarto enquanto ele entrava no banheiro. Um momento depois, ela ouviu o som da água correndo. Quando a banheira estava cheia, Edward voltou para o quarto de hóspedes.

– Você vai ficar bem sozinha? – perguntou ele.

Simone assentiu.

– Sim – ela sussurrou. – Obrigada.

Ele assentiu.

– Eu vou esperar por você na cozinha.

Simone tomou um longo banho, vestiu uma calcinha rosa, jeans e uma camiseta que ela encontrou na mala que Edward trouxe para ela. Ela então voltou para a cozinha descalça, com o cabelo molhado.

Edward preparava o almoço. Tinha que ser depois das três da tarde, mas embora ela mal tivesse tocado seu café da manhã, ela não tinha apetite.

– Coma um pouco, querida. Você passou por muita coisa ultimamente.

As amáveis palavras de Ed criaram brechas no nevoeiro que encobria a mente de Simone e ela começou a chorar, lágrimas quentes corriam pelo rosto. Ela se sentia tão impotente, tão culpada e tão perdida.

Edward puxou-a para perto e a abraçou. Enquanto corria os dedos pelo cabelo úmido dela, pela segunda vez em uma semana, ela chorou no ombro dele.

– Shh, você está segura agora, Simmie. Eu não vou deixar nada acontecer com você. Eu prometo.

Ele moveu a cabeça como se fosse beijar seu rosto. Simone virou o rosto ao mesmo tempo e seus lábios se tocaram. Impulsionada por uma necessidade instintiva de se sentir viva, por contato humano, ela o beijou. Felizmente, ele correspondeu, puxando-a para mais perto, em vez de empurrá-la para longe.

Suas línguas se entrelaçaram em um beijo profundo. Simone colocou uma mão na nuca dele e pegou os botões da camisa com a outra. Quando conseguiu abrir alguns botões ela deslizou a mão para acariciá-lo, passando os dedos pelos cabelos finos do peito dele e absorvendo seu calor. Depois de alguns momentos eles se separaram e Edward levantou a cabeça. Simone encontrou seu olhar quente enquanto ela respirava com dificuldade. O olhar dele fixo em seus olhos perguntava se ela tinha certeza de que isso era o que ela queria. Simone assentiu lentamente.

Aparentemente, esse era o convite que Edward precisava, porque ele a pegou em seus braços e a levou para a cama. Nenhum deles proferiu uma palavra. Em vez disso, usaram suas

mãos, dedos, lábios e línguas para comunicar seu desejo mútuo, enquanto tiravam suas roupas em uma corrida desesperada para sentir a pele contra a pele.

O cheiro do perfume de sândalo dele invadiu seus sentidos, um aroma familiar e que nunca a havia excitado antes. Mas hoje, por alguma razão estranha, o cheiro fazia seu sangue ferver.

– Deite-se – ele disse – preciso tocar em você.

Simone sorriu.

– Você está me tocando, seu bobo – disse ela, mas atendeu ao pedido dele e se moveu para deitar de costas, com a cabeça apoiada em um dos travesseiros grossos de plumas.

Edward deitou de lado e começou a acariciar seu corpo e embora a carne de Simone respondesse ao toque dele, seu foco estava na expressão de Ed. Nunca tinha visto uma expressão de admiração latente. Ele traçou suas curvas, seu toque era gentil e ele explorou cada centímetro do corpo dela, e então ele fez a mesma coisa com os lábios, lambendo e beijando-a do pescoço ao tornozelo, parando apenas para dar atenção aos seios. Ele se movia devagar, obviamente sem pressa e claramente apreciando as preliminares.

Edward passou a língua na parte inferior da barriga de Simone e foi descendo, deixando para trás um rastro de fogo, até que ele finalmente alcançou o clitóris. Ele respirou fundo, tocou-o com a ponta da língua. Simone já estava se contorcendo sob seu toque e quando ela gemeu, ele começou a sugar o clitóris dela com mais energia, enquanto lhe acariciava o sexo com os dedos.

Ela tentou tocá-lo, mas ele agarrou a mão dela e gentilmente a afastou.

– Hoje não... quero sentir você... eu espero por isso há tanto tempo...

Levantou-se, se posicionou entre as pernas dela até as pélvis estarem alinhadas e depois a penetrou lentamente.

– Você é muito melhor do que nos meus melhores sonhos – Edward disse a ela. – É tão bom estar dentro de você – ele sussurrava.

– Mais rápido, Ed! – Ela estava desesperada para gozar.

Ela levantou os quadris rapidamente e começou a movê-los e Edward aumentou o ritmo para acompanhá-la. O pênis dele dentro dela invadindo-a, provocou uma sensação quente que se espalhou por todo seu sexo. Seu clitóris pulsava, seu corpo ansiava pela liberação final. Ela gemeu, deslocando seu corpo até que ela sentiu o membro de Edward contra seu ponto G, então ela se abandonou e gozou, explodindo de satisfação. O orgasmo de Edward seguiu logo após o dela, enchendo-a com seu gozo quente e fazendo-a tremer embaixo dele.

Eles ficaram quietos, lado a lado; amigos por mais de vinte anos e amantes por apenas alguns minutos e surpreendentemente Simone não sabia o que dizer. Ela temia que o que saísse de sua boca quebrasse a atmosfera idílica que os rodeava. Ela pensou em dizer a ele como tinha sido bom e como ela se sentira, mas ela era muito tímida para isso. Falar de sexo dos pacientes era uma coisa, mas dela mesma... Edward foi o primeiro a quebrar o silêncio, virando-se para ela.

– O que faremos agora?

– Sobre? – ela estava deitada de barriga para cima e apenas virou a cabeça para olhar para ele.

– Nós? – Ele apontou dela para ele

– Eu não sei... eu não planejei isso, e você tem Carla. – Ela fez um gesto de mostrar um distintivo com a mão.

– Sim, mas eu amo você. Isso nunca mudou, Simmie. Eu amo você desde... desde sempre e para sempre e você sabe disso – ele acariciou os cabelos desarrumados dela.

– Eu não sei o que dizer, Ed. – Ela suspirou e rolou de lado para poder ver o rosto dele,

apoiando a cabeça com o braço.

– Eu não sei que denominação dou para como me sinto, mas sei de uma coisa com certeza. Estar longe de você é uma tortura para mim e eu não posso mais fazer isso. E eu não posso fingir que não me importo de ver você com a Carla ou fingir que não me importo de você estar distante.

– Isso soa como amor para mim, Simmie e estou feliz em ouvir isso. Nós vamos descobrir o que fazer. Apenas fique aqui por um tempo. Ele acomodou a cabeça dela no ombro dele – deixe-me desfrutar de ter você hoje.

– Você ... não usou camisinha – ela falou timidamente.

– Eu sei. Me desculpe, eu não estava pensando em segurança. Eu realmente não pensei nisso.

– Não se preocupe com isso, está bem? Não se preocupe... Eu não acho que você é o tipo de homem que dorme com todas as garotas da cidade e eu tenho um DIU, então estamos bem. Eu espero...

– Oh, bem, se você está preocupada com gravidez, não... Depois que Noah nasceu, eu fiz uma vasectomia, lembra?

Ela balançou a cabeça.

– Eu esqueci...

– E meus exames estão todos em dia...acho que estamos seguros – ele sorriu para ela.

Simone fechou os olhos e relaxou, aproveitando a sensação de segurança e conforto que sentia por estar nos braços de Edward. Pela primeira vez em muito tempo, ela sentiu como se tudo estivesse bem em seu mundo.

* * * * *

Mais tarde, quando Simone e Edward estavam comendo o jantar que ele preparara, o telefone de Ed tocou. Ele atendeu a ligação, ouviu e falou por alguns instantes e depois agradeceu ao interlocutor e desligou.

– Seu amigo tem um álibi. Ele alega que ele não teria tido tempo para fazer nada com Lola. Ele estava em um vôo depois dirigiu diretamente até a sua casa. Ele tinha comprovantes das passagens aéreas, um contrato de aluguel do carro, e ele disse que seu vizinho o cumprimentou quando ele chegou. O FBI tem que confirmar tudo, mas se tudo conferir, parece que ele está livre.

Simone ficou aliviada. Talvez o julgamento dela não estivesse assim tão comprometido, afinal. Ela sempre achou que Armando era um idiota mimado, não um psicopata, mas nunca se sabe ao certo.

– Eu tenho câmeras na minha casa, Ed. Os agentes podem pegar as cópias das gravações. Eu acredito que elas gravam por uns sete dias.

– Eu penso que eles já devem estar de posse das filmagens. Eu odeio lhe dizer isso agora, mas eles já estão procurando evidências em sua casa.

– Eu não esperava nada diferente – disse ela e voltou a saborear a comida perfeita de Ed.

* * * * *

Simone e Edward estavam tomando café da manhã no dia seguinte, quando ele recebeu outra ligação, desta vez de Carla. Simone prestou atenção à conversa, embora mantivesse os olhos baixos, fixos no prato. Para seu alívio, a conversa deles parecia mais profissional do que

pessoal e Ed foi breve.

– Seu amigo está limpo – disse ele depois de desligar. – O álibi foi confirmado e as fitas de sua casa mostram que ele apareceu depois que a ambulância foi estacionada. Ele não é mais suspeito.

– Graças a Deus! – Ela deu um sorriso e pensou:

“Eu sabia que ele não era louco, apenas um Chato com C maiúsculo.”.

* * * * *

Naquele fim de semana, Simone e Edward passaram a maior parte do tempo na cama, fazendo amor, mas não falaram muito. Nenhuma promessa foi feita. Ela não sabia o que Edward havia dito a Carla, mas ele não havia deixado o apartamento para conversar com ela.

Ele e Simone estavam se divertindo e ela não queria pensar sobre o futuro deles – assumindo que eles tivessem um. Se ela sobrevivesse a toda a loucura que acontecia ao seu redor, pensaria no amanhã. Por enquanto, sua decisão recente de aproveitar a vida que é muito curta, orientaria seus pensamentos e ações.

Domingo à noite ela decidiu passar um tempinho lendo o diário de Lara, enquanto Edward examinava alguns documentos de um perfil criminoso de um estuprador, que ele estava fazendo para um advogado.

Ela tirou o diário de Lara de sua bolsa e, quando subiu na cama, olhou para Edward. Ele estava encostado na cabeceira da cama, o laptop nas pernas, semicerrando os olhos para a tela, apesar do fato de estar usando óculos de leitura; ela sentia enorme prazer em estar ao seu lado, mesmo que terminassem o fim de semana trabalhando.

O Diário de Lara

No dia seguinte, Emms me disse que tinha conversado com Sean, e disse que ele estava muito reticente em sair do armário. Como todos os adolescentes, ele queria ser aceito, não queria ser diferente. Emms lhe contara como era importante para ele aceitar a si mesmo se quisesse ser feliz, mas, por um tempo depois disso, ninguém mais falou sobre o assunto.

Nós o víamos saindo com Peter, às vezes estavam em nossa casa ou na casa de Emms em Westhampton onde iam todo final de semana, até que um dia no jantar, meu pai começou uma conversa que eu sabia que não terminaria bem.

– Ei, Sean e Peter, vocês não conseguem arrumar umas garotas? Vocês estão sempre sozinhos. Hora de encontrar algumas meninas legais e se divertir, não acham? Vocês são homens agora.

Eu preendi a respiração, esperando pela reação de Sean. Eu queria ser um avestruz nessa hora e me enterrar em algum buraco. Sean encarou meu pai e levantou o queixo.

– Eu não vou arrumar uma garota, pai! Eu sou gay e Peter é meu namorado!

Olhei para Peter, seu rosto vermelho e sua expressão mortificada falavam tudo. Ele também estava com desejos de virar avestruz...ou ao menos se enfiar embaixo da mesa.

– Você é um perverso, eu vou matar você. O que você fez com meu garoto?

Meu pai saltou de sua cadeira, que caiu de costas no chão. Ele apontou para Peter, mas antes que meu pai pudesse fazer qualquer coisa, Sean segurou o braço dele.

– Pare, pai. Ele não fez nada comigo. Eu sou o primeiro namorado dele. Nós descobrimos que somos gays juntos. Não há ninguém para culpar aqui.

– Senhor, não é minha culpa. Nós nos apaixonamos! – falou Peter, com a voz sufocada.

Peter tentou se defender com palavras, mas ficou meio escondido atrás de Sean, usando meu irmão como escudo. O que o fez parecer um pouco covarde.

– Larry – disse Emms, felizmente decidindo intervir. – Acalme-se e vamos conversar. Somos uma família, estamos juntos, nos amamos e vamos apoiar Sean. Já é difícil para ele ter encontrado coragem para lhe dizer. Eu teria feito isso por ele se ele tivesse me permitido, mas ele me disse que quando ele estivesse pronto, ele o faria. Ele fez, foi corajoso e ele merece o nosso respeito! Ele tem mais coragem do que mil pessoas que conheço!

Emms levantou o dedo indicador em riste, aquela pequena mulher virava uma gigante para defender os seus.

– Sim, mãe, não tenho dúvidas de que você aprovou esse absurdo! Você não é nada além de uma maluca, como sempre foi!

Ele saiu da mesa e, um momento depois, a porta da frente se fechou com um estrondo.

Sean parecia arrasado, seus olhos verdes se encheram de lágrimas. Peter tentava acalmá-lo e decidi que era hora de usar as lições que aprendera em minha vida para um novo propósito: nunca julgar, aceitar diferenças e tentar entender. Levantei-me da cadeira e fui até Sean. Eu o abracei e deixei ele chorar no meu ombro.

– Eu te amo, mano. Estou do seu lado para todo o sempre. Eu não me importo se você é gay. Eu só quero que você seja feliz. Você sempre será meu irmãozinho.

Peter nos abraçou também e Emms se juntou a nós. Como sempre, nossa pequena família passava por tempos tumultuosos, mas juntos resolveríamos nossos problemas.

Demorou algum tempo para meu pai aceitar as coisas como eram, mas Emms fez um bom trabalho convencendo-o de que precisava fazer exatamente isso. No final, ele decidiu que não poderia fazer nada para mudar a situação e ele não perderia seu único filho por causa das preferências sexuais dele. Nós passamos por tantas tempestades, com meus problemas e com o divórcio de meus pais, e Sean ser gay não iria nos separar. Nós éramos uma família e sempre seríamos.



CAPÍTULO XXIX

Simone – Dias atuais

– Ei, garota, vamos descansar um pouco. – A voz de Edward e o beijo em seu ombro quebrou a concentração de Simone e ela olhou por cima do diário.

– Boa ideia! – ela disse a ele, de repente percebendo o quão cansada estava. Seu pescoço doía de ficar na mesma posição. Ela deixou de lado o diário, levantou-se e se aninhou nos braços de Edward, pensando que era uma ótima forma terminar uma noite de domingo.

* * * * *

Na segunda-feira, antes de começar o dia, Simone foi visitar o Dr. Edgar Rhivas. Ela precisava de terapia para ajudá-la a superar os tempos turbulentos.

O Dr. Edgar foi um dos melhores psiquiatras que Simone já conhecera. Não só ele era conhecido por ser um pesquisador e ter anos de experiência em psiquiatria, mas ele também usava métodos pouco ortodoxos, mas eficazes para lidar com os pacientes.

Ele tendia a ser muito direto e claro em seus conselhos, o que era altamente incomum em seu campo. A maioria dos psiquiatras, incluindo Simone, tendia a levar seus pacientes a pensar e analisar por si mesmos qual seria o melhor curso de ação, mas não o Dr. Rhivas. Ele era o tipo de médico que chutaria um paciente se necessário para fazê-lo entender seu ponto de vista.

O Dr. Rhivas era um homem baixo, com cerca de um metro e sessenta de altura. Ele tinha bigode e estava sempre de terno. Seus olhos dourado-esverdeados pareciam os de um gato e quando ele olhava nos olhos de seus pacientes, ninguém conseguia mentir para ele. Simone era sua paciente há mais de quinze anos.

Ela entrou no consultório dele, que era um símbolo de sucesso, toda mobília de mármore e madeira, muito moderna, mas também muito aconchegante. Ele sempre tinha a lareira do consultório acesa quando estava frio ou as janelas abertas para uma brisa, quando o tempo estava bom. Naquela segunda-feira, ele tinha as janelas abertas e as cortinas brancas transparentes estavam dançando ao vento.

Simone sempre se sentava no mesmo lugar, mas naquele dia específico, ela estava tão perturbada que escolheu outra poltrona. Ela já estava sentada quando o Dr. Rhivas saiu do banheiro anexo. Ele fixou os olhos em Simone e fez um leve comentário sobre ela mudar de lugar.

– Eu suponho que alguém esteja passando por mudanças na vida... Olá, Simone. Não vou perguntar como você está porque as notícias são mais rápidas do que as nossas sessões. – Ele falou e se acomodou em uma poltrona em frente à Simone.

– Bem, você pode não perguntar, mas eu vou contar para você, de qualquer maneira. Eu me sinto péssima... meus pacientes ... minha empregada ... Eu sinto como se tivesse perdido membros da minha família por causa de algo que não posso explicar, mas que de alguma forma está ligado a mim. Eu não posso imaginar quem poderia fazer coisas tão terríveis. Eu não tenho inimigos – pelo menos, nenhum que eu saiba – ela balançou o dedo indicador em negativa e continuou:

– A polícia não consegue encontrar um suspeito, mas eles acreditam que é o Peter Hay novamente. Eu não posso dizer que eu concorde porque o *modus operandi* do assassino atual é muito diferente do de Peter. Eu estou no meio do momento mais caótico e mais louco da minha vida, e o que eu faço? Eu passei todo o fim de semana fazendo amor com Edward, meu melhor

amigo! – Com isso ela deu por encerrado o discurso e respirou

– Bem, antes de continuarmos, vamos começar por acalmar; respire fundo, Simone. Seu cérebro requer oxigênio para pensar direito. Eu pensei que você soubesse disso...

O Dr. Edgar estava sempre tinha observações bem-humoradas.

Simone inalou profundamente, enchendo os pulmões e soltou o ar lentamente.

– Desculpe – ela disse a ele, – eu acho que a pressão está crescendo com tudo isso e minhas palavras saíram em uma torrente. – Ela suspirou. – Eu estou perdida, não sei o que fazer.

– Bem, vamos com calma e vamos começar com as notícias mais recentes. Sobre Edward... você pode explicar o que aconteceu e o que está sentindo? – ele se recostou na poltrona, acariciando o bigode e olhando nos olhos de Simone.

– Eu não sei! Essa é a razão pela qual estou aqui. Eu não consigo explicar!

– Por que você dormiu com ele? Ou melhor...ficou acordada...Durante nossa última sessão, você disse que ele tinha uma namorada.

– Ele tem...

– Então você bancou a sedutora? – ele deu um risinho maroto, e para o desânimo de Simone, ele piscou.

– Não, Edgar, claro que não! Eu estava abalada. Estou abalada... e ele estava tentando me consolar.

– E parece que ele foi bem sucedido!

Simone poderia dizer que ele estava brincando com ela. Mesmo se ele não tivesse movido um músculo de seu rosto, sua voz soava divertida.

– Muito engraçado. Sim, ele foi bem sucedido... pelo fim de semana, de qualquer forma, mas agora... Bem, isso é apenas mais uma coisa que eu tenho que lidar.

– E você ainda não consegue definir seus sentimentos por ele?

– O sexo foi incrível! Muito bom. Ele é o tipo de amante que eu gosto!

– Casa com o cara! Você não vai conseguir nada melhor! É muito difícil encontrar um parceiro sexual adequado, então quando alguém me diz que encontrou o tipo de amante que ela mais aprecia, eu recomendo que ela amarre o cara na cama!

– Edgar, algum de seus pacientes já lhe disse que seus métodos não são lá muito convencionais?

– Se eles não disseram isso, eu tenho certeza que pelo menos pensaram, mas por que dar voltas se posso ir direto ao ponto?

– Eu não sei se eu o amo – Simone retirou os sapatos e puxou as pernas para baixo do corpo, em cima da poltrona.

–Oh! Amor? O amor é besteira que Hollywood criou para encher nossas cabeças com bobagens. Você sabe o que é amor verdadeiro? É um relacionamento entre dois amigos que se respeitam e amam a companhia um do outro. E se o sexo é incrível, bingo, você ganhou na loteria!

– Eu não sei. E o frio na barriga?

– Frio na barriga?

– Sim, você sabe... Esse sentimento de borboletas no seu estômago quando se está apaixonada por alguém...

– Tome um remédio porque isso é um tipo de doença. Frio na barriga é para adolescentes, não para pessoas como você que conhecem a alma e a mente humana. – Ele pôs um dedo do lado da cabeça. – Você realmente acredita que pode se apaixonar cegamente por alguém? Sem analisar o perfil psicológico da pessoa? Não, você não pode. Quando analisamos uma pessoa, o

amor se vai. Todos nós temos falhas, e se apaixonar exige que você se torne cega, tola e surda! Se você pudesse se apaixonar sem pensar, você teria feito isso com o advogado para quem está trabalhando, mas não pode, porque você diz a si mesma que ele não é para você.

Simone achou estranha a menção a Carl. Ela poderia se apaixonar por ele? Só se ela decidisse ir vendada para os braços dele, ignorar a obsessão dele por Lara, seu passado atormentado e toda a culpa que ele carregava por tirar a vida de alguém. Mas ele lhe provocava frio na barriga.

– Eu não tenho certeza, mas eu realmente me diverti neste fim de semana.

– Dê uma chance, vamos Simone. Nós dois sabemos que o relacionamento seu com Edward mudou no momento em que ele disse que amava você, e não há como voltar atrás. E agora que vocês exploraram os sentimentos um do outro... Bem, como eu disse, não há como voltar atrás. Então dê a ele uma chance, ou esqueça-o e deixe que ele viva a vida dele. Você pode fingir que ele é seu amigo, mas ele não é. Bem, ele é, mas ele...mas também quer os benefícios.

– Sim, você está certo... na verdade, às vezes acho que queria o meu amigo...

– Agora, sobre suas perdas – disse ele, mudando de assunto, sem paciência para as divagações amorosas de Simone.

Quando Simone saiu do consultório, ela se sentia melhor, mais leve e forte novamente, pronta para encarar a vida, o FBI, a polícia... e Edward. Os conselhos do Dr. Rhivas surtiram efeito.

* * * * *

Simone respirou fundo antes de abrir a porta do consultório. Uma semana muito difícil estava à sua frente e ela precisava ser forte – por seus pacientes e para seu próprio bem.

Ela encontrou Edward e Patricia próximos à mesa desta, examinando alguns papéis. Nenhum dos dois parecia ter notado a presença de Simone, então ela ficou um momento apenas olhando para Ed. Era como se ela o visse pela primeira vez.

Edward era um homem bonito, com cabelos castanho-escuros, pele clara e olhos azuis profundos. Ele tinha uma pitada de cinza em seu cabelo escuro, era mais alto do que Simone alguns centímetros e embora ele parecesse um pouco magro sob seu terno escuro, Simone sabia que ele não era magro. Embora ele não tivesse abdômen trincado, ele tinha um corpo perfeitamente proporcional.

Ele olhou para cima e seus olhares se encontraram. Ele olhou para ela por um momento antes de lhe dar seu sorriso mais brilhante. Uma sensação estranha viajou por todo o corpo dela e ela não sabia como se comportar, o que dizer.

– Olá, Simone, como você está nesta manhã? – Seus lábios tremeram como se ele estivesse lutando para não rir ao tentar se comportar na frente da secretária depois de tudo que eles compartilharam naquele fim de semana e depois do amor que fizeram para começar o dia.

– Ótima, Edward. E você? Bom dia, Patricia. Eu vou para o meu consultório... ela falou meio atrapalhada já rumando para sua sala.

– Bom dia, Dra. Bennet. Patricia foi falando enquanto seguia Simone. – O agente Neville ligou e ele gostaria de falar com você hoje. Ele me perguntou quando você teria um momento livre e eu agendei ele para a às treze horas, tudo bem? Quando eu agendei era seu único tempo livre hoje. E mesmo assim, tive que cortar trinta minutos da sua hora de almoço. Seu primeiro paciente, o Sr. Shermman, telefonou para desmarcar, disse que está doente e que vai ver um médico "normal" – Patricia fez aspas no ar. – Eu não liguei para você porque ele ligou há quinze minutos e eu sabia que você já estava a caminho – e então ela respirou.

– Tudo bem, Patricia, obrigada.
– Tenham um ótimo dia meninas – Edward disse. – Eu preciso começar a trabalhar, e tenho certeza que você também. – Assobiando, Edward entrou no seu consultório.
– Dr. Reynolds parece muito feliz hoje... – disse a secretária.
– Sim, de fato parece, Patricia.
Simone entrou rapidamente em seu próprio consultório antes que Patricia percebesse como estava envergonhada.
Como ela tinha seu primeiro horário livre, graças ao cancelamento de seu paciente, ela leria um pouco mais do diário de Lara.
Simone foi até a mesa, tirou o diário da bolsa, respirou fundo e retomou a leitura de onde havia parado.

O Diário de Lara

John era um cara maravilhoso e eu me divertia muito com ele – na cama e fora dela. Ele era engraçado, simpático e gentil e ele também era um amante surpreendente.

Estávamos no quarto dele e eu havia trazido um vibrador porque íamos tentar uma penetração dupla.

– Ei, garota, você não poderia ter pelo menos trazido um pau negro? – ele me perguntou, olhando para o vibrador rosado que eu lhe dei.

– Eu tentei, mas eles não tinham nenhum, e eu fiquei muito sem graça para pedir para verificar o estoque.

– Às vezes, eu não acredito em você. Você pode ser a garota mais liberada na cama, mas tente fazer com que você fale sobre sexo e se torna a pessoa mais tímida do planeta. – Ele tentava ver como funcionava o vibrador, girando o botão.

– Eu não gosto de falar sobre sexo, eu gosto de fazer.

Falar sobre sexo não me deixava tímida, mas sempre que eu tinha que falar sobre sexo, eu também tinha que me policiar para não revelar coisas que eu não queria que ele soubesse, então era melhor deixá-lo pensar que eu era apenas extraordinariamente reservada quando se tratava de discutir o assunto.

Peguei o vibrador das mãos dele e coloquei na boca, fingindo que estava chupando um pau de verdade.

– Louca, menina deliciosa, venha aqui.

Ele me pegou pela cintura e me colocou em sua cama. Nós dois nos ajoelhamos no colchão e ele pegou o vibrador da minha mão e colocou de lado. Ele passou a língua pelos meus lábios e eu comecei a beijá-lo violentamente, mordendo-o, chupando sua língua, devorando-o até que eu provei o gosto do seu sangue na minha boca.

Enquanto me beijava, ele beliscava meus mamilos até doer e eu fiquei molhada. Descendo entre as minhas pernas, ele começou a acariciar meu clitóris, até que molhei os dedos dele.

Ele pegou o vibrador e lentamente colocou em mim. Era frio e muito duro, mas a sensação provocada era boa. Ele colocou o vibrador todo dentro de mim, movendo-o lentamente

– Segure isso dentro de você para mim – ele levou minha mão até o vibrador.

Ele se posicionou nas minhas costas. Eu estava me masturbando com o vibrador quando ele arranhou as minhas costas com as duas mãos. Dor misturada com prazer! Ele inclinou meu corpo para frente, cuspiu na mão e espalhou o lubrificante improvisado no meu ânus. Uma vez

que ele o deixou bem molhado, ele começou a pressionar seu pau enorme na minha porta dos fundos enquanto eu me apoiava contra a parede com uma mão e brincava com o vibrador com a outra.

Nós dois gememos quando ele avançou, entrando lentamente. A sensação daquele pau enorme dentro de mim queimava e me preenchia completamente. Eu estava me preparando para um orgasmo duplo com o vibrador e John dentro de mim. Os calafrios cobriam todo o meu corpo e minha pele queimava e latejava. Abraçando o momento que se aproximava, apertei meus músculos internos ao redor dos dois paus. Eu me movia para frente e para trás para receber os golpes de John enquanto ele me fodia com força, agarrando meu cabelo. Ele inclinou a minha cabeça e mordeu forte o meu pescoço, enquanto metia todo seu pau gigante em mim.

Eu gozei um orgasmo violento, gritei, enquanto movia meus quadris o mais rápido que podia. Eu fiquei tonta, senti como se tivesse deixado meu corpo em uma onda de sensações poderosas.

– Oh, Deus. Eu ouvi gritos. Com licença... eu sinto muito.

Eu olhei por cima do meu ombro para a senhora negra em pé na porta do quarto de John, e o ar sumiu dos meus pulmões do susto. Quem era ela? Como ela tinha entrado sem que nós escutássemos?

No instante seguinte, a senhora deu meia volta e desapareceu pela porta. John saiu tão rápido de dentro de mim que me machucou.

– Merda! Minha mãe! – ele saltou da cama.

Ele saiu do quarto enrolado em uma toalha de banho e voltou dez minutos depois.

– Tudo bem – disse ele. – Eu consegui acalmá-la...

– Ela ainda está aí? – perguntei, apontando para a porta.

– Não, ela foi embora. Ela nunca aparece sem avisar, então eu não sei o que aconteceu.

John passava as mãos pelo cabelo e eu estava mortificada. Não por ser vista – isso não era uma novidade para mim – mas ser vista pela mãe de John?

– Ela nos convidou para jantar... para uma... hum... uma apresentação mais adequada... – John parecia mais atordoado do que eu

– Nunca em toda a minha vida! Eu não posso. Não depois do que ela viu. Ela vai achar que eu sou uma vadia.

– Ela não vai. Ela vai ficar feliz. Ela achava que eu era gay.

John simplesmente não sabia mentir e a verdade era óbvia em sua expressão tola.

– Você está mentindo. Ela não acha que você é gay.

– Sim, estou mentindo... Vamos jantar com ela e depois de conhecer minha mãe, você vai gostar dela.

Eu não tinha intenção de jantar com a mãe de John – tinha que sair dessa situação. A única maneira que eu consegui pensar para tirar da cabeça dele esse assunto foi tirar a toalha de banho de John e levar seu membro flácido a minha boca. Mole eu era capaz de encaixá-lo inteiramente na minha boca, mas um segundo depois ele estava pronto para lutar novamente e já não cabia mais.

– Você não vai sair desta tentando me distrair com sexo, mulher – ele falou enquanto acariciava os meus cabelos.

Eu olhei para ele e sorri, em seguida, fiz uma espécie de movimento saca-rolhas na cabeça do pau dele, sugando-o enquanto corria minha língua em movimento circulares sobre todo o membro. Um momento depois, ele se esqueceu de todo o resto, inclusive da mãe.

* * * * *

Infelizmente, John recuperou os sentidos em pouco tempo. Dois dias depois do nosso encontro desastroso com a mãe, estávamos voltando de um jogo no Escort prateado de John, quando ele mencionou novamente o assunto.

– Lara, minha mãe quer saber quando vamos jantar na casa dos meus pais.

– Eu... eu não me sinto confortável para isso... – Olhei pela janela, tentando pensar em outra maneira de evitar essa conversa e de sair da situação, mas John parou e estacionou no acostamento da rua.

Ele acariciou meu cabelo e então ele me fez virar para ele.

– Ei garota, um dia você vai ter que conhecer minha mãe. Você não pode adiar para sempre.

– Sim, eu posso. Eu não tenho que conhecê-la. – Eu não conseguia imaginar como alguém poderia me forçar a fazer algo que eu não queria fazer.

– Sim, você tem que conhecê-la, porque eu estou profundamente apaixonado por você e eu quero passar o resto da minha vida com você, então, eventualmente, você terá que conhecer minha mãe.

Eu olhei para ele com a boca aberta. Meu peito ficou apertado e senti dificuldade em respirar fundo, como se alguém tivesse sugado todo o ar para fora do carro. Eu não estava preparada para a resposta que ele deu, e todos os meus medos vieram galopando para cima de mim.

Lembrei-me de quando disse a Adrien que o amava e o que ele fizera em troca. Eu estava com medo de me perder de novo em outra pessoa e sentir a dor insuportável de ser enganada, traída e abandonada. Eu senti como se estivesse sufocando e John estava olhando fixo para mim, e eu não sabia o que dizer e fazer.

– Eu amo você, Lara, mais do que consigo explicar com palavras. Eu faria qualquer coisa por você.

Me leve para casa, pensei. Mas eu não tinha voz para dizer nem isso, e para fazê-lo parar de falar – o que só piorava as coisas – me inclinei e o beijei. Devo tê-lo beijado por pelo menos dez minutos antes que minha mente ficasse calma o suficiente e encontrasse a melhor forma de responder a ele.

– Tudo bem – eu disse a ele. – Eu vou conhecê-la. Mas me dê algum tempo. Isso tudo é novo demais para mim.

– Claro, querida, o tempo que você precisar. Faremos isso de acordo com os seus tempos. Eu quero que você se sinta confortável com a ideia antes.

Graças a Deus ele não me pediu para explicar por que a ideia de conhecer sua mãe me deixou tão assustada e ele teve o bom senso de não me perguntar se eu o amava. O que eu teria dito se ele tivesse perguntado? O amor me assusta.



CAPÍTULO XXX

Simone – Dias Atuais

Simone podia entender os medos de Lara. Seu primeiro amor a traía. Como ela poderia encontrar coragem para confiar em outro? Mas se a intuição de Simone estava certa, Lara estava bem a caminho de se apaixonar por John. Claramente ela não conseguia ficar longe dele e eles eram como fogo e pólvora na cama. Mas Simone supôs que teria que esperar e ver para onde a história ia.

– Doutora? – A voz de Patricia a chamou pelo interfone. – Seu próximo paciente está aqui.

Simone suspirou. Hora de trabalhar...

* * * * *

Depois dos pacientes da manhã, Patricia entrou no escritório de Simone carregando uma salada fria de frango e um suco de laranja. Ela colocou tudo na mesa de Simone.

– Obrigada, Patricia – Simone disse a ela. – Você é maravilhosa. Estou muito feliz que Edward e eu contratamos você.

– Imagina, doutora. Aproveite seu almoço. Eu também aprecio muito meu trabalho aqui. É... divertido... Patricia saiu da sala, fechando a porta suavemente atrás dela. Apesar das palavras gentis, ela não mostrava nem um sinal de alegria “Ela não tem sentimentos? Que mulher estranha ...”, passou pela mente de Simone.

* * * * *

Depois do almoço Simone aguardava o agente Neville, que chegou dez minutos atrasado e sozinho. Depois de cumprimentar Simone com seu jeito sombrio e sua voz rouca, semelhante a de um ogro – que a fazia lembrar do desenho do Capitão Caverna – ele se sentou em frente à mesa dela.

– Dra. Bennet, temos que conversar. Eu preciso de algumas explicações. O assassino deve ter entrado em sua casa em algum momento, já que é onde sua empregada morreu.

– Eu não acredito que isso seja necessariamente verdade, Agente Neville. Ele deve ter tido acesso a ela de outra maneira. Depois que fui sequestrada, instalei alarmes em toda a casa e tenho monitoramento de vigilância por vídeo. Fui informada que a polícia já esta de posse de todas essas gravações. Eu não posso imaginar como ele poderia ter chegado a ela e além disso, ela não era minha paciente, eu nunca prescrevi nada para ela...

– Tums! – ele falou com um sorriso.

– O quê?

– Encontramos a bolsa de Lola na sua casa. O cianeto estava dentro de um frasco de Tums.

– Antiácido... Naquela manhã, ela me disse que não estava se sentindo bem. Que o estômago doía. Mas como o cianeto foi parar no frasco de Tums? Eles não são prescritos, ela poderia tê-los comprado em qualquer farmácia da cidade.

– Essa é a pergunta de um milhão de dólares. Ela deve ter recebido o frasco de alguém.

E Simone, que passou a vida interpretando as expressões das outras pessoas, leu facilmente a suspeita nos olhos do agente. Ela deveria contratar um advogado em breve. “Carl

poderia trabalhar como advogado em sua cidade?”

– Você deveria falar com a filha dela; tente descobrir onde ela comprou o medicamento.

– Nós vamos fazer isso hoje. Já procuramos na casa dela e na sua por evidências...

– Sim, me disseram...

– Sua casa é considerada agora uma cena de crime, Dra. Bennet. Encontramos o Dr. Reynolds lá e ele nos deixou usar a chave dele. Assim que você saiu com a ambulância, fizemos uma busca completa.

– Você poderia ter me telefonado, pelo menos – Simone se sentia invadida.

– O doutor Reynolds nos pediu para não incomodá-la, porque você estava sob muito estresse com a história da sua empregada. Desta vez, o rosto dele não foi muito expressivo, mas o tom da voz soou como se ele não acreditasse que ela estava estressada.

“Afinal,” ela pensou, “eu não estou rolando no chão, puxando meu cabelo, o que deve ser um sinal de estresse para um bronco desses.”

– E seus homens descobriram alguma outra evidência em minha casa, agente?

– Nada até agora. Nós procuramos impressões digitais para ver se havia alguma outra além da sua ou de Lola dentro da casa. Após o primeiro exame da cena do crime, não pudemos fazer mais buscas no local sem um mandado, não se preocupe.

– Não estou preocupada e você não precisa de um mandado de busca. Apenas me informe quando você quiser entrar; isso é tudo que eu preciso. Eu vou ficar com o Dr. Reynolds por alguns dias, mas gostaria de ter acesso à minha casa. Isso é possível?

– Sim, claro. Quando você quiser – ele fez um gesto com a mão indicando que tudo bem.

O agente Neville fez mais algumas perguntas, todas relacionadas à morte de Lola, todas feitas muito neutras em tom e conteúdo. Depois de algum tempo, ele pareceu satisfeito e ficou em pé.

– Eu sou uma suspeita, agente? – Simone perguntou diretamente.

– Atualmente, doutora, lamento informar que todo mundo é um suspeito. A última vítima foi assassinada dentro da sua casa, afinal de contas, e os outros eram seus pacientes. Eu não posso descartar o fato de que você está ligada aos crimes, mas você não é uma suspeita direta.

– Bom saber... “sou uma suspeita indireta... seja lá o que for isso”

– Se você está pensando em sair da cidade, por favor me informe primeiro.

“Não sou uma suspeita direta o raio que o parta”, pensou Simone.

* * * * *

O resto do dia de Simone foi gasto com seus pacientes e às dezessete horas, ela decidiu ler mais um pouco do diário de Lara. A iluminação em seu escritório era boa para a leitura e ela se sentia segura ali com toda a vigilância que o FBI estava fazendo. Foi até uma poltrona perto da janela para aproveitar a luz natural, sentou-se e se reclinou um pouco na poltrona até se sentir mais confortável, procurou o diário dentro da bolsa que colocou no chão e começou a ler.

O Diário de Lara

Eu estava preocupada com a declaração de amor de John e eu não sabia o que fazer sobre isso, mas eu conhecia alguém que poderia me dar um bom conselho.

Emms estava se preparando para sair e ela agia misteriosamente. Ela tinha uma vida secreta, eu tinha certeza – um namorado ou algo que ela escondia. Bem, ela não seria o primeiro membro da minha família a ter esqueletos no armário, com certeza.

Emms estava vestida com um jeans apertado e uma camisa branca bonita. Era incrível como ela era linda, mesmo com quase setenta anos de idade. Ela tinha um corpo bonito e parecia muito mais jovem. Mas, até onde eu sabia, ela nunca fizera nenhum tipo de cirurgia plástica ou lipoaspiração ou qualquer coisa. Ela era naturalmente linda – por dentro e por fora.

– Alguém tem um encontro...

Eu a provoquei, cantarolando a frase quando ela passou por mim, provavelmente estava procurando pelas chaves do carro. Novamente. Ela parecia perdê-las a cada dois dias. Se o distúrbio de déficit de atenção era realmente genético, então eu sabia de onde vinha nessa família

...

– Sim, mas não consigo encontrar minhas chaves – disse ela escavando na bolsa.

– Elas estão na mesa da cozinha. Você as colocou lá quando chegou em casa mais cedo.

– Obrigada, querida. Um dia desses, vou pensar seriamente em tomar uma dessas pílulas que você toma; eu preciso delas. – Ela me deu um beijo na bochecha.

– Podemos conversar ou você está com pressa?

– Eu tenho um tempinho ainda – ela olhou no relógio. – Além disso, adoro fazer os homens esperarem – ela piscou. – O que está acontecendo para formar essa linha em sua testa, menina?

– John. Ele disse que me ama e eu não sei o que fazer.

– E por que você tem que fazer alguma coisa? – ela colocou as duas mãos na cintura, com a bolsa meio pendurada, estava engraçada.

– Porque... Oh, eu não sei. Quando alguém diz que te ama, você não deveria dizer "eu te amo" de volta? – apontei de mim para Emms

– Nãooooo – Emms disse e balançou o dedinho de um lado para o outro em frente ao meu rosto. – Ele estava expressando seus sentimentos por você, não dizendo como você tem que se sentir sobre ele. Você nunca deve dizer a um homem que você o ama, se você não o ama. Isso é muito injusto e pode causar todos os tipos de sofrimento, mais cedo ou mais tarde.

– Eu não sei o que sinto por ele – fiz uma careta.

– Tenho certeza disso. Nós quase nunca sabemos, mas alguns de nós decidem tentar retribuir, de qualquer forma, não importa o custo. Seja fiel a você mesma, Lara. Nunca diga a alguém que você sente algo que não sente.

– Eu não vou fazer isso, mas posso sentir que ele está desapontado.

– Isso é outra coisa. Você não pode ser responsável pelos sentimentos dele por você. Não machuque o cara de propósito – não é isso que estou dizendo aqui... Em algum momento ele vai querer algum comprometimento da sua parte se ele ama você. É assim que essa coisa de "amor" funciona.

– Que tipo de comprometimento?

– Ele quer que você declare seus sentimentos, talvez até queira que você se case com ele...

– Casamento, Emms? De jeito nenhum. Eu não posso me tornar propriedade de outro homem. De novo, não. O casamento não é para mim. Apenas a ideia me dá calafrios... – fiz uma imitação de calafrios subindo por meu corpo e me chacoalhei.

– Um bom casamento não é sobre pertencer a um homem... mas até agora eu nunca testemunhei um bom casamento – refletiu Emms por um minuto e continuou:

– Então, quando e se o tópico surgir, você precisa estar preparada para uma resposta, e a resposta deve ser verdadeira sobre os seus sentimentos.

Emms olhou no relógio e eu não quis mais prendê-la.

– Ok, Emms, obrigada. Agora vá encontrar seu amado garoto.

Ela riu, mas não negou minhas palavras. Depois de me dar um beijo rápido no rosto, ela foi embora envolta em uma nuvem de perfume.

* * * * *

Durante vários dias após minha conversa com Emms, John não mencionou a palavra "A" novamente. Eu fiz uma oração de agradecimento em alívio, mas, sim, ele voltou a tocar no assunto de jantar com os pais dele – várias vezes – e, enfim eu cedi e disse que sim, só para acabar com a tortura.

Ele me pegou em casa para irmos até a casa dos pais dele em Connecticut. A viagem não demorou muito – cerca de uma hora de Nova York até a porta da frente da casa da família de John –, mas esses foram os 60 minutos mais longos da minha vida. Segurei a caixa de chocolates Godiva que Emms recomendara que eu levasse para a mãe de John e fiquei olhando pela janela em silêncio.

– Você vai gostar do meu povo, Lara. Eles são muito legais – disse John em um tom animado, enquanto dirigia.

– Tenho certeza que sim, mas essa não é a questão. A questão é: eles vão gostar de mim?
– Eu não prestei atenção à resposta, continuei olhando pela janela, imersa em meus próprios pensamentos.

Chegamos a uma bela casa de pedra, cujo exterior estava coberto de algum tipo de videira. Uma sacada de ferro branco se projetava do centro do segundo andar. O lugar me surpreendeu – John parecia um homem tão simples. Ele morava em uma república em um pequeno apartamento, o carro dele não era nada especial e ele parecia ter um monte de dinheiro.

A entrada da frente era ainda mais surpreendente, o chão coberto de mármore creme e uma escadaria curva de ferro preto subia até o segundo andar. Um enorme lustre preto pendia suspenso, dois andares acima de nossas cabeças.

Nós entramos na sala de estar, que tinha duas lareiras, uma de cada lado da sala, e portas francesas de bronze antigo, cobertas com pesadas cortinas de veludo davam para o lado de fora. Vários tapetes persas em tons bege e azul cobriam o chão de mármore. Elegante.

A mãe de John entrou na sala para nos receber. Ela era uma mulher muito educada, mas eu me sentia muito tímida, incapaz de esquecer que ela havia visto eu e o filho na cama... fazendo sexo anal.

– Olá, Lara, estamos muito felizes em recebê-la em nossa casa. Obrigada por aceitar o convite. – Ela era toda sorrisos, mas algo sobre o jeito que ela olhava para mim me deixou preocupada, um olhar desconfiado, não sei dizer ao certo o que era...

– Obrigada pelo convite, senhora.

– Por favor, me chame de Diane, Lara. – Ela então ignorou minha mão estendida e me beijou na face

De repente, apareceu um homem mais velho, uma cópia envelhecida de John. Seu avô, talvez?

– Lara, este é meu pai, William – John indicou o homem.

Graças a Deus eu mantive minha boca fechada por uma vez. Eu limpei minha garganta e sorri.

– Olá, senhor, é um prazer conhecê-lo. E estendi a mão para alcançar a dele já estendida para mim.

– Nada de senhor por aqui, Lara. Eu sei que sou um velho, mas nós odiamos

formalidades – ele apertou minha mão calorosamente.

– Tudo bem... William – eu disse, com a voz quase sumida. Eu nunca conheci a família de qualquer namorado e estava nervosa e, bem...apesar de que, tecnicamente falando, John foi meu primeiro namorado oficial.

– Crianças, você estão atrasados. O jantar está pronto, então sem aperitivos para vocês hoje, de castigo. Vamos para a mesa, vamos? William, querido, está bem para você?

Diane foi indicando o caminho para a sala de jantar, gesticulava muito... então talvez ela também estivesse nervosa...

– Claro, meu amor... – disse William

Fomos dirigidos a uma mesa de vinte pessoas, toalhas de linho e um belo arranjo de lírios frescos no centro. Graças a Deus, a mulher não decidiu ser formal sobre o lugar, ela precisaria de um megafone para falar conosco do outro lado da mesa.

O jantar foi ótimo. William e Diane se mostraram divertidos e super educados e foi fácil ver o amor que a família sentia. Os pais de John se comportavam de uma maneira que mostrava grande intimidade entre eles e pareciam realmente gostar de estar na companhia um do outro.

Como eu poderia me encaixar em uma família como essa? Eles eram normais – sem tragédias passadas, sem grandes problemas. Eles seriam tão educados e legais se soubessem do meu passado? Eles aprovariam seu único filho saindo com uma garota como eu? Como eu poderia ter um relacionamento real com John – ou com qualquer homem – quando eu tinha tantas coisas escondidas no meu passado?

Quanto mais gentis os Mayers eram comigo, mais preocupada eu ficava.

Após a refeição, passamos algum tempo na sala de estar, onde William serviu bebidas. Finalmente, Diane nos levou até o quarto e ela me surpreendeu mais uma vez colocando eu e John no mesmo quarto. Eu não estava muito satisfeita. Afinal, eu nunca passara uma noite inteira com John.

– Ei... – cutuquei John com o cotovelo quando ficamos sozinhos. – Você não me preparou para todo esse luxo... e seus pais...são perfeitos... eles poderiam estar na capa de alguma revista.

– O que exatamente você gostaria de saber que eu não lhe contei? – perguntou John, fazendo um carinho no meu cabelo. Ele se sentou em uma poltrona antiga e me agarrou pela cintura e me sentou em seu colo.

– Meus pais têm quinze anos de diferença, mas eles se amam profundamente. Eu sou filho único, o dinheiro do meu pai vem do petróleo, e minha mãe é uma “dona de casa típica”, só que ela tem quatro empregadas domésticas para fazer seu trabalho – ele riu.

Eu ri também.

– E quanto ao seu apartamento, seu carro... você não vive a vida de um filho de milionário...

– Não... meu pai me criou para seguir os passos dele. Como você pode ver, ele não tem mais ninguém para fazer isso. Mas eu sempre quis ser médico, cuidar das pessoas. Quando eu decidi ir para a faculdade de medicina, ele me disse que eu teria que me virar sozinho porque ele não apoiaria esse tipo de tolice. Bem, então fui aceito na universidade e encontrei alguns trabalhos aqui e ali, o que foi muito difícil, porque eu não sabia como fazer muita coisa. Agora, posso dizer que sou um ótimo garçom e um excelente lava-louças.

Eu tive que rir, pensando em John lavando a louça, e ele continuou.

– Eu vivi em um buraco de rato por muito tempo, mas eu estava feliz. Mas então minha mãe descobriu o que eu estava fazendo e ficou muito chateada. Ela decidiu comprar um

apartamento em Nova York, mas eu disse a ela que se fosse um lugar luxuoso, eu não iria morar lá. Então ela comprou o lugar que eu estou agora e eu falei aos meus amigos que eu encontrei um lugar melhor para alugar, então nos mudamos... Mas, é claro, nós fizemos toda a decoração, não ela!

– Sim, dá para dizer... – eu revirei os olhos para o gosto dele para móveis de plástico.

– Sacana, você. – ele me deu um beijo no rosto.

– Eu não sou... Sou uma futura arquiteta, lembra? Eu tenho... gosto...

– Sim, eu sei, eu também, mas meus amigos e eu não tínhamos dinheiro para móveis caros.

– Então, seus amigos não sabem sobre esta vida? – acenei para o quarto luxuoso a nossa volta.

– Não... eles se sentiriam traídos e eu gosto dos meus amigos. Agora, não vamos mais falar da minha família. Eu quero ter você em meus braços e, finalmente, eu vou ter você por uma noite inteira! Yuhuuu! – Ele levantou a mão fazendo um sinal de vitória.

– Sim, agradeça a sua mãe por isso. Eles são muito legais, John. Eu realmente gostei deles.

– E eu posso dizer para você, mulher, que eles te amaram, como eu.

Eu não tinha tanta certeza disso. Pelo menos, não quando se tratava de Diane, os olhos frios cor de carvão estavam sempre me despindo e me analisando, como se eu fosse algum tipo de inseto sob um microscópio, mas John estava tão feliz que eu não estragaria sua alegria expressando minhas suspeitas.

John me abraçou e eu comecei a beijá-lo e despir-me. Sua cor de chocolate sempre me deixava excitada. Corri meus dedos sobre seu corpo, inseri-os no cócs da calça e toquei seu pênis. Estava pronto para mim e a ponta estava úmida.

Ele me levantou em seus braços e me jogou em sua cama de dossel, todos os sinais de ternura se foram, quando começamos a fazer sexo. Ele sabia que eu não gostava de doçura, sabia exatamente como me excitar. Ele se atirou ao meu lado na cama, se acomodou e mordeu meus mamilos, me fazendo gemer, e então ele deu alguns tapas nas minhas nádegas.

– Eu vou foder você com força, garota. Você era a mulher mais encantadora à mesa, mas eu lhe conheço bem. Você é uma putinha, minha piranha safada... – ele sussurrou no meu ouvido, sua respiração quente me dando arrepios.

– Pare de falar e me fode então, eu quero seu pau dentro de mim logo. – Eu me virei e bati levemente no rosto dele. Eu não era a única que gostava disso.

Nenhuma preliminar desta vez. Eu o queria e queria já. Eu desabotoei a camisa dele e abri rapidamente, então abri as calças e tirei o pau dele. Eu lambi a ponta, e então comecei a chupá-lo com força enquanto olhava nos olhos dele, sabendo o quanto ele ficava excitado quando eu fazia isso. Ele ficava olhando nos meus olhos quase sempre, mas aparentemente, ele não aguentou muito essa noite porque fechou os olhos e gemeu.

– Putinha... Você me deixa louco – ele gemia.

– Me dê uma camisinha – eu disse a ele quando pude ver que sua excitação era alta.

– Não. Deixe-me provar você – ele fez menção de inverter as posições.

– Não! Eu já estou molhada e quero sentir você dentro de mim.

Ele se sentou na cama e retirou a carteira do bolso, de onde pegou uma camisinha deu para mim. Abri o invólucro e segurei a ponta da camisinha com os lábios e comecei a desdobrá-la sobre o pênis, com a boca.

– Você é muito louca, sua vadia deliciosa.

Então eu virei de costas para ele – uma de suas posições mais favoritas, já que isso permitia que ele olhasse para minha bunda – e eu montei nele, levando-o completamente para dentro de mim. Comecei a me mover, cavalgava com força, apoiada com as mãos, dando-lhe uma visão completa da minha bunda.

Ele deu mais um tapa nas minhas nádegas e depois outro, causando dor e uma maravilhosa onda de prazer e eu tive meu primeiro orgasmo. Molhei o pau dele todo. Ele trocou de posição e meteu em mim novamente. Ele beliscou meus mamilos, aumentando meu prazer e todo o meu corpo estava sob o controle dele. Quando ele mordeu meu pescoço e arranhou meu torso com as unhas, minha pele formigou ao seu toque. Eu senti como se tivesse me transformado em algum tipo de líquido, da forma como meu corpo se fundia ao dele.

Nós estávamos movendo nossos quadris e ele começou a ir mais rápido.

– Eu vou gozar – eu disse a ele. – Aperte meu pescoço.

Uma coisa que sempre amei em John, é que ele topava qualquer coisa. Sem hesitar, ele colocou as mãos em volta do meu pescoço e começou a apertar, me fodendo mais forte ao mesmo tempo. Meus músculos internos abraçavam o membro dele, acompanhando o ritmo, e quanto mais ele apertava, mais prazer eu senti até que gozei, gritei, meu corpo sucumbindo ao orgasmo que acabara de ter.

Alguns momentos depois, quando estávamos mais calmos, deitados lado a lado, empurrei-o de costas, fiquei de joelhos, tirei a camisinha e chubei o pau dele, até que ele encheu minha boca com seu esperma salgado.

– Deus, mulher! Você ainda vai ser responsável pela minha morte! – Ele me abraçou e apoiei a cabeça em seu ombro e nós dois caímos no sono, enrolados um no outro, exaustos de sexo e vinho.

CAPÍTULO XXXI



Simone – Dias atuais

Simone decidiu parar de ler quando o sol começou a se pôr. Ela arrumou as coisas, saiu do consultório e dirigiu diretamente para o apartamento de Edward para esperar por ele. Ele disse a ela que chegaria atrasado porque ele tinha algumas coisas para fazer. Simone entrou, usando a chave que ele lhe dera anos atrás – assim como ela dera uma chave de sua casa para ele.

Ela foi até à sala, se sentou no sofá e ligou a televisão para ter algum barulho de fundo. Pouco tempo depois, ela ouviu a porta da frente abrir e fechar.

– Olá, Simmie, eu trouxe algo para o nosso jantar! – Edward a cumprimentou da porta, equilibrando várias sacolas de compras e sua pasta. Simone correu para ajudá-lo.

– Ótimas notícias. Estou com fome e estava pensando em tentar fritar um ovo – ela falou espiando as sacolas.

– Por favor, sem incêndios em minha casa – ele sorriu. – Só brincando... confio que um ovo você consegue fazer...cozido...

A situação pareceu muito normal para ela. “Quase poderíamos dizer que somos um casal”, refletiu Simone.

Eles foram para a cozinha de Edward – ou seu “reino”, como ele chamava, porque ele adorava cozinhar. Ele havia reformado o lugar recentemente e tudo estava novo e brilhante.

Móveis brancos e eletrodomésticos vermelhos davam ao lugar uma atmosfera alegre. Havia uma enorme ilha no meio da cozinha, onde Edward sempre cozinhou. Seis banquetas altas de couro vermelho cercavam a ilha e Simone se sentou em uma delas para poder ver Edward preparar a comida. Pela aparência dos ingredientes que preparava, ele estava cozinhando algum tipo de prato chinês com legumes e frango.

Ele pegou duas taças de vinho do armário, abriu uma garrafa de 2012 Corison Kronos Cabernet e serviu. Ele entregou uma taça para Simone. Ela tomou um gole e suspirou.

– Ah como isso é bom – disse ela.

– Hum... sim, muito bom – concordou Edward. Ele colocou sua taça de lado. – Eu terminei com a Carla hoje. – Ele se virou da pia e olhou para Simone.

– Sério? – Simone se mexeu na banqueta giratória. – Não precisamos falar sobre isso se você não quiser. Você não me deve explicações.

– Sim, eu sei... Eu disse a ela que não podia continuar saindo com ela porque meus sentimentos por ela não eram suficientes para prosseguir.

– Oh, Edward, você não fez isso! Isso foi cruel!

– Não, não foi. É a verdade – Edward sorriu. – E você sabe o que ela disse? Ela me disse que já sabia e me desejou boa sorte... e depois acrescentou que espera que você possa me fazer feliz.

– Então, ela sabe sobre mim e você? – Simone estava curiosa

– Eu acredito que ela intuía. Você mulheres são assim. Vocês tem um radar para as coisas...

– Você está certo, nós temos, mas a atitude dela foi muito civilizada, em minha opinião.

Simone ficou surpresa porque ela tinha visto a garota, que pareceu estar muito ligada a Edward. Sentiu uma pontada de orgulho por ter derrotado a rival tão mais nova e daí pensou que esse era um sentimento muito mesquinho da sua parte.

– Sim, de fato! Eu pensei que seria mais difícil.

– Ed, estou feliz aqui com você. No meio de todo o caos da minha vida, estar aqui com você é uma das poucas coisas boas que tenho vivido. Tenho que confessar que fiquei com ciúmes do seu relacionamento com Carla.

– Eu podia ver isso e tive esperanças quando vi que você estava muito incomodada com ela.

Edward deu um pequeno sorriso travesso, mostrando o prazer que o ciúme de Simone lhe causou.

– Eu tenho certeza que não estava tão óbvio... – ela tomou um gole de vinho e evitou o olhar dele.

– Talvez não para os outros, mas quando se trata de você, posso dizer exatamente o que você está pensando. E como estamos sendo completamente honestos, tenho uma confissão a fazer também. Eu joguei com você... só um pouquinho – ele fez um sinal de pouco juntado os dedos.

– Você não fez isso!

Esse era um lado de Edward que ela não sabia que existia. Então, ele tinha um lado manipulador. Interessante... Ela pensou que poderia prever todos os movimentos dele, mas estava errada.

– Eu fiz. Meu relacionamento com Carla não foi tão sério quanto tentei fazer você pensar que era. Nós éramos duas pessoas solitárias saindo juntas, esperando pela pessoa certa aparecer.

– Ele se movia de um lado para o outro preparando o jantar.

– Obrigada por me dizer isso, Ed. Eu não sei se temos um futuro, mas estou muito feliz por estarmos juntos agora.

– Não vamos apressar as coisas. Você está em um estado emocional muito frágil. Eu não quero lhe apressar. Quando todo esse lixo for passado, poderemos falar sobre nós. Agora, estou feliz que você esteja aqui comigo. E é ainda melhor do que nos meus sonhos.

Edward desligou o fogão e deu a volta na ilha e foi até Simone, passou os braços em volta dela e a abraçou, o nariz enterrado no cabelo dela, e ela percebeu o quanto gostava de estar nos braços dele.

– Você é um cara muito legal, Ed. – Ela o abraçou de volta, grata por ele não estar forçando a assumir qualquer tipo de compromisso agora, quando sua vida estava de cabeça para baixo novamente.

– Eu tenho boas notícias! – ele a soltou e recuou, mudando de assunto e quebrando o clima romântico.

– Então me conte! Estou precisando de boas notícias ...

– Você sabe que o FBI interrogou todos os trabalhadores da Health Care, certo? Ninguém sabe quem é você, nenhum deles lhe conhece. Eles disseram aos agentes que eles apenas sabem seu nome, então é uma boa notícia. A má notícia é que todos parecem inocentes. Eles deram respostas diretas, ninguém tem um aumento inexplicável em sua conta bancária e nenhum deles tem antecedentes criminais. Até agora, não há nada para implicar nenhum deles nos crimes. Nós ainda não temos um suspeito.

– Então, a má notícia é que ainda não sabemos o que está acontecendo ao redor.

– Por enquanto... mas a polícia e o FBI estão trabalhando juntos, então não vai demorar muito, Simone. E você está segura aqui.

– A pessoa que está fazendo isso não está apenas tentando me matar, ele está matando meus pacientes. Eu não entendo porque alguém quer mexer comigo assim.

– Soa como vingança para mim. Peter não pode matar você; você contou ao mundo sobre

ele e ele teve que deixar o país. Ele não pode voltar ou, se estiver de volta, tem que se esconder como um rato. Tenho certeza de que ele culpa você por todas as suas misérias. Eu apostaria meu último dólar que ele é nosso assassino.

– Eu não sei. Esses crimes não são os mesmos que os últimos. Mas ele está ligando para minha casa... Eu realmente não sei. Minha cabeça gira quando tento descobrir.

– O mesmo acontece comigo, estou muito preocupado com tudo isso. Muitas vezes, eu via sua dor e queria estar perto de você, mas você não sentiria minha falta se eu fizesse isso e eu precisava que você sentisse minha falta.

– Você é um sacana, Ed. Eu estava tão infeliz, sentia sua falta!

O celular de Edward tocou, interrompendo a conversa e ele atendeu a ligação. Simone sentou-se novamente, mastigando pedaços de aipo cru, remoendo as palavras de Edward, enquanto ele ia até a sala adjacente. Perdida em seus pensamentos, ela olhou para cima, assustada, quando ele voltou para a cozinha cerca de dez minutos depois.

– Carla – disse ele apontando para o telefone. Quando terminou falou:

– A polícia recebeu uma denúncia anônima. Aparentemente, a Health Care não declarou todos os seus funcionários porque eles estavam usando imigrantes ilegais na limpeza. O FBI está rastreando essas pessoas agora. Talvez tenhamos sorte. Carla acha que eles estão no caminho certo, porque hoje cedo eles conversaram com a filha de Lola e ela contou aos agentes que a única coisa diferente na vida da mãe era uma amizade recente com uma mulher cubana. Talvez as duas coisas estejam ligadas.

– Espero que sim, meu amigo! Eu adoraria ter todas as respostas logo.

Jantaram e conversaram sobre tudo, desde os filhos até eventos no trabalho, e depois foram deitar para mais uma noite de amor.

* * * * *

Dois dias depois que da denúncia anônima, Simone estava em seu consultório, fazia anotações sobre um dos últimos pacientes que tinha atendido, quando Edward entrou para informá-la sobre as mais recentes investigações policiais.

Havia três imigrantes ilegais trabalhando para a Health Care, uma era cubana, mas depois que o FBI apareceu e começou a interrogar a equipe, ela desaparecera. O endereço que a farmácia tinha dela era falso, e aparentemente o nome também era, mas eles tinham uma foto dela, tirada em uma festa da empresa, sem o conhecimento dela.

O FBI enviou a foto para a imprensa e emitiu um mandado de prisão depois que a filha de Lola confirmou que a mulher na fotografia era a mesma pessoa que estivera com Lola antes dela morrer.

– Uma mulher? Por que uma faxineira se envolveria em algo assim? Certamente ela não é a principal assassina? – Simone ficou surpresa.

– Difícil de dizer. O veneno é uma das armas que as mulheres escolhem quando querem matar alguém... – disse Edward.

– Mas isso não faz sentido algum. Eu não a conheço e os crimes parecem estar diretamente ligados a mim! – Simone andava pela sala, impaciente pela falta de respostas concretas.

– Você provavelmente está certa. Ela deve estar trabalhando para alguém. Peter não pode voltar para o país, mas ele poderia contratar alguém para fazer o trabalho sujo. Temos que pegá-la para saber. Espero que os agentes possam encontrá-la em breve – Edward disse. – E se você continuar andando assim, vai furar o tapete.

Ela parou e se apoiou na mesa.

– Eu tenho muita esperança que encontrem essa mulher, meu amigo.
– Ei, senhora, pare com essa coisa de 'meu amigo'. Eu não quero mais ser apenas seu amigo. Eu quero ser seu namorado.

– Tudo bem para mim – disse Simone e logo pensou: “como era mesmo a história de não pressionar?”, mas arquivou o pensamento e o substituiu por um de alerta “eu tenho que ter cuidado ou eu vou acordar na minha lua de mel se continuar respondendo por impulso.”

– Estou muito feliz, Simmie! – Ele olhou o relógio e falou:

– E eu odeio deixá-la, mas tenho que trabalhar agora – como um adolescente, ele se aproximou da mesa e roubou-lhe um beijo e então saiu rapidamente.

Eles estavam muito cuidadosos para não misturar negócios com prazer no consultório e manter a aparência de não serem mais do que bons amigos e sócios.

Simone tinha algum tempo antes de receber seu último paciente, então decidiu ligar para a filha. Depois de deixar cair a bomba sobre querer ficar no exterior para a faculdade, a garota ingrata estava evitando os telefonemas de Simone.

– Ei, Tammy, você está viva? – Simone disse em resposta ao “olá” sem fôlego de sua filha.

– Oh, não seja tão dramática, mãe. Sim, estou viva, mas estou ocupada com muitas coisas e, além disso, há a diferença de fuso...

– Humm... eu posso imaginar o quão ocupada você está, se você não pode nem falar comigo por cinco minutos. Eu só preciso saber se você está bem, baby.

– Estou bem, mãe, de verdade. Eu estou com saudades, mas estou feliz. Você e papai conversaram sobre eu ficar na Europa para poder fazer faculdade?

– Eu e seu pai? Não, por quê?

– Porque eu falei com ele e ele disse que concorda se você concordar. “O velho truque de se sua mãe concordar, eu concordo...covarde”. Foi o pensamento de Simone para o ex.

– Eu vou ligar para ele. Eu não sabia que você tinha falado com ele sobre isso...

Simone se sentiu traída. Como sua filha poderia ter discutido a questão com o pai antes de discutir com ela? E com certeza, ela podia imaginar que ele concordaria. O pai de Tammy se casou novamente e teve dois filhos pequenos, então é claro, ele não queria ser incomodado com uma adolescente. Simone ficou com raiva dele imediatamente.

– Mãe, não me faça sentir culpada. Você já sabia o que eu planejava fazer. Tudo o que fiz foi ligar para o meu pai e obter sua aprovação... também.

– Claro, Tammy. Fico feliz em saber que você está bem. Eu tenho meu próximo paciente em alguns minutos, então eu tenho que desligar.

– Ok, mãe. Eu sei que você está chateada, mas eu amo você, e estou feliz aqui, ok?

– Tchau, Tammy. – Simone desligou o telefone e recostou-se na cadeira. Lágrimas queimavam seus olhos e suas mãos tremiam um pouco. Ela sentiu como se sua ligação com a filha estivesse ficando mais distante.

Graças a Deus ela estava em um relacionamento com Edward, ou ela se sentiria ainda pior. “Assim é a vida... você cria uma criança e depois a perde assim que ela cresce. Por que as pessoas têm filhos?”, ela perguntou a si mesma. No caso de Simone, Tammy fora um acidente, não fora planejada, mas fora o melhor acidente da vida de Simone. Só que ela não era mais prioridade na vida da filha e o pensamento a deixou triste.

Seu interfone tocou e ela apertou o botão. – Sim, Patricia?

– Seu paciente está aguardando, doutora.

Simone suspirou. “A vida deve continuar. Hora de sair desse humor e vestir o da Dra.

Bennet”.

– Estou pronta – disse ela, forçando uma nota alegre em sua voz. – Deixe-o entrar.

* * * * *

Depois que o último paciente saiu, Simone pegou o diário de Lara da bolsa que estava em cima da mesa, sentou-se no sofá e começou a ler novamente.

O Diário de Lara

Eu acordei antes de John, desorientada, me perguntei onde diabos eu estava. Que estranho despertar nos braços de um homem. E, surpreendentemente, foi maravilhoso dormir junto dele. Passei a mão pelo torso de John e senti o cheiro dele – uma mistura de colônia cítrica e sexo. Ele estava profundamente adormecido, então eu lentamente saí da cama, fui para o banheiro e tomei um longo banho quente. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sentia feliz.

Depois de me vestir, saí do quarto sem acordar John. Era uma manhã de domingo e parecia que todos ainda estavam adormecidos. Mas quando entrei na sala, as portas francesas estavam abertas e saí para o terraço. Me apoiei na balaustrada para ver a vista. Diane estava lá, em um canto, cuidando de algumas flores.

– Bom dia, Lara! – ela levantou a cabeça da atividade e me saudou.

– Bom dia, Diane.

– Dormiu bem? – ela indagou com um meio sorriso.

– Sim, obrigada. – De repente, me senti envergonhada por ter dormido com o filho dela.

– Quão sério é o seu relacionamento com John? – ela tirou o chapéu de palha que usava e se aproximou se apoiando na balaustrada ao meu lado.

– Estamos namorando há algum tempo... – falei sem saber explicar muito bem nossa situação.

– E tem uma vida sexual bem agitada, ou assim parecia no outro dia...

Meu rosto queimou de vergonha. Que rude falar sobre isso. Mas ela não parou por aí.

– Eu não sei se você percebeu, mas meu filho é negro, Lara.

“Não! E todo esse tempo, eu achei que ele tinha um ótimo bronzado.” Que tipo de pergunta era essa?

– Isso é um grande problema quando se trata de casamento. As pessoas que se casam fora de sua raça, muitas vezes experimentam grandes problemas...

– A cor da pele do John nunca fez diferença para mim! – eu disse a ela. – Eu não me importo com a cor dele.

– Isso pode ser verdade, mas nem todo mundo se sente assim. Há muitas pessoas por aí que vão se opor. E se tiverem uma criança ela seria mestiça... Vai ser difícil para todos.

– Nós nunca falamos sobre casamento, Diane.

– Logo irão... E antes disso acontecer, eu queria que você soubesse o que penso.

– Eu não acredito que é o que você pensa. Eu acredito que o problema é que você me viu transando com seu filho, e agora você não acha que eu sou boa o suficiente para ele.

Eu realmente queria chocá-la com minhas palavras tanto quanto ela me chocou com as dela.

– Oh, sim, há isso também. Eu sou antiquada, Lara. Eu não acho que garotas que fazem sexo com homens do jeito que vocês dois estavam fazendo devem ser levadas a sério. E eu realmente não gostei de testemunhar aquele tipo de intimidade.

– Sinto muito, eu gostei menos ainda, mas se você tivesse ligado primeiro, não teria visto nada. Nós sabemos como nos comportar... – E eu percebi que a guerra estava declarada.

– Meu filho sabe como se comportar... mas você? Vamos lá, Lara. Vamos ser claras aqui. Eu contratei um detetive particular. Você morou na França com um homem rico com o dobro da sua idade, por quase um ano. Eu conheço seu tipo. Você é uma alpinista e vai acabar com a vida do meu filho. Então, pense bem antes de fazer qualquer coisa que todos nós possamos nos arrepender, ou terei que contar ao meu filho sobre você. Contar-lhe seu segredinho... – ela sussurrou aquelas palavras no meu ouvido e havia fel nelas.

– E por favor, não se incomode em tentar negar. Eu sei tudo que preciso saber. E se você contar ao meu filho sobre essa conversa, negarei que tenha acontecido. Apenas lembre-se, vou manter seu segredinho desde que eu nunca veja um anel no seu dedo – ela tocou meu dedo anular.

– Você não sabe nada sobre a minha vida, nada! – eu gritei.

Ferida e humilhada, eu queria desaparecer dali, desaparecer da Terra. Eu fugi, corri diretamente para o quarto e acordei John. Eu menti, disse que tinha que voltar para Nova York imediatamente porque meu pai estava doente. O que era mais uma mentira na minha enorme coleção de segredos e decepções? O que eu não podia era ficar no mesmo lugar que aquela víbora.

* * * * *

Nós partimos antes do café da manhã e eu não quis ver John por três dias. Dei-lhe todos os tipos de desculpas enquanto pensava no que deveria fazer. Eu sentia falta dele, mas a mãe dele seria outra Sabine na minha vida, fria, manipuladora e chantagista. Eu quase podia ouvir a voz de Sabine quando Diane estava falando comigo naquela manhã. Eu me sentia péssima e meu coração estava mais uma vez em pedaços. Eu fui rejeitada como se fosse lixo.

O detetive particular deve ter dito a Diane coisas que a levaram a acreditar que eu tinha um amante rico. Como a naja reagiria se eu dissesse a ela que minha vida sexual começou com um estupro quando eu tinha doze anos de idade?

Eu não podia falar sobre nada disso com Emms, ela mataria Diane. Eu não conseguia lidar com a ideia de que o mundo soubesse sobre a minha vida com Arthur. Doeu muito ter vivido aquele horror. Que as pessoas soubessem daquilo tudo seria insuportável.

Durante os três dias longe de John, pensei muito, e sabia que tinha algumas decisões a tomar sobre minha vida.

* * * * *

Por fim, comecei a atender as ligações de John novamente. Ele e eu continuamos namorando pelo resto dos meus meses de faculdade. Sempre que ele mencionava ir para a casa dos pais, eu inventava uma desculpa. Minha formatura estava próxima, uma época em que os alunos têm que estudar muito, e eu também estava estagiando com meu pai, fazendo alguns projetos, então John acreditava em mim quando eu dizia a ele que não tinha tempo.

A mãe dele até ali não contara minha historia ao filho, mas ela me avisou... sem anel, ou ela faria isso.

CAPÍTULO XXXII



Simone – Dias atuais

“Lara não teria paz se não se perdoasse pelo passado”, pensou Simone. Seu medo de ser descoberta era palpável e a mãe de John descobrir a verdade – ou uma versão dela – era o pior que poderia ter acontecido com Lara naquela época.

Crianças vítimas de abuso carregam muita vergonha pelo que aconteceu com elas no passado. Como forma de enfrentamento, algumas crianças até desenvolveram amnésia e esquecem de tudo – às vezes por toda a vida, outras vezes lembrando-se de quando algum novo evento traumático desencadeia suas lembranças. Infelizmente, Lara não teve essa sorte; ela sabia tudo o que havia acontecido com ela, e isso lhe causava muita vergonha. Ter seu passado exposto – mesmo que a mãe de John estivesse a quilômetros da verdade – teria destruído a garota.

Simone mandou uma mensagem para Carl com uma atualização e depois foi para a casa de Edward.

* * * * *

Simone e Edward estavam de mãos dadas e sentados no sofá dele no *home theater*. Eles estavam assistindo ao noticiário, o que Simone não gostava de fazer porque sempre pareciam relatar apenas os horrores do mundo. No que dizia respeito à Simone, a vida era difícil o suficiente sem expor qualquer coisa ruim que acontecesse. Quando ela queria informações, ela geralmente acessava a Internet e lia artigos diferentes de uma variedade de sites, em um esforço para obter uma visão equilibrada. Melhor que ser alimentada por outras pessoas e seus preconceitos.

Eles ligaram a TV porque Carla, que parecia ter aceitado muito bem o rompimento de seu caso com Edward, telefonara para lhe dizer que Maria Helena Gomez, a cubana que agora era a principal suspeita dos assassinatos dos pacientes de Simone, tinha sido presa em Las Vegas. O FBI a rastreou cinco dias depois que sua foto foi divulgada na mídia, e ela iria ser transferida para New Haven para interrogatório.

– Amanhã, quando eles começarem o interrogatório, eu estarei lá. Eu quero ouvir o que ela tem a dizer – Edward disse.

No passado, Ed tinha trabalhado com a polícia ajudando a desenvolver perfis psicológicos de criminosos, e desde que a polícia e o FBI estavam cooperando para resolver este caso, ele foi convidado pelo chefe da polícia para participar do interrogatório.

– Isso seria ótimo, Ed. Eu simplesmente não consigo imaginar porque aquela mulher matou meus pacientes e minha empregada. Para mim, não parece ser semelhante aos crimes de Tylenol. Não há nada aleatório sobre isso. Ela tinha que ter escolhido suas vítimas com cuidado.

– Eu concordo com você, Simmie. Se apenas seus pacientes fossem mortos, o motivo dos crimes poderia ter sido semelhante ao do assassino Tylenol. Todos compraram a medicação na mesma farmácia. Mas quando você considera Lola, essa teoria deixa de fazer sentido e esses eventos certamente parecem estar ligados a você. O FBI, a polícia e todos nós achamos que isso está relacionado a Peter Hay.

– Eu gostaria que você estivesse certo. Se você estiver errado, isso significa que há mais alguém lá fora que me odeia tanto quanto Peter – Simone suspirou de frustração. – Ed, você acha que é seguro eu voltar para casa? Eu amo estar aqui com você, mas gostaria de ir para casa – ela

se virou para olhá-lo.

A expressão de Edward disse a ela que ele não queria deixá-la ir.

– Se um agente ficar à sua porta, você pode voltar se precisar – disse ele, apesar de seu óbvio desejo de que ela ficasse.

Simone apreciou ele estar mantendo a promessa de não pressioná-la.

– Bem, eu acho que amanhã voltarei – ela disse e se aproximou para envolver os braços em volta do pescoço de Edward. – Esta noite, eu quero ficar com você, Dr. Reynolds.

Simone se inclinou e beijou a base do pescoço de Edward, respirando seu perfume. As coisas eram tão diferentes agora. Ela notava coisas que não tinha notado antes que o relacionamento se tornasse íntimo. O perfume dele era inebriante, e cheirá-lo a excitava. Eles começaram a se beijar, lentamente, a princípio; Edward sempre parecia estar saboreando-a quando ele passou a língua pelos lábios dela para mergulhar em sua boca.

Eles se acariciaram e Simone abriu a camisa de Edward, passando as mãos por seu corpo. Ela então saiu do sofá para se ajoelhar na frente dele e abriu-lhe as calças. Ela pegou o pau dele e colocou na boca e começou a chupá-lo, acariciando o membro com a mão. A reação de Edward foi imediata; ele agarrou Simone pelos cabelos e gemeu.

– Ai, meu Deus....

Simone continuou a sugá-lo até que sentiu o pênis pulsando, e os gemidos aumentarem. Ela então se levantou, ajudou-o a tirar a calça e tirou o vestido que usava. Ela não se incomodou em tirar a calcinha. Ela apenas a moveu para o lado e subiu no colo de Edward.

– Não... eu quero tocar você, Simmie.

– Não, agora não. Eu quero você assim...

Ela montou e se encaixou no pau de Edward, com pressa para seu pênis, senti-lo dentro dela, até que seus corpos se fundissem, carne contra carne.

Edward ajudou Simone a se mover, as mãos nos quadris dela. Eles se moviam no mesmo ritmo, o prazer crescendo e Simone sentiu o orgasmo se aproximar dela. Calafrios cobriram sua pele, seu coração disparou e o suor cobriu seu corpo do esforço de montá-lo selvagemmente. Cada impulso dentro dela a fazia se aproximar do final, até que ela não pode mais segurar, e abandonou todos os pensamentos para abraçar a sensação que corria por suas veias.

Quando ela começou a gozar, Edward começou a beijá-la novamente, sua língua dentro da boca de Simone e os sexos encaixados, dobravam o prazer. O orgasmo dela a atingiu com força, roubando sua respiração e fazendo sua cabeça girar.

Quando ela voltou para a Terra e abriu os olhos, ainda sentada em Edward, ela o encontrou observando-a, uma expressão muito satisfeita e orgulhosa no rosto, um pequeno sorriso levantando os cantos de sua boca. Ele parecia satisfeito com as reações que provocara nela.

Simone ficou um pouco tímida naquele momento. Ela havia esquecido do mundo, apenas para lembrar agora que Edward era seu amigo e parceiro de trabalho. Ela baixou os olhos e começou a se mexer novamente para poder escapar do olhar dele.

– Não fique assim. Você é incrível e me deixa muito feliz ver você gozar desse jeito. Eu amo o seu abandono. Você me faz sentir como se eu fosse o melhor amante do mundo – ele sorriu.

– Pare de ler meus pensamentos, doutor. Você me faz sentir nua. – Ela colocou o dedo na boca de Ed em sinal de silêncio.

Eles riram da ironia e Edward mudou de posição, colocando Simone no sofá. Ele cobriu o corpo dela e a penetrou novamente, e desta vez ele pode tocar-lhe os seios, lambê-los, e aprecia-

los. Ele não tinha pressa; ele não era mais um menino e seu prazer vinha boa parte de dar prazer à Simone. Isso estava claro para ela.

Ele entrou nela e começou a se mover lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo para senti-la. Ele a levou calmamente para perto do orgasmo e daí acelerou os movimentos, mas antes que ela pudesse gozar, ele diminuía a velocidade e então começava tudo de novo. Ela estava louca para gozar. Ele negava a ela esse direito, e era insuportável, a necessidade de satisfação crescia a ponto de ela sentir dor. Finalmente, quando ele estava prestes a gozar ele começou a se mover mais rápido, e não parou. Seus quadris movendo-se juntos em uma dança erótica que os enviou para as estrelas, ambos gozando ao mesmo tempo.

Eles se deitaram no sofá, pernas e braços enredados, sem falar. Depois de um tempo, eles dormiram, embalados pelo prazer de estarem no abraço um do outro.

* * * * *

Simone acordou na manhã seguinte na cama de Edward. Ela devia estar exausta na noite anterior, porque não se lembrava dele carregando-a, nua, para o quarto dele.

A porta se abriu e um Edward igualmente nu entrou, carregava uma bandeja com o café da manhã. “Eu vou me casar com esse homem”, ela pensou. “E se ele me fizer gozar todos os dias do jeito que ele me fez gozar ontem à noite, para o inferno com o frio na barriga.”

Duas horas depois, Simone foi para o consultório, onde ficou ocupada com os pacientes o dia todo. No final do dia, ao invés de ir para a sua casa, ela decidiu voltar para a casa de Edward. Um dia mais não a mataria...

Edward fora acompanhar o interrogatório da cubana e ele não tinha voltado ainda. Enquanto esperava que ele chegasse em casa, Simone decidiu ler mais do diário de Lara.

O Diário de Lara

A formatura estava perto, e estava muito feliz em receber meu diploma. Eu estava conversando com Susie, a noiva de um dos amigos de John. Ela era uma menina muito querida e eu gostava dela. Ela estudava para ser dentista e sempre parecia estar de bom humor, sempre procurava ver o lado bom da vida.

– Ei. Você prefere oval, quadrada ou redonda? – ela me perguntou do nada.

– Isso é um novo jogo? – falei olhando para ela, nós estávamos sentadas na cafeteria tomando um suco.

Suzie amava aqueles jogos ridículos e infantis como pedra, papel e tesoura, então imaginei que era algo parecido.

– Não, boba, seu anel de noivado... – ela me deu um tapinha na mão.

Nunca pensei nisso. Lembrei-me do anel que Arthur me dera. Eu ainda tinha e era um símbolo odioso de propriedade para mim.

– John vai pedir sua mão... Ele pediu minha opinião. Eu disse a ele que você parecia o tipo de garota que gosta de pedras retangulares ou quadradas...

O chão pareceu tremer sob meus pés. Minhas pernas amoleceram e meu coração disparou como um bando de cavalos selvagens. – Pedir a mão? – falei, sem ar.

– Sim. Estou tão feliz por vocês dois! Você vai ter um anel no seu dedo, garota! – E ela me abraçou em sua espontaneidade. Eu me desvencilhei rápido e levantei.

– Susie, eu tenho que ir. Preciso pegar um livro da biblioteca para meus exames finais. Desculpa. Falamos sobre isso mais tarde.

– Você é a primeira garota que eu já conheci que quer adiar falar sobre casamento. Vá em

frente, garota. Vá buscar o seu livro, mas será quadrado se você não me disser do que gosta.

Eu não respondi e literalmente saí correndo.

Com o passar dos dias, como John não mencionou casamento, eu pensei que talvez Susie tivesse se enganado, e relaxei. Fiz todos os meus exames e passei com excelentes notas.

O dia da formatura chegou e eu estava empolgada. Quando entrei no palco, vestida de preto e com meu chapéu de formanda, seguindo outros alunos em ordem alfabética, ao som de *Pompa e Circunstância*, senti uma mistura de emoções – felicidade por ter realizado mais esse passo em minha vida, e tristeza porque meus anos de faculdade logo estariam no passado e certamente eu perderia contato com amigos e ótimos professores. Foi um dos momentos mais felizes da minha vida.

Eu vi toda a minha família sentada em seus lugares. Eu podia ver os rostos orgulhosos de meu pai e Emms, e os rostos felizes dos meus irmãos. Debbie estava tão linda em seu vestido branco. Ela se parecia muito comigo na mesma idade dela, mas graças a Deus, ela era toda inocência e a vida dela era sobre contos de fadas, maquiagem e vestidos. Aos quinze anos, ela já era uma beleza ímpar, mas tinha uma família que a amava atenta em protegê-la.

Sean e Peter estavam lá, riam de alguma coisa. John acenou para mim do lugar dele e depois tive a visão desagradável da mãe dele ao seu lado. Deus, não! O que aquela peçonhenta estava fazendo lá? Eu não permitiria que ela estragasse o meu dia.

O ilustre e notório arquiteto Lucciano Strabello, um italiano que morava em Nova York, foi escolhido para fazer o discurso de formatura. Ele tomou o púlpito, usava um terno cinza esverdeado muito elegante, pegou o microfone e com seu sotaque forte e bonito, começou a proferir palavras emocionantes.

– Meus jovens profissionais... sim... vocês saem daqui hoje como profissionais e um mundo inteiro aguarda seu talento. Eu tenho alguns conselhos para vocês. Vocês podem segui-lo, ou vocês podem fazer as coisas do seu jeito... e, eventualmente, segui-lo um dia. – Ele limpou a garganta e continuou

– Os arquitetos não constroem casas ou edifícios. Eles constroem lares e locais de trabalho. Nunca pense em nada que você crie como uma maneira de ganhar dinheiro, pensem nos projetos como uma forma de melhorar a vida das pessoas e o dinheiro virá – ele olhou para os formandos e continuou:

– Acima de tudo, espero que durante sua carreira, vocês nunca construam egos. Construção não é sobre o que você gosta e não gosta, é sobre entender os sonhos e necessidades das pessoas e usar seu conhecimento para ajudá-los a atingir essas metas...

O discurso foi longo, e meu transtorno de déficit de atenção não me permitiu acompanhá-lo até o fim, mas durante toda a minha vida, essas primeiras palavras foram sempre presentes em minha mente. Sempre tentei realizar os sonhos de meus clientes e construir lares ou lugares onde as pessoas pudessem trabalhar e se sentir confortáveis. Meu trabalho foi a única coisa que sempre levei a sério e desempenhei com responsabilidade.

CAPÍTULO XXXIII



Simone – Dias atuais

Edward ligou para Simone por volta das vinte uma e trinta horas, e o telefone interrompeu a leitura dela.

– Oi, querida. Eu estou saindo do departamento de polícia agora. Tem uma tonelada de novidades para contar para você, mas estou muito cansado. Eu vou para casa comer alguma coisa e dormir. Como é a sensação de estar de volta em casa?

– Eu não estou em casa... bem, não minha casa, pelo menos. Estou na sua casa. Eu não tive coragem de ir para minha casa e passar a noite sozinha. Você se importa?

– Se eu me importo? Você está brincando comigo? Essa é a melhor notícia que tive o dia todo!

– Então venha para casa. Eu pedi comida chinesa, vai chegar em breve.

– Deus, eu te amo, mulher! – ele desligou antes que ela pudesse ou precisasse responder.

Quando Edward chegou, ela colocava a mesa. Ele lhe deu um beijo e a abraçou pela cintura.

– Simmie, é tão bom encontrar você aqui, esperando por mim e... aquecendo a comida ...

Ela riu, ele estava zombando dela por sua incapacidade de cozinhar.

– Conte-me tudo – disse ela, se voltando para ele e deixando a atividade de lado.

– A suspeita, Maria Dolores é difícil! Durante três horas, a única coisa que conseguimos fazer com que ela dissesse era “não falo inglês”... Ela só começou a falar depois de quatro horas de constante questionamento e então ela nos disse que tinha matado seus pacientes porque queria. Ela havia decidido que eles deveriam ser mortos.

– Você acredita nela?

– Ninguém acreditou... Ela chorava, soluçava. Ela não agia como uma psicopata de coração frio, se gabando de seus crimes. Ela é uma mulher muito simples, o inglês dela é terrível, mas parece ser uma mulher trabalhadora. Eu posso lhe dizer uma coisa, ela não é uma assassina...

– Mas então... quem?

– Vamos sentar na sala, estamos aqui em pé... – e eles foram até o sofá, onde sentaram com Simone ouvindo atentamente.

– Enquanto ela estava sendo interrogada, o FBI descobriu que ela seguiu o filho até os EUA. Ele acabou de ser preso e está sendo transferido para cá e ela entrou em pânico quando deram a notícia. Ela começou a chorar e orar e dizer a todos que deixassem o filho em paz, que ele tem filhos, ele tem uma família, que ela matou todo mundo. Ela disse: “Confessei, por que prender meu filho?”

– Então, ele é o principal suspeito agora?

– Sim, ele é, e estará na delegacia em breve. Ele tem um histórico complicado, apesar das afirmações da mãe dele em contrário. Ele foi preso e condenado por delitos menores no passado – coisas como roubo, furto de automóveis, uso de drogas – estou surpreso que ele não tenha passado muito tempo na cadeia. Aparentemente, ele tinha um bom advogado.

O telefone de Edward tocou, interrompendo a conversa. Ele pegou e olhou para a tela.

– Desculpe, Simmie, é o chefe de polícia. Eu tenho que atender.

Desta vez, Simone prestou atenção na conversa, e com base no que ela podia ouvir, o chefe estava convidando Edward a voltar para a delegacia.

– Eu preciso ir – disse ele, depois de terminar a ligação com um suspiro cansado. Simone olhou para o relógio de pulso.

– Eu ouvi – ela disse –, mas são dez horas, Ed! Você vai estar tão cansado de manhã. Você não precisa fazer isso só por mim. Sempre podemos saber o que houve pela manhã, fique e coma algo.

– Eu vou ficar bem – disse ele, pegando as chaves do carro do balcão. Ele se inclinou para dar um beijo no rosto de Simone.

– Nada poderia me impedir de estar lá para ouvir o que aquele cara tem a dizer. Então vamos trazer a mãe dele de volta e fazer uma acareação... ver se conseguimos enganá-la. Tanto quanto eu, ela também está cansada, então melhor.

– Eu não vou te dar sermões sobre direitos humanos porque eu não acho que ela mereça qualquer consideração. Não depois do que ela admitiu estar fazendo. Eu guardo a sua comida então.

Edward saiu e Simone sabia que ele não voltaria logo, então ela decidiu ler. Não havia nada que ela pudesse fazer para ajudar agora e a leitura poderia fazer com que o tempo passasse mais rapidamente.

O Diário de Lara

Depois da cerimônia de graduação, meu pai convidou meus amigos para uma festa em um restaurante local. Emms organizou tudo e fez um belo trabalho.

John se aproximou de mim com sua mãe.

– Parabéns, Lara! Eu realmente espero que sua carreira seja maravilhosa e eu torço pelo seu sucesso! – A jararaca falou. E me beijou no rosto, eu mal retribuí...medo que uma presa enroscasse...

Eu tinha certeza do que ia na mente dela, ela teria acrescentado aos cumprimentos: “Desde que você fique longe do meu menino.”

– Obrigada, Diane! E bem-vinda a minha festa. Eu decidi que iria ignorá-la e me divertir com meus amigos.

Eram quase vinte e três horas, e todos estavam meio bêbados, dançavam, riam alto, e John e eu fomos para um canto sossegado para fazer uma pausa. Ele me abraçou e beijou e eu estava feliz.

– Garota, estou tão orgulhoso de você. Eu também tenho boas notícias. Fui aceito no Hospital Universitário Presbiteriano para trabalhar com a equipe de neurocirurgia!

– Isso é uma ótima notícia, John! – eu o abracei. – Mas eu pensei que você queria ir para o John Hopkins...?

– Sim, mas isso me afastaria de você e isso não vai acontecer. O hospital vai me pagar um salário, embora eu ainda seja tecnicamente considerado estudante. E tem uma coisa que preciso te perguntar.

Ele tirou uma caixa preta do bolso e a abriu, revelando um deslumbrante diamante quadrado. Este anel não se parecia em nada como o diamante gigante e ridículo que Arthur me dera. A pedra deste era talvez metade do tamanho daquele, mas era linda. E o significado por trás deste anel era de amor e felicidade. Claro, isso só me fez sentir pior.

Diane estava a poucos metros de distância e nos observava, e eu pude ler sua expressão chocada.

– Case comigo, Lara. Eu amo você mais do que tudo neste mundo, e prometo que farei você feliz a cada dia de sua vida – ele pegou minha mão e beijou.

– Ninguém pode prometer fazer alguém feliz, John...
– Eu posso e eu vou. Eu te amo, Lara! Farei tudo o que puder para te fazer feliz, se casar comigo.

– Eu não posso...

Dizer aquelas palavras me machucou mais do que tudo, mas eu pude ler a mensagem nos olhos de Diane. Uma anel no seu dedo e a verdade na mesa. Eu não podia deixar isso acontecer. Eu poderia imaginar o ódio nos olhos de John se Diane lhe contasse a sua versão da verdade, e para desmenti-la eu teria que contar a ele toda a história.

Eu não podia fazer isso. Minha vida fora tão difícil que só de lembrar dos detalhes, da dor e da pena nos olhos de meu pai e Emms quando ouviram... Até hoje, essas lembranças ainda me machucam. Mas eu nunca superaria saber que John me odiaria pelo meu passado, pelas coisas que tive que fazer.

– Você está brincando comigo? – ele falou com um sorriso questionador

– Não, eu vou para a França... para um curso de extensão em arquitetura.

– Mas isso não vai durar para sempre. Podemos nos casar quando você voltar e ficar noivos enquanto estiver no exterior. Eu posso visitá-la...

– Não, nós não podemos. Porque... eu não amo você, John, e nunca vou amar.

Eu teria que cortá-lo da minha vida, ou as coisas chegariam a um ponto sem retorno. E naquele momento eu descobri que eu o amava, muito.

– Sinto muito se eu lhe dei uma ideia errada sobre meus sentimentos. Eu gosto de sair com você, o sexo entre nós dois é incrível, mas é apenas isso – não é o suficiente para casar. E, além disso, somos muito jovens para um passo como esse!

Lágrimas encheram os olhos dele.

– Você quebrou meu coração. Eu pensei que você me amava. Eu lhe dei meu coração, incondicionalmente, e você simplesmente jogou no lixo. – Ele passou a mão nos olhos, a voz estava rouca, controlando para não chorar.

– Sinto muito, John. Eu realmente sinto muito... – falei com a voz estrangulada.

Ele se virou e saiu e não viu minhas lágrimas rolando pelo rosto. Meu coração também estava quebrado... de novo. E mais uma vez, meu passado era responsável pela minha atual miséria e eu sabia naquele momento o quanto eu o amava, o quanto eu teria adorado ter aceitado o pedido de casamento. Mas eu não pude fazer isso porque um casal não conseguiria iniciar um relacionamento sem ser totalmente honesto, e isso era a única coisa que eu não podia fazer. Talvez ele aceitasse a verdade, mas eu não suportaria contar.

Eu corri da festa. Passei por Diane quando saí pela porta e vi o sorriso vitorioso da sucuri.

Peguei um táxi e solucei por todo caminho de volta para casa, chorei uma vida inteira de fracassos, uma vida toda escrita por minha mãe quando ela decidiu me vender a um homem perverso, que, em sua doença, usou e abusou de mim.

Essa história não tinha terminado; jamais acabaria. Onde quer que eu fosse, sabia que meu passado me perseguiria; isso destruiria qualquer chance que eu tivesse de ser feliz.

Eu odiava Sabine e Arthur com toda a força que eu tinha naquele momento, e eu não conseguia parar de chorar. Perder John foi muito pior do que qualquer coisa que tivesse acontecido comigo, e dizer a ele que eu não o amava e quebrar o coração dele fora a coisa mais odiosa que eu fiz na minha vida, e eu não me perdoaria por isso.

Eu adormeci ainda chorando. Eu me senti destruída, meu coração doía, eu não conseguia parar de pensar em todos os bons momentos que John e eu tivemos e a única coisa que me impediu de telefonar para ele e dizer que eu o amava e que eu não dava a mínima para qualquer

outra coisa era a certeza que eu tinha em mente que ele não me amaria depois que eu lhe contasse a verdade, e a verdade era muito vergonhosa para eu tentar a minha sorte.

Sobre ir para a França... eu estava lendo alguns folhetos sobre extensões, mas não me decidira porque tinha os mesmos sentimentos que John colocara em palavras – eu não conseguia me afastar dele. Mas agora era uma necessidade, e eu discutiria com meu pai a possibilidade de ir ao exterior mais uma vez.

CAPÍTULO XXXIV



Simone – Dias atuais

Então Lara amava John e seu medo da verdade a fez desistir dele. Que história triste. Eles poderiam ter ficado felizes se Lara tivesse lhe dado uma chance e confiado nele. O que ela tinha a perder? Se ela tivesse dito a ele a verdade, poderia ter havido uma chance para eles e se ele não a tivesse amado o suficiente para superar seu passado, então ela não estaria pior do que estava indo embora. Mas Simone sabia que uma menina de vinte e poucos anos – que ainda tinha um passado recente que lhe assombrava – não teria tido a coragem necessária para abrir o livro da sua vida ao homem que amava. Emocionalmente, Lara provavelmente não conseguiria lidar com uma rejeição.

Simone mandou uma mensagem para Carl, dizendo onde terminara a leitura e pediu que ele entrasse em contato com ela depois que ele lesse, porque ela precisava falar com ele.

Ela então ligou a TV para assistir a um filme, mas ela estava tão cansada que adormeceu no sofá. Ela acordou cedo na manhã seguinte, com Edward voltando do departamento de polícia. Ele parecia cansado, então ela fez o café da manhã para ele e depois de tomar banho, ele comeu rapidamente, deu-lhe um beijo e foi direto para a cama. Pouco depois, Simone foi trabalhar.

No meio da manhã, Carl mandou uma mensagem para ela.

“Eu preciso falar com você. Acabei de terminar o capítulo sobre John.”

“Me ligue às treze horas”, Simone respondeu.

“Fechado”, foi a resposta final dele.

Ao meio-dia, Simone estava sentada atrás de sua mesa, terminando a salada que pedira para o almoço, quando Edward colocou a cabeça dentro da porta do consultório dela.

– Ei, linda. Você está ocupada? – ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

– Não, entre.

– Eu tenho novidades – disse Edward, caindo na cadeira em frente à mesa dela.

Ela colocou de lado o garfo.

– Conte-me...

– Agora temos duas pessoas admitindo que são assassinas.

– O quê?

– Ovídeo, filho da Maria. Quando o confrontamos com o fato de que sua mãe havia admitido os crimes, ele disse que ela estava mentindo, que ele era o assassino. Mas ele nem sabe o que é a Health Care – ele não sabe em que rua fica. Inferno, nós tivemos que explicar para ele que era uma farmácia. Então, obviamente, ele está mentindo para proteger sua mãe.

– E a mãe dele está mentindo para proteger... quem?

Simone franziu a testa. Ela tinha certeza que Maria estava cobrindo seu filho. Nada disso fazia muito sentido.

– Isso é o que eu vou descobrir esta tarde – Edward se inclinou para frente, pegou uma fatia de tomate do prato de Simone e colocou na boca.

Simone balançou a cabeça.

– Eu daria meu reino para ser uma mosca e ouvir esses interrogatórios. Estou tão cansada de tudo isso...

Edward se levantou e deu a volta na mesa dela. Ele se abaixou e abraçou-a por trás, em seguida, deu-lhe um beijo no topo de sua cabeça.

– Apenas espere. Eu vou mantê-la informada. Por falar nisso...você pode atender dois dos meus pacientes? Eles precisam de prescrições.

– Claro. – Ela apertou a mão dele que estava em seu ombro. – Peça à Patricia para fazer os arranjos para eles me verem. Ela encontrará uma maneira de encaixá-los.

– Ótimo. Obrigado. Sobre Patricia... Fique de olho nela. Eu posso estar enganado, mas parece que alguns arquivos estão faltando. Eu estava procurando por algumas pastas que eu precisava e não consegui encontrá-las, e é ela quem lida com todos os nossos arquivos.

– Você perguntou a ela sobre isso?

– Não tive tempo...

– Eu vou verificar para você. Qual caso ou casos?

Edward disse a ela os nomes dos pacientes, e ela fez uma anotação mental para verificar mais tarde. Ele deu outro beijo na cabeça dela.

– Obrigado de novo, linda. Eu tenho que voar. Eu vejo você mais tarde, ok?

Simone assentiu.

– Se cuida. E obrigada, Ed. Eu realmente aprecio você usar tempo para me ajudar com isso.

– Sem problemas. Qualquer coisa por você.

Ela olhou para a porta por um longo momento depois que ele saiu e suspirou. Ela ficaria muito feliz quando toda essa investigação terminasse e eles tivessem o assassino atrás das grades.

Seu telefone tocou, interrompendo seus pensamentos. Ela verificou o identificador de chamadas. Carl. Já era realmente uma da tarde? Simone suspirou e recebeu a ligação.

– Olá, Carl, como vai você?

– Bem e você?

– Ótimo, as coisas estão melhorando aqui. O FBI tem dois suspeitos atrás das grades.

– Essa é uma excelente notícia! – a voz dele soou animada.

– Sim. Então, o que você achou da explicação de Lara sobre o que aconteceu com John?

– Bem... eu não esperava por isso. Eu conhecia o lado de John da história, mas nunca teria suspeitado que Lara o amasse.

– E eu suspeito que ela amava você, mais do que amava John. Ela simplesmente não foi capaz de revelar seus verdadeiros sentimentos. Mas mesmo que ela nunca tenha dito as palavras – e lembre-se, ela nunca disse isso a John – ela deve ter tido sentimentos profundos por você. Ela contou a história dela para você, e ela não conseguiu fazer isso com John.

– Simone, eu quero muito acreditar nisso, eu preciso acreditar nisso.

– Eu posso imaginar.

– Eu decidi dar uma cópia do diário para o John. Ele merece a verdade. Somos amigos agora e ele não é um cara feliz. Ele já passou por dois casamentos fracassados. Eu acredito que ele ainda a ama. Talvez se ele soubesse como ela se sentia em relação a ele...

– Ele conhece toda a história de Lara?

– Eu não sei. Eu nunca disse a ele e Lara não contou, pelo menos até aqui é o que sabemos. Eu suponho que ele não sabe.

– Vá devagar então. Convide-o para tomar algo, diga que tem o diário e depois pergunte se ele está preparado para saber a verdade. Algumas pessoas não conseguem encarar a realidade muito bem.

– Eu farei isso. Simone, eu não sei como lhe agradecer por tudo que você está fazendo por mim.

– Você não precisa me agradecer. É o meu trabalho.
– Não, isso é mais do que apenas fazer o seu trabalho, e você sabe disso. Você é um ser humano maravilhoso, Simone. Você fez muito para me ajudar.
– Obrigada, Carl, é bom saber que posso lhe ajudar. Certifique-se de me avisar como as coisas andam com John. Enquanto isso, vou mantê-lo informado sobre o meu progresso com o diário.
– Vou fazer isso. Obrigado novamente.
Eles se despediram e Simone desligou. Ela podia dizer que Carl estava feliz – ele soava muito melhor e ela sentia um imenso prazer em suas palavras. Afinal de contas, essa era sua missão nesta vida – ajudar as pessoas a serem mais felizes – e ela estava orgulhosa de si mesma.

* * * * *

Já que Edward estaria fora até tarde, Simone decidiu ir para casa. Ela deixou uma mensagem para ele, avisando-o quando ele não atendeu a ligação dela.

Um agente a acompanhou até a casa dela. Ela abriu a porta, mas desta vez, ela não sentiu o mesmo prazer de estar lá. Tanta coisa acontecera – em menos de um ano, a casa dela havia se tornado o local de duas mortes. Sua filha não ia voltar para casa tão cedo. Por que manter um lugar daquele tamanho? Pela primeira vez, pensou em vender a casa, e a ideia não a incomodou.

Edward ligou, e ela disse a ele para ir à casa dela. Ela disse que iria pedir o jantar para eles, e ele poderia contar as últimas novidades.

* * * * *

Quando Ed chegou, ele tocou a campainha. Simone abriu a porta para ele e eles se abraçaram quando ele entrou.

– Ed, use sua chave da próxima vez.

Ele sorriu.

– Eu senti sua falta, garota.

– Também senti sua falta. – Eles caminharam abraçados e Simone o conduziu até a cozinha.

– Eu tenho um presente para você... – Ele pegou o celular do bolso, apertou alguns botões e disse: – Ouça isso.

– O que é isso?

– O depoimento de Maria. Ou melhor, as partes do depoimento que nos interessam. Eu gravei para você. Agora, você não precisa ser uma mosca para ouvir o que foi dito.

– Ed, você está louco? Você pode ir para a cadeia por isso!

– Não vamos usar a gravação fora desta sala. Você merece ouvir isso em primeira mão. Deve ser horrível estar no centro desse lixo e não saber o que está acontecendo. Por favor, comece a ouvir enquanto tomo banho.

– Ok... use o banheiro do meu quarto.

Edward sorriu.

– O que um cara tem que fazer para entrar no quarto de uma garota. Apenas arriscar o pescoço dele. Mas eu progredi... desde o quarto de hóspedes até o quarto dela...

Edward saiu assobiando, e ela tocou o botão play no telefone.

– Sra. Gomez, como você está? – A voz de um homem podia ser ouvida.

– Cansada – respondeu uma mulher.

– Bem, eu lhe trouxe um sanduíche. Você deve estar com fome também.
Simone reconheceu a segunda voz como sendo a de Carla.

– Obrigada, mas eu não estou com fome.

– Maria, tenho boas notícias para você. Você está livre para ir embora. Seu filho confessou que ele era o culpado e o verdadeiro assassino, disse Carla.

– Não! Meu filho não é culpado. Meu filho é bom, ele não é um assassino! Eu fiz isso. Eu *matou* essas pessoas – disse ela em seu inglês claudicante.

– Não, Sra. Gomez, a senhora não fez. Seu filho nos disse que ele fez isso – disse um agente com voz masculina.

– O que vai *acontece* com meu filho? – Maria perguntou, e o terror que ela sentia estava presente em sua voz.

– Ele vai a julgamento, como cometeu muitos crimes, provavelmente será condenado à prisão perpétua sem liberdade condicional – disse Carla.

– Eu não entendo o que isso significa – Maria estava chorando.

– Isso significa, Sra. Gomez, que seu filho vai passar o resto dos dias dele na prisão. Ele não vai sair vivo e ele tem sorte que esse Estado aboliu a pena de morte, ou ele estaria morto. Você entende agora?

O tom rude do agente contrastava com a voz suave e gentil de Carla, e Simone percebeu que eles estavam interpretando "policial bom, policial ruim".

Maria começou a chorar mais alto.

– Não, não, não – ela repetiu entre soluços. Depois de alguns minutos, ela respirou fundo.

– Eu não acredito que meu filho confessou algo que ele não *faz* – ela sussurrou.

– Ele assinou uma confissão, Maria. Está bem aqui.

Carla deve ter mostrado a confissão para Maria, porque o som de papel amassado veio pelo alto-falante do telefone.

Simone olhou para cima quando Edward voltou para o quarto, o cabelo ainda molhado do banho. Ele não disse nada, apenas sorriu para ela quando se sentou ao lado dela no sofá para onde ela havia se dirigido com o fone na mão.

– Não, ele está mentindo – Maria gritou de repente.

– Ela é a única culpada. Eu não sabia que as pessoas *podia* morrer. Ela me disse que daria algo para eles *dormi* melhor.

– Quem, Maria? Quem te disse isso?

– Eu não vou dizer se você não garante que meu filho não vai passar o resto da vida na prisão!

– Você quer fazer um acordo? – Carla perguntou.

– Sim, eu quero!

– Você tem um advogado?

– Eu pareço ter *uma*, agente? Eu sou pobre. Eu trabalho duro para sobreviver!

– Ok. Deixe-me ver o que posso fazer – disse o agente.

Edward estendeu a mão por cima do ombro e apertou o botão de pause no telefone.

– Eles conseguiram um defensor público para ela e ela está falando com ele. Eles vão oferecer um acordo se ela disser a verdade. Assim que ela tomar uma decisão e eles a trouxerem de volta para conversar, eles vão me informar para que eu possa estar no interrogatório.

– Você vai ter que voltar para a delegacia de polícia? – ela perguntou a ele.

Ele assentiu.

Simone suspirou.

– Ok, então eu acho que é melhor comer antes de você ser chamado de novo.

– Estou faminto! O que você fez?

– Nada ... mas eu pedi uma lasanha maravilhosa – ela sorriu.

– Excelente! Vamos dar uma olhada nessa lasanha.

Eles tiveram um jantar tranquilo e, felizmente, terminaram antes de Edward ser chamado de volta ao departamento de polícia.

– Não espere por mim, linda. Bem, isso está supondo que você me convidasse para dormir aqui...

– Por favor, Ed, volte para cá quando terminar.

– Com certeza!

Ela sorriu, surpresa com suas próprias palavras, e deu-lhe um beijo de despedida.

Simone foi para a cama logo depois que Edward saiu. Ela estava exausta e ansiosa por estar em sua própria cama.

“Nada como dormir no meu próprio travesseiro”, ela pensou, antes de cair em um sono profundo. Não haveria necessidade de pílulas naquela noite. Ela estava se sentindo muito melhor agora que as coisas estavam progredindo com as investigações. Ela estava quase se sentindo segura novamente.

* * * * *

Era hora do almoço quando Edward chegou ao trabalho naquele dia. Ele entrou no consultório de Simone e fechou a porta atrás dele.

– Você tem tempo para ouvir a verdade? – falou ele com um sorriso cansado.

– Absolutamente! Sempre! Ela se levantou e foi até ele.

– A advogada de Maria fez um acordo para reduzir as acusações para conspiração, e ela pegará no máximo dois anos. Eu gravei tudo. Você quer ouvir?

Edward mostrou a ela seu telefone e ela estendeu a mão, ansiosa para ouvir o que havia acontecido.

– Ok, divirta-se. Eu vou deixá-la sozinha. Tenho que checar com Patricia sobre os arquivos que faltam.

Simone assentiu distraidamente, pressionando o botão play no telefone.

– Maria, podemos fazer um acordo, mas depende do que você tem para nos oferecer – disse Carla. – Nós precisamos da verdade. Quem é responsável por esses assassinatos? Quem te pediu para trocar a medicação?

O som da respiração profunda de Maria veio pelo telefone.

– A promotora, aquela que cuida do caso de estupro da Brigit – disse ela.

– Quem é Brigit? Esse crime aconteceu aqui? Em New Haven? – um agente perguntou.

– Brigit Gillmond. Não... em Hartford.

– Qual é o nome da promotora?

– Eu só sei o sobrenome dela. Eu sempre a chamei de sra. Morelli.

– Você pode verificar isso, Jordan? Veja se você pode encontrar um caso de estupro envolvendo alguém com o nome de Brigit Gillmond e ver se há uma promotora com esse nome em Hartford – disse Carla, finalmente fornecendo a Simone o nome do agente.

– Eu vou verificar isso agora.

O som de uma porta se abrindo veio pelo alto-falante, seguido por vários segundos de silêncio.

– Enquanto esperamos, Maria, por que você não me diz a verdade? Você já tem o seu

acordo.

– Meu filho... as pessoas disseram que ele participou de um estupro, mas ele é inocente. Ele estava dormindo em casa, eu juro! Simone podia vê-la cruzando os dedos sobre a boca em sinal de juramento - Mas de alguma forma, eles dizem que ele estava envolvido. E a Sra. Morelli estava no comando do caso... ela me disse que se eu fizesse alguns serviços para ela, ela o deixaria livre.

– E você aceitou?

– Ela me disse que seria fácil. Ela só queria colocar algumas pessoas para dormir. Eu apenas tinha que substituir os comprimidos, e nada de ruim aconteceria .

– Mas você não viu que pessoas morreram? Na TV?

– Eu não vi até que eles desenterraram aquela mulher. Mas então já era tarde demais.

– Mas depois disso, você deu o Tums para Lola, não é?

– Ela me fez fazer isso. Ela me disse que ia contar a todos que eu era a culpada, então eu acabaria na cadeia para fazer companhia ao meu filho.

A mulher começou a soluçar de novo.

Alguns minutos depois, o som de uma porta se abrindo pôde ser ouvido novamente.

– Deena Hay Morelli é a procuradora do caso. Esse nome lhe diz algo? – perguntou o agente Jordan.

– Claro. Peter Hay foi o *serial killer* por trás das mortes anteriores. Obviamente, eles devem estar conectados.

Simone não podia mais ouvir. Ela apertou o botão de pausa e olhou de boca aberta para Edward, que acabara de entrar em seu consultório novamente.

– Ed... Deena é a irmã de Peter. Eu lembro do diário de Mark. Ela era uma promotora, mas estava sendo considerada para ser juíza federal. Ela deve ser uma juíza agora.

– Tendo um irmão *serial killer*? Fiquei surpreso ao saber que ela ainda é uma promotora.

– Eu acredito que ela disse a Carl que recusaria a indicação ou algo assim. Mas por que uma pessoa como ela faria uma coisa dessas? Não faz nenhum sentido.

– Eu não sei. Quando é que assassinato faz algum sentido? Talvez ela estivesse procurando vingança para seu irmão, ou talvez a psicopatia corra em seu sangue. Isso não é incomum.

– Ou talvez ela sempre o tenha ajudado? Talvez ela tivesse algo a ver com os outros crimes também?

– Eu nunca pensei sobre isso. Parece que ele agiu sozinho.

– O FBI vai ter um trabalho infernal tentando descobrir isso.

– Vou checar com eles... ver se eles têm alguma atualização. Posso pegar meu telefone, por favor?

Simone entregou o celular para Edward e esperou enquanto ele fazia uma ligação. Ela escutou por vários momentos, pensando em tudo o que acabara de descobrir com o interrogatório de Maria.

– Simmie, você pode relaxar agora – disse Edward. – Deena foi presa no aeroporto. Ela estava tentando deixar o país.

– Deixe-me adivinhar... para a China?

– Exatamente!

– Isso significa que Peter nunca voltou.

– Não, ele não voltou. A irmã deve ter agido sozinha. Pelo menos desta vez. Lembre-se, eu te disse que o veneno é uma arma típica de mulheres. Você estava certa; Peter não fez isso.

- Vamos ver... Mas pelo menos agora eu posso respirar. Ter um pouco de paz novamente.
- Sim. Finalmente. E você precisa de um pouco de paz. Isso já dura um ano.
- Como a rainha da Inglaterra disse uma vez, '*Annus horribilis*' – um ano horrível.
- Acabou agora. Venha cá, garota.

Eles se abraçaram e ficaram ali por um tempo, envolvidos nos braços um do outro, aproveitando as boas novas e a presença um do outro.

* * * * *

No dia seguinte, a polícia local interrogou Deena Hay. Ela negou tudo, mas uma pesquisa revelou que ela estava adiando o julgamento de Ovídio Gomez. Mesmo assim, ela continuou a negar que tinha feito algo errado, dizendo à mídia que era inocente e provavelmente vítima de uma armadilha... A investigação prosseguia.

Na semana seguinte, a vida lentamente retomou um ritmo normal. Simone finalmente estava calma e relaxada, seus pacientes estavam se sentindo seguros e bem, e ela estava tendo dias felizes na companhia de Edward. Eles ainda não tinham encontrado tempo para falar sobre o relacionamento deles – Edward ficava na delegacia todos os dias desde a prisão de Deena, ouvindo seu interrogatório.

Deena negava veementemente seu envolvimento nos assassinatos, e até agora, nenhuma evidência física a ligava aos crimes, apenas o testemunho de Maria. Mas Simone e Edward estavam felizes um com o outro, e no momento, isso era tudo o que realmente importava.

Simone chegou em casa mais cedo e Edward iria encontra-la logo. Ela decidiu surpreendê-lo com uma refeição caseira. Encontrou o que pareceu ser uma receita deliciosa no YouTube e arranhou tudo – os ingredientes, utensílios e seu laptop – na ilha em sua cozinha. Uma hora depois, ela tinha acabado de adicionar a última porção de ervas ao molho Alfredo – ou algo similar – que preprava e tinha a água aquecendo para o *fetuccini*, quando Edward chegou, com uma garrafa de vinho na mão.

- Você está tão linda cozinhando, Simmie!

Ela franziu a testa. Ela levantou a tampa da panela fervente e seu rosto ficou coberto de vapor de água.

- Espero que você pense o mesmo depois de provar minha comida.

– Eu tenho certeza que eu vou. Eu vou lhe achar bonita quando tiver oitenta anos, não tenho dúvidas.

Edward a beijou nos lábios e depois cavou na gaveta de utensílios até encontrar o saca-rolhas. Ele abriu a garrafa e serviu duas taças de vinho que pegou no armário.

- O que vamos brindar? – ela perguntou, levantando a taça.
- Espere – disse ele. –Primeiro, deixe-me colocar uma música para nós.

Edward pegou o telefone e conectou-o ao alto-falante que ela tinha na cozinha e um belo solo de piano começou a tocar.

- Que linda essa música! Eu nunca ouvi antes!
- *O olhar do amor*, de David Gurwin. Para você...
- Eu amei essa música, Ed, obrigada. – Ela ficou na ponta dos pés e o beijou.
- Agora, nosso brinde...

O telefone tocou antes que ela pudesse terminar a frase. Ela considerou não responder, mas isso não poderia acontecer. Ela era médica e nunca sabia quando um de seus pacientes poderia precisar dela.

- Só um segundo, Ed, segure essa taça, e não pense em beber antes de brindar. Ela

atendeu a chamada.

– Olá? – Ela disse com um sorriso que rapidamente morreu nos seus lábios.

– Você vai encontrar uma maneira de dizer a todos que os crimes foram sua culpa, vadia; tire minha irmã dessa... tire-me dessa bagunça...

Simone se encolheu ao ouvir a voz de Peter. Ela conectou o alto-falante para permitir que Edward ouvisse.

– Vocês são dois psicopatas! – ela gritou.

– Sim, de fato, mas esse psicopata está com a sua filha e você nunca mais a verá se não fizer o que eu digo.

O telefone ficou mudo. Obviamente, Peter era inteligente o suficiente para não ficar na linha o tempo suficiente para permitir que a polícia identificasse a origem da ligação.

Simone se virou para Edward. Suas pernas pareciam geléia, mas antes que pudessem trocar alguma palavra, o telefone em sua mão começou a tocar novamente e ela pulou. Com o coração acelerado, ela atendeu ao chamado.

– Mãe, estou aqui com o Peter. Mãe, você precisa fazer alguma coisa. Eu estou com tanto medo... Tammy estava chorando, mas definitivamente era a voz dela.

– Como eu disse, tenho sua filha. Eu sempre quis um animal de estimação. Agora eu tenho um. E daqui a pouco terei um cadáver, a menos que você faça o que eu mandei fazer.

Ele desligou novamente e Simone sentiu o chão desaparecer abaixo dos pés. Ela não conseguia reagir, falar ou chorar. Seu pesadelo estava de volta, só que desta vez, era pior do que ela jamais poderia ter imaginado.

FIM

Continua em “Um Jogo Brillhante”.

CRÍTICAS SÃO BEM VINDAS

Atenção Leitores! Após ler esta obra ou qualquer outro livro, por favor deixem suas críticas na Amazon, elas são muito importantes para nós autores, nos ajudam a progredir, interagir com os leitores e a dar visibilidade ao livro.

A autora tem prazer em interagir com os leitores, caso queiram escrever diretamente a ela favor utilizar o e-mail autora@adrianagavazzoni.com, pode ter certeza que receberão respostas.